

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO

CARMEN ÉRICA LIMA DE CAMPOS GONÇALVES

UM ESTUDO EM IERECÊ BARBOSA: AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS EM
“O LEILÃO”

MANAUS – AM

2020

CARMEN ÉRICA LIMA DE CAMPOS GONÇALVES

**UM ESTUDO EM IERECÊ BARBOSA: AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS EM
“O LEILÃO”**

Dissertação apresentada na formação no
Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico
(MPET) no Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

Orientador: Professor Dr. Amarildo Menezes
Gonzaga

Manaus – AM

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635e Gonçalves, Carmen Érica Lima de Campos.
Um estudo em Irecê Barbosa: as contribuições pedagógicas em “O
Leilão”. / Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves. – Manaus, 2020.
266 p.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico). – Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus
Centro, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

1. Ensino tecnológico. 2. Formação continuada. 3. Psicobiografia. 4.
Etologia. I. Gonzaga, Amarildo Menezes. (Orient.) II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33

CARMEN ÉRICA LIMA DE CAMPOS GONÇALVES

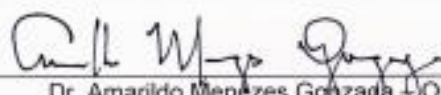
UM ESTUDO EM IERECÊ BARBOSA:
AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS EM "O LEILÃO"

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico.

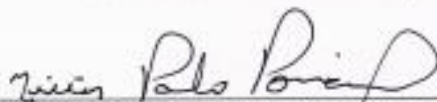
Linha de Pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico

Aprovada em 12 de março de 2020.

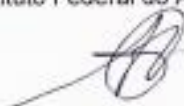
BANCA EXAMINADORA



Dr. Amarildo Menezes Gonzaga – Orientador
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



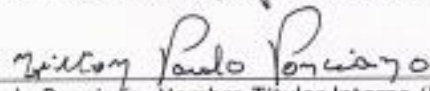
Dr. Nilton Paulo Ponciano – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

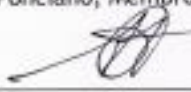


Dr. Augusto Fachin Terán – Membro Titular Externo
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)




Dr. Amarildo Menezes Gortzaga, Presidente (IFAM)


Dr. Nilton Paulo Ponciano, Membro Titular Interno (IFAM)


Dr. Augusto Fachin Terán, Membro Titular Externo (UEA)

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves - Mestranda

AGRADECIMENTOS

Ao Poder Supremo, nos tantos nomes que lhe são atribuídos, Fonte Inesgotável para todos os potenciais criados e por criar.

Às mulheres que me ensinam no recôndito do lar: minha mãe Maria, minha filha Milena; e àquelas que me ensinam em diversas esferas, em diferentes graus de contato, nas mais variadas formas de aprendizado.

Aos homens de bom coração, acolhedores da “Mulher Selvagem”, que aceitam, convivem, incentivam a liberdade daquela “que llama o toca la puerta” e nunca cerram as portas para ela: avôs, pais, irmãos, filhos, amigos, amores.

A todos, no decorrer da história do mundo, de todos os seus recantos e das mais diversas contribuições, que influenciaram este trabalho apaixonante.

A todos que participaram direta e indiretamente da construção desta jornada experienciada no MPET, assim como no IFAM, meu lar de formação.

Particularmente, ao nosso orientador, Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga pelo espaço para a “Mulher Esqueleto voltar à terra com o que trouxe do mar”!

À Comissão Organizadora do V SETA, na pessoa do seu presidente Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano, pelo espaço no evento, e aos demais colegas pelo contributo de viabilizar nossa participação.

À Comissão Organizadora do IX SECAM, na pessoa de sua Coordenadora Geral, Profa. Dra. Mônica Costa, por acolher a proposta, ao Prof. Dr. Washington Almeida e demais envolvidos pelo contributo para efetivação da mesma e à colega Profa. doutoranda Caroline Barroncas, “irmã de orientação”, pela sugestão.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) como fomentadora que possibilitou esta pesquisa.

Àqueles que ainda se debruçarão em ler estas folhas, pelo interesse e paciência.

Nosso eterno agradecimento!

"Ao que nos compete discernir, o único propósito da existência humana é jogar um pouco de luz nas trevas do mero ser."

"A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age a nação também agirá. Somente com a transformação da atitude do indivíduo é que começara a transformar-se a psicologia da nação. Até hoje, os grandes problemas da humanidade nunca foram resolvidos por decretos coletivos, mas somente pela renovação da atitude do indivíduo."

"A alma é muito mais complexa e inacessível do que o corpo. Poder-se-ia dizer que é essa metade do mundo não é existente senão na medida em que dela se toma consciência. Assim, pois, a alma não é só um problema pessoal, mas um problema do mundo inteiro."

Carl Gustav Jung

"Um músico deve compor, um artista deve pintar, um poeta deve escrever, caso pretendam deixar seu coração em paz.

O que um homem pode ser, ele deve ser.

A essa necessidade podemos dar o nome de autorrealização. Cada pessoa atinge a sua autorrealização na medida em que procura atualizar os seus potenciais."

Abraham Maslow

RESUMO

Este trabalho parte da perspectiva de considerar alternativas na pesquisa-formação para o qual traz elementos da psicologia analítica como epistemologia para explorar a (auto)formação de professores a partir de um romance literário cuja autoria é de uma professora pesquisadora amazônica, objetivando assim situar uma realidade próxima do público a quem se dirige, além de envolver aspectos do conhecimento de si e da história de vida que emergem em processos de autoria e contribuem para a formação docente inicial e continuada. Desta forma, foi desenvolvida a pesquisa a partir dos objetivos: a) *Narrar as histórias da professora pesquisadora Irecê Barbosa, considerando tanto os aspectos da sua vida pessoal, quanto profissional*; b) *Apresentar os resultados decorrentes do estudo analítico feito da obra literária investigada* e c) *Discorrer a respeito da socialização dos resultados do estudo analítico feito, tomando como referencial norteador um Colóquio como estratégia de formação profissional para professores*; a fim de atender ao cerne de *Analisar o Pedagógico em “O Leilão”- uma obra literária de uma professora pesquisadora - utilizando os respectivos conhecimentos analisados em um Colóquio, como estratégia de formação profissional para professores*, orientado para responder o problema inicial de *Como o Pedagógico é percebido em “O Leilão”, uma obra literária de uma professora pesquisadora, e como esses conhecimentos analisados podem ser utilizados em um Colóquio como estratégia de formação profissional para professores?* Nesta construção, foi utilizado a Análise Hermenêutica Estrutural (ou Objetiva) sobre a geração de unidades significativas por subfenômenos (Arquétipos, Função Transcendente) que revelavam o fenômeno chave (Processo de Individuação) e assim estabelecia relações conceituais convergentes para a proposta da (auto)formação continuada imbricada à ontologia individual e sua implicação para o coletivo através da Educação pelo Exemplo. O conteúdo foi aplicado em dois eventos acadêmicos voltados a professores em formação, como estratégia formativa, utilizando a estrutura de Colóquio, cuja análise foi conduzida pelo mesmo viés da análise do romance pelo registro escrito dos participantes, triangulada pelo estudo etológico (linguagem e comportamento não verbais) dos participantes, a fim de averiguar os conteúdos que emergiam e a receptividade sobre a temática; cujo potencial permitiu que se constituísse o Produto Educacional oriundo desta pesquisa, pois indicou a efetividade formativa intencionada e; foi materializado em um organizador intitulado “Colóquio como Estratégia Formativa” cuja função é auxiliar outros formadores que pretendam utilizar nossa proposta formativa. O processo revelou consistência para processos formativos de professores pela aproximação com a narrativa e a psicobiografia, assim como potenciais do estudo etológico para condução nas atividades com os discentes, ambos a fim da Educação pelo Exemplo junguiana; em que a obra literária pretexto desta pesquisa atendeu satisfatoriamente para essa construção e para o público que participou, indicando potencial no uso do paradigmático na formação inicial e continuada docente, dentro de uma estrutura epistêmico-metodológica coadunada à intencionalidade que se objetiva.

Palavras-Chave: Pesquisa-Formação; (Auto)formação continuada; Psicobiografia; Etologia; Irecê Barbosa.

ABSTRACT

This work starts from the perspective of considering alternatives in research-training for which it brings elements of analytical psychology as an epistemology to explore the (self) formation of teachers considering a literary novel whose authorship is from an Amazonian research teacher, focusing on to situate a reality close to the public to whom it is addressed, in addition to involving aspects of self-knowledge and life history that emerge in authoring processes and contribute to initial and continuing teacher training. In this way, the research was developed from the purposes: a) To Storytell the researcher teacher Ierecê Barbosa, considering both aspects of her personal and professional life; b) To Present the results of the analytical study done in the investigated literary work and c) To Talk about the socialization of the results in the analytical study done, taking as a guiding reference a Colloquium as a professional training strategy for teachers; in order to master goal of Analyzing the Pedagogical in “O Leilão” - a literary work by a researcher teacher - using the respective knowledge analyzed in a Colloquium, as a professional training strategy for teachers, conduced to answer the initial problem of *How the Pedagogical is perceived in “O Leilão”, a literary work by a researcher teacher and how can this analyzed knowledge could be used in a Colloquium as a professional training strategy for teachers?* On this procedure, Structural (or Objective) Hermeneutic Analysis was used on the generation of significant units by sub-phenomena (Archetypes, Transcendent Function) that revealed the key phenomenon (Individuation Process) and for this way established convergent conceptual relationships for the continued (self)training education involved to the individual ontology and its implication for the collective through Education by Example. The content was applied in two academic events aimed at teachers in training, as an academic education gadget, using the Colloquium structure, which analysis was conducted by the same way of the novel analysis by the participants written records, triangulated by the ethological study (no verbal language and behavior) of the participants, in order to check the content emerged through it and the receptivity on the theme by them; whose potential allowed the Educational Product arising from this research to be constituted, as it indicated the intended formative effectiveness and; was materialized in a planner scheduler/a guiding planner book called “Colloquium as a Training Strategy” which function is supporting others instructors who intend to invest on the same training strategy. The process revealed consistency for teacher training processes due to the approach with the storytelling and the psychobiography, as well as potentials of ethological study for conducting activities with students, both aiming at Jungian Education by Example; in which the literary work used as an excuse for this research served satisfactorily for this work and for the public that participated, indicating potential in the paradidactic use in the High Education, Lato and Stricto Sensu graduate, within an epistemic-methodological structure in line with the intended intention.

Key Words: Research-Training; Continued (Self)Training Education; Psychobiography; Ethology; Ierecê Barbosa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – *Account, Baseline, Context*

ADUA - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas

ASIN - *Amazon Standard Identification Number*

AU – *Action Units*

AVC - Acidente Vascular Cerebral

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CMM - Câmara Municipal de Manaus

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CT&I - Ciência, Tecnologia & Inovação

EQM – Experiência Quase Morte

F.T. – Função Transcendente

FACS - *Facial Action Coding System*

GEPECAM – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação em Ciência na Amazônia

GEPECENF - Grupo de Estudo e Pesquisa Educação em Ciências em Espaços Não Formais

ICHL - Instituto de Ciências Humanas e Letras

ISBN - *International Standard Book Number*

ISRS - inibidores seletivos de recaptção de serotonina

ISSN - *International Standard Serial Number*

MDF – Fibra de Média Densidade

MPET – Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico

ODN - Observação Direta Naturalística

OI - Observação Indireta

OIA – Observação Indireta Arquivística

OITF – Observação Indireta de Traços Físicos

P.I. – Processo de Individuação

PE – Produto Educacional

PINs - *Points of Interest*

PPG – Programa de Pós Graduação

PPGEECA - Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia

PSD/AM - Parlamentar Democracia Progressista

REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática

RP - Relações Públicas

SCAns - *Six Channel Analysis*

SEDUC - Secretaria de Educação do Estado do Amazonas

SEMED – Secretaria Municipal de Educação (Manaus)

SEPLAN-CTI - Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação do Amazonas

SETA - Simpósio de Ensino Tecnológico no Amazonas

SFUAD - Santa Fe University of Art and Design

SPOB - Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil

TOC - transtornos obsessivos-compulsivos

UA - Universidade do Amazonas

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UEA-ENS – Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNINORTE - Centro Universitário do Norte

UTI - Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. IERECÊ DOS SANTOS BARBOSA: UMA PROFESSORA PESQUISADORA.....	16
1.1 Conhecendo Ierecê.....	16
1.2 Os Feitos da Professora: jornada acadêmica, o mundo da pesquisa e as produções literárias.....	25
2. O LEILÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS.....	31
2.1 O Leilão como romance: sinopse e algumas considerações preliminares.....	39
2.2 O Leilão: Análise da Obra.....	49
2.2.1 Sobre a Análise.....	49
2.2.2 Da Obra pela Análise.....	61
2.3 Corroborando a análise: outros olhares do círculo de Eranos.....	119
3. COLÓQUIO “IERECÊ BARBOSA: AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS EM “O LEILÃO”.....	136
3.1 Construindo o Produto Educacional “Reinvenção do Colóquio como Estratégia Formativa de Professores”.....	136
3.1.1 Reinvenção do Colóquio como Estratégia Formativa de Professores: descrições gerais.....	136
3.1.2 Seleção e Tratamento ao <i>Corpus</i> do Colóquio.....	147
3.1.3 Análise a partir dos participantes com fins de validação da prática proposta....	179
4. COLÓQUIO COMO ESTRATÉGIA FORMATIVA: O PRODUTO EDUCACIONAL.....	216
ANOTAÇÕES <i>ad finem</i> (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS).....	222
REFERÊNCIAS.....	227
ANEXOS.....	235
APÊNDICE.....	243

INTRODUÇÃO

É de conhecimento público o uso de obras literárias utilizadas no desenvolvimento do alunado em diversos aspectos, porém com motor na formação da identidade, a partir de panoramas de vivências quiçá não descortinadas ainda naquela fase da vida (infância até adolescência), na perspectiva de trazer conhecimento, informação e reflexões sobre a temática apresentada.

Essas obras são também conhecidas como *paradidáticos* (auxiliares ao processo de ensino para além do ensino básico) e seu uso aproveita conteúdos didáticos de conhecimento prévio do aluno para verificar além da compreensão, outros ensinamentos instituídos.

Pois bem, ao modo dos *paradidáticos* ao alunado, “O Leilão” neste trabalho é trazido para a formação de professores, cujo conteúdo a ser apresentado, é discutido e trabalhado através de um Colóquio, que neste cenário, se afigura como estratégia formativa, tal qual o material de apoio que acompanha os *paradidáticos* do alunado; porém em nossa versão, se veste com as propriedades que concernem ao estudo em questão: as contribuições pedagógicas que pode trazer para professores em educação continuada.

Quanto a “Pedagógico”, “Contribuição Pedagógicas”, “Prática Pedagógica” aqui referidos, Sousa (2009), compreende como ações institucionais organizadas que ocorrem dentro de um contexto cultural com finalidade definida e objetivos a cumprir, envolvendo os vários atores participantes da prática docente, que caminha para a construção de novos conhecimentos a partir de conteúdos chamados igualmente de pedagógicos (referentes à epistemologia ou gnosiologia da prática professoral), o que contribui à formação humana destes atores e por conseguinte, à formação profissional.

Esta pesquisa como dito, é vinculada à Linha de Pesquisa de Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico e traz como conteúdo chave os conteúdos pedagógicos analisados na obra literária “O Leilão” da professora pesquisadora Ierecê Barbosa (*in memoriam*).

A inquietação quanto a este processo formativo, é o que nos motiva para a busca de tessitura entre o conteúdo de *o que se tem a aprender com Ierecê* e uma ferramenta pedagógica diferenciada (colóquio), adida a sincronicidade dos eventos de vida e formação de Ierecê com esta pesquisadora, que modelam o percurso investigativo aqui trazido.

Desta forma, o problema se revela da seguinte maneira: *Como o Pedagógico é percebido em “O Leilão”, uma obra literária de uma professora pesquisadora, e como esses conhecimentos analisados podem ser utilizados em um Colóquio como estratégia de formação profissional para professores?*

Os registros daí oriundos tendem a advir do objetivo geral de *Analisar o Pedagógico em “O Leilão”, uma obra literária de uma professora pesquisadora, utilizando os respectivos conhecimentos analisados em um Colóquio, como estratégia de formação profissional para professores.* Esse objetivo geral para ser atingido foi desdobrado especificamente com: *Narrar as histórias da professora pesquisadora, considerando tanto os aspectos da sua vida pessoal, quanto profissional; Apresentar os resultados decorrentes do estudo analítico feito da obra literária investigada e Discorrer a respeito da socialização dos resultados do estudo analítico feito, tomando como referencial norteador um Colóquio como estratégia de formação profissional para professores.*

Assim, o Capítulo 1 apresenta a vida e a formação de Irecê Barbosa, caracterizando-a como uma professora pesquisadora, cujos dados foram construídos de forma não-intrusiva a partir de documentos públicos e de acesso geral; seguindo para o Capítulo 2, traz a análise do seu último romance literário de autoria da professora pesquisadora Irecê Barbosa, chamado “O Leilão” - cujo conteúdo se revela intencionalmente pedagógico como explicita a própria autora em uma entrevista aqui referenciada -, a partir de um percurso que traz elementos da Codificação Seletiva submetida à construção da Análise aproximada da Hermenêutica Objetiva (Estrutural) e lida pelas lentes da psicologia analítica, revelada através das categorias dispostas (arquétipos) até à categoria central (Individuação/Integralização do Si-Mesmo, chamado aqui de “O Pedagógico”), dialogando com outros autores que coadunam com esta perspectiva.

O Capítulo 3 abrange o Colóquio enunciado (construção, aplicação prévia, validação, conteúdo do pedagógico no pedagógico e demais processos inerentes), e o capítulo 4 que aborda a confecção do produto (base que preconiza sua viabilidade, aspectos da materialização e seus sentidos, tratamento ao material e possibilidades de disponibilização) e encerra esta dissertação com as considerações *ad finem* do processo de pesquisa e aplicação.

O leitor notará que pela própria essência do texto, a fenomenologia se manifesta, sendo o gênero de narrativa a que melhor nos pareceu para revelar a aproximação entre pesquisadora, sujeito e objeto da pesquisa, que se encontram na perspectiva ontológica de se

tornarem autoras de suas próprias histórias a partir da escrita pessoal e profissional, onde pretendemos que como em uma dança pela epistemologia e pelo fenômeno, eclodimos na busca de compreender as nuances traçadas rumo à formação de professores.

Notará ainda que fugimos de uma linha mais rígida quanto à descrição dos procedimentos metodológicos no decorrer do texto, ainda que o rigor e a criteriosidade estejam imiscuídas no trabalho, pelo convite a dançar conosco no fenômeno e nele imergir na tentativa de emergir *o pedagógico* em cada um de nós.

Dado o que nosso interesse se inclina a averiguar, o que emerge de uma professora pesquisadora a partir de um de seus romances, escolhido pela fato de a obra ter sido publicada no ano de nossa graduação no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, onde parte do nosso referencial da monografia se baseou em trabalhos do sujeito da pesquisa: Ierecê Barbosa.

O fenômeno foi analisado como que uma janela formativa que proporcionou observar o processo que ocorre sobre o sujeito da pesquisa, revelando-nos o objeto investigado, cuja problemática é aventada sutilmente na obras, que intentamos ler pela perspectiva da *Educação pelo Exemplo*, já que esta “[...] ocorre espontaneamente e de forma inconsciente [...] se fundamenta em uma das partes primitivas da psique [...] [e a educação pelo exemplo é a] forma mais antiga e talvez a mais eficaz de toda e qualquer educação” (JUNG, 2006, p.155).

A validação desta investigação, virá pela execução de um Colóquio – como estratégia de formação profissional para professores - enquanto instrumento que, como diz Gonzaga (2007), permita constatar as mudanças ocorridas nos sujeitos participantes, contrastando aspectos do processo de delineamento do objeto, a partir da perspectiva da dialogicidade, de forma a responder aos objetivos da pesquisa (NICOLESCU, 1999).

Estratégia de formação profissional para professores aqui, se aproxima da proposta pedagógica de Kramer (1997, p.19) quando diz que:

Uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar. Uma proposta pedagógica é construída no caminho, no caminhar. Toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada. Toda proposta contém uma aposta. [...] Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta.

Isto esclarecido, vamos à investigação, que se dirige à perspectiva da pesquisa qualitativa no campo educacional, como a enxerga Kemmis (1988 apud ANDRÉ, 1995) e

Gonzaga (2007) por, a partir do constatado, orientar transformações da realidade que contribuam na formação indivíduo-coletiva, passível de contra-argumentos que ampliem a percepção no fenômeno maior a que nos propomos: Contribuições ao Ensino, através da percepção da dimensão humana como eixo central da prática docente, para o desenvolvimento profissional, melhoria da escola e desenvolvimento de ações transformadoras.

É necessário visualizar a perspectiva do fenômeno por esta janela para observarmos o processo incorrido (objeto sobre o qual nos debruçamos) para que as resultantes desta análise caminhem em direção à proposta de Serrano (1994 apud ANDRÉ, 1995) quanto à transformação do grupo-objeto para grupo-sujeito, pelo conhecimento e pela análise a fim de desenvolver ou criar relações sociais que prezam pela equidade.

Dito de outra forma, a análise do romance revela o objeto, levantando estas percepções aos participantes do Colóquio, permitindo comparações dentro do fenômeno (SERRANO, 1998), sendo um controle cruzado a partir de diferentes fontes que proporciona observar contrastes e perceber dados antes não percebidos em primeiro nível de leitura (KEMMIS, 1992); além de possibilitar a averiguação por multiperspectiva (observar por vários ângulos o objeto no fenômeno, localizando-o na problemática) (ELLIOT, 1990).

A adoção desta perspectiva para a investigação segue um dos três conceitos que Gomez (1999) aplica como instrumento, a Triangulação Temporária de Momentos, que: recolhendo dados de diferentes momentos dentro de uma janela de temporalidade, permite construir inferências ao processo relacionado ao objeto dentro da problemática, de onde sejam lidos estes dados a partir da óptica metodológica adotada.

1. IERECÊ DOS SANTOS BARBOSA: UMA PROFESSORA PESQUISADORA

Centramos este capítulo na busca de responder o objetivo específico 1: Narrar as histórias da professora pesquisadora, considerando tanto os aspectos da sua vida pessoal, quanto profissional. Isto se passa a partir de nos localizarmos no romance “O Leilão” da professora pesquisadora Ierecê dos Santos Barbosa, de forma que nos estabelecemos neste capítulo a apresentar – ainda que superficialmente, dadas as fontes encontradas – quem é o sujeito da pesquisa ora assinalada, como abaixo discorreremos:

Este capítulo se subdivide em quatro seções, tratando: do que encontramos de sua vida pessoal em fontes públicas na internet; depois de seus feitos enquanto professora; sua jornada acadêmica e suas produções literárias; assim caracterizando-a como sujeito da pesquisa, o que nos leva a reconhecê-la como professora pesquisadora e a entrever o véu do pedagógico em suas produções, objeto desta pesquisa.

Deste modo, passaremos às subseções, trazendo o conteúdo publicamente disseminado da obra da professora doutora Ierecê dos Santos Barbosa, a partir do seu currículo Lattes, das fontes públicas encontradas na internet (entre as quais destacamos a importância de que os Grupos de Pesquisa mantenham registro das atividades de seus membros de forma pública, pois foi em um deles que conseguimos recolher mais informações da sujeito da pesquisa) e de seu romance.

1.1 Conhecendo Ierecê

Uma mulher que o perfil do Facebook continua ativo, como uma página em sua memória (<http://www.facebook.com.br/ierece.barbosa>); onde uma pesquisa no Google retorna notícias engrandecedoras, como a entrevista em um jornal local que em entrevista (que faz um breve resumo de seu currículo formativo e profissional), anuncia o lançamento da trilogia inicial da nossa pesquisa: O Homem que jantava sozinho (romance filosófico); Os Anjos também surtam (romance psicopedagógico); O Leilão (romance antropológico). Nas palavras da própria Ierecê Barbosa: “São romances paradidáticos, nos quais o leitor aprende com essa estratégia narrativa, dentro da trama, sem querer.” (D24AM, 2014).

Uma amostra desse perfil pedagógico que busca promover reflexões é dito sobre O Homem que jantava sozinho, na mesma matéria (D24AM, 2014) que registramos a título de frisar o objetivo da professora Ierecê em ensinar pela literatura, em suas palavras: “[...] ‘O

Homem que jantava sozinho’ mostra que riquezas materiais não trazem felicidade e que o êxito na vida não encontra-se no dinheiro. Você pode fazer do paraíso um inferno e de um inferno, um paraíso”.

Sobre “Os Anjos também surtam”, foi noticiado por outro jornal local ainda em 2014, como o 21º livro de sua autoria, lançado no Espaço Cultural Thiago de Mello, da Livraria Saraiva (Manaus/AM), após oito anos de preparo, indicado pela autora para ensino nos cursos de graduação em Psicologia, Filosofia ou Letras, sobre o qual comenta a professora Ierecê:

Um amigo meu, que é professor de Letras, disse que o romance é como se você jogasse uma pedra no lago e formam-se aquelas ondas em círculo. O romance é assim, tudo deve estar conectado, bem amarrado. Isso foi um desafio para mim, daí porque talvez eu tenha asegurado um pouco o lançamento. (CAMELO, 2014)

Nesta entrevista (CAMELO, 2014), nota-se que a história de vida da autora é trazida em “O Leilão” (BARBOSA, 2015) como a história da protagonista Paula D’Aquinson, como apenas um dos vários elementos em que a vida inspira a arte, em uma tessitura em que Ierecê se revela nestes trechos: “Aos sete anos eu já lia fotonovelas. Quando fui para escola, já sabia ler muito bem e escrever não me interessava. Tive muita dificuldade. Minha mãe foi fundamental para me ajudar a vencer isto. Mas até hoje sinto que penso muito mais rápido do que escrevo.” e

Quando não tinha nada de novidade por perto, pegava as revistas de amor da minha irmã [...].
Ao completar sete anos, fui para a escola sem saber utilizar o lápis e com uma bagagem de praticamente três anos de leitura superinteressante. Foi uma tortura. [...] Passei a ter horror à escrita, a dificuldade era imensa, os professores impacientes, não sabiam o que fazer comigo.
[...] Naquela época, [...] ninguém ouvia falar em dificuldades e transtornos da aprendizagem [...].
A velocidade de meus pensamentos não conseguia acompanhar a minha capacidade motora [...].
Penso que só avancei devido à perseverança de minha mãe [...]. (BARBOSA, 2015, p.51-52).

Acreditamos que todo autor traga a suas obras, principalmente na literatura classificada como romance, seja em prosa ou poesia, sua vivência, seja pelo seu experienciar ou pelo seu olhar sobre o outro, em um entrelaçar que cria a composição emocional de cada personagem a partir do *sentir com a imaginação* como escreveu Fernando Pessoa em seu poema *Isto* (1995); o que é visto nas declarações da professora Ierecê sobre seus personagens nestas duas entrevistas (D24AM, 2014; CAMELO, 2014).

Esta entrevista já anunciava o lançamento de “O Leilão” para o ano seguinte ou o posterior, o que ocorreu em 2015. Ainda fazem um breve resumo de seu currículo profissional

e citam suas obras desde 1987 até a publicação de “Os Anjos também surtam” (2014), com poesias, crônicas, trabalhos acadêmicos de pesquisa, além das coautorias (CAMELO, 2014).

Os livros de Irecê Barbosa estão em plataformas digitais de venda de livros conhecidas como Saraiva, Amazon (onde está acrescido Educação e Pedagogia à descrição da obra), Wook, Google Books, Livraria Cultura, Shopping UOL, Cia das Letras, indicando um alcance relevante ao público em geral, ainda que a depender do leitor, a própria Irecê advirta que pelo cunho do conteúdo, talvez agrade mais aos universitários (D24AM, 2014).

O Grupo de Estudo e Pesquisa Educação em Ciências em Espaços Não Formais¹ (GEPECENF) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEECA) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), voltado para professores e estudantes da área de Educação em Ensino de Ciências, detêm em seu sítio na internet uma coletânea de 29 crônicas da professora Irecê (ENSINO DE CIÊNCIAS, 2011), todas inseridas no ano de 2015, na seção Divulgação Científica & Lentes do Cotidiano.

São elas (aqui grafadas como constam): Perdas e danos; A raiva nossa de cada dia; A violência contra a mulher e o consentimento inconsciente; O terrorismo emocional; Engarrafamento & mesa de bar; Maioridade Penal & Maioridade Cerebral; Quando o sol se esconde atrás da rocha; Fim de tarde; As dores da Alma; Conexões imperfeitas; O cérebro e o bougainville; Com o pé atrás; A compulsão por agradar; Para não dizer que eu não falei de amor; Maturidade plena; Distorções Cognitivas; Com ou sem intenção?; Habilidades Socioemocionais & Formação de Professores; A questão do Compromisso na Pós-modernidade; Limites; Linguagem Corporal x Linguagem Verbal; Entre Muros; Manual do Bem; O deprimido que sabia de si; Assédio Moral; Culpa; Conversa para “boi dormir”; Não deixe que lhe tire até o seu cachorro-quente; Autorreferência narcisística (ENSINO DE CIÊNCIAS, 2011).

No mesmo sítio, digitado para busca o termo “Irecê Barbosa”, se obtém 30 resultados, listados em 3 páginas, cujos conteúdos vão de produções técnicas a participações, incluindo as músicas: Teoria de nós dois; Verde; Floresta e Gosto de Acerola, musicalizadas por Raimundo Nonato Brilhante de Alencar, disponibilizadas no Youtube e livros voltados à formação de professores de ciências, produzidos em coautoria (ENSINO DE CIÊNCIAS, 2011).

¹ <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/>

Por falar em formação de professores, Ierecê participou da organização do Manual “Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos” do PPGEECA/UEA (UEA, 2012), dirigido aos alunos do curso de Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia; e apresentou o livro “Crônicas comprometidas com a tua vida” do professor de Serviço Social, Carlos Costa (COSTA, 1990), revelando seu compromisso com a literatura amazônica e a atividade docente sua e de seus pares ao elevar o potencial narrativo de prosa e verso produzido no Norte do Brasil.

O envolvimento da professora Ierecê com a comunicação, a ciência, a educação também é destaque pela Rede Amazônica de Rádio e Televisão, em seu trabalho sobre a importância do rádio como propulsor destes fatores entre os amazônicos quando a região ainda era tão insólita após o apogeu do ciclo da borracha e a crise econômica de 1929, onde suas análises referenciam a história do rádio na região, que integrou o homem do interior ao restante do país além de disponibilizar os programas de educação à distância e fazer as vezes de correios (CÂMARA, 2015).

Ainda foi voz reconhecida no âmbito do desenvolvimento da Ciência, Tecnologia & Inovação (CT&I) professando a divulgação e alfabetização científica, como se vê na entrevista dada ao Ciência em Pauta da Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação do Amazonas (SEPLAN-CTI) (ÂNGELO, 2014).

Nesta entrevista, também se nota elementos presentes em “O Leilão” (BARBOSA, 2015), como a alfabetização científica em crianças ainda na Educação Infantil, endossando nossa opinião sobre os traços da vivência subjetiva do autor para seus escritos, nas palavras da professora Ierecê:

Ierecê Barbosa: A educação formal em ciências deve ser iniciada na Educação Infantil, de modo triangular com conteúdo científico, metodologia adequada e atitudes. Há poucos dias, meu netinho de 3 anos questionou minha secretária por ter deixado a torneira da pia pingando. E falou: *-Não é Vovó, que não pode deixar a torneira pingar?* E ele mesmo respondeu: *- Desperdiçar água é ruim para o planeta.* Confesso que fiquei surpresa e feliz. Surpresa por uma criança que frequenta o maternal já possuir subsídios de educação científica e feliz por detectar que a Educação em Ciências vem ganhando espaço (ÂNGELO, 2014, sic.).

Tenho três filhos já adultos, casados e que junto com minhas noras me deram cinco lindos netos, duas meninas e três meninos. Eles me dão a sensação de que o tempo congelou. Sei que essa sensação é ilusória, mas ela me faz bem, voltei a ser criança, sento no chão e brinco com eles de tudo. Atualmente, estamos na fase das experiências, eles são químicos em potencial, adoram brincar com água, vidrinhos, conta-gotas, lavandas, etc. Passo horas observando o desenvolvimento cognitivo de

cada um. São pequenos anjos que alegram o meu viver e que iniciaram, desde já, a alfabetização científica (BARBOSA, 2015, p.23).

Em outro trecho de “O Leilão” (BARBOSA, 2015, p.34), a netinha mais comentada no livro é apresentada em seus dois anos de idade, corroborando a tessitura autor-vivências-obras que acreditamos.

Ierecê Barbosa, defende para Ângelo (2014) que a divulgação e educação em ciências vem sendo projeto assumido pela comunidade acadêmica, voltado para todos os níveis de ensino, independente da escolaridade e faixa etária, através da descaracterização da ciência como um terreno para “iluminados” (sic) pelo uso da didática das ciências como recurso para estimular e alcançar o interlocutor, através da divulgação científica.

Nesta temática, as palavras da professora-pesquisadora Ierecê Barbosa nos alcançam uma vez que estamos inseridos em programa de pós-graduação cuja linha se denomina Processos Formativos de Professores em Ensino Tecnológico, exortando o valor das nossas produções em pesquisa do ponto de vista da educação científica como propulsora do progresso de uma nação (ÂNGELO, 2014, sic.):

IB: Ciência e Tecnologia andam de mãos dadas, portanto os programas de pós-graduação têm que dizer para o que vieram, o que fazem, o que produzem e se aproximar mais e mais da sociedade. Ressalto que para isso são necessários mais investimentos em programas de pós-graduação. Geralmente, os recursos são escassos e os pesquisadores fazem um esforço pessoal muito grande para concluir suas pesquisas. Não se alavanca pesquisa de ponta sem investimento, se alguém conhece outra fórmula que me apresente, ficarei muito grata. Temos excelentes pesquisadores na Região, mas, muitas vezes, os editais das agências de fomento já são direcionados para áreas específicas e impedem que os pesquisadores em geral concorram aos investimentos, apresentando seus projetos.

Aqui também temos a própria narrativa de Ierecê revelando sua produção literária: “Tenho 21 livros publicados, sendo que 11 individualmente e dez em parceria com outros autores. A maioria é livro técnico, mas tenho três livros de poesias, um de crônicas e estou lançando meu primeiro romance [...]” (ÂNGELO, 2014). Ressalta novamente o caráter psicopedagógico/paradidático de “Os Anjos também surtam” com conceitos científicos e de ficção; “O homem que jantava sozinho” e “O leilão” que estava em processo de escrita à época (ÂNGELO, 2014), também reforça o que já abordamos sobre sua relação de dificuldade com a escrita na infância e que aparecem em naquela obra (BARBOSA, 2015, p.50-51):

Mas, minha relação com a escrita é curiosa. Fui uma criança com sérios problemas de aprendizagem. Aprendi a ler com quatro anos devido a certo isolamento causado por um acidente que me vitimou e me deixou em cadeira de rodas por muito tempo, mas não sabia escrever. Quando fui para a escola, aos sete anos, tinha um saldo de três anos de leitura de gibis e fotonovelas e a professora escrevia no quadro com

uma letra linda e maravilhosa: *Ivo viu a uva; o bebe baba*. Eu detestava a escola, tinha sérios problemas de coordenação motora e minha capacidade de raciocínio era muito mais veloz do que minha motricidade, eu escrevia pela metade e tal dificuldade me acompanhou vida afora. Tentei superar e desenvolvi uma paixão pela escrita. Coincidência ou não, hoje, trabalho com as teorias de aprendizagem, atreladas à neurociência e sei que poderia ter ficado à margem do saber sistematizado se não fosse a sabedoria da minha mãe, que não me deixava desistir mediante os ricos vermelhos e os recados irônicos que alguns professores deixavam nos meus cadernos. Não repito isso enquanto docente, procuro ser para meus alunos tudo aquilo que meus professores não foram para mim. (ÂNGELO, 2014, sic.).

Lembrei, ali, do meu processo de alfabetização. Eu mesma tive sérios problemas de aprendizagem, minha história de vida contribuiu para isso. Quando eu tinha quatro anos, minha casa pegou fogo e fui seriamente atingida pelo incêndio. Tive queimaduras no corpo todo, mas os membros inferiores foram muito atingidos. Devido a isso, passei um bom tempo sem andar. Minha irmã mais velha colocou em minhas mãos uma cartilha do ABC – utilizada à época para alfabetizar – eu ficava sentada, manuseando a cartilha e perguntava a minha irmã:

- Como é que faz **b** com **a**? Ela respondia:

- “**ba**”.

Aí eu ficava brincando de “**ba, be, bi, bo, bu**”. O resultado disso foi o aprendizado da leitura, quase sozinha. Logo depois, larguei a cartilha e entrei no mundo proibido dos gibis.

[...]

No dia da avaliação havia mil recomendações para que eu fizesse a prova bem devagar e revisasse antes de entregar. Tenho que reconhecer que ela fez a parte dela. Entretanto, de dislexia ela não entendia e muito menos os meus professores. Tive a sorte de não ter ficado à margem do saber sistematizado.

O leitor não se incomode com nossos excertos longos pois que vamos retomá-los em próximo momento para salientar *o pedagógico em Irecê Barbosa*, como será visto. Mas de relance, já podemos entrever que o caráter pedagógico que a autora aponta para “Os Anjos também surtam” também está presente em “O Leilão”, onde o experientar traz à narrativa mensagens de aprendizado pessoal, acadêmico, profissional, que todos que trabalham/desenvolvem atividades em Ensino podem e devem se conectar e transmitir aos seus alunos, para enquanto professores, não sermos como aqueles a quem Irecê se refere na sua infância, mas sermos o que gostaríamos que fossem conosco.

Seu falecimento por câncer em 21 de março de 2018, foi digno de ter sido requerido no Senado Federal, Voto de Pesar pelo senador Omar Aziz (do Bloco Parlamentar Democracia Progressista – PSD/AM) (BRASIL, 2018); e também lembrado por seus pares, como a Nota de Pesar pela Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas (ADUA) onde era sindicalizada há praticamente 30 anos (que seriam completos no dia seguinte à sua morte); a entidade ainda noticia que seu velório ocorreria no salão 3 da Funerária Canaã (Manaus/AM), com destino ao Cemitério Parque de Manaus, no Tarumã, às 15:30h daquele dia (ADUA, 2018).

A notícia de sua passagem também foi divulgada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que trouxe as palavras de seu filho retiradas do Facebook: “Às vezes somos como a Fênix. Entramos em autocombustão. Morremos. Mas depois renascendo das cinzas. Como a Fênix, carregamos carga muito pesada para uma única existência. Temos que nos dar a chance de outra...” (UFAM, 2018), seguido pelo resumo do currículo de Ierecê Barbosa, cujo conteúdo foi reproduzido por outros sítios na internet de menor difusão.

Em equilíbrio a todo este burburinho que Ierecê Barbosa acontecia na mídia, um leve rosa tendendo ao salmão, apresenta uma fonte pública interessante encontrada na internet: o blog da professora Ierecê dos Santos Barbosa (BARBOSA, 200-), apresentado como “*Um espaço de criação*” que traz em sua página inicial como que um *menu* das produções que lhe interessavam: poesia, produção acadêmica, produção literária.

Possui sete seções: Artigos; Crônicas; Fatos & Fotos; Livros; Opinião; Poesias; Facebook. Com sua fotografia (a mesma utilizada no Currículo Lattes (LATTES, 2018)), à direita, seguindo abaixo a quantidade de visitas (992 hits), o calendário, Mais Acessados, Mais recentes (Censura, Projeção, Amor Molhado, Acerola, Violência), Mais Populares (Censura). A considerar pela data de publicação das últimas poesias, o blog deixou de ser alimentado ainda em 2011.

Mas ainda é o que mais perto nos aproxima da Ierecê pessoa, já que o foco de tudo descrito até aqui é relacionado ao seu caminhar profissional, a professora ativa e envolvida em engajar as pessoas, reconhecendo através de sua própria jornada que a comunicação e o esforço para efetivar a comunicação é uma mola propulsora do desenvolvimento do gérmen da potencialidade humana, capaz de superar adversidades que pareciam gigantes.

Ierecê Barbosa integra os elementos que trouxe à sua própria vida para que respondessem às suas questões mais íntimas e depois expande este conhecimento como ferramenta e recurso para transformar outras vidas. Ela enxerga a dificuldade de outrem através de seu experienciar e responde ativamente com sua postura profissional utilizando-se do conhecimento que construiu a fim de integrar a humanidade do ser ao produto de suas construções (ciência, educação, comunicação) devolvendo ao homem a apropriação de si, do seu para desenvolver a si e aos demais.

Pois bem, na seção Artigos, é trazido o trabalho “A Pesquisa: possibilidade de reflexão e contribuição na construção do conhecimento” em coautoria. Crônicas é uma seção vazia,

assim como Fato&Fotos. Em Livros, é citado apenas “Chão de Fábrica” (que traz a invisibilidade do sujeito mulher no contexto do Pólo Industrial de Manaus, apresentado por Tenório Telles, membro da Academia Amazonense de Letras) (BARBOSA, 2000-).

Opinião também está vazia. Poesias traz: Censura, Projeção, Amor Molhado, Acerola, Violência, Tecnologia, Depois de nós (traz duas fotos pequeninas da autora), Assalto & Sequestro, Roubo. E na seção Facebook há o redirecionamento para a página da professora Irecê Barbosa naquela rede social.

A longa garimpagem na rede mundial de computadores parece resignar-se a revelar o legado e não a pessoa, até que encontramos um breve artigo de Ferreira e Rocha (2018) que registra, além do que vimos até aqui que Irecê é paraense, sua iniciação à leitura, seu ingresso à escolarização formal e o incêndio registrados em “O Leilão” são eventos não só da protagonista Paula D’Aquinson, mas da própria Irecê.

O envolvimento com a comunicação é igualmente resultado do evento que lhe causou reclusão, talvez daí o desejo palpitante sempre presente em manifestar-se pela leitura. A descrição no artigo é a mesma do livro somada à das entrevistas supracitadas: o desgosto pelo método escolar, a dislexia, a falta de compreensão dos profissionais da educação...

De acordo com Ferreira e Rocha (2018), Irecê casou-se ainda no Pará e o ingresso na faculdade de jornalismo veio aventada como a obrigação de corrigir a desconexão mental-motora com as palavras; mas o autodiagnóstico de dislexia veio ao orientar uma aluna na UEA cuja filha era disléxica e, ao buscar aprender o conteúdo que desconhecia até então, ela relacionou as características da menina, consigo. Abraçar uma orientação sobre a qual desconhecia o conteúdo é um reflexo da Irecê que não se acomodava, que buscava crescer sempre.

A menção sobre a questão ideológica avessa ao capitalismo é mencionada por Irecê como algo já presente na universidade à época que cursava jornalismo, onde os professores aventavam que a ida para a habilitação em Relações Públicas era trabalhar para capitalistas, enquanto que o jornalismo não, o que na ocasião desta entrevista, ela discorda e atribui a essa visão o caráter de distorção cognitiva (FERREIRA; ROCHA, 2018).

Entre os professores que fazem parte de sua memória desta época está o posterior reitor da UFAM que a convidou para assumir a pasta do Curso quando de sua gestão, Walmir Albuquerque - prosseguem estes autores -: Foi na posição de professora concursada que

participou da campanha *Café amigo* que convidava os alunos dos períodos iniciais a seguirem a habilitação em Relações Públicas (RP) (ou o curso teria fechado), o que foi convertido quando da sua coordenação do curso, para a divisão já no vestibular do quantitativo de alunos para Jornalismo e para Relações Públicas; apoiando esta iniciativa, houve o projeto *Universidade na escola*, que estimulava a opção por RP.

O curso de comunicação social da UFAM foi salvo de diversas formas pela professora Irecê, por suas iniciativas de fomento que foram possíveis graças à compreensão que sua bagagem formativa acercava, prossegue a narrativa de Ferreira e Rocha (2018), que se expandiu a ações para salvar a profissão e atualizar a visão do mercado sobre a mesma que divergia do padrão internacional.

A experiência neste campo revelou a Irecê o papel da mulher no mercado de trabalho, como sendo aquela que, tendo que atender primeiramente às necessidades domésticas, entra tardiamente no mercado de trabalho formal, porém, assume mais satisfatoriamente posições multifuncionais justo por sua formação cultural em desenvolver domesticamente a atenção a diversas demandas (FERREIRA; ROCHA, 2018).

Sendo convidada a pensar o mercado da Comunicação de sua época e o atual, Irecê destaca que antes havia menos tecnologia e mais visão crítica enquanto hoje a pouca leitura não acompanha o avanço tecnológico e é na posição ainda da coordenação do curso de Comunicação Social que ela avista outro fator: a produção realizada no Amazonas não era vista no restante do país, era necessário fazer uso da internet para conquistar essa visibilidade, mas adido a esta visibilidade, Irecê defende que o marketing pessoal é imprescindível e isso se faz sendo um aluno aplicado, que se destaca na universidade sendo convidado para desenvolver atividades ainda no ambiente acadêmico, que zela por uma conduta ética, autoestima e apresentação formal, que se constrói o profissional (FERREIRA; ROCHA, 2018).

Novamente somos rendidos pela profissional que não revela a pessoa, mas aponta as faces de sua personalidade que se manifesta em sua produção profissional. Somos tomados por diversas indagações como: por que não houve divulgação de *O Leilão*, como dos volumes anteriores da trilogia? Onde estará a pessoa a partir do seu legado? Ou ambos estão tão conectados que ver o resultado é ver a pessoa?

Como nosso leitor notou, nossa investigação se revela carente de mais detalhes pessoais, tendo apenas aqueles revelados pela própria Ierecê em entrevistas e demais materiais disponíveis na *internet*, haja posto que diante das tentativas em contatar os membros da família para termos mais informações (via telefonema, sms, mensagens de texto via WhatsApp, mensagens de texto no Messenger do Facebook), sem sucesso, compreendemos a atitude deles como reflexo da sensibilidade à sua morte ainda recente, com a qual nos solidarizamos e decidimos não insistir, adotando a busca não intrusiva, conforme registrado no capítulo seguinte; sem prejuízo à pesquisa por ser uma atitude permitida em investigações fenomenológicas, o que confere o aspecto pessoal do sujeito da pesquisa tão somente ao que ela própria relata e está aberto ao público na mídia digital, conforme referenciado.

Nos alude a lembrança da professora Ierecê em uma defesa de doutorado que assistimos, sua menção aos seus romances, uma energia vibrante como aura, alguém que parecia ter pressa de viver, mas que queria deliciar cada momento ao mesmo tempo. Ierecê se revela em seus romances, é ali, pelo véu dos personagens que a vemos, vemos sua humanidade e o que de *pedagógico*, de aprendizado temos a assumir enquanto pessoas a fim de reverberar em nossas profissões.

1.2 Os Feitos da Professora: jornada acadêmica, o mundo da pesquisa e as produções literárias

Realizando uma busca de currículo na plataforma Lattes (2018) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que é de domínio público, com o termo “*Ierecê Barbosa*”, abre-se a janela que oferta a possibilidade de consulta a partir do currículo (autenticado pela própria professora doutora Ierecê dos Santos Barbosa em 06 mar. 2018, conforme atesta o sítio), e/ou de relatórios desenvolvidos pela plataforma a partir dos dados inseridos pela autora do currículo. Utilizamos aqui dos Indicadores de Produção com revisão do próprio currículo para maior aprofundamento e caracterização do sujeito desta investigação, além do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil.

Em sua carreira profissional, Ierecê dos Santos Barbosa alcançou em sua Produção Bibliográfica 43 artigos publicados em periódicos com pico em 2014 (23 na revista *Areté*, 5 na *Latin American Journal of Science Education*, 2 na *Revista Brasileira de Geofísica* e os demais no anais do XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, *Revista REAMEC*, *Educação Ambiental em ação*, *Indagatio Didactica*, *Scientia Amazonia*, *Revista de Educação*, *Ciências e Matemática*, *Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico*,

Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Educação Temática Digital, Revista Monografias Ambientais, Ethos & Episteme, Intertextos e Arete); 63 trabalhos publicados em anais de Evento cujo ápice foi em 2006 e outro momento alto estabelecido entre 2013 a 2015; 21 resumos publicados em anais de Eventos (ano de destaque sendo 2015); 22 livros (destaque nos anos 2007, 2011, 2013-2015); 41 capítulos de livros (pico em 2011, outro entre 2015 a 2016) e 62 outras produções não categorizadas crescentes entre os anos de 1999 a 2004, com ápice em 2002.

A produção técnica soma 47 apresentações de trabalho e 2 programas de computador sem registro cuja alta foi em 2011; 11 trabalhos técnicos (destaque em 2010 e 2014); 71 outras não categorizadas com picos em 2007, 2009, 2011, estável entre 2013 a 2014 com ápice em 2015.

Realizou 38 orientações de mestrado (destaque em 2006, 2009, 2011, 2013), 2 de doutorado entre 2014 a 2015; 74 outras não categorizadas iniciadas em 1994, com ápice em 2004, e outro pico em 2008.

A plataforma da consulta indica que, entre todas estas produções, mais de 200 são não categorizadas ocupando a maior parte de seus produtos; seguidos de Trabalhos publicados em Anais de Evento e Livros/Capítulos de Livros (contando 13 coautorias); na sequência apresentações de trabalho, artigos completos publicados em periódicos, orientações de mestrado (que se aproximam); depois resumos publicados em anais de eventos, trabalhos técnicos encerrando com orientações concluídas de doutorado.

O Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (da mesma plataforma), indica que suas áreas de atuação foram: Comunicação; Educação; Ensino-Aprendizagem; Geotermia e Fluxo Térmico além da Psicanálise, sendo membro docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) onde atuou no Grupo de Pesquisa Divulgação e Difusão Científica para a Educação e ensino de ciências no Amazonas; e integrante dos grupos de pesquisa Geofísica Aplicada e Psicologia Cognitiva: criatividade e corporeidade da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como pesquisadora; cujas linhas de pesquisa foram Geotermia Ambiental; Psicologia Cognitiva Comportamental, Transcultural e Educação Geocientífica.

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (1974) e Graduada em Comunicação Social pela Universidade do Amazonas (1982), tornou-se Mestre em Comunicação e Educação pela mesma instituição em 1993, vindo a ser Doutora em Educação

pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2003. Foi professora na UEA e no Centro Universitário do Norte (UNINORTE) atuando nas temáticas Educação, Ensino-Aprendizagem, Cultura, Ensino de Ciências, Neurociência e Divulgação Científica, além de atuar como psicanalista clínica, onde era especialista desde 2001 pela Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB).

Sua Formação Complementar ocorreu entre 2014 (Imersão na Língua Inglesa pela Santa Fe University of Art and Design (SFUAD) e Estratégia de Ensino pela UNINORTE) a 2015 com a Extensão Universitária em Metodologias Ativas também pela UNINORTE.

Em sua carreira na UEA, foi docente na Graduação com as disciplinas Ensino, Estágio Curricular, Pesquisa e Desenvolvimento e Ciências Políticas, desenvolveu atividades técnico-científicas na Escola Normal Superior, foi coordenadora de Extensão, ministrou Metodologia da Pesquisa Científica e Metodologia do Ensino Superior, Direito Ambiental na pós-graduação além de Biotecnologia de Produtos Regionais; atuando na Linha de Pesquisa Dimensão Teórico-Prática da Formação de Professores e Geotermia Ambiental. Pelo Ensino à Distância ministrou Didática I e II, Introdução à Sociologia e Sociologia da Educação; como atividade de extensão realizou o Cine Vídeo Normal Superior e o Seminário “A Inclusão da criança indígena nas escolas de Manaus”; além de participar de Conselhos, Comissões e realizar Consultoria.

Na UFAM, atuou como professora eventual com Ensino, Metodologia do Ensino Superior na pós-graduação e quando a UFAM ainda era nominada Universidade do Amazonas (UA), foi professora em regime de dedicação exclusiva, além de pesquisadora e professora assistente com as disciplinas Ensino, Comunicação Dirigida I e II, Relações Públicas e Marketing, Técnica de Opinião Pública e Relações Públicas; ainda atuou na direção e administração na pró reitoria de graduação, no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e na reitoria no gabinete do reitor; foi assessora de comunicação, coordenadora de Divulgação do Escritório de Assuntos Internacionais, ministrou Ensino, Teoria e Pesquisa em Comunicação Social na pós-graduação; Tópicos Especiais em Comunicação, Citologia Clínica, Metodologia do Ensino Superior. Participou de Pesquisa e Desenvolvimento no ICHL no Departamento de Comunicação Social (onde também foi Chefe de Departamento); atuou nas linhas de pesquisa Dificuldades e Transtornos da Aprendizagem no Ensino de Ciências, Educação e Gênero e Geofísica Aplicada.

Na Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC), foi professora titular-visitante, diretora de unidade educacional, técnica da equipe de currículos e programas, supervisora escolar e na UNINORTE foi professora.

Antes de seu falecimento em 2018, à beira de 7 décadas de uma profícua carreira (noticiado na comunidade acadêmica através das redes sociais e interpessoalmente), coordenava desde 2014, o projeto de Pesquisa “Neurociência e Educação: as contribuições da neuroeducação para as ações pedagógicas que estimulem a aprendizagem em processos de Educação em Ciências no município de Manaus”, juntamente com 6 alunos de mestrado e 1 de doutorado. Anteriormente manteve os projetos de pesquisa: “O Campo Interdisciplinar Língua, Matemática e Ciências na Iniciação às Ciências na Educação Básica: um estudo na 8ª e 9ª séries em uma escola de rede pública em Manaus” (2011 a 2013) pelo Observatório Nacional de Educação, com 6 alunos de graduação, 3 de mestrado e 1 de doutorado; “Diagnóstico de Aspectos cognitivos, afetivos e sociais que dificultam ou impulsionam a aprendizagem em Processos de Educação em Ciências no Amazonas” (2010 a 2014) com 2 alunos de mestrado e 2 de doutorado; “Influência da cobertura vegetal na estrutura geotermal rasa” (2009 a 2011); “Dificuldades e transtornos de aprendizagem no ensino de ciências em Manaus” (2009 a 2010); “A Síndrome de Burnout em professores de ensino de ciências nas escolas públicas do município de Manaus” e “Contribuição da Geotermia rasa aos estudos ambientais do estado do Amazonas”, ambos entre 2008 a 2010; “Formação de Professores Pesquisadores em Estágio Curricular” (2004 a 2005); “Geotermia Rasa em Manaus” (2003 a 2004).

O Projeto de Extensão “10 anos do Programa de Mestrado em Educação e Ciências na Amazônia” também estava em andamento desde 2014 com 2 alunos de mestrado e 1 de doutorado, além do “Pedagogia em Debate” com 20 alunos da graduação e 1 de doutorado. Também coordenava o “Projeto Interdisciplinar de Estudo de Casos para o Curso de Comunicação Social” desde 2013; era membro do corpo editorial e revisora da Revista Eletrônica Areté de Ensino de Ciências além de revisora dos periódicos Ciência & Cognição.

Registrou em seu Lattes que atuava na Grande Área Ciências Humanas (área Educação, subárea Ensino-Aprendizagem; área Psicologia, subárea Psicanálise); Ciências Sociais Aplicadas (área Comunicação) e em Ciências Exatas e da Terra (área Geociências, subárea Geofísica, Geotermia e Fluxo Térmico).

Sobre as produções literárias, recebeu seu primeiro prêmio em 1968, no concurso literário da Secretaria de Cultura do Pará, depois em 1987 no concurso nacional de contos da revista Brasília, em 1990 ganhou a medalha cultura E.D. Almeida Victor da mesma revista; em 1994 recebeu prêmio portaria de elogio do ICHL, em 1995 a moção n.391/95 da Câmara Municipal de Manaus (CMM) proposta pelo vereador Aloysio Nogueira e a moção n.467/95, pela vereadora Vanessa Grazziotin. Em 2014, 100 anos de Relações Públicas no Brasil, foi homenageada pelo desenvolvimento e fortalecimento da profissão no Amazonas, pelo Departamento de Comunicação Social da UFAM e o Certificado de Honra ao Mérito pelos 10 anos do grupo de pesquisa GEPECAM/UEA; encerrando o laureamento como Imortal por força da expressão literária pela Academia de Letras do Brasil/Seccional Manaus-AM (onde foi membro fundadora com a cadeira n.11, cuja patrona foi Clarice Lispector, como cita Ribeiro (2017)).

Em seu registro de Livros Publicados no Lattes (2018), há 26 obras, das quais, destacamos em itálico as autorias solo e título simples os produzidos em coautoria, distribuídos em:

- a) Poesias (*Sonhos de Papel*, 1987; *Pingos de Ternura*, 1989; *Sabor Zona Franca*, 1992; *A primeira chuva*, 1999);
- b) Livros Acadêmicos (*Favor transmitir ao destinatário*, 1996; *Papagaios no varal: comunicação intra e interpessoal no processo educativo*, 2005; *Tempo de aprender: uma abordagem psicopedagógica sobre as dificuldades e transtornos da aprendizagem*, 2005; *Ecologia humana, natureza e meio ambiente nos povos da Amazônia: contribuições éticas, morais e culturais para o Ensino de Ciências*, 2007; *Comunicação e marketing na gestão escolar*, 2007; *Intervenções psicopedagógicas nas dificuldades de aprendizagem e comportamentos*, 2007; *Psicologia da aprendizagem*, 2007; *Vozes populares e vozes acadêmicas*, 2007; *Bordado social: pontos e pespontos da dinâmica educativa*, 2007; *Diário de classe: terapia cognitiva comportamental a serviço dos educadores*, 2007; *Chão de fábrica: ser mulher operária no Pólo Industrial de Manaus*, 2007; *Ética, longevidade e felicidade*, 2008; *Perspectivas teóricas da aprendizagem no ensino de ciências*, 2008; *Temas para o observatório da educação na Amazônia*, 2011; *Educação em ciências na Amazônia: múltiplos olhares*, 2011; *Avanços e desafios em processos de educação em ciências na Amazônia*, 2011; *Matemática e interdisciplinaridade: possibilidades e desafios*, 2013; *Ensino das*

terminologias biológicas através da aprendizagem significativa, 2013; Temas sobre educação e ensino de ciências: possibilidades e perspectivas, 2015);

- c) Romances (*O Homem que jantava sozinho*, 2014; *Os Anjos também surtam*, 2014; *O Leilão*, 2015).

Assim caracterizada a sujeito da nossa pesquisa, pelas 36 páginas do Currículo Lattes que revelam as minúcias de 50 anos registrados na literatura, 31 anos na pesquisa formal, 36 anos (a idade que temos, por sinal, quando ora escrevemos este texto) de docência que perpassaram da educação básica à pós-graduação, por instituições públicas e privadas.

O romance escolhido para esta investigação foi publicado em 2015 (*O Leilão*), pela editora Appris; período onde a professora-pesquisadora-escritora Ierecê desenvolvia atividades de revisora nas revistas *Areté* e *Ciência & Cognição*, desenvolvia projetos na área de Comunicação Social, Pedagogia, Mestrado em Educação e Ciências na Amazônia, Psicologia e Aprendizagem, Neurociência e Educação, estando vinculada à UEA e UNINORTE; ainda em paralelo construindo sua formação complementar na área de Idiomas e Prática Docente.

A percepção quanto à vida de Ierecê Barbosa é que o ser professora pesquisadora está de tal forma imbricado em sua vida que não se trata apenas de uma profissão ou de formação mas, de um *modus essendi*, percurso de vida, uma escolha, uma parte de si mesma. Alguém que a partir de si, se projeta e se constrói em uma tessitura com os processos formativos, se autoformando no caminho, que valida as projeções dela na vida acadêmico-profissional e desta, nela. Ierecê é uma revelação sobre o ato de habilitar-se diante da vida, traçando o próprio destino e marcando destinos, sempre desbravando os aparentes limites para alçar outros e novos desafios, perfilando o ser professora pesquisadora antes que o termo se apresentasse como tendência pedagógica, validando com o próprio percurso o conteúdo que aqui trazemos alcunhado de contribuições pedagógicas.

2. O LEILÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS

Visando desenvolver o segundo objetivo específico “*Apresentar os resultados decorrentes do estudo analítico feito da obra literária investigada*”, trazemos neste capítulo a apresentação do romance elegido, juntamente com o *modus procedendi* para sua análise e as bases em que este repousa, seguida do *corpus* assim constituído e posterior exame sob a lente de outros autores quanto a análise realizada que a valida, como segue:

Este capítulo trabalha o romance literário de Irecê Barbosa, “O Leilão”, publicado em 2015 pela Editora Appris, sendo o terceiro livro de uma trilogia que lançou seus dois primeiros integrantes no ano anterior. Antes de adentrarmos à obra, trazemos aqui estas considerações a fim de apresentar e esclarecer ao leitor o caminho percorrido e as bases que pautaram a metodologia que adotamos da construção à análise.

Na fala da própria autora das obras, trata-se de uma trilogia paradidática que se empenha em utilizar a narrativa como estratégia de ensino, sem que o leitor perceba o livro como ferramenta para aprendizagem; sendo o primeiro “O homem que jantava sozinho” um romance filosófico, o segundo “Os anjos também surtam” um romance psicopedagógico e “O Leilão” fecha a trilogia como romance antropológico (D24AM, 2014).

Esta construção nos parece fruto da própria trajetória da construção do Si-Mesmo de Irecê Barbosa, através das escolhas profissionais e pessoais que a autora revela nas entrevistas citadas no capítulo anterior deste trabalho, que ela leva aos romances – e no caso de “O Leilão”, pela protagonista da obra, revelada como a projeção da própria Irecê, como pode ser percebido entre suas entrevistas sobre sua vida pessoal (que levaram às escolhas profissionais) e trechos da narrativa de Paula D’Aquinson.

Sendo um romance literário de tipologia narrativa, cujas características de projeção da autora sobre a protagonista foram descritas acima, pareceu-nos natural que a pesquisa que sobre ele se debruça, aproximasse sua análise desta forma tanto quanto possível; enxergado o processo de amadurecimento incorrido sobre Paula como ontológico, do qual se busca apreender a transcendentalidade do experienciar, portanto fenomênica (PONCHIROLI; PONCHIROLI, 2012), é necessário que haja aproximações aqui e ali de uma linguagem *verstehen* que busque se aplicar à compreensão das ações no contexto, configurando o chamado experiencial (STAKE, 2011).

Assim, a análise de “O Leilão” ocorre a partir da Psicologia Analítica, uma vez que nos parece claro que a narrativa da personagem demonstra o processo da Individuação e integração do Self (Si-Mesmo), articulados pela busca do equilíbrio arquetípico no decorrer da história de vida da protagonista; o que inferimos não ter sido à toa na construção do romance, uma vez que Irecê Barbosa tinha em sua formação e atuação profissional, a psicologia; como vimos no capítulo anterior deste trabalho.

Quando dentro da psicologia, a fenomenologia se desenvolve a partir da fenomenologia filosófica, enquanto método descritivo-analítico, sobre a percepção subjetiva dos fenômenos e à consciência; método esse que emerge na leitura desta obra de Irecê Barbosa, que se debruça sobre o fenômeno pelo próprio fenômeno na intenção de trazer à consciência o significado que ele carrega, próprio à concepção de Husserl, como diz Ponchirolli e Ponchirolli (2012), reduzindo a partir do contexto para encontrar a essência na intencionalidade da reflexão em Paula D’Aquinson. É nesta perspectiva que intentamos o percurso, a fim de que o pedagógico se manifeste como experiência vicária ao nosso leitor.

Algo que nos parece importante salientar ainda nesta abertura é o fato de que, no estudo da vida da professora pesquisadora Irecê Barbosa, o processo de busca da aprendizagem ocorre primeiramente para si que, conferindo-lhe sentido, devolve à sociedade o aprendizado na performance pedagógica de suas ações profissionais. A busca de respostas para os eventos de si mesma, a partir do conhecimento formal, é transmutado após sua assimilação/incorporação, dando sentido à sua prática pedagógica que regia as ações profissionais dos seus outros âmbitos de atuação.

Este sistema é chamado em Jung de *Educação pelo Exemplo* (JUNG, 2006), o que nos parece impossível dissociar de alguns outros campos de análise da psicologia analítica centrais na obra de Jung, tais como supra enfatizamos, uma vez que o exemplo a ser ensinado é aquele do qual já nos apropriamos ou do qual nos demos conta e está em processo interior, pois a sensibilidade do educando capta este aspecto, conferindo-lhe a empatia para aprender o que está sendo ensinado; o que vai ao encontro com a obra literária e de vida da professora Irecê, pesquisadora de si mesma, antes de tudo.

Neste diálogo com a obra, chamaremos alguns outros autores que escrevem sobre a mesma temática, como é próprio da investigação qualitativa, como diz Creswell (2010, p.206) e percorremos um caminho que foi se delineando no próprio processo, o que o tornou peculiar em si mesmo:

A investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação de dados. [...], os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação. Na verdade, as estratégias de investigação escolhidas em um projeto qualitativo têm uma enorme influência sobre os procedimentos que, mesmo nas estratégias, são nada uniformes.

Desta forma, seguindo as orientações dadas por este autor, que também tem formação em psicologia, trazemos no corpo do texto as características básicas que regem a análise e alguma discussão a respeito de forma a ilustrar e exemplificar o processo metodológico; não uso de questionários ou instrumentos de outros pesquisadores, centrando o pesquisador no processo de coleta/construção dos dados, por meio do exame de múltiplos documentos inerentes ao objeto de estudo, deles retirando o que oferece sentido de forma a cobrir o tema; seguindo padrão próprio para organização em unidades de informação abstratas que revela a construção realizada entre o ir e vir das fontes para os dados obtidos que pode cobrir um vasto conjunto de temas correlatos, que confere forma ao que emerge do processo (CRESWELL, 2010).

O foco na aprendizagem no decorrer do processo para o investigador, segundo Creswell (2010) também é inerente, o que revela a abordagem dada à pesquisa, justificando a lente conceitual e de identificação contextual utilizada, daí sendo manifestada a interpretação dos dados que abrange a ontologia e a holística do pesquisador a um quadro mais amplo e suscitando enormidade de interpretações a partir de outros leitores/participantes (múltiplas visões emergidas do problema).

A possibilidade do uso dos elementos fenomenológicos para a investigação qualitativa é dessa forma um dos prioritariamente recomendados por Creswell (2010) que adotamos neste trabalho por, pela narrativa poder serem estudados os indivíduos, como comenta aquele autor, adjunta a nossa identificação com a Psicologia Analítica nestes 12 anos de estudos não formais do trabalho de Jung, mais os elementos que congregam conosco da autora cuja obra investigamos, haja visto que ambas nos utilizamos daquilo que estudamos para nos desenvolvermos e aprimorarmos, refletindo na nossa expansão formativa pedagógica, que coaduna com as palavras de Creswell (2010, p.211) de que “[...] a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes.”

Neste sentido, continuamos com as cautelas de Creswell para embasar o processo, como registramos nesta sequência (CRESWELL, 2010, p.211):

Inclua declarações sobre as experiências passadas que proporcionam dados passados por meio dos quais o público possa entender melhor o tópico, o local ou os participantes, e também a interpretação do fenômeno por parte do pesquisador. Comente sobre as conexões entre o pesquisador e os participantes [...].

Destacando que nosso ganho nesta forma, é a visão da investigação como um mergulho vertical no processo formativo docente, revelando que a prática pedagógica é um processo *continuum* de auto aprimoramento, refletido e atuante na atividade docente, cujos aspectos da obra “O Leilão” coadunam com a intenção desta revelação, além dos motivos adrede comentados sobre sua escolha; que por ética, mantivemos nossa construção de dados ao uso somente de documentos escritos e midiáticos, do material público e publicado de Irecê Barbosa, os quais podem ser encontrados em nossas referências, incluindo apreender sentidos inferidos na obra, em seus poemas escritos e musicalizados, seguindo cuidados anotados por Flick (2009a). Esta opção nos permitiu (CRESWELL, 2010, p.213):

- [...] obter a linguagem e as palavras dos participantes.
- Podem ser acessados em um momento conveniente para o pesquisador – uma fonte de informações pertinente.
- Representam dados criteriosos, pois os participantes receberam atenção ao compilá-los.
- Como evidências escritas, poupam tempo e gastos ao pesquisador para transcrevê-los.

Assim, foram construídos dados que permitem perceber comportamento e atividade da participante da pesquisa, ainda que, em sua ausência, porém por serem públicos, contam com sua anuência.

A contribuição do uso deste tipo de documentos é por, além de objetivarmos utilizar uma via não-intrusiva (por respeito à memória ainda recente da professora Irecê), também vimos o conteúdo da obra investigada como de “finalidades práticas no campo em estudo. Isso pode abrir uma perspectiva nova e não-filtrada sobre o campo e seus processos. Por isso, os documentos muitas vezes permitem que se vá além das perspectivas dos membros no campo.” (FLICK, 2009a, p.236)

Naturalmente houve limitação quanto à coleta de mais dados que amplificassem o aprofundamento na participante, dada sua morte (de conhecimento público e citada no capítulo anterior), como poderia ser colhido em entrevista; o que foi suprido pela coleta de entrevistas publicadas com Irecê Barbosa; o que trouxe alguma dificuldade para ser encontrado, devida à repetição nos retornos de busca pelo Google e pelo CNPQ (Lattes), como ferramenta de busca na internet, porém com ganhos de precisão quanto ao conteúdo, haja visto que não foram achadas contradições nos resultados.

O registro ocorreu na condição de observador, que registra diário, simultâneo com a leitura da obra pesquisada e recorrendo aos documentos públicos e midiáticos, permitindo a captação e nota dos dados, as descrições das informações obtidas, as notas reflexivas confrontadas com a releitura pontual das várias obras de Jung utilizadas para análise, em estrutura própria que pode ser observada na subseção 2.2.1; além da percepção da leitura anterior de trabalhos realizados por Ierecê Barbosa aos quais já recorreremos para embasamento teórico de outra pesquisa (nossa monografia na graduação) e da lembrança de sua presença e fala em um evento acadêmico público que participamos, onde comentou sobre a prática pedagógica, alinhando com o conteúdo do romance em curso à época, costurando com o que já havia publicado, o que nos remete tratar-se de “O Leilão”, dada a época do ocorrido. Isto posto, fica assinalado que as fontes foram de origem primária e secundária, conforme indicado nas citações e referências. Este processo está de acordo com o que Creswell (2010, p.217) recomenda:

Trata-se de um processo permanente envolvendo reflexão contínua sobre os dados, formulando questões analíticas e escrevendo anotações durante todo o estudo. Ou seja, a análise de dados qualitativos é conduzida concomitantemente com a coleta dos dados, a realização das interpretações e a redação de relatórios.

[...]

A análise dos dados envolve a coleta de dados abertos, baseada em formular questões abertas e desenvolver uma análise das informações fornecidas pelos participantes.

[...] A *pesquisa fenomenológica* usa a análise de declarações importantes, a geração de unidades significativas e o desenvolvimento do que Moustakas (1994) chama de uma descrição da essência.

Tendo a coleta e construção dos dados ter ocorrido paralelamente em termos temporais, foi permitido relacionar os conteúdos daqueles em função da narrativa da obra investigada, como pode ser observado em subseção subsequente (de análise da obra): as unidades foram utilizadas conforme a própria disposição da obra investigada (capítulos do romance literário), concatenando a sequência já estipulada pela professora pesquisadora Ierecê Barbosa, que leva naturalmente à compreensão do que a obra apresenta: amadurecimento visando percepções, compreensões, aprendizados a partir do experimentar da protagonista (descrição da essência), que por seus elementos encontra a psicologia analítica, oportunizando a interpretação do significado a partir dos elementos desta, percorridos na própria unidade e retomados quando reapresentados na obra, o que também é registrado no decorrer do nosso texto. Esse sistema para codificação é sugerido por Bogdan e Biklen (1992, apud CRESWELL, 2010, p.220) como “Perspectivas dos indivíduos”.

Uma Codificação correlata é descrita por Flick (2009a) - que também é psicólogo como Creswell (2010) - para a pesquisa documental não-intrusiva que utilizamos, que realiza o tratamento acompanhando a linha da história centrando em um fenômeno, apontando (como que) (sub)fenômenos salientes que revelam aspectos e dimensões que aprimoram a discussão sobre o fenômeno chave (Relações do Paradigma da Codificação).

Este tratamento permite perceber padrões e as condições em que estes surgem, como pode ser percebido em nossa análise, uma vez que como Stake – psicólogo e pesquisador educacional há mais de 40 anos – (2011, p.65) e contemporâneos, “[...] nos baseamos muito na interpretação direta dos eventos e menos nas medidas interpretadas.”, vistas estas últimas como limitante herança da prática quantitativa (STAKE, 2011, p. 65-66).

A interpretação é um ato de composição. O intérprete seleciona descrições e as torna mais complexas, utilizando algumas relações conceituais. O pesquisador pode tomar o termo *trabalho* e atribuir a ele músculo, durabilidade, remuneração e respeito próprio. Esses podem ser alguns dos significados mais amplos de *trabalho*. O pesquisador pode selecionar um evento ocorrido no local de trabalho e atribuir a ele personalidade, história, tensão e implicação. As melhores interpretações serão extensões lógicas de uma simples descrição, mas também incluirão a extensão contemplativa, especulativa e até mesmo estética. O leitor seria enganado se o deixassem pensar que essas interpretações foram acordadas, certificadas de alguma forma. Elas são contribuições do pesquisador, escritas de forma que fique evidente que são interpretações pessoais.

Stake (2011) também afirma que na pesquisa qualitativa, as afirmações sobre como as coisas funcionam recaem sobre o julgamento pessoal que por sua vez, está baseado em parte na experiência pessoal daquele que estudamos e a compreensão da experiência do indivíduo estudado também se dá pela experiência do pesquisador, daí a não necessidade de se declarar os padrões como é próprio deste tipo de abordagem: o excesso de critérios afasta a pesquisa do caráter qualitativo (STAKE, 2011, p.74).

Quanto mais a pesquisa usar critérios, mais a ênfase ficará longe da experiência pessoal e próxima das medidas padronizadas e do conhecimento generalizável. A pesquisa experiencial trabalha para restabelecer uma orientação à experiência dos indivíduos, [...] [com] Os valores da comunidade precisam ser levados em consideração. [...] A pesquisa experiencial [qualitativa] não é só um comprometimento com os valores do indivíduo, mas um comprometimento de que os valores do indivíduo serão levados em consideração.

Da mesma forma, a escolha pela análise se dar a partir da própria estrutura de apresentação da obra (capítulos do livro) e que por sua vez, segue uma narrativa temporal linear, nos aproxima da Análise Hermenêutica Objetiva (ou Estrutural) em Flick (2009a), pelos aspectos de:

- ser dirigida “[...] a análise de todo tipo de documentos, incluindo, até mesmo, obras de arte e fotografias.” (FLICK, 2009a, p.311);
- o foco do significado ser por “estrutura latente de sentido” (FLICK, 2009a, p.311) e a reconstrução destas para estruturas de significado objetivo (pela lente da Psicologia Analítica);
- “[...] ser ‘estritamente sequenciais’, ou seja, devem seguir o curso temporal dos eventos [...]”(FLICK, 2009a, p.311);
- ter buscado seguir a análise preliminar dos contextos externos e a influência destes sobre a estrutura (exame do Lattes, entrevistas, etc.);
- buscar os níveis de interações da etapa central, seguida das contribuições destes níveis.

Dizemos *nos aproximamos* haja visto que Flick (2009a) traz elementos para que este tipo de análise estruturalista se aplique inclusive a conversações, de forma que, não pertencendo ao nosso escopo, não foram trazidas aqui.

Nossa adoção se pauta na busca de “[...] explicação dos significados sociais das ações ou dos objetos [...] [que através das interações] orientam em direção à estrutura lógico-temporal do texto, adotando-a como ponto de partida para a interpretação.” (FLICK, 2009a, p.315), o que implica flexibilidade quanto ao conceito de estrutura e “Arte em vez de método.” (FLICK, 2009a, 335), cujo desenvolvimento cabe ao pesquisador, sem utilização de softwares para método e análise explícita, com o computador sendo apenas instrumento para o trabalho; o que, prossegue Flick (2009a) é razão pela qual a Análise Hermenêutica só convém ser aplicada a menores volumes de texto; sendo uma das maneiras de fazer uma pesquisa qualitativa: “[...] encontrar os significados das experiências pessoais que transformam as pessoas. Descobrir os momentos marcantes na vida de alguém.” (STAKE, 2011, p.48).

O desenvolvimento da proposta da Codificação Seletiva se deu nos passos de Strauss e Corbin (2008): uma categoria central, que neste trabalho é como sugerido pelo título: O Pedagógico em um romance literário de Irecê Barbosa. Ou seja: o quê há aqui para aprender? O quê a autora ensina por meio de sua obra?

Lembrando que essas categorias são abstrações emergidas da pesquisa na percepção do pesquisador (STRAUSS; CORBIN, 2008); que aqui se revelaram subsidiárias à categoria central, elementos que processam o desenvolvimento daquela, que lidos na perspectiva da psicologia analítica, são termos cunhados por esta, propriamente caracterizados e teorizados.

Em outras palavras, o pedagógico em Irecê é lido em “O Leilão” a partir de arquétipos, individuação e integração do Self que recorrem a alguns outros elementos-categorias da psicologia analítica para melhor apresentação da categoria central: o que é ensinado e aprendido a partir da obra analisada, que sendo pedagógica, substantiva o cerne da nossa investigação; de forma que enxergamos que aquilo (o pedagógico) que Irecê ensina e dali aprendemos, pautou-se no processo de individuação da protagonista, evidenciado pela evolução da integração do self (si-mesmo), cujos elementos reacionários são os arquétipos apresentados na obra, simbolizados pelas peças do leilão, assim percorrendo o amadurecimento da protagonista como processo temporal. Ousamos inferir que, a formação de Irecê Barbosa também na psicologia, trabalha o pretexto dos eventos da vida da autora (como visto nas declarações dela em entrevistas) para trazer o pedagógico na obra através da protagonista Paula D’Aquinson.

Voltando à codificação, esta é apresentada ao leitor deste trabalho, ainda nas orientações de Strauss e Corbin (2008), trabalhada na face ora de Memorando, ora de História Descritiva, para vias de integração dos conceitos, que se revela na tipologia de Memorando de Enredo, “[...] que conta a história usando conceitos e suas associações.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p.149) para apresentar relações de forma implícita (e não de causa e efeito). Por esse tipo de desenvolvimento, pode ser obtido um conjunto de resultados ou o desenvolvimento de uma teoria, a depender da integração, em busca de consistência interna e lógica, alertam Strauss e Corbin (2008).

As conceituações integradas às descrições é o que permite identificar e explicar as categorias: “Uma categoria deve ser suficientemente desenvolvida em termos de propriedade e de dimensões para demonstrar seu nível de variabilidade enquanto conceito.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p.157), estando prontas quando atingirem a saturação teórica (STRAUSS; CORBIN, 2008), o que percebemos na análise a partir do capítulo oito, quando a categoria central passa a ser revista em reflexões acerca das categorias apresentadas nos capítulos anteriores. Para fins de *acabamento*, recomendam ainda estes autores, que o excesso de dados (ou aqueles conteúdos que não se ajustam ao conteúdo geral) seja podado e retomados (ou não) conforme revelem adiante alguma contribuição.

O que será visto na próxima seção percorreu este desenho, de forma que expostos os referenciais teóricos que embasaram a construção seguinte, passamos à nossa exposição da análise.

2.1 O Leilão como romance: sinopse e algumas considerações preliminares

Refletindo sobre o alcance possível de público leitor do nosso trabalho, consideramos expor alguns comentários que contribuam para a compreensão na leitura dos que porventura não estejam familiarizados com os termos que utilizamos no decorrer de nosso texto.

Desta forma, trazemos nesta seção aspectos quanto a utilização de termos como “o romance”, “a narrativa”, “o romance literário” e congêneres que se posicionam nesta pesquisa como sinônimos para a obra literária aqui tratada.

Também nos ocupamos em expor em uma expressão um pouco mais acessível - ou intentamos - a epistemologia utilizada para a análise central de “O Leilão” de forma a colaborar com o entendimento da óptica aqui abordada.

De antemão nos desculpamos ao leitor se pecarmos pelo excesso de informação, pois a nossa intenção é tão somente ofertar uma experiência leitora satisfatória e compreensível e não a prolixidade. Pois bem, comecemos pela linguística:

As premissas que nos permitem utilizar termos como “narrativa romântica” e seus similares podem ser encontradas mais acuradamente nos estudos linguísticos, ainda que a própria Irecê declare suas obras literárias como “romances”, “paradidáticos” e “narrativas” (D24AM, 2014).

Ainda que os estudos linguísticos não sejam o nosso escopo, nos referenciamos nos estudos de Wachowicz (2012) para justificar o subsídio, pelo fato de encontrarmos na obra analisada e nas falas de sua autora nas entrevistas referenciadas, um reflexo da abordagem defendida por Wachowicz, como poder visto:

O trabalho de Wachowicz (2012) parte do trinômio de Bakhtin (que por sua vez discorre a partir da retórica clássica) para expor os estudos do discurso sob a concepção dialógica da linguagem, trazido por esta autora em uma abordagem interacionista sociodiscursiva, em uma discussão apoiada em outros teóricos como Bronckart, Adam, Dolz, Schneuwly, Perelman, Olbrechts-Tyteca e Discini.

Esta opção nos é útil pois o interacionismo sociodiscursivo tem em sua gênese “[...] fundamentos oriundos da psicologia. [além do quê] uma concepção dialógica implica levar em consideração as condições de circulação social dos gêneros.” (WACHOWICZ, 2012, p.08), uma consideração presente igualmente nas falas de Irecê Barbosa, quando nas

entrevistas referenciadas, menciona a intencionalidade de seu trabalho e os valores nele imbuídos; quando o desenvolve a partir da sua formação, experiência profissional e público leitor a quem se dirige, ainda que possa ser lido por qualquer público.

Wachowicz (2012) defende que o ideal na atualidade para análises linguísticas para uso no ensino fora do campo dos estudiosos da Linguística, é o uso de possibilidades à luz da proposição bakhtiniana dos gêneros discursivos, pois crê que: “[...] não há como apresentar receitas prontas para o professor, visto que inócuas, nem tampouco há tratamento hoje sobre relações finas entre propósitos comunicativos e opções linguísticas [...]” (WACHOWICZ, 2012, p.17), tornando possível a caracterização de qualquer gênero literário a partir do tema (conotação social) + composição (estrutura organizacional dos elementos componentes) + estilo (apresentação discursiva utilizada pelo autor – linguística – próprio a seu estilo – personalidade – alinhado pelas escolhas de gênero de leitura e de escrita do autor – ontologia).

Por esta perspectiva, nossas considerações sobre o tema se resignam a justificar o uso destes termos na condição de *pronomes demonstrativos* à referência da obra “O Leilão” mais que a uma condição adjetivadora.

De acordo com Wachowicz (2012), o gênero indica a abordagem utilizada pelo autor para seu discurso literário, que conecta a um referencial social (posição político-ideológica adotada para alcançar determinado público leitor). Neste quesito, para Bakhtin (1992 apud WACHOWICZ, 2012) o romance é um gênero de discurso *complexo* que se posiciona a realizar uma comunicação cultural que no caso de “O Leilão”, responde ao público que Bakhtin classifica como leitores de discursos literários de intencionalidade artística, científica e sociopolítica, inferido a partir de que Irecê ao anunciar na mídia a publicação de sua trilogia, direcionou a leitura para alunos de graduação em Psicologia, Filosofia ou Letras (CAMELO, 2014).

Este tipo de gênero, também classificado por Bakhtin como *secundário*, faz uso do gênero de discurso *simples* (ou *primário*) para transmitir sua intencionalidade autoral, ou seja: transmuta o que era meramente uma comunicação verbal espontânea para um discurso pontado de convicções, crenças, valores (referenciais sociais, políticos, ideológicos) que busca ressoar em um leitor até uma posição de alcance ou resgate.

Isto em “O Leilão” pode ser notado nas reflexões da protagonista em meio a situações no ambiente comum: o diálogo é primário (simples) enquanto que o diálogo envolto em

reflexões direcionadas é secundário, complexo, carregado ou envolto pelos aspectos da arte literária, tal como o são os romances (WACHOWICZ, 2012).

Pois bem, esclarecida a condição do discurso em “O Leilão” como gênero secundário (onde se encaixam os romances), Wachowicz (2012) retoma Bakhtin para dizer que este gênero se estabelece a partir do conteúdo temático, pelo estilo verbal (uso de recursos da Língua) e construção composicional; o que transfere o sentido meramente de enunciado para gênero de discurso, ao se relacionar com as esferas de utilização da Língua. Ou seja: o gênero se afirma à devolutiva do leitor quando manifesta a intencionalidade proposta pela autoria na assimilação pelo leitor daquilo e pela forma que o intentou o autor.

Dada a formação em Pedagogia, Comunicação Social e Psicologia de Irecê Barbosa, não é de surpreender que ela cumpra na obra aquilo que indica quando entrevistada sobre seus trabalhos literários, de onde ousamos afirmar que ela sabia bem o ofício e os elementos que o atestariam, ao redigir seu livro a partir de por exemplo, quando menciona as orientações recebidas por um professor de Letras para Camelo (2014).

Os parâmetros: finalidade, interlocutores, situação e conteúdo; os fatores de textualidade: intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, coerência e coesão; constituem a estrutura relacional entre autor e leitor para Wachowicz (2012), além das características que situam um texto social e psicologicamente: a ação social, o condicionamento histórico-ideológico, a opção psicológica.

Em outras palavras “[...] a linguagem media a relação entre o indivíduo e o mundo através de ações comunicativas [...]” (WACHOWICZ, 2012, p.39) assim estabelecendo a questão gênero da linguagem.

A gênese do gênero para o autor envolve sua ontologia além dos fatores externos (físicos e sociais), manifestando-o no decorrer da produção textual, pois a permeiam, o que faz do gênero não apenas uma escolha subjetiva do autor, mas também uma ação social, haja visto que sua manifestação ressignifica uma visão ordinária em uma visão discursiva: o seu conteúdo temático (WACHOWICZ, 2012).

Dadas as informações colhidas sobre a vida de Irecê Barbosa, inferimos que os dados construídos ratificam o seu gênero literário através do conteúdo temático da obra “O Leilão”; como dissemos em outro momento: o romance é a coroação de seu aprendizado de vida holístico frente à inexorável terminalidade, com vista ao além-morte quer em uma visão

religiosa (como expressa no livro), quer se apresente como legado de uma formadora para quem se arrisque a também ser formador de si para ser de outrem.

Ao falar de sequências textuais, tal como o é a narrativa, Wachowicz novamente se apoia em Bakhtin para dizer que as estruturas textuais (elemento composicional) é tão intrínseco à natureza humana de forma que se torna intuitiva a percepção de sua composição, assim como a conceituação de gênero (BAKHTIN, 1992, p.302 apud WACHOWICZ, 2012, p.50): “Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos; se tivéssemos de cria-los pela primeira vez no processo de fala; se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” E ainda (WACHOWICZ, 2012, p.51):

Em termos mais conhecidos: os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que nos permitem organizar as relações sociais. Na esfera familiar, dos gêneros primários, as pessoas sabem o formato [...]. Na esfera da vida acadêmica, dos gêneros secundários, por outro lado, há também uma previsibilidade de formatos textuais [...].

Logo, é perceptível que para Wachowicz, à forma da estruturalidade da convenção das classificações, prescinde a compreensão de que o gênero textual preexiste como “[...] instrumento social, com seu pressuposto dialógico e sua função discursiva; eles também continuam sendo criação natural das relações humanas [...]” (WACHOWICZ, 2012, p.52).

O que faz a construção textual (elemento composicional) ser previsível a uma estrutura linguística característica; pois ao gênero é que é próprio o condicionamento pragmático, contextual e ideológico (WACHOWICZ, 2012, p.53):

Num (sic) exemplo – talvez o mais canônico: as pessoas sabem o que é uma história ou uma narrativa: Esses nomes figuram na linguagem ordinária. Mas elas também sabem que a história vai entrar na composição de um romance ou de um filme de cinema, que são os gêneros que a pressupõem. Digo que as pessoas “sabem” da diferença sobre história e romance no sentido de que, mesmo inconscientemente, isso faz parte de um conhecimento de um mundo natural que elas vão adquirindo (e mesmo – friso – subvertendo) na experiência de letramento, sem necessariamente dependência direta com a vida escolar. É justamente esse conhecimento natural sobre as composições textuais que podem servir de ponto de partida para o professor levar o aluno a experiências com textos mais variados e de usos mais específicos, que ilustram uma experiência mais complexa de leitura e produção. Isso, em última instância, o leva a interagir como mundo das letras.

À esta citação, considerações se afiguram e estão mescladas: por ser ela mesma, Ierecê Barbosa, uma profissional conhecedora das nuances da Língua por seu ofício, ela reconhece esses elementos ao revisitar sua infância através da projeção na protagonista de “O Leilão” e deles se utiliza para alcançar seu público; assim fica transparente a compreensão de estilo

verbal do trinômio de Bakhtin trabalhado por Wachowicz (2012): os recursos da língua são possíveis à intencionalidade de Ierecê, que tem reafirmada nesta breve análise sua declaração sobre suas obras literárias como romances: “São romances paradidáticos, nos quais o leitor aprende com essa estratégia narrativa, dentro da trama, sem querer.” (D24AM, 2014).

Atendendo à formalidade acadêmica, prossigamos com Wachowicz para enumerar as características classificatórias para Narrativa, como onde há a presença de:

- a) sucessão de eventos no tempo dentro da unidade temática (relação causal);
- b) ao menos um personagem antropomorfo (comportamento humano enunciado);
- c) arranjo de acontecimentos com um clímax e então a resolução (experiência adquirida pelo conflito);
- d) juízo de valor ou ponto de vista ou de opinião explícita ou não (posicionamento avaliativo dirigido para o público: dialogicidade);
- e) traço de verossimilhança (traço da ficção que abona a checagem pelo leitor da concreticidade da história);
- f) coesão entre semântica (denotações temporais) e lexicidade (termos indicadores dos elementos da narrativa como lugares e personagens).

À dialogicidade está inerente o acordo argumentativo (entre autor e leitor no ambiente da produção); o auditório; os fatos; o posicionamento avaliativo e os argumentos, pelos quais o autor conduz o leitor à ressignificação das verdades instituídas; onde o estilo verbal utilizado pelo autor pretende aproximá-lo do leitor, como um processo de convencimento quanto à verossimilhança da narrativa (WACHOWICZ, 2012).

Wachowicz diz ainda que a concepção de que a narrativa é manifestação individual é característica da tradição literária denominada Romantismo (cujas obras por conseguinte, são chamadas de *romances*) onde “[...] o indivíduo é o criador, por livre-arbítrio, de expressões linguísticas que fazem efeito de sentido.” (WACHOWICZ, 2012, p.126) e alude às palavras do gramático normativo Napoleão Mendes de Almeida (1979, p.584 apud WACHOWICZ, 2012, p.127) para reforçar este conceito:

“Se a gramática tende a fixar-se em moldes uniformes de expressão, a estilística, isto é, o estudo do estilo não tolhe a liberdade ao **gênio** (sic) nas combinações estéticas da palavra.”

Grifamos a palavra **gênio** nesta citação pelo motivo óbvio: Quem acredita em gênio? Ora, o pensamento romântico. Napoleão Mendes de Almeida, ainda no final do século XX, manifesta essa tradição. E, com certeza, seus alunos e seguidores, também.

Em outras palavras, a expressão do “eu literário” indica a tradição literária em que se encerra, sendo a do pensamento romântico a que onde o eu literário se manifesta realizador, no caso da protagonista Paula D’Aquinson de “O Leilão”, ela é a ativa heroína de sua própria história, do letramento com caráter de superação, ao rompimento da tradição com o divórcio ou com a subversão na escolha do que ia comer frente ao posicionamento do seu par romântico na jornada da compreensão da EQM, o médico Ramiro, só para citar alguns momentos em que a obra de Ierecê Barbosa atende às impressões subjetivas do leitor e às classificações normativas como do gênero literário romance de sequência narrativa.

Estes aspectos facilmente são notados na leitura de “O Leilão” e para efeito de robustez de nossa afirmação, apresentamos aqui uma sinopse da obra.

O romance inicia com Paula D’Aquinson, ex professora, divorciada, mãe e avó, estilista, com extensa cultura histórica, chegando de um voo internacional que passa por turbulência. O pouso ocorre e ela vai para casa, onde está acontecendo um leilão o qual desconhecia a ocorrência, onde ninguém lhe ouve, ou a enxerga.

Em algum momento, ela é recepcionada por um senhor que lhe pede calma e compreensão e que aproveite a oportunidade para aprender com aquilo tudo. Então ela passa a acompanhar os diálogos e ações dos presentes, onde ao apresentar o contexto de aquisição de dez objetos, também apresenta a história a que pertence cada um, a nível cultural, além de ir contando sua própria história a partir de lembranças retomadas pelos objetos.

Neste ponto, podemos conhecer que a menina Paula veio de uma infância com recursos mais parcos, cresceu entre a avó, os pais, irmãs e irmãos, com essas figuras se construindo em seu ideário a ser reproduzido inconscientemente na vida adulta, conforme a narrativa apresenta.

A perda de seus objetos sem a chance de interferir causa-lhe tanto desconforto emocional que cai em uma vertigem espiral de onde é retirada pela imagem de um anjo barroco e sua mãe, um em outro. Isso leva Paula a acordar de um coma no hospital, fruto de um problema cardíaco durante a turbulência no pouso do avião.

A experiência do leilão é apresentada como uma Experiência Quase Morte (EQM) onde a protagonista passa a buscar explicações além da medicina comum, o que a leva à Doutrina Espírita de Allan Kardec, através de um centro espírita que lhe indica um médico espírita que investiga EQM’s.

A companhia do médico ajuda Paula a elocubrar sobre os objetos e seus significados, buscando entender isso na própria vida emocional e daí a uma jornada de autodescoberta, aprendizado, resoluções.

Eventos cotidianos que levam à percepção metafísica da vida a partir da codificação de Allan Kardec passam a ocorrer até que a protagonista decide fazer um leilão dos mesmos objetos para ajudar o centro espírita e promover ajuda humanitária na África, com ajuda dos personagens do leilão, encontrados no lado material da vida.

Paula além de agora, uma estilista famosa internacionalmente, também é palestrante em projeziologia, levando sua experiência de EQM como prova de um mundo espiritual, pelo planeta, sendo a última em Pequim, após responder perguntas dos seus amigos “do outro lado”, percebe que é hora de fazer “a passagem”, o que ocorre por um infarto fulminante.

Paula espírito se dá conta que sua história deve ser psicografada, tarefa com a qual trabalha com sua neta encarnada, servindo de consolo para o filho André saber que a mãe estava bem. Aliás, com a conclusão da psicografia, Paula está livre para retornar ao mundo material, reencarnando como a bebê que sua nora gesta.

Voltando ao escopo deste trabalho, se formos contemplar esta breve análise também pelas escolas literárias, a ratificação de *Romance* é descrita a partir do movimento denominado Romantismo, que rompeu com a tradição arcádica para ser o raiar de vários movimentos dele derivados cujas influências permanecem até os dias atuais (MOISES, 2001; OLIVEIRA, 2000).

Seu início é marcado no início do século XIX e irrompeu novos olhares nos campos científico, filosófico e religioso através do rompimento com uma superioridade externa (ideário hebraico-cristão) e a centralização do homem nos processos sociais, um processo que ainda não se estabeleceu completamente, afirmam Moisés (2001) e Oliveira (2000), o que dificulta uma conceituação fechada, distorcida pelo uso arbitrário do vocábulo, o que implica uma leitura mais ampla em lugar da insistência em uma fórmula que defina o *Romantismo*.

Diz Moisés (2001) que existe uma pluralidade na manifestação *romântica* imbricada ao contexto cultural onde seja observada, que culmina em “[...] processos literários autônomos [...]” (MOISÉS, 2001, p.316), cuja essência é o rompimento com a racionalidade cartesiana e a dedicação à descoberta pelos sentidos que se volta “[...] ao mesmo tempo para o mundo exterior e para as profundezas misteriosas do eu.” (MOISÉS, 2001, p.322).

Moisés (2001) e Miguel (1986) relacionam ainda ao cerne do movimento romântico à saída das classes mais abastadas para ser consumida pelas classes mais baixas, porém a repassar o ideal daquelas, ensinando aos menos favorecidos pelo dinheiro a almejar: “A ficção servia, portanto, de espelho dum (sic) estado de coisas e, simultaneamente, decálogo da sociedade: esta se revia, não exatamente como era, mas como pretendia ser ou aprendia a ser, graças à imagem fornecida pelo escritor.” (MOISÉS, 2001, p.322).

Por sua vez, o escritor se posiciona como ator e espectador de seu drama, cujas sensações são usufruídas quer no conflito interior, quer nas próprias confissões: “Espraia-se na transmissão a um ouvinte que acaba sendo ele próprio encarnado no ‘outro’, levado por um frágil sentimento de superioridade, oriundo da tensão em que se agita.” (MOISÉS, 2001, p.324).

Também aqui vemos as características de “O Leilão”, como quando a Paula D’Aquinson, a protagonista, não basta mais o conteúdo científico adquirido por sua formação e seu conhecimento cultural, ela parte para compreender o seu interior, manifesto pela EQM, sendo o texto repleto de reflexões acerca de si, do que sente, do que percebe, do que pensa.

Ainda alude Moisés (2001) que a leitura da obra romântica é acessível a qualquer leitor que deseje lê-la, despistando qualquer necessidade de ser mais *culto* para compreendê-lo, porém retrata uma vida que saiu do lugar limitado (pelo acidente, pelo espaço físico) para o mundo, várias viagens, relatos não apenas sensoriais mas, que revisitam a história dos povos habitantes ou que habitaram aqueles lugares, revelando uma aquisição de conhecimento *cultural* que a menina Paula reclusa em casa pelo acidente, com um modelo de família tradicional onde o homem cuida do sustento e a mulher da casa, não poderia imaginar que seria possível, ainda que o desejasse pela influência do que lia e do que almejava.

A manifestação da tradição romântica (movimento cultural) está implícita ao processo do ser e do devir de Paula, heroína de si mesma; ainda ilustrado pelas suas aspirações, convicções, ideais, decisões, ações... como vemos em Oliveira (2000) com o herói subvertido em anti-herói que demole obstáculos para alcançar seu objetivo rompendo com a tradição; sem mencionar o leilão. Ora, só sabemos de objetos que vão a leilão, quando estão imbuídos de um valor histórico que reflete no valor financeiro, não é? Prossigamos com a descrição do *Romantismo*.

Em outra obra, Moisés (2002) resume que na manifestação brasileira do movimento romântico, há prevalência do “eu”, da anarquia, do liberalismo, do sentimentalismo, do nacionalismo, sendo o início da reforma realista e naturalista. Estas características ficam evidenciadas na obra de Ierecê Barbosa, como dito acima, além das descrições ardorosas por situações regionais, como quando Ramiro convida Paula para jantar e a leva para um restaurante flutuante ou pelo rompimento da protagonista com a tradição matrimonial, divorciando-se; ou pela contestação dos papéis desempenhados pelos familiares.

Miguel (1986) afirma que o Romantismo foi o movimento mais rebelde e revolucionário entre as escolas literário-artísticas, com ausência de regras e formas prescritas, cuja regra maior é a autoinspiração. Nessa explosão de si e apreço pela sensação, o romantismo adere às metáforas para exprimir o subjetivismo, o idealismo, o lirismo, o individualismo, sendo essa a visão de mundo apresentada: a que parte do autor que idealiza um ponto de chegada melhor que o de partida; ou seja: há o rejeite da *normalidade* para “[...] ir viver a sua verdade pessoal [...]” (OLIVEIRA, 2000, p.99)

Ainda há a idealização feminina: “Ela aparece como figura poderosa, capaz de mudar o próprio destino do artista. [...] supervaloriza a mulher-mãe, a mulher-irmã, a mulher-namorada.” (MIGUEL, 1986, p.113), o que é visto no engrandecimento da personagem central de “O Leilão”, crescimento que é diretamente influenciado pelas outras mulheres da sua vida: a avó que ensinou a ter atitude, a irmã que incentivou o aprendizado da leitura, a mãe que mesmo sem o conhecimento profissional cuidou para atender seus processos de aprendizagem de leitura e escrita, a neta que tem interesse pelos assuntos que são valorizados por Paula.

Podemos citar ainda que como notado através das entrevistas de Ierecê Barbosa referenciadas, que há a projeção do eu artístico no eu lírico, Paula D’Aquinson e Ierecê Barbosa possuem convergências de história de vida (pessoal e profissional).

Necessário esclarecer que dentro do Romantismo há gerações (na poesia) e segmentos (na prosa), além do que nem todos se encaixariam no *romance romântico* que tem suas características próprias, porém que é geralmente a imagem que o senso comum mais absorveu deste gênero literário (MIGUEL, 1986; OLIVEIRA, 2000). Em Ierecê Barbosa, por exemplo, podemos assumir o que diz Oliveira (2000, p.98): “A natureza é [...] cúmplice dos sentimentos do artista, como expressão de seu estado de espírito. Assim, se [...] tudo em redor está hostil, tempestades se avizinham [...]. Se está alegre, o sol brilha [...].”

Esta citação de Oliveira remete à descrição da lua quando Ramiro leva Paula para jantar; à descrição de a tempestade como uma mulher durante a turbulência do avião; a vida doméstica e familiar com seus objetos queridos (os do leilão) associados a dias claros, de sol brilhante, como algumas ilustrações para atestar o caráter da obra “O Leilão” como um *romance*.

Há na obra romântica ainda, o percorrer por diversos conflitos vivenciados por um personagem núcleo que de alguma forma o encaminham para a busca redentora, como prossegue Oliveira (2000, p.98): “Outra característica importante do Romantismo é o misticismo. O gosto pelo sobrenatural e a postura espiritualista foram uma maneira de transcender a angústia, as incertezas de um tempo marcado pelo caos, pelo conflito.” Lemos que Paula D’Aquinson passou pelo divórcio, passou por separações, abandonou a primeira profissão para se dedicar a outra atividade profissional.

A busca por respostas para o episódio da EQM (o leilão) na doutrina espírita de Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec, levando a ponderações sobre temporalidade, fugacidade da vida, desapego material, etc. encontramos em Oliveira (2000, p.99): “Por serem espiritualistas, os românticos não consideravam a morte um fim, mas um início, a libertação do fardo material.”

Outro aspecto é o abraço ao onirismo; a evasão para espaços distantes e misteriosos; resgate da história de um povo estabelecendo uma identidade coletiva (nacionalismo); presença de desesperos e de características de herói (movido por propósitos elevados, que se sente só nestes propósitos, incompreendido) na voz do eu lírico; regeneração pelo amor que valoriza a espiritualidade e a ascensão pelo feminino repleto de virtudes e inatingível (resgate) (OLIVEIRA, 2000).

Em “O Leilão”, a descrição da EQM; as viagens e os objetos delas trazidos; a turbulência no avião; as convicções profissionais e de vida que não eram concebidos pelas pessoas de seu convívio; o encontro com Ramiro; a imagem da mãe mesclada ao anjo barroco, esvoaçante que lhe retira da EQM, são descrições que ratificam estas características *românticas*.

Podemos dizer ainda que, dentro da classificação de Oliveira (2000), “O Leilão” abarca características da prosa romântica nos segmentos da Prosa Social Urbana (cidade como cenário, cotidiano burguês: no modo de vida e no cotidiano urbano da protagonista), Prosa

Regionalista (usos, costumes, paisagens típicas e registro de peculiaridades do falar próprio de um povo: com vários excertos nas memórias de Paula dos lugares que esteve e que visita) e da Prosa Histórica (retratos de um passado histórico brasileiro valorizado: representado em “O Leilão” pelo pai de Paula apegado aos modos e tradições em que foi formado socialmente, considerando sempre superior à sua realidade atual).

Não podemos ignorar que Paula é categórica ao afirmar a influência dos folhetins e revistas cheias de histórias românticas no seu processo de letramento e como a ausência destas literaturas fez o ambiente escolar lhe ser penoso; sobre isso temos em Oliveira (2000, p.134) que: “A maior parte desses romances era publicada em folhetins [...] os romances tinham uma importante função no imaginário popular.” Ora, ao considerar a projeção do eu artístico no eu lírico, como não nos rendermos à influência da formação da própria Ierecê Barbosa que comenta nas entrevistas este mesmo processo na produção de Paula D’Aquinson e do próprio formato e composição de “O Leilão”?

2.2 O Leilão: Análise da Obra

Uma nota de entrada elegemos entregar ao leitor deste trabalho aqui, para que não se surpreenda, de que à moda do Círculo de Eranos de 1933-1988 (FERREIRA; SILVEIRA, 2015; ARAÚJO; BERGMEIER, 2013), buscamos apresentar aquilo que parece-nos potencializar o processo formativo de professores, a partir da compreensão holística, cosmológica do ser integral, como sendo fenômeno integrador para o desenvolvimento pleno do ser e portanto igualmente do profissional, tanto que a abordagem aqui disposta traz o pensamento de alguns de seus membros. Para tanto, apresentaremos um pouco da história da epistemologia onde nos referenciamos, para em seguida adentrarmos à análise em si da obra “O Leilão”.

2.2.1 Sobre a Análise

Esta subseção pretende esclarecer para o leitor que porventura não esteja familiarizado com a epistemologia que utilizamos para análise (Psicologia Analítica), um pouco de seu autor (Carl Gustav Jung) e de alguns de seus conceitos que serão à frente utilizados em uma leitura um pouco mais leve e acessível, onde trazemos esses conceitos nas palavras de Nise da Silveira, sua primeira discípula brasileira.

De acordo com Silveira (1981) é a breve apresentação de Carl Gustav Jung, médico psiquiatra suíço, que teve desde tenra idade convívio com expressões culturais das mais vívidas, fato que o acompanharia por toda sua jornada profissional e de pesquisa.

Não ficando só nos livros, foi ele próprio em busca dos conteúdos que comporiam sua obra, que por profícua que foi, teve intensa participação na comunidade científica e na sociedade europeia, tendo Jung até o fim de sua vida dado contribuições à academia, além da descendência de discípulos em uma (então) nova vertente da Psicologia, que denominou Psicologia Analítica, iniciada com a Psicologia dos Complexos que veremos a gênese mais à frente (SILVEIRA, 1981).

A psicologia analítica é presente até nossos dias sendo utilizada em muitos setores profissionais (como o marketing e os recursos humanos empresariais) e campos de pesquisa (como antropologia, artes, neurolinguística, etc.) mas ainda não plenamente explorada se compararmos por exemplo quantas pessoas – mesmo sem profundidade – conhecem o nome de Freud em relação ao de Jung, ainda que o trabalho deste lhes seja tão comum como quando adquirem um produto e não outro, são admitidos em uma entrevista de emprego ou não.

Voltando a Silveira (1981), nos trabalhos de Jung vemos a forte influência de tantas figuras respeitáveis ainda hoje no mundo acadêmico, de cunho filosófico, social, cultural (como Pitágoras, Heráclito, Platão, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, Dante, Fausto, Goethe, dentre outros). Influenciou e era próximo não apenas dos envolvidos nas ciências humanas, mas também nos nomes que hoje ainda pautam estudos da Física, da Química, das Ciências Naturais e na Medicina.

Nascido em Kesswil em 1875, interessou-se por filosofia, arqueologia, ciências naturais tendo concluído medicina em 1900 pela Universidade de Basileia - cidade que integrava o circuito dos mais importantes centros culturais da Europa à época - onde o próprio Nietzsche deu cursos e Burckhardt tinha cátedra e a medicina era reformada por Carl Gustav Jung, o avô homônimo (suposto filho de Goethe).

O pai de Jung (o neto) era pastor luterano, então não é de estranhar que concepções sobre o incognoscível perscrutassem a mente do menino que cresceu plenamente em convívio com as obras dos ilustres pensadores da época; que via no pai a estagnação daqueles que se abraçam à fé cega sem questioná-la, sendo a mãe a primeira observação de personalidade que Jung notou: diferente quando estava próxima do marido e quando este estava ausente (SILVEIRA, 1981).

Conta Silveira (1981) que a aproximação com Freud veio em 1907 se estendendo até 1912 sendo rompida por divergências na doutrina psicológica. Em 1910 é fundada a Associação Psicanalítica Internacional onde foi o primeiro presidente, mas em 1913 rompe com a psicologia psicanalítica (freudiana) para iniciar a fase mais profícua da psicologia analítica que durou até o fim de sua vida aos 86 anos.

Prossegue Silveira (1981) comentando que Jung era amante da natureza, dado a esportes, serviu na Primeira Grande Guerra e em todo o tempo de suas pesquisas, nunca abandonou as atividades da vida cotidiana, tendo 5 filhos com Emma Jung, sua esposa e colaboradora. Nunca se entregou aos delírios da fama, mas mantinha uma vida centrada que possibilitava os mergulhos no Inconsciente mantendo a estrutura da racionalidade, mesmo quando em alto cargo na Sociedade Médica Internacional de Psicoterapia ou enquanto professor da cadeira de Psiquiatria da Universidade de Zurique.

Suas formulações eram maturadas por muitos anos e atestadas em inúmeros experimentos em diversas situações e contextos que atestassem sua confiabilidade até que se apresentassem como livro, o que o levou a viajar por muitas partes do globo, mergulhando em diversas culturas, na busca das prefigurações históricas das experiências interiores comuns a todos os seres humanos.

Ao tempo de Silveira (1981), o conjunto de obras completas de Jung na edição inglesa contava de 18 volumes além de um sem-fim de seminários mimeografados ainda presentes no Instituto C. G. Jung de Zurique. Esta coleção foi dividida pela editora que o publicou no Brasil e outros de seus escritos foram transformados em livro após sua morte (como *Liber Novus*, que chegou em território brasileiro em 2010, mesmo que houvesse sido concluído em 1930).

Voltando um pouco à sua história, ainda por Silveira (1981), Jung foi convidado, ao formar-se, a ser segundo assistente no hospital Burgholzli de Zurique (dirigido por Bleuler e sendo contemporâneo de Pierre Janet), logo passando a primeiro assistente, defende doutorado em 1902 e em 1905 é o imediato de Eugen Bleuler na direção do hospital e sendo seu colaborador, além de suas pesquisas originais sobre o inconsciente e suas manifestações, período onde se deu conta da existência dos complexos.

Pela experiência das associações, onde uma palavra indutora era dita ao paciente, cronometrado o tempo para a palavra induzida (resposta), anotadas as reações, foi constatada a existência do psiquismo inconsciente, já que esta experiência revelava que as palavras

indutoras atingiam um conteúdo emocional íntimo e oculto, presente no inconsciente, que Jung chamou de “complexos afetivos”, ou seja, a palavra indutora atingia um conteúdo inconsciente de ideias possuidoras de forte carga afetiva: Como quando estamos em qualquer meio e reações saem do *modus* comum do interpelado diante de algum tema, situação, pergunta ou palavra, para ilustrar. Pois bem, a existência dos complexos afetivos evoca algumas outras elaborações compostas por Jung.

Pois bem, o complexo é – como continua a nos explicar Nise da Silveira (1981) – aquilo que nos toma, interferente na vida consciente, nos tira do “bom-tom”, nos exaspera, põe-nos como se diz: “em maus lençóis” de alguma situação desconfortável, até a preencher os nossos sonhos e aplicar-nos comportamentos alterados, de um bater de pé insistente ao chão a morder um lápis, lavar as mãos constantemente em um evoluindo de comportamentos reconhecidamente neuróticos.

O complexo nos desloca da posição de senhores de nós mesmos, pela intensa carga afetiva que nos traz, alia-se a outros elementos afins que compartilham do mesmo afeto, tomando tal carga energética, que se torna um “ímã para todo fenômeno psíquico que ocorra ao alcance de seu campo de atração” (SILVEIRA, 1981, p.30) cuja autonomia está na dependência da totalidade da organização psíquica.

Mas na psicologia junguiana, não assumem caráter patológico, mas sim de conflito, de algo inassimilado, obstáculo para outras possibilidades de realização, podendo vir a se tornar patológicos se consumirem demasiada energia psíquica. Todos nós já ouvimos ou conhecemos a história de alguém que não consegue deixar a mesa desarrumada, ou de quem já não bastando a própria mesa, passa a arrumar as mesas próximas; que pode vir a ter uma explosão afetiva em forma de raiva, nervoso, ansiedade, etc.) se as pessoas não conseguem manter a ordem da qual essa pessoa já se tornou dependente. Assumir o complexo, trazê-lo ao consciente, é o primeiro passo para apropriar-se dele e dar-lhe nova direção, é necessária uma ab-reação, exteriorizar em forma de descarga emocional, “por pra fora”. A forma de ser abreagido é diversa: uma palavra, uma lágrima, uma reação, uma dança...

Bem, ocorre que não há uma variação *ad infinitum* dos complexos, de forma que podem ser agrupados em categorias definidas, que se tornam reconhecíveis já que repousam em bases típicas; a estas bases, explica Nise da Silveira, Jung chamou de Arquétipos: “(...) alicerces da vida psíquica comuns a todos os humanos.”(SILVEIRA, 1981, p.33). Os complexos guardam vínculo com os arquétipos: “(...) ou seja, haveria sempre uma ligação

entre as vivências individuais e as grandes experiências da humanidade” (idem), mas “[...] enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*.” (JUNG, 2000, p.53)

Talvez todos nós já tenhamos nos deparado com o arquétipo mãe de uma forma bem visível: aquela pessoa amorosa, cuidadosa, que sempre está lembrando e cuidando dos que estão próximos, quer tenha filhos, sobrinhos, ou qualquer pessoa que lhe pareça precisar de “uma mãe”, aquela pessoa para quem os outros olham e dizem “Fulana (o) é uma mãe!”

Imaginemos alguém com um forte arquétipo mãe manifesto e que seja mãe e seu filho tenha falecido. Se a carga emocional não for devidamente reordenada, reequilibrada, esta pessoa pode manifestar uma superproteção, um zelo extremado pelos outros filhos ou pelas pessoas a ela vinculadas, vai ficar nervosa com algo que ainda que inconsciente lhe remeta à morte do filho e vai “exagerar” na ação que tenta evitar a mesma situação para outras pessoas que lhe sejam caras.

O confronto com um arquétipo é para o seu agente um momento de afloração do complexo afetivo, onde ele deve decidir a forma como lidar com esta energia psíquica, oportunidade de ação da função transcendente; enquanto que para o paciente pode ser um momento de (re)ativação de outro complexo ou oportunidade para a exercício da individuação, também pela transcendência.

Aqui surgem mais alguns termos da psicologia junguiana que vamos voltar à Nise da Silveira (1981), já que em Vida e Obra de Jung, ela procura apresentar de uma forma mais acessível os elementos objetos da psicologia analítica.

Energia Psíquica é uma unidade de medida psicológica, se assim podemos dizer, nos apropriando do referencial das ciências duras, tem o caráter de intensidade das manifestações psíquicas inconscientes sobre o ser consciente: “é um conceito abstrato de relações de movimento, algo inapreensível, um X, comparável (mas não idêntica) à energia física.” (SILVEIRA, 1981, p.39), a energia psíquica seria a motivadora das ações inconscientes do ser humano, é o não resistir a voltar e checar se trancou a porta, apagou a luz, ou a decisão de apesar das adversidades, superar os obstáculos e continuar em direção ao objetivo. Ou seja: em si, ela não é boa ou má, é movimento.

Ainda que em movimento, ocorre dentro de um sistema – o psiquismo – onde estes movimentos se dirigem a múltiplas manifestações e que, se um investimento não é alimentado, esta energia irá para outro, em uma redistribuição da energia psíquica, o que pode

aflorar em manifestações somáticas; como aquela pessoa que se irrita, mas guarda a mágoa e vive com dor de cabeça, por exemplo, ou a pessoa que arruma e grita no trabalho, porque não tem gerência do próprio lar.

Nise da Silveira (1981) diz que “Todos os fenômenos psíquicos são de natureza energética. Os complexos são nós de energia. [...] os arquétipos são núcleos de energia em estado virtual e que os símbolos são máquinas transformadoras de energia.” (SILVEIRA, 1981, p.41). Vejamos outro trecho de Vida e Obra de Jung (SILVEIRA, 1981, p.41-42) que nos será deveras esclarecedor, notando que a energia psíquica, em Jung, também é chamada de libido, mas com sentido diferenciado do visto em Freud.

A progressão da libido resulta da necessidade vital de adaptação ao meio. Nos seus esforços para responder às exigências exteriores, a libido espalha-se sobre o mundo. Mas quando as possibilidades de que dispõe o indivíduo (dentro de suas peculiaridades, dentro de seu tipo psicológico) não são capazes de corresponder a essas exigências ou os obstáculos que se levantam no seu caminho são demasiado fortes, a energia se detém. Acumula-se, fica estagnada e acaba recuando. A marcha retrograda da libido terá por efeito a reativação de conteúdos do mundo interior. Serão reanimados materiais excluídos do consciente, inibidos no inconsciente, por serem perturbadores dos esforços de adaptação ao mundo exterior. [...] Deste modo adquirem elevação de potencial as pulsões sexuais infantis insatisfeitas, as tendências incompatíveis com a atitude moral consciente do indivíduo, com seus julgamentos racionais ou estéticos. Também, segundo frisa Jung, serão alimentados germens de novas possibilidades de vida que ainda não haviam ganho forças para emergir. Os conteúdos do inconsciente ativados pelo novo afluxo de libido aproximam-se do consciente. O ego poderá então confrontá-los atentamente. A regressão da libido torna-se, assim, uma fase útil no processo de desenvolvimento da personalidade. Desde que os conteúdos do inconsciente sejam confrontados e integrados, dissolvem-se estagnações, removem-se bloqueios e a libido volta a fluir na direção do exterior. Recomeça nova fase de progressão.

Para Jung, ainda na leitura de Nise da Silveira (1981), a estrutura da Psique é composta pelo Consciente (a parte que nos damos conta), pequena em relação ao Inconsciente (a parte submersa que se manifesta sem nos darmos conta), que por sua vez é formada pelo Inconsciente Pessoal e o Inconsciente Coletivo.

No Inconsciente pessoal, como o nome indica, estão as manifestações intrínsecas ao indivíduo, que partem e se relacionam a partir de suas vivências, não chegando ao consciente, também estão os complexos e as qualidades nossas não aprovadas pelo ego, com seu próprio potencial afetivo; enquanto que o Inconsciente Coletivo são as camadas mais profundas da estrutura da psique inconsciente, comum a todos os homens, é o que nos evoca imagens, padrões, perfis com características específicas: a bruxa, a mãe, o herói, o pai, o salvador, o bandido, a princesa... Podendo ter assimilações mais amplas, que derivam ao mito, como o

mito da criação do mundo (comum a todas as culturas, mesmo que divirja na apresentação, possui a mesma estrutura) ou ao símbolo, como o sol representando vida, poder.

“Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral independente de todas as diferenças raciais. [...] [que] partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto.” (SILVEIRA, 1981, p.65) Quando a atitude de um indivíduo ocorre pela identificação com uma consciência moral coletiva e não por suas leis internas, ou seja: ele age não pelos próprios valores e crenças mas pelo temor ao julgamento do meio em que está inserido, é uma manifestação do Inconsciente Coletivo, enquanto que se age por si, é manifestação do Self ao consciente.

Para não nos delongarmos, passemos ao Processo de Individuação, ainda nas palavras de Nise da Silveira (1981) é o desenvolvimento de todo o potencial latente que nasce conosco, que pode ser ou não fomentado pelo indivíduo, quando da consciência que tome sobre. É importante porque “[...] toma em atenta consideração os componentes coletivos da psique humana (conteúdos do inconsciente coletivo), o que desde logo permite esperar que daí resulte melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade.” (SILVEIRA, 1981, p.80)

É o amadurecer, o reconhecer e caminhar, síntese do inconsciente com o consciente, emergindo conhecimentos que levam a tomar decisões que evoluam e/ou progridam o indivíduo. Este processo de circunvolução é a escada para o centro psíquico novo, integrado a que todo indivíduo deve almejar: o Self, o centro da personalidade total. Individuação é completar-se, é assumir todo o seu potencial e decidir como administrá-lo, é tornar-se dono de si.

O processo de individuação requer passos, como despir-se da Persona, a persona por sua vez, são as máscaras sociais que assumimos para lidar com situações diversas de forma a sermos aprovados no contexto em que estejamos inseridos. Quantos casos não sabemos de pessoas que são completamente diferentes em casa e no trabalho, por exemplo? Eis um comum exemplo da Persona. Conhecer este arquétipo é importante porque (SILVEIRA, 1981, p.82)

Se, numa certa medida, a persona representa um sistema útil de defesa, poderá suceder que seja tão excessivamente valorizada a ponto do ego consciente identificar-se com ela. O indivíduo funde-se então aos seus cargos e títulos, ficando reduzido a uma impermeável casca de revestimento. Por dentro não passa de lamentável farrapo, que facilmente será estraçalhado se soprarem lufadas fortes vindas do inconsciente.

Alguns de vocês conseguem lembrar de alguém que não se entenda, por exemplo, estando, mas sendo algo que na verdade ele apenas está? As famosas carteiradas do “você sabe com quem está falando?!” sugerem ser o caso do comentário de Nise da Silveira. Indivíduos que assumem a persona são destruidores de si mesmos. O processo de individuação é a integração dos arquétipos interiores, quanto mais se progride neste processo, mais pleno o indivíduo se sentirá e menos sujeito a virar poeira ante as adversidades do cotidiano. Alguém que assume a Persona foge deste processo, desintegra-se, seca a essência para ser apenas a máscara que se for posta onde não pode representar, cai no vazio da vida sem sentido.

O uso da persona tão reiteradamente às vezes é um sistema de defesa do indivíduo ante o mundo ou ante seu arquétipo Sombra, que abrange todas as coisas que não aceitamos em nós, que reprovamos, das quais queremos distância e que projetamos em outrem e passamos a objetá-lo, pois ele é o reflexo do nosso demônio interior. “Lançar luz sobre os recantos escuros tem como resultado o alargamento da consciência. Já não é o outro quem está sempre errado. Descobrimos que frequentemente ‘a trave’ está em nosso próprio olho.” (SILVEIRA, 1981, p.83). Como no conto de Stevenson que sabiamente Nise da Silveira recorda, Jekyll é a persona, Hyde a sombra. Não sendo de todo ruim, a sombra pode contar aspectos que, em processo de individuação, podem ser qualidades valorosas.

O cuidado com a Sombra é o mesmo que com a Persona: diante do Inconsciente Coletivo, entregar-se sem limites na Sombra Coletiva, como no caso recente que *viralizou*: os brasileiros que expuseram vergonhosamente a moça russa (VEJA, 2018), onde ultrapassando os limites do pessoal, estende-se para a Sombra Coletiva “Veremos então homens civilizados, quando reunidos em massa, portarem-se segundo padrões os mais inferiores. Caírem presas de preconceitos coletivos de discriminações raciais. Fabricarem bodes expiatórios. Tornarem-se ávidos, destrutivos, sanguinários.” (SILVEIRA, 1981, p.85)

Eu imagino que durante esta leitura breve de uma obra tão extensa quanto a psicologia junguiana, vocês leitores estejam situando uma ou outra situação de si ou de outrem. Este é um exercício importante, porque dar-se conta destas percepções é descobrir o potencial de si, é não sofrer com o externo, é superar a si mesmo, é conquistar-se, é um processo emancipatório.

Na análise de “O Leilão”, um arquétipo é notadamente central: o Feminino, que é descrito de forma bem aprofundada pela psicanalista junguiana Clarisa Pínkola Estés, que a

partir dos mitos, dos contos, das figuras que compõem o arquétipo feminino, revela que todos podem beneficiar-se desta manifestação, porque o arquétipo do Feminino é força vital que alimenta todos que se abrem a ele. Algumas obras podem ser citadas neste sentido: Mulheres que correm com os lobos (1994), O Dom da história (1998), O Jardineiro que tinha fé (1996), A Ciranda das mulheres sábias (2007).

A importância de abraçar o feminino não beneficia apenas as mulheres; para Jung, outros arquétipos que temos a integrar ao Self, é a Anima e o Animus. Anima é a representação psíquica da feminilidade inconsciente no homem, composta pela experiência do homem com as mulheres no corredor dos tempos imemoriais, o resíduo destas interações que manifesta-se por mudanças de humor, explosões emocionais e caprichos, o arquétipo do feminino presente em todo homem, aquilo que, na primeira parte da sua vida, ele projetará primeiro para a mãe, depois para os mulheres que permearão seu imaginário e seu desejo, é o confronto que o homem vivencia com a mulher de seu amor, por a mulher real não ser a concretização desta imagem inconsciente; é a manifestação da chamada crise de meia idade na segunda parte da vida do homem (SILVEIRA, 1981, p.88).

Se o princípio feminino no homem (*anima*) for atentamente tomado em consideração e confrontado pelo ego, os fenômenos decorrentes de seus movimentos autônomos dissolvem-se, suas personificações desfazem-se. A anima torna-se uma função psicológica da mais alta importância. Função de relacionamento com o mundo interior, na qualidade de intermediária entre consciente e inconsciente, função de relacionamento com o mundo exterior na qualidade de sentimento conscientemente aceito.

Como não poderia deixar de ser, Animus é a porção psíquica masculina presente na mulher, inconsciente, a teimosia manifesta nas mulheres insistente mesmo ante argumentos lógicos, o confronto ao afetivo, a resposta por ironia que visa o rompimento dos laços afetivos. Da mesma forma que a Anima no homem, é a origem e a manifestação do Animus na mulher. O lado selvagem da mulher que traz sua força em contraponto ao Anima do homem que lhe confere ternura e empatia.

Quando estas forças estão equilibradas no psiquismo, a vida é abundante, a mulher é forte sem ser masculinizada, o homem é afetuoso sem ser afeminado, a plenitude vem pelo equilíbrio. Estes também são arquétipos essenciais na individuação, portanto, no trato consigo mesmo e com outrem (SILVEIRA, 1981, p.90):

O *animus* nos seus aspectos positivos tem funções importantes a realizar. É o mediador entre inconsciente e consciente, papel desempenhado pela *anima* no homem. Se atentamente cuidado e integrado pelo consciente, traz à mulher capacidade de reflexão, de auto-conhecimento, e gosto pelas coisas do espírito.

Nise da Silveira (1981) nos vislumbra o potencial do equilíbrio destas energias masculina e feminina em cada um de nós ao citar o mito grego dos Andróginos, seres que compostos da parte feminina e masculina, eram “ágeis e tão possantes que Zeus chegou a teme-los. Para reduzir-lhes a força dividiu-os em duas metades masculina e feminina.” (SILVEIRA, 1981, p.90)

Ou seja: é o equilíbrio das energias psíquicas que nos torna vigorosos na vida. Cuidar do Feminino é equilibrar nosso psiquismo, é buscar a individuação, é visar a integração do Self, é vivenciar a vida em plenitude sem conflito consigo e com outrem (SILVEIRA, 1981, p.91).

Quando, depois de duras lutas, desfazem-se as personificações da *anima* ou do *animus* ‘o inconsciente muda de aspecto e aparece sob uma forma simbólica nova, representando o self, o núcleo mais interior da psique’. (M. L. von Franz). Surgem então, nos sonhos, as primeiras figurações desse centro profundo. Habitualmente, nos sonhos de mulheres, esse centro revela-se sob a forma de uma figura feminina superior – mulher desconhecida de quem emana autoridade e benevolência, sacerdotisa, deusa mãe ou deusa do amor. Nos sonhos dos homens assume o aspecto do velho sábio, de mago, de mestre espiritual, de filósofo. Essas personificações, sejam as femininas ou as masculinas, são dotadas de grande potencial energético, causando sempre ao sonhador uma impressão duradoura de maravilhamento.

Essa descrição por si só parece tão maravilhosa que pensar-se completo, inteiro, não mais sofrendo com os aspectos próprios da vida mundana, é praticamente o alcance do Nirvana budístico. Jung não vê os indivíduos num dipolo sexual masculino-feminino, conforme diz Polly Young-Eisendrath (2002): Jung está além do que a maioria das teorias psicológicas prescreve sobre sexo em uma visão androcêntrica.

Em Jung, anima e animus não se trata de dividir em homens e mulheres, mas nos diz que “o sexo oposto é um fator formador de projeções. Ele nos convida a ver aspectos de nós mesmos que são negados à consciência (por serem intoleravelmente horríveis ou idealizados) por meio de nossas projeções nos outros.” (YOUNG-EISENDRATH, 2002, p.214) que em termos psicológicos se traduz pela existência dessa subpersonalidade autônoma, dissociada, que se projeta no sexo oposto por um estado de defesa, tal qual o faz a persona, mas aqui, nos protegendo ou nos direcionando àquilo que a nossa vivência idealizou sobre o sexo oposto, mas carregada de potenciais simultaneamente ideais e desvalorizados (YOUNG-EISENDRATH, 2002, p.214).

Muito antes dos teóricos das relações objetais (como Melanie Klein, Ronald Fairbairn ou Wilfred Bion no grupo mais antigo, ou Thomas Ogden, James Grotstein ou Stephen Mitchell entre os contemporâneos) conceberem a personalidade como descentrada em suborganizações autônomas (sic), Jung havia desenvolvido um

modelo dissociativo da personalidade com maior ênfase na cisão da identidade entre o Si-mesmo [self] consciente de género definido e o Outro contra-sexual menos consciente (ou inconsciente).

Com isso, Young-Eisendrath (2002) retira a possibilidade de pensarmos em Jung como um dicotomista biológico do sexo, mas anima e animus como projeções e este é nosso enfoque quanto ao Feminino como arquétipo e as potencialidades que fluem deste centro de energia, como nos coloca Jung, para que vivenciando-o plenamente, alcancemos o ser que podemos ser, tal qual nossa protagonista Paula, com compreensão de si mesmo, que abraça sua história para dela renascer completo.

O Feminino é o arquétipo do acolhimento, da frutificação, onde todos têm seu lugar para desenvolverem-se, considera o coletivo e por isto ele se faz importante na formação de professores, por serem os professores os que podem socialmente contribuir para a sociedade em que desejamos viver. Sobre este ponto trazemos outra citação desta autora (YOUNG-EISENDRATH, 2002, p.220):

Algumas culturas parecem convidar à neurose. Elas valorizam a diversidade e a individualidade, em vez da homogeneidade ou comunidade. O código individual é mais saliente do que o coletivo e as pessoas tendem a confrontar-se com muitos conflitos em torno do que é ideal, verdadeiro e desejável. Este tipo de sociedade – [...] – produz caos social e individualismo hierárquico, mas ela também engendra liberdades individuais e conflito interior. As pessoas são regularmente confrontadas pelas *diferenças* de ideais, desejos e assim por diante, e estas diferenças são validadas pela cultura. Em contraste, outras sociedades valorizam o compartilhamento e a comunidade não-competitiva de um modo que a neurose tem menor probabilidade de se desenvolver. [...] As tradições coletivas fornecem os meios de desenvolvimento ordenado durante o ciclo da vida.

Conseguimos enxergar estes aspectos quando saímos da infância psicológica e assumimos a individuação, quando fazemos uso da função transcendente através do desenvolvimento de processos meta-cognitivos que nos permitem uma autorreflexão que enxerga a si mesmo a partir de diferentes perspectivas, que nem considera apenas o superficial, nem o hiperemocional, mas o espaço onde é possível exercer uma auto-dialética, um estado de espírito que aceita sem dor ou sofrimento seus estados subjetivos, resultando em uma posição no mundo de maior coragem, *insight*, empatia e criatividade, pois está disposta a não entrar em conflito, mas a perceber a plenitude na união dos opostos (YOUNG-EISENDRATH, 2002). O oposto em nós ou o oposto do outro projetado ou real sempre terá a nos ensinar, sempre teremos o que aprender enquanto seres psicológicos e sociais.

O estudo da psicologia analítica propõe que cheguemos a ser quem temos a potencialidade de ser, com essa integração, com a inteireza do autoconhecimento, com a aceitação do fluxo psíquico, assumindo o centro de si, não mais a necessidade de persona

fingir, da sombra solapar, da anima ou do animus desencadear relações conflituosas, toda a energia disposta para sermos quem desejamos ser, como no símbolo talvez preferido de Jung: a mandala, o círculo mágico com o self em seu centro, sendo a fonte máxima de energia psíquica, que impulsiona, nas palavras de Jung que Nise da Silveira cita, a “assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias” (SILVEIRA, 1981, p.92)

A denominação de self não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, liquidação de projeções, assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos, em suma o confronto entre consciente e inconsciente, produz um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincida com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no *self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A consequência será a totalização do ser, sua esferificação (*abrundung*). O indivíduo não estará mais fragmentado interiormente. Não se reduzirá a um pequeno ego crispado dentro de estreitos limites. Seu mundo agora abraça valores mais vastos, absorvidos do imenso patrimônio que a espécie penosamente acumulou nas suas estruturas fundamentais. Prazeres e sofrimentos serão vivenciados num nível mais alto de consciência. O homem torna-se *ele mesmo*, um ser completo, composto de consciente e inconsciente incluindo aspectos claros e escuros, masculinos e femininos, ordenados segundo o plano de base que lhe for peculiar.

Em contraponto, o não diferenciar-se, o fugir da individuação leva ao extremo oposto, causando os estados neuróticos nos seus diversos graus.

Não ousamos imaginar que diante de nossa exposição haja uma conversão à contribuição que o Feminino pode participar na formação de professores, o que não exclui que possamos, a partir do acesso a este conhecimento, agir em equilíbrio com os que porventura se nos opõem, pois o convívio com o oposto sem confronto é a manifestação da visão ampliada, integrada, é maturidade emocional, conforme visto em Função Transcendente (SALMAN, 2002).

Se perdermos este norte, do aceite ao oposto, ao divergente, não estaremos apenas desequilibrando nosso psiquismo, desviando nossa energia psíquica para lugares desnecessários, estaremos também tornando insuportável o convívio em sociedade.

Alguns outros termos e elementos da psicologia analítica serão vistos e estes aprofundados mais adiante, mas creio que expomos suficiente para não entrarmos incautos na análise de “O Leilão” de forma que as contribuições pedagógicas de Irecê Barbosa contidas em sua obra nos permitam enquanto docentes favorecer o espaço do crescimento de si pela Função Transcendente, que é o acordo de paz entre os que divergem, para que todos convivamos juntos e nos desenvolvamos.

2.2.2 Da Obra pela Análise

A obra *O Leilão* foi escrita anterior a março de 2015 (baseado na datação do prefácio), ocorre em Manaus/AM, onde a protagonista Paula D'Aquinson reside, ainda que seja natural de Natal/RN; essa e as demais características que descrevem a personagem estão no capítulo 3/19 do romance. Abrimos esta subseção com uma citação que sintetiza, a nosso ver, as expressões presentes na obra.

Paula D'Aquinson, 52 anos, divorciada. Professora aposentada precocemente dada a frustração com os rumos da docência nas instituições de ensino (“[...] o desencanto com a desvalorização do magistério levou-me a uma aposentadoria precoce.” (BARBOSA, 2015, p.23)), seguiu para uma paixão subjacente, a moda, tornando-se uma comerciante que trabalha com confecções.

Três filhos adultos, dos quais o caçula nasceu na década de 80, são casados e deram à Paula, três netas e três netos, citados nesta ordem, que lhe devolvem as sensações da infância, com a “[...] sensação de que o tempo congelou.” (p.23), mas com a observação atenta do desenvolvimento cognitivo das crianças através da interação com elas, para as quais, inicia a alfabetização científica.

Vinda de uma criação marcada pelos ditames dos modelos sociais estabelecidos através das figuras familiares do pai, da mãe, da relação entre estes e para com os filhos, depois transferido por condicionamento para a figura do marido; comportamento apontado como opressor, proteção que desprotege, vivência cautelosa para manutenção do vínculo, associada à dependência econômica, que gera atraso à autonomia do ser e causa – de acordo com a narração de Paula – uma relação de posse ditada pelo dinheiro mantenedor da casa e da família.

Para a protagonista, esta relação de sujeição social e econômica embota a “[...] capacidade de ser, agir, pensar e caminhar [...]” (p.23) por si só, levando à insegurança interior disfarçada no exterior por seu inverso.

Terceira filha de quatro irmãs, já órfã dos pais, decidiu por volta da meia idade (está inferido na narrativa) a manter alguns dos modelos instituídos por seus pais e traçar novos caminhos a partir da decisão de trilhar sua própria jornada, por vias desconhecidas e incomuns. O rompimento do cordão umbilical emocional rompe com a segurança e a proteção que paradoxalmente não permitem o desenvolvimento da plenitude do ser ao *manter na bolha*

em uma vida que desconhecia incertezas. Porém, essa emancipação tem o ônus do desamparo nas situações inesperadas, mas que abrem a possibilidade do aprendizado e madurez interior. Paula abraça esta escolha.

A concepção de que somos inteiros e nos pertencemos a nós mesmos mas, precisamos nos conquistar, é levantada por Melo (2015), onde este processo não é um *inventar-se* mas um esforço de autodescoberta. Diz: “É a posse do eu fundamental, o irrenunciável que nos caracteriza em nossa singularidade.” (MELO, 2015, p.106) e vai adiante afirmando que há pessoas que *sequestram* a nossa subjetividade a fim de fazer de nós o instrumento de sua própria afirmação, indispondo-nos assim para o outro e para nós mesmos, mas onde a relação permanece pelo medo do desconhecido fora do cativeiro psicoemocional: este cativeiro é o lugar que protege, mesmo sendo desproteção.

Nas palavras de Melo (2015) esta é uma situação de violência velada: o que ocorre silenciosamente, minando a subjetividade, privando de autonomia; o que leva a uma *desertificação* do território dos sonhos, impede a inteireza do ser, agredindo além do que pode ser visto pelos olhos, inibe o crescimento e o desenvolvimento da personalidade; o que aponta para um cercear do equilíbrio da Anima (Feminino) que se manifesta pelos verbos do gestar, conceber, acolher para desenvolver, entre outros que indicam o espaço para plenificação emocional (ESTÉS, 2007, p.16):

Apesar das barreiras, do confinamento, até mesmo das lesões, se alguém se determinar a superar tudo para viver plenamente, a partir daí outros também o farão, e esses outros incluem filhos, companheiros, amigos, colegas de trabalho, desconhecidos, animais e flores. “Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem”. Esse é o principal imperativo da mulher sábia.

Assim, a mulher divorciada, com filhos criados, com netos a quem passa o seu conhecimento, que também passa sua experiência aos outros (o outro passageiro), que já se permitiu a liberdade de buscar e viver aquilo que sente que a plenifica (Função Transcendente), a realiza, incluindo encerrar o caminho de uma profissão e buscar outro; conhecer lugares que anelava conhecer e neles se ampliar; viver outros amores; temer mas persistir em toda esta rota de se conquistar (Indivuação), revela que esta jornada é um processo onde ser sábia e manter-se à procura de novos conhecimentos, espontânea, obstinada, precavida e ousada, mantendo o tradicional e sendo original... pertencem à porção do Feminino que carrega a Grande Mãe; no romance ressaltada além do que se obtém na narrativa, também pelos destaques dados às figuras do filho caçula, da neta, das irmãs mais velhas, dos conselhos da mãe, do rompimento com o masculino cerceador da figura do pai, do

ex marido, do abandono aos amores que não deram certo (inferido pela declaração da desilusão que mora no coração e precisa ser superada).

Voltando à linha descritiva, o romance inicia com seu retorno para casa, após uma temporada em Barcelona, para fins da sua atividade *fashionista* e ao chegar na sua residência, depara-se com um Leilão de seus pertences presentes na sua casa, que desconhecia como teria acontecido. Paula não consegue comunicar-se com os filhos para tentar um conhecimento sobre quem procedera o evento; não consegue explicações das pessoas presentes no local; mas é abordada por uma personagem que desconhece e que lhe aponta a oportunidade de aprender com a surpresa:

“- Circule, olhe ao redor, convoque seus sentimentos e faça-os companheiros nesta ronda, o resultado pode ser surpreendente. Pense retroativamente, comece pela sua própria identidade.” (BARBOSA, 2015, p.20) Esta sugestão em tom de admoestação para lidar com as emoções de raiva e frustração aflorados pelo evento (“[...] estava bloqueada, não conseguia raciocinar, encontrava-me enclausurada num estado de não ser.” (p.18)), trazem algumas descrições que são relevantes na nossa análise: “significados”, “saudades”, “sentidos”, “processo perceptivo”, “movimento do tempo”, relatividade do tempo e do valor dos objetos e das emoções que eles representam, dos quais foram impregnados pelas vivências experienciadas.

Eis uma figura masculina que revela equilíbrio ao Feminino, é aquele que lembra “[...] o que não pode morrer nunca.” (ESTÉS, 1996, p.14), aquele que introduz a semente que se desenvolve no feminino. Clarissa Pínkola Estés ilustra o véu do arquétipo complementar ao Feminino, na figura do tio Zovár, ao qual descreve como aquele que apesar de já ter passado por devastações na vida, acreditava na gentileza, na ternura, tinha fé, protegia por acreditar e por amor à toda manifestação de vida (ESTÉS, 1996) e quem representa a vida se não o Feminino? Ou seja: aquele que equilibra a energia psíquica do Feminino é aquele que permite que ele se desenvolva.

Retornando à nossa protagonista, interessante notar que este rebuliço interno vem após a declaração de uma maturidade conquistada, expressa exteriormente, mas conscientemente incompleta, como descreve durante a observação de susto do passageiro a seu lado, ante a turbulência antes do pouso do avião onde estava (BARBOSA, 2015, p.13-14):

-Você não tem medo?
[...]

- Tenho, mas procuro me vacinar quanto a sentimentos de perda. É necessário adquirir imunidade afetiva, isso minimiza a ansiedade e o sofrimento antecipado, não ficamos presos ao passado e nem nos projetamos para o futuro, vivemos o aqui, o agora. [...] Sabe, aprendi, com minha mãe, que final de tarde não é noite.

[...]

Era noite dentro dele e constatei que ele conseguiu me contaminar com seu medo, potencializando o meu. Eu estava louca para chegar à minha casa, queria abrir e fechar as portas, sentindo a proteção advinda desse ato cotidiano pouco valorizado. As chaves eram mágicas, precisava delas para abrir as portas de meu mundo privado, das malas, do guarda-roupa, do cofre, do carro e do coração, que há muito se encontrava fechado com medo da desilusão.

Poderíamos já marcar aqui já algumas características reflexo da Psicologia, presente na formação da autora e também – somos levados a crer, a partir da narrativa – fruto do aprendizado do Feminino, passado por gerações, como apontado por Estés (2007) sobre o arquétipo da mulher sábia (que integra o arquétipo Feminino, assim como outros arquétipos como a grande mãe, a filha, a bruxa, etc) (ESTÉS, 2007, p.11):

[...] o que significa estar plena de um belo conjunto de paradoxos mantidos em perfeito equilíbrio². [...] É o que acontece com a *grand mère*, a maior das mulheres, a *grande madre*... porque ela é uma sábia em preparação, que mantém unidas as *grandes* e totalmente úteis capacidades aparentemente ilógicas da psique profunda.

Assim, mesmo tendo a consciência da importância da maturidade de como ver os fatos cotidianos aos quais se pode submeter durante a vida, o inesperado do que estava por se deparar, confrontam-se na personagem que estava segura por fora mas insegura por dentro no avião, mas revela a insegurança através da frustração e raiva quando não consegue compreender e reagir ao leilão que nomeia o romance.

A protagonista, tem por hábito em sua narrativa, transpor características antropomocionais a fenômenos e objetos, nos quais vemos as claras alusões ao Feminino, como a chuva: “[...] tal qual mulher fatal, [...] aparição impactante, logo após ter mostrado todo o seu potencial, como se tivesse cansada do estrago feito [...]; tinha horror a (sic) solidão e sempre vinha acompanhada do seu amante vendaval, que tinha pegada, [...] simpatizante do caos.” (p.14).

Na nossa condição de mulher, integrada a vários grupos sociais, podemos notar, assim como provavelmente você leitor(a), que as características descritas ao Feminino e ao Masculino nesta projeção, corresponde à compreensão ocidental das manifestações da energia psíquica própria a mulheres e a homens, o ser humano mediano.

² Grifos por sublinhado, em citações diretas são nosso destaque ao que queremos realçar no conteúdo para nossa pesquisa.

Porém, ao realizar esta projeção quanto aos seus objetos pessoais, aqueles aos quais ela impregnou emoções a partir de suas experiências pessoais e familiares, eis que transbordam termos próprios ao arquétipo Anima (Feminino):

Maneki Neko, o conhecido *gatinho da sorte japonês* que balança a patinha, foi o primeiro objeto reavivador de lembranças, no processo indicado pelo senhor alto que interpelou Paula. Presente de um amigo do marido, chegou a ela à mesma época do nascimento do filho caçula, recebeu o nome de Kiko, indicando uma presença na sua vida em torno de três décadas.

Antigo objeto de desejo da protagonista, ela diz: “Eu sempre pensava, consolando a minha frustração: um dia vou à China ou ao Japão e compro um gatinho desses. Naquela época, eu não conhecia a China, tampouco o Japão, mas o gato veio até mim.” (BARBOSA, 2015, p.25): o desenrolar da chegada de Kiko aponta para o que Jung chama de *Sincronicidade* e que não está no escopo deste trabalho, mas novamente, a depender da narrativa, aponta para aspectos da formação profissional da autora e para a busca da protagonista, alertados no prefácio, como o que foge do objetivo mas se sente com a psique.

Kiko, inanimado que era, “ganhou vida” diante da integração ao dia a dia de Paula: “[...] valorizei sua existência material como parte da minha condição humana. [...] Olhei para Kiko, ele me pareceu triste. Perdeu a humanização que lhe fora outorgada por todos nós, não estava mais suportando a coisificação.” (BARBOSA, 2015, p.26)

É o feminino que permite o ambiente da vida, o emocional, o que enxerga além dos olhos: “As cores quentes do gato chinês davam à sala um tom diferente, que pode ser traduzido por um tom de manhã ensolarada. Sou manhã e posso afirmar que a minha convivência pacífica com o gato asiático e as alegrias das crianças amanheceram minha existência.” (BARBOSA, 2015, p.26).

Arquetipicamente, vemos desde os mitos, que o que remete ao início do dia, sol despontando, raiar, ensolarado, agrega-se ao brotar, surgir, nascer, se manter, viver; seja a semente, seja a criança, é o potencial da vida, é onde o potencial pode materializar-se, crescer, desenvolver. É onde não está quente demais para fatigar, é onde o ocaso ainda não chegou... existe todo um caminho (o dia) a ser percorrido, portanto tudo pode acontecer; evocando ainda determinação, beleza, clareza, ordem, lei, permite ver além, realista, elegante, racional,

empreendedor, distante emocionalmente. Todas as culturas antigas remetem a um deus sol (CAMPBELL, 1990), figuras que guardam o mesmo arquétipo, a mesma ideia primordial.

Um destes deuses, é Apolo, grego, que a psicóloga junguiana Sílvia Marto (2018) registra como o homem que desenvolve uma relação mais fraterna do que amorosa com a parceira, com o desafio de superar o isolamento, que escolhe manter-se separado ou com pouco contato emocional, o par sizígio e separado da lua, seu oposto, é o amor não essencialmente sexual, ainda que seja contribuinte ao desenvolvimento, próprio do Feminino. É o exegeta, o harmonizador das polaridades em prol da cultura e da sabedoria, o realizador do equilíbrio e da harmonia dos desejos a fim da espiritualização crescente e não da supressão das pulsões humanas em direção ao desenvolvimento da consciência e neste sentido, o determinador bem-sucedido de metas a alcançar e nisso hábil, o vaticinador para a tomada da reflexão (dobrar-se para olhar-se por dentro) e daí para a prudência, nas palavras de Brandão (2007), a ponderação, o que chama para o autoconhecimento.

Curiosamente, Paula associa ao filho caçula; o marido lembra do querer da esposa e pede ao amigo, que a presenteia, o que dentro da tradição japonesa relatada na obra, trata-se da representação da consideração do homem japonês ao amigo, o presentear a esposa. Quanto tempo após isso, Paula se divorciaria? Quanto tempo ela ainda preservaria a dominação do masculino em si sobre sua essência feminina sequestrada? O relato sobre Kiko ocupa uma página e meia...

O segundo item é a réplica do Calendário Asteca, conhecido como a Pedra do Sol, cujo deus Sol asteca está gravado em seu centro. A aquisição deste objeto também é feita nos anos oitenta – notemos que há o reforço do símbolo masculino (sol) nesta década – e o tempo de descrição sobre o objeto é igualmente uma página e meia, com muito mais história (analítica, pensamento racional, masculino) e leves impressões emotivas, assim como o sobre o Maneki Neko.

A descrição da composição do Calendário original (feito em rocha) e da réplica em madeira são vastas (porém ambas são referências ao masculino) e Paula resiste até o último instante para adquiri-la, narra: “O preço era exorbitante e resisti até o último dia de viagem, quando resolvi comprar uma réplica de 40cm de diâmetro. Eu já trabalhava e comprei aquela peça com o meu salário.” (BARBOSA, 2015, p.28). Por fim, a maior oferta, que alcançava o valor estimado para Paula sobre a peça lhe cai no mais profundo sentimento de perda, de saudade antecipada que registra o desespero em lágrimas.

Notemos a insistência das referências masculinas e a resistência de Paula, apesar de seu encantamento, ela justifica ao grupo: “Sempre pensei que mais vale um gosto do que o dinheiro no bolso.” (p.28) Parece-nos que a esta altura o impulso da Individualização já move energias em Paula. Mas ainda há a resistência: “[...] durante todos esses anos tenho passado verniz incolor para protege-la. Amo o que tenho e quem ama cuida.” (ibidem) que após trinta anos é considerada ao ver a peça pronta para arremate: “E o valor afetivo, quem avalia?”

Naturalmente, não nos opomos à presença e importância do masculino na mulher, pelo contrário! Ressaltamos o que estabelece Jung sobre ser necessário o equilíbrio, que parece na narrativa atual de Paula ao agregar o valor afetivo à peça, ao que ela representou, à história que carrega, ao que participou dela: “[...] a história é sempre uma representação da realidade, não a realidade. Mesmo assim, ela [a réplica] me encanta pela capacidade humana de registrá-la e ressignificá-la, somos seres produtores e reprodutores de cultura.”(BARBOSA, 2015, p.28).

A terceira peça é um Rebolo, um amolador de facas e outras peças cortantes, adquirida em uma viagem a Gramado, com um namorado (já divorciada) nos anos noventa (notem que como apontamos acima, as impressões dos anos oitenta apontavam para um rompimento), feito artesanalmente. Neste trecho, de forma mais carinhosa, há evocação de flores, da mãe, lembranças que se misturam à liberdade da viagem que, sugerida pelo namorado, alcança a alma feminina que ganha forças em duas páginas e meia. Há extensa referência à descrição emotiva notada pela protagonista (BARBOSA, 2015, p.31):

Tudo chamava a minha atenção, as ruas limpas, as jardineiras floridas, as pessoas alegres, o frio, o cheiro de chocolate, as lojas com suas decorações originais. Eu estava simplesmente feliz, rodeada de flores, muito verde, montanhas, coisas bonitas, ruas bem cuidadas, casas maravilhosas em estilo enxaimel, ornamentadas por araucárias e pinheiros, lojas especializadas em café colonial e foundues. Meu namorado demonstrava contentamento mediante o meu encantamento.

Observem como abunda a descrição de tantos itens que evocam o Feminino com pinceladas do masculino e a companhia de um homem que a permite exercer sua essência, ainda matizada pelo masculino; cedo demais para dizermos se são vestígios, se são últimas amarras. O equilíbrio ainda não se instalou. Ainda não chegamos na mulher que silencia o medo interior para acalmar o medo do outro da turbulência do avião, a que acolhe, a grande mãe.

Reconhecemos o processo acontecendo e no processo, o desconhecido que aparenta ao externo ser ilógico: o reconhecimento do namorado sobre a dificuldade logística sobre o

transporte da peça, por ela ignorado; o questionamento do amigo sobre a utilidade do rebolo à dura resposta de que possuía nenhuma e todas ao mesmo tempo (“Não precisa entender e nem apreciar, quem tem que gostar das minhas coisas sou eu.” (p.32)), que ao pedido de desculpas do amigo pela pergunta, ela responde “Tudo bem – falei, tentando passar indiferença.”(p.32); com a sempre presente justificativa histórica sobre os objetos, neste caso, um que nem ela mesma tinha certeza do seu motivo ali ou por que a incomodaria a pergunta sobre a utilidade do objeto?

O quarto item é uma Boneca Russa, uma matryoshka, afeiçoada de sua neta, onde ela via a identificação da menina com o feminino embutido no conceito da boneca (BARBOSA, 2015, p.33):

Seu nome provém de Matryona, cuja raiz latina “mater” significa “mãe”, um nome real feminino muito popular entre os camponeses russos, simbolizando a matriarca, aquela que abriga toda a família, a avó dando abrigo à filha e à neta e, assim, a família crescia junta e ia reproduzindo a tradição. Há também uma analogia com a fertilidade, fartura e boa sorte.

Dispensa-nos elencar os elementos do Feminino aqui, posto que a narração da protagonista (a escrita da autora), os dispõem de forma tão clara! Vida, Reprodução, Terra, Família... Estés (1998) diz que a resposta para o que é suficiente (de fato) na vida, é como a *Matrióchka*: histórias dentro de histórias, uma evocando a próxima até alcançar o sentido, recheadas das forças maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança: elementos do Feminino.

A compreensão da menininha é lembrada com afeto e afago por Paula, o instinto, a compreensão sensível, emotiva, singela, a percepção de que o feminino não se mutila, mas fica oculto, como na boneca russa: “-São os filhinhos, não é vovó? Essa grande é a mãe. Os braços e as pernas estão escondidos por debaixo das roupas delas.” Talvez a percepção subconsciente da psicóloga Irecê tenha aglutinado o significado dos braços escondidos sob a roupa da grande mãe, com os padrões sociais que tentam manter limitados os movimentos do Feminino, como os membros da boneca.

Paula tinha 45 anos quando foi à Moscou, compara-se à neta que já aos 2 anos conhecia e compreendia a Matrióchka: “Eu permitia e apreciava.[...] A boneca que era a prova viva de minhas vivências e que estava impregnada de passagens interessantes, de momentos únicos [...] Certamente ficariam as lembranças.” (p.34)

Neste momento há um relance de revolta lógico-passional: “Para que eu queria só as lembranças? Eu não era abstrata, eu amava o concreto e havia conservado o meu lado criança. Eu era sensorial, eu gostava de pegar, de arrumar, de cheirar, de pintar as minhas coisas.” (p.34) Onde vemos a emoção conjugada de elementos do feminino e do masculino, além do retorno à infância consciente, amadurecido (lembram que ela havia rompido o cordão umbilical de suas origens anteriormente?), revelando o processo transcendente, o aceite para o equilíbrio de feminino com o masculino.

O último parágrafo da boneca prossegue na revelação das emoções sizíguas: “olhos e expressões obsessivos”; “carências, materiais, afetivas, espirituais”; apego à materialidade de seus objetos: “[...] Meu vazio estava preenchido com minhas carências, um paradoxo que me impedia de abrigar dentro de mim todos os meus pertences.” (p.35)

O quinto objeto era uma panela formada por duas partes côncavas unidas por uma dobradiça que era fechada por ferrolhos laterais, com longo traço histórico pelo Mundo Antigo até ser adquirida por Paula em Portugal, sob o nome de Cataplana.

O relato é curto, porém traz elementos do Feminino mais sedimentados, seguros, estáveis na narrativa, sem explosões emocionais, sem durezas racionais. O receptáculo côncavo que recebe e guarda o bacalhau a ser preparado, unido à cobertura côncava que permite gestar o cozimento do alimento-iguaria. Ora, o côncavo já é representação do Feminino, o que recebe; aqui duplicado com o que fecha temporariamente para gestar, para trazer ao ponto maduro, próprio para consumo; o alimento também trazido pela mãe, representando cuidado e manutenção (CAMPBELL, 1990).

Tenho pensado nos últimos dias sobre uma professora de nossa instituição, muito querida e respeitada, assertiva porém onde o gesto e a palavra são sempre recebidos com carinho. Nunca ouvi qualquer reclamação sobre ela, mesmo em suas admoestações. Eis que notei em suas falas que de forma recorrente ela une as mãos como quem junta metades, desta forma apresentando o formato de cálice, receptáculo, feminino. Talvez de forma inconsciente ela o faça; e de forma subconsciente aqueles que travam contato com ela recebam o gesto que o inconsciente remete ao arquétipo da mãe, da cuidadora, da que permite o germinar e o florescer, mesmo podando os galhos que resultam em um crescimento mais fértil pela melhor condução da seiva.

Voltando à Paula, a cataplana traz este feminino mais maduro, mais cuidador, há a primeira referência ao nome de um companheiro: o namorado Joaquim. Até este momento o único outro nome masculino registrado foi o do filho caçula Bernardo. Um fato curioso a omissão dos nomes àqueles que não estabeleciam a sintonia entre as contrapartes sexuais psíquicas.

Também há determinação mas temperança na fala e na busca de Paula: “Entre no ônibus com um sentimento de frustração, mas não estragaria nossa viagem por causa da cataplana.” (p.37). Então há os encontros dos elementos masculinos e femininos: “puxei meu dinheiro”; “ocasiões especiais”; “peça linda”; “As lembranças [...] era o principal tempero”; “lugar de honra” (o centro da mesa); mais história mas apenas de relance.

Mais da essência feminina dirigem o fechamento do texto sobre a cataplana: a preocupação com os cuidados sobre a peça, que remetem a uma questão muito mais íntima: “Visualizei-me na cataplana. De repente, eu estava nela tal qual ela estava em mim. Eu encontrava-me desordenada, aquele leilão me desconstruía totalmente, mas vendo-me através da cataplana eu estava inteira, a sensação de desamparo parecia ser ilusória.” (p.37-38).

Paula retoma a projeção de si para o objeto inanimado, não como alguém com quem ela participa, mas como a si mesma: recebedora, cuidada, feminina, prestes a estar em mãos outras e desconhecidas (recordem que ao desembarcar do avião, ela menciona o querer superar as dores das decepções amorosas).

Sem delongas, ela transpõe o cômodo (fuga da reflexão, lembremos que a Individuação é um processo contínuo) para a sexta peça: uma máscara veneziana adquirida na virada do milênio, à qual não dedica mais que uma página e meia, da qual a maior parte é história e encerra com “Portanto, há quase duas horas eu agonizava na minha própria casa, pois a compra de cada peça era como uma punhalada em meu peito. Meu limiar de dor sempre foi muito baixo, tudo sempre doeu muito em mim, mas até com a dor a gente se acostuma [...]” (p.41).

O masculino vindo em auxílio do feminino. A retomada da racionalidade. A dor chega ao ápice de suprimir o calor das memórias, transformando-as em notas no rodapé da vida. Na ocasião da aquisição da peça, ainda está com Joaquim. Os netos todos, disputavam a posse da máscara em suas brincadeiras de pega-pega.

Há uma reflexão sobrevoante sobre a evolução moral do tempo e da sociedade: a liberdade oferecida pelo uso das máscaras em Veneza que dava margem a todo tipo de abusos (físicossexuais, moral-religiosos) sob a égide da não-identidade, assim retirando fronteiras sociais; assentida por “[...] a reconstrução histórica de uma época singular da trajetória da cultura de um povo e a edificação do juízo moral dos meus netinhos em dias idos e vividos intensamente.” (p.40), pode apontar para a base da formação de Paula: os valores impostos e salvaguardados pelos seus pais e quiçá uma ponderada sobre suas “transgressões” a esses padrões.

Estés (2014) nos fala sobre como a mulher foi podada para ser a que se adequava aos padrões, assim impondo sobre sua essência a marca da pseudo esteta social estabelecida que tenta infrutiferamente sufocar o arquétipo da mulher selvagem, esta integrante do Feminino, cujas características psíquicas são (ESTÉS, 2014, p.16):

[...] percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. [...] gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem. [...] perseguidas e acoçadas, sendo-lhes falsamente atribuído o fato de serem trapaceiros e vorazes, excessivamente agressivos e de terem menor valor do que seus detratores.

Porém, prossegue Estés (2014), àquelas que não se renderam, ainda que estejam dentro das cintas e restante do vestuário que amordaça, suas naturezas se revelam aqui e ali; são alma faminta que pratica o *canto hondo*, o canto profundo dos que se empenham em regenerar o próprio espírito, deixando de ser apenas um borrão de atividade que gasta seus dias para ser tudo para todos. Este caminho, como já vimos até aqui, foi um percurso já feito pela nossa Paula, a mesma Paula que parece olhar com ponderação para a história que construiu o uso das máscaras.

A sétima peça, um relógio cuco alemão, que Joaquim lhe presenteou. À esta altura, ele não é mais o namorado, ele é aquele lhe deu o cuco “[...] no primeiro ano de nosso relacionamento.” (p.41) Não é mais meramente uma indicação social, é próximo, é íntimo, tem significado e afeição; como o cuco ao qual ela “namorava” (p.42) há tempos, já lhe separando o lugar na sua casa mentalmente. Anotemos que, na narrativa de Irecê Barbosa (2015), visto no começo de nossa análise, a casa material é representação da casa interna, do mundo subjetivo, do lugar íntimo. Joaquim adentrara este espaço juntamente com o cuco.

Nas duas páginas e meia que seguem, o relógio cuco revela um significado de longa data, pois a compleição remonta ao cuco da avó, cuja morte leva o primeiro negrito do texto: “[...] **05 de outubro** [...]” (p.43). A descrição romanesca envolve a infância, as atividades e a personalidade da avó portuguesa, a sombra da mãe ao ritmo da matriarca, juntamente com os seis filhos. Traz emoção, medo, nostalgia, comunhão, desenvolvimento, formação, conluio interior ante a enurese noturna, disciplina, dever, falta, valor e custo.

Com a morte da avó, o cuco foi arrebatado por seu valor econômico, pelo tio que não morava com elas, decisão que ele anunciou durante o velório, a viva voz: “-Vou ficar com esse cuco. Deve dar um bom dinheiro.” (p.44) o que lança o vazio na alma da menina Paula: “[...] após o sepultamento de vovó, o relógio cuco não estava mais na sala. Na parede nua, jazia um enorme prego, que me pareceu mais nu do que a parede. Eu também estava nua de sentimentos [...]” (ibidem).

O cuco da avó foi substituído na casa, com o pai presenteando a mãe, dali a um tempo, com um novo cuco “[...] bem menor. Parecia uma cabaninha de madeira enfeitada com cachos de uvas e pinhas. Era lindinho. O cuco cantava também a cada meia hora, a vida continuava sem a presença marcante da vovó.” (p.44).

A supressão de sentimentos sobre a não presença da avó são transferidos ao novo cuco: “[...] Apesar dessa ausência, eu e meus cinco irmãos continuávamos a esperar o cuco sair, cantar e se recolher. O relógio cuco sempre esteve presente em nossas vidas.” (p.44). A esta altura, já se evidencia que os objetos de valor emotivo a Paula, merecem uma descrição mais lírica, mais viva, com a presença do Feminino pelos arquétipos da grande mãe e da ciranda das mulheres sábias, com a passagem marcada pelo canto do cuco que marca a passagem da vida (ESTÉS, 2007, p.16).

[...] agora vejo com clareza que o “trabalho de amor” da grande avó também se desdobra num nível terreno... ou seja, o imperativo de ter grande prazer, de ter grande diversão, no bom sentido, de examinar... o que pode significar interferir em prol de um melhor resultado; dar legitimidade... o que significa abençoar; ensinar... o que significa mostrar como se faz; abrigar... o que significa falar do espírito e da alma, e nunca simplesmente da mente e do corpo por si sós... e assim cuidar das outras almas de todas as idades que possam passar, mesmo que só por um momento, ao nosso alcance.

Vejamos que a ciranda das mulheres sábias, dita por Estés (2007) é este ciclo onde a grande mãe vai gerando, desenvolvendo, marcando, transmitindo, passando... mas não é composto apenas pela grande mãe, mas por todas as almas que contribuem e que se nutrem, todos participam, pois a menina alimenta a velha, que ensina a mãe, as tias... ser velha neste

panorama é ser rica, é ser a que mais compreendeu, a que mais doou, a que assim se compôs e se recompôs e alimentou a muitos... enquanto a menina guarda a energia potencial, a pureza, a vontade: a velha tem a energia ritmada, a mãe a que aprende até chegar à sucessão como grande mãe, a menina como a perpetuação.

Em Paula, a ciranda pulou uma geração e vimos esta retroalimentação nas descrições sobre os momentos entre ela e a neta e o quê este relacionamento lhe causa, assim como a potencialidade da energia em Isabela (a neta). Este arquétipo é mais sustentável à mulher que o masculino, pois ainda que aquele possa colaborar, a anciã é a que já viveu e portanto já sabe, é a anciã que por ser assustadora, permite à mulher jovem acreditar em si mesma e utilizar seu potencial de aprendizado, aquele que salva sua alma (ESTÉS, 2007).

Clarissa Pínkola Estés (2007, p.20) descreve essa fonte de sabedoria confiável: “[...] uma idosa maravilhosamente excêntrica, ligeiramente irritadiça, arrumada com elegância e/ou desalinho, ousada, forte e bela. [...] Uma mulher que costuma ser perita em sagacidade, cálculos exatos, meios aparentemente mágicos e, sem dúvida, sábias estratégias [...]” que comparamos à descrição da avó de Paula (BARBOSA, 2015, p.42):

Minha avó, Ema, uma portuguesa brava como ela só [...]. Ela era metódica, e o cuco estava relacionado às suas atividades cotidianas [...]. Eu e meus irmãos aprendemos a ser disciplinados e o relógio cuco estava imbricado naquele cenário. Esperávamos apenas o passarinho sair, cantar e se recolher, e então corríamos para fazer o que nos fora determinado por vovó ou mamãe.

A relação de aprendizado é descrita ao ritmo do cuco na severidade disciplinar da avó (a terceira mulher a merecer ter o nome explícito no livro (1ª Paula; 2ª Isabela; 3ª Ema), mas a única com referência em negrito) quando cita acordar, alimentar-se, cuidados pessoais, dormir, observar com admiração e raiva porém escondida (“Admiração por vê-la dona de si, desmontado o relógio, com uma latinha de óleo Singer nas mãos. Raiva, pois eu fazia xixi na cama e ela tinha me prometido uma boa surra se eu continuasse a urinar durante o sono noturno.” (BARBOSA, 2015, p.43)), além do referencial com o cuco: “Ela limpou e lubrificou o relógio todo. Depois o carregou no colo, como quem carrega um tesouro, e se dirigiu à parede.” (ibidem).

Existe habilidade e a anciã/grande mãe, tem a capacidade de possuir o que é rico, ela em si é a detentora e a provedora da abundância, da prosperidade em vários ou todos os aspectos; o que no caso de dona Ema e o cuco, o objeto adquire o significado daquela que o possui e mantém: “O caixão combinava com o relógio cuco” (p.44).

Estés traz a importância desses arquétipos que compõem o Feminino, esta aliança, e explica esta retroalimentação (ESTÉS, 2007, p.20-22):

[...] a dupla da mais nova e da mais velha juntas assume a missão de dar muitas bênçãos necessárias uma à outra para seguir adiante, sair-se bem, ser corajosa e audaz, e levar o tipo de vida na qual as almas são bem-nutridas.

Por que os atributos da mulher sábia são, além disso, tão importantes para as jovens? E por que a sabedoria e a energia das jovens são tão importantes para as mais velhas? Juntas, elas simbolizam dois aspectos essenciais encontrados na psique de cada mulher. Pois a alma de uma mulher é mais velha que o tempo, e seu espírito é eternamente jovem... sendo que a união desses dois compõe o “ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem”.

[...] O espírito é eternamente jovem e, embora cresça em experiência e sabedoria, ele possui a exuberância, a curiosidade e a criatividade desenfreada da juventude.

[...] Essa é uma das provas da existência da alma, a força antiga no interior da psique que “sabe” e age de acordo.

Numa psique equilibrada, essas duas forças, o espírito jovem e a alma velha e sábia, se mantêm num abraço que mutuamente se reforçam.

[...] Uma bênção não faz com que você *ganhe* alguma coisa, mas, na verdade, faz com que você *use* alguma coisa – algo que você já possui –, o dom que nasceu junto com você no dia em que você chegou à Terra. Uma bênção é para que você se lembre totalmente de quem é, e faça bom uso da magnitude que nasceu embutida no seu eu precioso e indomável.

Assim temos que, diante da compreensão junguiana, a ciranda das mulheres sábias, o ciclo da anciã, da mulher jovem, da menina e das outras que possam integrá-lo contribui para reforçar aquilo que já há nelas, preexistente a elas, a ideia primordial: o Feminino. Quando as mulheres se reúnem e se permitem esta ciranda, este aprender, elas se aprofundam, se expandem, se plenificam.

A narrativa de Paula, sua vida, suas “ousadias” integram a contribuição da anciã para a mulher selvagem, desta para a grande mãe que passa seu cetro para a neta. Sobre as “ousadias”, tomemos esta nota interior: “Se necessário for, que nos transformemos em alegres subversivas que estão em constante crescimento, e têm um coração luminoso e calmo. Assim, chega o espírito à superfície do lago.” (ESTÉS, 2007, p.24). A Individuação é um processo contínuo.

O Jogo de Xadrez Peruano onde as peças eram espanhóis *versus* incas é o oitavo item (re)visitado por Paula, comentado por um pai culto que ensinava a seus filhos admirar a peça através da história, o que o tornou lindo aos olhos de Paula, o suficiente para reaparecer apresentando o nono item: o Paleógrafo, o manuscrito que remonta ao processo de letramento dos portugueses aos índios brasileiros, de 1871, confeccionado para as escolas da (então) Província do Pará por Joaquim Pedro Corrêa de Freitas.

É neste momento que o terceiro homem da obra é nomeado: o “papai charmoso”, como Paula o alcunhou, é o historiador Luan, que interpõe sua fala ao da 4ª mulher nomeada na obra: Leina, a proprietária de uma loja de antiguidades; sobre o paleógrafo e seu valor histórico-cultural que reflete no valor financeiro.

O paleógrafo, presente do pai na ocasião da formatura de Paula como professora, trouxe reflexões sobre o processo de alfabetização no decorrer da história, passando pelas irmãs da protagonista, até sua aprendizagem pela cartilha do ABC, seguida pela leitura de gibis, indo para as revistas femininas das irmãs, que lia escondido, antes de ir para a escola aos 7 anos, sabendo ler mas não escrever.

Aqui sobressaem as percepções da professora (Paula ou Ierecê?), reflexão sobre seu próprio processo, a dislexia, a recepção dos professores, o incêndio que lhe causou muitas queimaduras e “um bom tempo” (p.50) para se recuperar, tempo que usou para se debruçar ao processo de aprendizagem da leitura, até a inserção da mãe no processo de escolarização.

Críticas ao processo permeiam as três páginas dedicadas ao paleógrafo, mesclando a própria aprendizagem e as dificuldades experienciadas confrontadas ao reflexo disso no olhar da educadora, registradas as ações dos sujeitos que participaram desta vivência.

O paleógrafo pertencera a seu pai, que tinha zelo extremo pelo objeto: “Meu pai cuidava dele muito bem, vivia trancado em uma das gavetas de sua escrivaninha. Às vezes, ele tirava e mostrava a todos os filhos, falando que aprendeu a ler tendo como recurso didático aquele livro [...]” (BARBOSA, 2015, p.52) e confrontava com as “facilidades” que cria serem vivenciadas pelos filhos à época deles.

Paula atribui a frustração no desenvolvimento profissional (mediante a escolarização) ao processo que ele mesmo elogiava, crente de que a dificuldade formava melhor: “[...] reforçava que o ensino de antigamente que era bom e que nós éramos ‘folgados’. Dizia sempre, muito orgulhoso: - Queria ver vocês aprenderem do jeito que eu aprendi. Talvez ali residisse toda sua frustração, pois ele não avançou muito nos estudos, mas era um poeta nato.” (p.52).

Desta complexidade frente à escolarização que o paleógrafo foi brindado a Paula em sua formação como normalista: “-Use com seus futuros alunos, você será uma excelente professora.” (p.53). As lembranças lhe assomaram “[...] sentimentos de decepção e pena [...] juntamente com uma constatação terrível: meu pai havia parado no tempo.” (p.53).

Notemos que, apesar de uma grande carga emocional dedicada à narrativa deste objeto, ela tem uma força oposta à lembrança da vó. O nome do pai continua sendo velado do texto, as críticas abundam, há uma carga volumosa de energia psíquica direcionada ao que o pai representa, há frustração sobre o que a figura pai se desenhou na sua análise.

Relembrando o já descrito sobre Silveira, Estés e Jung quanto aos arquétipos serem energias psíquicas, nem boas nem más em essência, mas que, o lidar do indivíduo com a contraparte (neste caso, lidar com o masculino – animus – representando pela figura do pai primeiramente e depois pelo marido, com a essência da mulher Paula) podem direcionar-se em um fluxo bloqueador prejudicial para o ser, levamos um pouco mais de cinquenta páginas para que a frustração viesse à tona, esclarecida, declarada.

Notemos ainda que, o masculino que aceita a contraparte como ela se manifesta (Joaquim-Anima) e o masculino que assiste ao processo de desenvolvimento (Luan-ensino), sendo que esse processo é intrínseco à manifestação do arquétipo da mulher sábia, são acolhidos por Paula, mantêm o interesse dela, beneficiam as relações de equilíbrio do complexo arquetípico nela.

Do pai, ainda uma caneta tinteiro que mesmo sendo valiosa, se aglutina à figura do masculino ali indigesta, da profissão desistida, também indigesta (representado no desprezo pela caneta também presente do pai pela formação alcançada por Paula); tal qual o cuco com a avó, depois à mãe. Energias psíquicas potenciais que caminham em desarmonia até então na narrativa da personagem. A nós, pode parecer que o simbolismo contido nos objetos-recursos de aprendizagem pudesse aliar-se à força da mulher sábia, porém, ela confessa (BARBOSA, 2015, p.53):

Nunca fiz uso do Paleógrafo e nem da caneta tinteiro, pois o livro didático, a esferográfica e a lapiseira já estavam incorporados à minha condição humana e profissional. Dois presentes significativos de uma época pretérita, ambos fora do meu tempo presente e que só valorizei no futuro. A caneta? Não sei, é provável que estivesse em algum canto, sendo também leiloada, pois estava bem conservada.

Chegamos ao décimo objeto: Os Tigres de Bengala. Um em forma de totem, vertical, adquirido em Bangladesh no ano de 2010, outro em forma de banquinho estilizado de tigre, adquirido durante a pós-graduação, em Natal/RN.

Estes objetos comungam diretamente com a mulher selvagem, aquela que entra em cena como instinto puro de defesa, autoproteção, autopreservação. Este arquétipo Feminino pode ser representado por diversos animais, segundo Estés (2014), que representam desde

ferocidade até a liberdade, tudo que preserve a essência, o estado de defesa. Pode ser um animal silvestre aparentemente cruel, rebelde, voraz, inatamente perigoso (urso, lobo, coiote, elefante, etc.) ou aparentemente mais suave, *feminino*, como um pássaro, uma borboleta, ou se equiparar a um elemento da natureza (rio, fogueira, raios, etc.), enfim, você vai encontrar a essência da mulher selvagem na natureza sem interferência do homem.

Recordem que no início da obra, a autora, através da protagonista, traça uma analogia entre a tempestade como uma mulher (e suas consequências como as ações desta mulher) e o vendaval como seu amante (com igualmente suas características). Naquele momento, registramos que aquelas descrições correspondem com o que o senso comum dispara sobre as mulheres e sobre os homens que exaltam/acompanham aquelas excentricidades.

Pois bem, em *Mulheres que correm com os lobos*, Clarissa Pínkola Estés (2014) revela em um estudo arquetípico sobre a mulher selvagem, como essa energia psíquica pode ser autodestruidora e também como ela vem à tona desta forma, pela relação com a contraparte igualmente desequilibrada (homem vendaval, predador, carcereiro, etc.). Assim como é apresentado um caminho (*a la* A Jornada do Herói, de Campbell) para que esta energia se equilibre e desvincule do tipo de relação pernicioso que acompanha este desequilíbrio energético.

A mulher selvagem equilibrada, como dissemos anteriormente, é aquela que compreende e exerce o equilíbrio entre dureza necessária e compaixão, por exemplo, e age para a independência da mulher, a leva de volta ao ser alfa matrilinear, podendo ocorrer transitoriamente em algumas etapas da vida da mulher: “[...] essa revitalizante ‘prova da natureza’ ocorre durante a gravidez, durante a amamentação, durante o milagre das mudanças que surgem à medida que se educa um filho, durante os cuidados que dispensamos a um relacionamento amoroso [...]” (ESTÉS, 2014, p.19). Ela surge naturalmente quando precisamos dela e se manifesta de várias formas (ESTÉS, 2014, p.20):

Ela também chega a nós através dos sons; da música que faz vibrar o estérno e que anima o coração! Ela chega com o tambor, o assobio, o chamado e o grito. Ela vem com a palavra escrita e falada. Às vezes uma palavra, uma frase, um poema ou uma história soa tão bem, soa tão perfeitamente que faz com que nos lembremos, pelo menos por um instante, da substância da qual somos feitas e do lugar que é o nosso verdadeiro lar.

[...]

Contudo, são esses vislumbres fugazes, originados tanto da beleza quanto da perda, que nos deixam tão desoladas, tão agitadas, tão ansiosas que acabamos por seguir nossa natureza selvagem. [...] E, quando farejamos seu rastro, é natural que corramos muito para alcançá-la, que nos livremos da mesa de trabalho, dos relacionamentos, que esvaziemos nossa mente, viremos uma nova página,

insistamos numa ruptura, desobedeçamos às regras, paremos o mundo, porque não vamos mais prosseguir sem ela.

Observemos a descrição de Paula sobre seus tigres de bengala e comparemos à luz da citação acima (BARBOSA, 2015, p.55).

Meus tigres de bengala sempre foram **especialíssimos** para mim. **Meu quarto ficava vazio sem eles**. Às vezes, a faxineira resolvia tirá-los de lá e eu não conseguia dormir, pois **ao remover os tigres ela desestabilizava a minha segurança**. Aquelas listras e aqueles olhos formavam um **escudo protetor que davam sentido às minhas noites de insônia**, motivadas pelo acordar repentino [...]
Quando me separei de Joaquim, os tigres pareciam mais ferozes. Em verdade, eu projetava neles a segurança que precisava para reestruturar minha vida e dormir sozinha naquele quarto. Eram os meus guardas noturnos, sempre vigilantes.

Então, o que notamos? O apelo da mulher selvagem para romper um estado de inércia desertificador, como próprio lhe é de guiar aquela mulher que perdeu sua bússola interior; onde mesmo quando “abandonada” pelo referencial masculino, reergue a mulher, é a Força Espiritual, a força da dança (ESTÉS, 2014, p.22).

Sem ela, as mulheres perdem a segurança do apoio da sua alma. Sem ela, elas se esquecem do motivo pelo qual estão aqui; agarram-se às coisas quando seria melhor afastarem-se delas. Sem ela, elas exigem demais, de menos ou nada. Sem ela, elas se calam quando de fato estão ardendo. A Mulher Selvagem é seu instrumento regulador, seu coração [...]

A desvinculação da mulher a este arquétipo pode ocorrer em função de fatores internos ou externos, mas ela sempre pode ser trazida de volta, pois ela é a raiz mais profunda da alma feminina, a mestre interior. É o Feminino Mulher Selvagem que resgata, pois é quem carrega a intuição e o arrebatamento que leva à coesão, a persistência, a aproximação ao que nos integra, que dá espaço ao criativo e ao ensino, é o autodomínio (ESTÉS, 2014).

Coincidentemente ou não, intencionalmente ou não, é ao falar dos tigres (e com isso evocar o *Llamar o tocar a la puerta* (à Mulher Selvagem), como diz Estés (2014), que Ierecê Barbosa encerra o caminho de maturação do Feminino da protagonista Paula D’Aquinson, pelo simbolismo imbricado aos objetos do leilão e desenrola o sentido da trama.

Paula D’Aquinson tivera um infarto durante o pouso de emergência do voo e vivera uma Experiência Quase Morte (EQM). Ao acordar na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) da Clínica Coronariana de Manaus, tal qual a evolução de seu retorno, se desenrolam meditações sobre a experiência do leilão.

Mas ao que nos importa, as concepções emergentes do Feminino a partir do romance, devemos assinalar que o retorno de Paula *do outro lado*, foi marcada por um redemoinho (A

Espiral, capítulo 4) de onde foi retirada pela imagem da sua mãe, ainda que Paula estivesse consciente de que a mãe já falecera; segue um raciocínio sobre o retorno meditando sobre o que houvera sobre “suas coisas” (casa, objetos) para então atrelar-lhes as próprias lembranças. A próxima menção familiar traz o pai, através da mãe, no meditativo sentimento de gratidão quanto ao frugal café da manhã (BARBOSA, 2015, p.60, 64):

Minha mãe sempre dizia que meu pai deveria morar num hospital, pois era onde, segundo ela, se tomava café da manhã antecipadamente [...] minhas lembranças voltavam pouco a pouco, eu era alguém, eu tinha pai, mãe e algumas lembranças.
[...]
Bendito café da manhã, aguado e com torradinhas quase queimadas, mas abençoado pelo sentido que eu dei a ele, reflexo de como eu vislumbrava a minha nova existência.

A insistência sobre o que era de sua propriedade serem ou não ainda de sua posse, vinha associado às lembranças familiares que iam se desenrolando aos poucos, mais lentas que a preocupação sobre os itens do leilão. Os filhos, quando podem enfim visita-la – de acordo com as normas do hospital – são mencionados pelos mais velho, André; o mais novo, Bernardo e Júlio, o filho do meio. Os netos foram lembrados após isso, juntamente com a percepção de que o leilão não havia sido real, ao menos, não no plano material da existência de Paula.

A reflexão sobre o leilão permanece, mas sob outra ponderação, a que abrange significado espiritual e neste cenário, volve a lembrança do “senhor de cabelos grisalhos, vestido de branco”.

O tom da reflexão segue o ritmo de pesar o *ter versus ser*, associado ao julgamento entre valor e significado. Há uma crítica social quanto à inversão destas concepções na sociedade atual, presidida pelo *Eu*.

Mas quem é o Eu? Para Jung (2001) ele é o ego, o complexo de fatos psíquicos já que registra nossas memórias, dando a ideia de existência pela percepção que o ser toma de si a partir do seu entorno, porém esta admissão de existência a partir de fatos externos atrai o conteúdo interno, do qual o indivíduo não se deu conta, o inconsciente; e estes passam a relacionar-se, no “espaço” onde os fluxos de energia se movem até obstruírem alguma “passagem”, manifestando algum desequilíbrio psíquico ou caminham para o equilíbrio (Individuação pela Função Transcendente).

Por ser a parte de nós que “dá-se conta” do que lhe ocorre, é naturalmente valorizado porque é o que conhecemos, torna-se “[...] o centro de nossas atenções e de nossos desejos,

sendo o cerne indispensável da consciência.” (JUNG, 2001, p.03), além de ser naturalmente necessário, já que integra as partes conscientes da psique, mediando nosso conteúdo interior ao que nos acontece no entorno e ainda passando a ser a nossa referência íntima em relação ao inconsciente; porém o processo natural é que ele vá sendo deslocado do centro da atenção a partir da integração do Self, sujeitando a primazia do eu à condição sublimada que considera o todo.

Ao se referir à consciência (advinda através do ego), Jung (2001) passa a distingui-la a partir de suas funções, sendo o *sentimento* uma das funções ectopsíquicas (o que nasce a partir da relação com o ambiente em referência ao que já se tem consciência), realizada por meio dos sentidos. Importa-nos registrar o *sentimento* porque é ele que “[...] nos informa, através de percepções que lhe são inerentes acerca do *valor* das coisas. [...] que a atribuição de valor seja uma função psicológica importante. Se quisermos ter uma visão profundo do mundo, é fundamental que nela consideremos o papel desempenhado pelos valores” (JUNG, 2001, p.5).

Assim, a partir das funções ectopsíquicas (nossas relações com o mundo mediadas pelo que o ego já apreendeu), “[...] a sensação diz que alguma coisa é; o pensamento exprime o que ela é; o sentimento exprime-lhe o valor.” (JUNG, 2001, p.05) mas o referencial Tempo imprime origem e destino, na forma da intuição que “arruma” as coisas que percebemos a partir do que temos acumulado de forma consciente que por sua vez mantém trânsito com o conteúdo inconsciente.

Dito de outra forma, é este processo que nos dá “o faro” sobre acontecimentos, objetos, o que seja; portanto recebemos alguma informação e a destinamos a partir deste “arrumador” chamado intuição, última função ectopsíquica, que não deve ser confundida com o sentimento. A intuição mais se revela quanto maior necessidade temos dela; e para Estés (2014) ela é um dos atributos da mulher selvagem, quando compreendido o selvagem como o Self primitivo (antecessor ao ego), pois ocorre a nível do inconsciente, o que implica sua inativação se não utilizado (JUNG, 2001).

Estas explicações se fazem importantes se consideramos que a evocação da *mulher selvagem* que trouxe a *mãe* e levantou ponderações conscientes sobre o que tem preço e o que tem valor na compreensão de Paula após a EQM, passa por este caminho. E talvez lhe reste resgatar a função inativada *intuição* para compreender o fenômeno do leilão visto pela lente do *religare*, como veremos a seguir.

Mas antes disso, salientemos que Jung (2001) põe estas funções em um diagrama de opostos, onde o Ego regula a energia dispensada a cada função. Se a energia é direcionada ao pensamento, não é para o sentimento; quando direcionada para a intuição, não se direciona para a sensação; posto que estas funções são opostas entre si; porém, podem relacionar-se pensamento-intuição; pensamento-sensação; sentimento-intuição; sentimento-sensação.

A sensação diz o que é enquanto a intuição sabe o que é, inconsciente. O pensamento exprime o que é, mas lhe retira o valor, posto que a função do pensamento é racionalizar. Assim, o valor (sentimento) pode colaborar com a direção (intuição), mas não com a racionalização, pois que são autoexcludentes.

Daqui derivam os 16 Tipos Psicológicos postulados por Jung e ainda hoje em voga e de onde derivam vários testes psicológicos. Esta colaboração terá sua utilidade quando adentrarmos como Paula vai administrar internamente a experiência do leilão.

É Bernardo, o caçula, o primeiro mencionado no livro, que nota as variantes emocionais da mãe, mas é a uma amiga que surge nesta altura do romance, a quem Paula desabafa; sendo aconselhada a buscar explicações onde a espiritualidade não é tabu: na religião.

Mas o tom de Paula ainda reside na racionalização, expressa em seu apego à descrição histórica de objetos, ao rememorar que o anjo que antecedeu as mãos de sua mãe durante a EQM, era uma imitação da obra de Aleijadinho, e não, por exemplo, um símbolo do divino, algo que seria mais facilmente acessível pelo viés da religião, porém, o numinoso tece relação com conteúdos inconscientes; o que nos remete a traçar considerações a respeito.

Ou seja: dentro do diagrama das funções psíquicas reguladas pelo Ego, atestamos que quando Paula alude às sensações experienciadas durante a EQM, ela passa a atribuir valor ao que antes era relegado, porém retorna à segurança do pensamento para associar à sensação, o que anula o valor.

Se recordamos que feminino e masculino são vistas como pólos de energia psíquica complementares, associados a Yin-Yang (JUNG, 2001), se a isso relacionamos os duetos das funções psíquicas, veremos que o tipo psicológico é atraído pelo seu oposto e isto não ocorre arbitrariamente, mas sendo a psique um sistema em fluxo de energia, a canalização deve ocorrer em sentido orientado para não ocorrer problemas como em um sistema tubular da engenharia de fluidos.

Assim, anotemos que Pensamento e Sentimento são funções inferiores, inconscientes, indiferenciadas, voluntárias, enquanto Sensação e Intuição são funções diferenciais, onde livremente nos movimentamos (JUNG, 2001); resta-nos acompanhar para onde Paula tenderá, já que a parte do ego que jaz ao limiar do inconsciente é uma “caixinha de surpresas” de nós para nós mesmos, partes inconscientes da nossa personalidade, sempre em processo de fazer-se no consciente, porém existente no inconsciente. Não adentraremos nas funções endopsíquicas, seara destas facetas, por não vermos como primordiais para compreendermos as concepções emergentes do Feminino neste romance, mas registramos tão somente para que se compreenda que “tudo pode acontecer” agora para Paula.

Como Paula recorrerá à religião na tentativa de compreender o que aconteceu consigo, recorreremos à compreensão desta temática para Jung (1978), que aqui reassume sua postura enquanto cientista dentro da psicologia médica e que a partir desta e não da de filósofo, aborda a religião pela perspectiva empírico-fenomenológica (JUNG, 1978, 08-09):

Embora me tenham chamado frequentemente de filósofo, sou apenas um empírico e, como tal, me mantenho fiel ao ponto de vista fenomenológico. [...] Creio, de fato, que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, porque a “experiência” constitui um processo de assimilação, sem o qual não há compreensão alguma. Daqui se deduz que abordo os fatos psicológicos, não sob um ângulo filosófico, mas de um ponto de vista científico-natural. Na medida em que o fenômeno religioso apresenta um aspecto psicológico muito importante, trato o tema dentro de uma perspectiva exclusivamente empírica: limito-me, portanto, a observar os fenômenos e me abstenho de qualquer abordagem metafísica ou filosófica. Não nego a validade de outras abordagens, mas não posso pretender a uma correta aplicação desses critérios.

[...]

Visto que minhas explanações são de caráter bastante inusitado, não deve pressupor que meus ouvintes estejam suficientemente familiarizados com o critério metodológico do tipo de Psicologia que represento. Trata-se de um ponto de vista exclusivamente científico, isto é, tem como objeto certos fatos e dados da experiência. Em resumo: trata de acontecimentos concretos. Sua verdade é um fato e não uma apreciação. Quando a psicologia se refere, por exemplo ao tema da concepção virginal, só se ocupa da existência de tal idéia (sic), não cuidando de saber se ela é verdadeira ou falsa, em qualquer sentido. A existência psicológica é subjetiva, porquanto uma idéia só pode ocorrer num indivíduo. Mas é objetiva, na medida em que mediante um *consensus gentium* é partilhada por um grupo maior.

Consideramos prudente trazer a explicação de Jung sobre sua abordagem, não porque não a compreendamos na essência do sentido da qual somos capazes de assimilar (visto que a obra de Jung é densa), mas para ratificar que nossa abordagem segue estes elementos, de forma que em suma o conteúdo será assim construído e assim analisado.

Uma vez que a narrativa de Irecê Barbosa em *O Leilão* aproxima uma realidade tão comum ao nosso dia a dia e dada sua formação também na Psicologia, tratamos sua obra

como projeção de conteúdo próprio a ela enquanto indivíduo, fugindo por exemplo, da característica de um conto de fadas, algo sobrecomum à experiência humana atual.

É na temática religião que se evidencia a ligação de Jung com Rudolf Otto (igualmente membro do círculo de Eranos, assim como Mircea Eliade, cremos que este convívio rege o tom de familiaridade entre as obras destes autores), assumindo a concepção de *religere* (o numinoso de Otto (1917 apud JUNG, 1978, p.10):

[...] existência ou efeito dinâmico não causados por ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. [...] esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência.

Dessa forma, a religião para Jung deriva da manifestação de alguma potência estranha ao sujeito que por ela passa, adquirindo ante este, significado, consideração pelo que lhe inspira, o que permite conceber que mesmo um homem sem fé, tenha um temperamento religioso, sem que a isto se vincule uma profissão religiosa ritualística do ponto de compreensão da religião como organização social; assim, a religião é aquilo que dirige uma atitude da consciência de forma particular, pela transformação ocorrida mediante o contato com o numinoso (JUNG, 1978).

Não sendo esse o escopo de nossa investigação, consideramos válido incorporar, uma vez que, esta experiência, de acordo com Jung (1978), pode vir a se tornar marco para uma mudança de valor dogmático ou afetivo; e se há sensação de vergonha é pelo receio da capacidade de subjugação que a experiência possa imprimir, por lhe parecer superior pela condição de desconhecido, principalmente diante da impropriedade da medicina diante de alguns eventos que terminam por adotar este caráter, tal qual a EQM, porém que evidenciam conteúdos separados da consciência por repressão ou inconscientes que não foram incorporados à consciência.

Prossegue Jung que estes conteúdos naturalmente indesejados pelo temor próprio do desconhecido interior, podem irromper quando um grupo de pessoas (JUNG, 1978, p.18-19):

[...] transformam-se em turba desordenada, desencadeando-se os dinamismos profundos do homem coletivo [...]. No seio da massa, o homem desce inconscientemente a um nível moral e intelectual inferior, que sempre existe sob o limiar da consciência, e o inconsciente está sempre pronto para irromper [...]. Mas a partir do momento em que surja uma ligeira variação, como p. ex., (sic) um acontecimento imprevisto e um pouco inusitado, manifestam-se forças instintivas que parecem inteiramente fortuitas, novas e até mesmo estranhas; [...]

É surpreendente a transformação que se opera no caráter de um indivíduo quando nele irrompem as forças coletivas [...], mas nada poderia explodir em nós que já não existisse de antemão.

[...] O mesmo acontece com nosso paciente: é um pensador que pretendia ordenar continuamente o mundo com o poder de seu intelecto e entendimento. Tal ambição conseguiu pelo menos forjar seu destino pessoal. Submeteu tudo à lei inexorável de seu entendimento, mas em alguma parte a natureza se furtou sorrateiramente, vingando-se dele, sob o disfarce de um disparate absolutamente incompreensível [...]. Foi o mais rude golpe desferido contra seus ideais racionais e principalmente contra sua fé no caráter onipotente da vontade humana.

A exemplo do paciente de Jung (1978), cogitamos que ante o episódio da turbulência no voo do início de *O Leilão*, a aflição do passageiro ao lado de Paula e todo o resto que podemos conceber possa haver em um pouso de emergência, pode ter permitido que esta carga inconsciente (ou reprimida) possa ter atravessado o limiar, manifestando-se no leilão vivido durante a EQM.

Notem que não excluimos os efeitos biológicos ocorridos à protagonista, mas aduzimos que esta efervescência de conflito entre as contrapartes sizílgias, como vimos no decorrer da análise dos objetos do leilão, tenha vindo à tona a partir do incidente do voo... tanto que, o retomar da consciência traz a mãe (personagem que transparece submissa ao marido e antes disso aos pais, diferente da avó que era matriarca, *grande mãe, selvagem, anciã sábia*), em seguida o pai associado à gratidão pelo simples, porém de valor, sustância (analogia ao café da manhã frugal porém útil para reestabelecer-se e prova de que *ser* detêm a primazia ante ao *ter*).

O Feminino prevalece neste momento (antes reprimido): a mãe sublimada pela morte, é a aquela que a retira da *espiral*; apesar do *sol* Bernardo, Paula participa a Heliana a experiência do leilão; o pai aparece de forma apaziguada; é retomada a lembrança do homem acolhedor que falou com ela no leilão; o tom racional das descrições históricas (masculino) já não tem o espaço de antes, mas prevalece a busca pelo significado. Além do fato de que os tigres (evocação da mulher selvagem) é o empuxo para a mãe (abrigo, resgate). Mas agora vejamos como Paula “dígere” a experiência da EQM, a partir da religião.

Dois meses se passam com frequência semanal ao Centro Espírita para que enfim Paula tenha coragem de partilhar sua experiência com o médium Alberto, que descreve como “[...] com um brilho encantador, olhava as pessoas com um olhar penetrante, parecia ler a alma de cada um.” (BARBOSA, 2015, p.67) que após ouvi-la, nota seu apego à racionalidade “[...] você é do tipo que se fundamenta na ciência.” (p.70), encaminhando-a a um outro

médium que também é médico e estuda a EQM; além do apego ao *valor simbólico* dos objetos do leilão durante a EQM (BARBOSA, 2015, p.68-69):

A minha percepção sobre a narrativa passa pela questão do desapego. Como você mencionou, sua residência é repleta de objetos que são frutos da cultura e que têm valor de mercado, mas tudo indica que o maior problema reside no valor simbólico. Seus pertences estão impregnados de você e há necessidade, no meu entender, de vivenciar desapego.

Uma semana é o tempo que Paula leva para maturar o diálogo e enfim ligar para o médico Ramiro, indicado pelo médium Alberto.

O capítulo sete, que introduz o personagem Ramiro ao enredo é revelador por alguns aspectos: teremos aqui um entrelaçamento de questões espirituais, emocionais (simbolismo/arquétipos) com explicações científicas para o evento da EQM, além da sincronicidade, também presente na obra de Jung (2005), ainda trazendo elementos do romance romântico para a trama.

Ramiro registra Paula como o 502º relato de EQM que lhe chega, dando-lhe uma breve conceituação histórico-científica sobre o tema, vejamos excertos de Ramiro (BARBOSA, 2015, p.72-75):

[...] são 502 relatos de EQM desde quando iniciei um estudo quali-quantitativo sobre o assunto [...] o que a ciência já explica acerca da experiência vivenciada. Agora o porquê você vivenciou quem vai descobrir é você.

[...]

A EQM ou Experiência de Quase Morte é a nomenclatura dada às experiências relatadas por pessoas que estiveram na zona fronteira entre a vida e a morte, ou seja, várias sensações registradas na memória.

[...]

[pontos convergentes] – São vários: a visão de túnel; uma luz branca intensa; um *flashback* de vida; uma sensação de leveza e paz a se ver separado do próprio corpo inerte; ver parentes já falecidos.

[...]

[...] Platão, no século IV a.C. relatou experiências de quase morte. [...] Em seu livro *A República* [...] o quadro de Hieronymus Boch, pintor holandês, denominado *A ascensão para o Império*. [...] Século XV.

[...] -Você passou por um tumulto aéreo traumático, [...] foi por aí a sua porta de entrada à zona fronteira.

[...] o anjinho barroco [...]. Você teve guias, mensageiros de luz, personificados ou materializados em seu anjinho barroco e em sua mãe já falecida. [...] após ter recuperado o seu corpo físico foi que você deu as mãos ao anjo, [...], você estava descolada de seu corpo físico, o que lhe causou angústia e uma atitude proativa; atirou-se sobre ele para resgatá-lo.

[...] o leilão é o lado original da sua EQM.

Excertos de Paula (BARBOSA, 2015, p.72-76):

Minha natureza integradora me leva a questionar qualquer discurso unilateral, principalmente aquele muito longo.

[...]

São peças significativas para mim. [...] todas fazem sentido e marcam determinadas passagens da minha existência.

[...]

Ramiro era o “papai charmoso”, aquele que explicava o valor histórico das peças leiloadas durante a minha suposta EQM. Meu Deus, eu estava ficando louca, pois tudo aquilo não passava pelo crivo da minha racionalidade. [Ramiro] Era o tal Luan [...].

O final do capítulo traz o romance à narrativa pelas músicas de Raimundo Brilhante, que musicalizou poemas de Irecê Barbosa, incluindo *Verde*, mencionado no capítulo I de nossa pesquisa.

O próximo capítulo (oito) abre cheio de romance romântico, aproximação entre a protagonista e o “papai charmoso”, agora, na vida material, tangível e disposto a contribuir nos esclarecimentos da EQM.

Como em toda a obra, o enredo está sempre recheado de cultura, plena divulgação científica para leigos ou iniciantes em cultura geral. O ambiente é sempre um pretexto utilizado por Irecê para retomar a narrativa racional, explicativa, que é onde manifesta a liberdade da protagonista, como notado por Ramiro enquanto conversavam sobre o *maneki neko*.

Ao ser levada a refletir sobre os elementos presentes na EQM, Ramiro inicia perguntando sobre o gato asiático, ao qual Paula relaciona a boa sorte para dinheiro, sucesso, crescimento financeiro que ela alude ter alcançado mas não usufruir dos frutos, ao que Ramiro a adverte que, em sua própria fala, narra que os objetos são memórias geralmente advindas de viagens, portanto, “gozar a vida” não é um problema para Paula, na visão do médico.

Para tanto, Ramiro propõe que é momento de ressignificar os anseios representados pelo simbolismo que os objetos representam para um aspecto mais íntimo: “Você mantém o equilíbrio necessário para não deixar que seu trabalho tome todo o seu tempo? [...] o autoengano é visível em sua análise. [...] Tente visualizar o gato asiático e pensar em outras possibilidades. [...] O que mais você gostaria de ter nesta vida?” (BARBOSA, 2015, p.85)

Paula compreende: “Você acha que eu posso ressignificar o apelo simbólico do gato asiático, refletindo sobre as minhas reais necessidades como ser humano?” (BARBOSA, 2015, p.85). Nesta estilística, Irecê Barbosa consegue elevar a compreensão e o vocabulário do leitor, apresentando compreensões em diálogos simples que duram mais de uma página às

vezes, para depois fechar a compreensão com o vocabulário das discussões na academia, onde este é um dos muitos trechos presentes na obra, além de trazer o assunto que alude, desenrolando o tema ensejado de uma forma limpa, linear, enxuta mas sem deixar a desejar.

O próximo inquerido por Ramiro é o calendário asteca. A partir da explicação histórica de Paula, o médico parte do aspecto geográfico e religioso do calendário apresentado para a questão transcendente do tempo e as salvaçãoes divinas para os que mereciam: “[...] sabiam que há tempo para tudo. Entendiam a questão da impermanência e cultivavam a transcendentalidade. [...] em todas as épocas os deuses agiram salvando os mercedores das grandes catástrofes naturais. [...] você se encharcou em significados.” (BARBOSA, 2015, p.87), levando Paula a pensar na representação daquele objeto em sua EQM.

Na sequência, a tônica se inverte e é Paula a buscar no médico o significado, já que ao rebolo, ela não tem referência histórica relevante como com outros objetos, como o calendário asteca.

A ponderação de Ramiro discorre duas páginas sobre transitoriedade de elementos que fazem parte da vida, da história (materiais ou não) e que apesar de seus valores no curso do tempo, precisam ser deixados onde pertencem e acompanharmos o que é próprio do tempo presente, valendo para ferramentas e para compreensões e posturas diante da vida, fugindo assim da fossilização do conhecimento e das generalizações, de forma a evitar as intolerâncias.

Acrescenta ao mecanismo do rebolo (manivela para girar a pedra de amolar) o sentido de *processo decisório*, as decisões partem de paradas para reflexão: “Para você decidir sobre algo, se faz necessário refletir sobre a situação e isso significa amolar a ferramenta. [...] analisar, refletir a prática social para poder saber agir em conformidade com aquele contexto.” (BARBOSA, 2015, p.88), somando à compreensão da temporalidade das ideias manifestas socialmente.

O olhar através da lente da religião torna-se mais acentuado a partir da aproximação do médico e da condução que este faz sobre a EQM a partir do ponto de vista do Espiritismo de Allan Kardec, como pode ser notado, para referir conteúdos a partir do simbolismo dos objetos do leilão. Ora, já vimos que o *numinoso* na psicologia analítica refere a expressão arquetípica na religião, de maneira inata, um mergulho irracional em busca de significado; ou

seja: a religião aqui aponta o mesmo percurso que a psicologia analítica, porém em sentido contrário.

Se a religião diz que há conteúdo psicoemocional através do símbolo representado por cada objeto, a psicologia analítica diz que o simbolismo existe como manifestação desse conteúdo, ou seja: o símbolo surge para expressar o conteúdo psíquico, é um canal por onde este conteúdo inconsciente ou subconsciente vem à tona, batendo à porta da consciência para a ela se integrar, tendo o Self (si mesmo) poder de ordenar e equilibrar aparentes confrontos de opostos entre conteúdos conscientes e inconscientes por ser somente ele o transcendente que permite mudar o oposto para torna-lo complemento (JUNG, 1986), em outras palavras: dualidade e complementaridade são expressões diversas de uma mesma coisa (JUNG, 1988).

A proposta das religiões é exatamente tirar o eu (ego) do foco para que este foco (sentido) seja em Deus, o Tao, o Todo (ou com o nome que cada religião expresse), pois para Jung, o processo de integralização do Self, retirando o controle do ego, passando a ver o mundo como coletivo e não pelo individualismo aproxima-se da proposta religiosa que em “O Leilão” se expressa como essa reflexão da vida que se teve, através da revisita ao apreço e significado por trás de cada objeto leiloado, para a vida que se precisa ou se quer ter por ser melhor que aquela de confronto, alcançando a paz por compreender a vida, o que é exatamente o processo de individuação, que para as religiões orientais é o *unir-se ao Todo*, um evento *numinoso* (JUNG, 1988, p.262-263):

O termo ‘si-mesmo’ [arquétipo da totalidade] parece adequado para designar esse pano de fundo inconsciente, cujo expoente na consciência de cada indivíduo é o eu. O eu [ego, centro da consciência] está para ‘si-mesmo’ assim como ‘patients’ está para o ‘agens’, ou como o objeto está para o sujeito, porque as disposições que emanam do si-mesmo, são bastante amplas e, por isso mesmo, superiores ao eu. Da mesma forma que o inconsciente, o si-mesmo é o existente *a priori* do qual provém o eu. Não sou eu que me crio; mas sou eu que aconteço a mim mesmo.

Aprofundando este sentido, diz Jung (1988, p.470):

Mas, para que se tome consciência do processo de individuação, é preciso que a consciência seja confrontada com o inconsciente e se chegue a um equilíbrio dos opostos. Como isto é logicamente impossível, necessita-se de *símbolos* que sirvam para tornar visível a união irracional dos contrários. Estes símbolos são produzidos espontaneamente pelo inconsciente e ampliados pela consciência.

Ou seja: a totalidade, plenitude do ser vem a partir do aceite destes conteúdos consciente e inconsciente, sendo os símbolos afluídos, produção do próprio inconsciente para que seja lido pelo consciente através daquilo que o ego consegue ler, como dito antes, é um *bater à porta*, por sinal, este *llamar o tocar a la puerta*, diz Estés (2014, p.19): “Significa usar palavras para obter a abertura de uma passagem.”, exatamente como nos referimos em

diversos momentos, prossegue Estés explicando que esta passagem mediada pelo arquétipo da mulher selvagem *toca* por uma imagem-lembrança, que aciona nossa natural inclinação para voltar ao Self primordial.

No caso de Paula, os objetos leiloados e a lembrança que eles afloram juntamente com a forma em que ela descreve este conjunto, revelam exatamente o que o inconsciente está emanando, permitindo ao seu consciente fazer uma leitura destes conteúdos a partir do que ela mesma verbaliza sobre os símbolos, ocorrendo a função transcendente a cada tomada de consciência, ou seja: a cada conteúdo psíquico que é assimilado pelo consciente, na experiência numinosa (algo “não real/irracional”, assim chamada porque não é aceita pelo consciente/racional/ego, pois foge-lhe ao controle) ocorrida durante o colapso da consciência do corpo pela falha fisiológica (situação cardíaca) que resulta durante o coma, onde ocorre a experiência da EQM (para a medicina), também chamada no espiritismo como *desdobramento/saída do perispírito do corpo físico*.

Para Jung (1988) o Self é a totalidade psíquica do ser, uma realidade psíquica mais ampla, não podendo ser abrangido por estar além da região do consciente, abarcando também o inconsciente, assim emergindo parcialmente a cada símbolo manifesto (arquétipos). Por esta razão o processo de individuação (integralização do self) nos retira do individualismo e nos integra ao coletivo, por dispor-se além de si, em região psíquica mais extensa, reconhecendo-nos em uma região de encontros de energias psíquicas mais amplo, conectada, que explica por exemplo, a sincronicidade (JUNG, 2005), levando Ferreira e Silveira (2015) a sintetizarem como “[...] o reconhecimento da dimensão pessoal imersa em uma dimensão coletiva muito mais ampla, o que acarreta a formação de uma consciência estendida, oriunda tanto de processos individuais quanto de coletivos.”, sendo o caminho para o *complexio oppositorum* que integra os contrários, onde através dos símbolos, todos os humanos se encontram convertendo o dual em complementar, a iluminação ao estado de Buda.

Ramiro, o médico espírita “papai charmoso” do leilão prossegue alargando as representações do imaginário a partir da concepção construída e atribuída no plano material aos símbolos presentes na EQM de Paula, como elementos presentes em sua vida física (*encarnada*) (note-se aqui o que dissemos sobre o recurso do inconsciente em emergir símbolos que possam ser lidos pelo consciente, através dos significados já assimilados pelo ego para tratar o que vem sendo ignorado e precisa ser integrado nos dois planos consciente e inconsciente), agora sobre a matrioska: “As Matrioskas simbolizam a carga de

responsabilidade das mulheres russas em período pós-guerra, quando elas tiveram que assumir o papel de provedoras e seguiram sozinhas as trilhas dos processos educativos de seus filhos, geralmente numerosos.” (BARBOSA, 2015, p.89).

Observemos o conteúdo sobre o feminino a partir de uma fonte masculina (*anima*), à qual Paula reage com argumentos racionais (atualidade com menor quantidade de filhos, tempo, dedicação...) (argumentos *animus*), ao que o feminino naquele homem pede ao masculino naquela mulher para que “[...] saia desse lugar comum. Procure fugir das evidências, busque o que está em nível subjacente.” (BARBOSA, 2015, p.90).

Consideremos aqui dois trechos, um de Jung (2018, p.84) a Whilhelm (com quem escreveu *A Flor de Ouro*) em uma carta de 1929, quando trabalhavam a edição de um livro que fortalecem esta admoestação de Ramiro a Paula: “É que ‘animus’ é a designação mais apropriada para o ‘espírito’ da mulher que corresponde à ‘anima’ do homem. (A Europa deve considerar filosoficamente a existência da psicologia feminina. A ‘anima’ da mulher poderia ser designada apropriadamente como ‘eros’.)” e outro, uma nota à esta carta específica (JUNG, 2018, p.85):

O *animus* é a personificação de uma natureza masculina no inconsciente da mulher, correspondendo à *anima*, que é a personificação de uma natureza feminina no inconsciente do homem. A verdadeira função do *animus* e da *anima* é fazer a união entre a consciência e o inconsciente coletivo. Num sentido bem amplo correspondem ao aspecto logos e eros da psique.

Aqui nesta citação inclusive, há um paralelo ao pensamento da psicanálise de Freud, para melhor ser compreendido e um comentário sobre as quase três décadas em que Jung se debruça a elaborar estas concepções, incluindo inclusive o pensamento sobre o *Tao* (*Todo, Divino, Caminho...*) como caminho para união dos opostos, do que está separado, por uma via consciente, por isso se diz na filosofia oriental sobre a mudança de compreensão e percepção de mundo ao *unir-se ao Tao*, a *iluminação*, a integralização do Self que aceita as energias psíquicas que passam a se manifestar de forma equilibrada, retira o individualismo e se une ao coletivo, adeus preconceito, adeus dor.

Ramiro está propondo com delicadeza, que Paula considere saciar a sua alma com que esta roga, aceitar em si estes elementos do Feminino fora do padrão social que ela absorveu e implementou em si por tantos anos.

Melo (2015) junta em uma obra várias histórias de mulheres, fruto de seu ouvido dedicado, azeitadas pela poesia que lhe é própria, notamos naquelas narrativas o confronto e a

ousadia pusilânime das mulheres, moldadas pelo padrão que fere e que usam na tentativa de ferir o algar, sofrendo o dobro na atitude, como abelhas que perdem o ferrão do labor.

Mulheres que permitem terem sua subjetividade roubada por homens exacerbados de ego, mulheres que se posicionam contrárias a este tipo de comportamento e sofrem internamente a afronta à sua essência na tentativa de contradizer estes homens em desequilíbrio, mulheres que invejam o masculino e tentam de alguma forma assimilá-lo, sequestrando seu próprio feminino, mulheres que invejam outras mulheres por não aceitarem as “fragilidades próprias de ser mulher”, mas enxergam que é aquela essência que as faz fortes.

Mulheres que condenam outras mulheres e não se solidarizam: um *animus* (disputa) tão desequilibrado que somatiza ao corpo e ao coletivo é tão prejudicial quanto um *anima* rasa, desnutrida, de vitalidade praticamente extinguida que vai se projetar em homens que não amam as mulheres e só as usam (para cozinhar, para se afirmar... como se as existências delas fossem apenas para ficar em função deles, causando raiva naquelas mulheres de *animus* exacerbado... um ciclo muito problemático individual e coletivamente).

Mulheres em contradição, sem autonomia, produto de um organismo social desequilibrado que supõe haver força apenas no masculino. Jung e Olga Fröbre-Kapsteyn nos parece, estavam certos: carecemos dos elementos da complementaridade que a dualidade põe em conflito, tão desenhadas na cultura oriental que temos por oposta, com mulheres que parecem submissas mas, que regem a própria casa e os rendimentos dos *chefes de família*. Aquelas mulheres aparentemente mais frágeis são mais fortes e têm mais poder no exercício da sua feminilidade que as ocidentais suscetíveis? Seja o que seja, o estabelecimento do equilíbrio parece sempre ser o ideal.

Voltando ao *duelo* do texto, vejamos este excerto (BARBOSA, 2015, P.90-91):

- Estou pensando como uma mulher pós-moderna, porém como você bem colocou, de que mulher estamos falando? Daquela bem sucedida financeiramente ou daquela que se deixa humilhar por conta de alguns trocados? Daquela segura emocionalmente ou da insegura que necessita de um dono, de alguém que decida por ela? Daquela que é dona do seu nariz ou daquela que depende e vive oprimida pelo parceiro ou pelas circunstâncias?

-Bom, Paula, muito bom! – Exclamou Ramiro, olhando-me com admiração. Sentindo-me incentivada, continuei:

- Talvez a Matrioska, com suas filhas todas iguais, represente a reprodução social dos papéis no que tange à questão de gênero.

- Como assim? Provocou Ramiro.

- Ainda é significativo o número de meninas que são educadas para reproduzirem as condições sociais de suas mães, pois aprendem o que vivem.

- Temos o outro lado, Paula. Uma geração de órfãos de pais vivos. Disse ele.

- É verdade. Os pais de hoje andam atarefados demais, mas não podemos radicalizar. Há pais ocupadíssimos que conseguem dar a devida atenção aos filhos. Há pais que não são tão ocupados e que não estão preocupados com as suas crianças, tudo é relativo.

- É isso aí. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Qualquer polarização é equivocada, as análises dependem muito do contexto e dos óculos sociais do avaliador – falou Ramiro [...].

Dispensa comentários, neste momento? É implícito ao leitor a partir do que já comentamos? Vamos em frente.

Ao comentar a máscara veneziana, o conteúdo da *persona* de Jung se evidencia: o papel social das máscaras a ocultar o ser que carrega uma intencionalidade: para dar uma impressão reforçada do que queremos que pensem sobre nós, para disfarce para o mal ou para fuga de situações desgastantes e/ou embaraçosas... a máscara em suma tem a função de ocultar o verdadeiro eu, concluem. E Paula insere a questão psicológica mais a fundo: “Ainda hoje usamos nossas máscaras simbólicas, elas escondem nossos medos, inseguranças, angústias existenciais e os nossos pensamentos mais mesquinhos – falei.” (BARBOSA, 2015, p.91).

Ierê trabalha ambos os personagens (masculino e feminino) para trazer reflexões e considerações sobre a questão psicológica: ao ser indagada por Ramiro o porquê de ter comprado a máscara e se estaria usando com ele uma máscara social, Paula aflora a admiração pela máscara e que utilizava uma máscara social para impressioná-lo, ao que Ramiro responde: “Você não precisa fazer isso, Paula. Seja você mesma e garanto que vai agradar mais ainda. Sabe, Santo Agostinho costumava dizer que ‘tudo que não é assumido é redimido’. [...] Todos nós usamos muitas máscaras sociais, mas o autoengano é pior do que enganar os outros.” (BARBOSA, 2015, p.92). Eis a reflexão e a ponderação para prosseguir o processo de amadurecimento da autoformação de seu leitor (a título de nota, Santo Agostinho é um personagem bem presente no Espiritismo).

Neste ponto, o próximo objeto sobre o qual dialogam é a cataplana, precursora da panela de pressão, nas palavras de Paula, que como objeto onde se cozinham alimentos, os quais podem ser pretexto para fraternizar em um “[...] mundo em que as relações são cada vez mais superficiais.” (BARBOSA, 2015, p.93). Mas Paula não estava centrada mais nos objetos do leilão, estava querendo se alongar na companhia de Ramiro, que já pedira a conta do jantar para retornarem. O médico insiste que ela deve ampliar o foco para compreender além da racionalidade. Ela, queria uma máscara veneziana para ocultar o “[...]”

desapontamento em voltar para casa.” (ibidem). O até logo de Ramiro causou-lhe sensação de abandono e a resiliência surgiu na reflexão de que nada é o tempo todo.

Dia seguinte, com um desfile para organizar, novo rebuliço interno: o responsável pelo aluguel do espaço para o evento era outro personagem do leilão da EQM e ela precisava negociar um desconto na locação. A resolução pós diálogo foi de encontro a outra peça do leilão: uma partida de xadrez, ali, imediata! Paula olhou para o relógio, lembrou do relógio cuco da avó e percebeu que reproduzia na vida adulta o comportamento adquirido na infância: ser escrava das badaladas das horas, assim como expôs o gerente do *Mall* sobre ser escravo do tempo para o trabalho.

Paula estática diante destas reflexões, é despertada pela insistência do homem de que “tempo, é dinheiro!” como diz o ditado e se ela o havia desafiado por dinheiro... urgia o tempo da resolução. Mergulharam em um jogo ininterrupto que durou 15min com a vitória de Fabiano Linhares que orgulhoso da vitória sobre uma oponente considerada difícil (ele demorara o triplo de tempo de uma partida comum para ganhar), entregou como troco de sua vaidade de vencedor, finais 20% de desconto, o dobro do que ela pedira, o quádruplo do que ele tinha se disposto a contragosto ao início da reunião. Mesmo perdendo, Paula vencera mas... na condição de uma segunda partida por agendar.

É no mínimo curioso que Paula tivesse encontrando na vida cotidiana, elementos do leilão... mas isso gerara uma reflexão: deveria fazer algo sobre os objetos, o que a levou a pedir a avaliação do paleógrafo para decidir o que fazer dele. O avaliador veio, um jovem que não prendeu Paula pela oferta de R\$1 milhão, mas... por retornar e beijá-la de surpresa. O homem a quem ela não deu trela durante toda a consulta, a fez trancar a empregada para terem uma relação sexual que pareceu ser um retorno de algo que ela não identificou, mas correspondeu. O que seria chocante se fosse verdade. Mas havia sido um sonho. Ela acordou na cadeira de balanço, nem avaliador nem a ligação de Ramiro, pela qual esperava com retoques de salão de beleza.

A morte do irmão caçula assalta-nos ao capítulo onze. Mas o deslocamento até Belém no Pará, trouxe outro personagem do leilão para a vida material de Paula: um dos filhos do “papai charmoso” agora era o passageiro na poltrona ao lado da sua no avião. O medo com a lembrança do voo de Barcelona lhe alcançava, fazendo-a projetar no menino Diego não só as boas impressões sobre um garoto de 13 anos educado e com hábitos de leitura, mas também o medo da turbulência.

Encontra os irmãos no saguão do aeroporto, Laila com 76 anos, esposa de Bueno, que guardava sequelas de um Acidente Vascular Cerebral (AVC); Edilson com 65 anos e uma ponte de safena no coração; se abraçaram com os soluços pela morte de Armando com 51 anos, paciente renal em último estágio.

O espiritismo já se manifestava em Paula: “[...] fiz uma prece e pedi que os seus guias espirituais o conduzisse em sua viagem de volta, pois acredito que estamos aqui só de passagem.” (BARBOSA, 2015, p.109). Armando deixara esposa e filhos, mas a atenção de Paula foi para outro personagem do leilão (o que a recepcionara) ali presente no velório, Cauan. Trocaram cumprimentos suficientes para um velório e a cortesia de procurá-la caso viesse a Manaus, onde morava.

A morte dera oportunidade de Paula exercitar a crença espírita para consolar o irmão que ficara, apesar de embasada no discurso do padre. Valores como desapego e evolução foram ditos. Paralelos com a realidade física também. Chegando à casa de Laila percebe que a irmã desenvolvera um comportamento de acumuladora e Paula decide ser útil o quanto puder até retornar à Manaus, pelo quê ansiava.

Dois dias após o retorno à casa, o antes ansiado contato com Ramiro fez-se. Nada como perder o chão pelos choques da realidade para que passemos de volta ao chão de onde os devaneios nos tiraram. O jantar começou e o primeiro item da noite foi os tigres de bengala do leilão, ainda sem mencionar o encontro com Fabiano, Diego e Cauan. Paula estava silenciosa, assoberbada de trabalho e ainda abalada com o desencarne do irmão.

Nas palavras de Ramiro, o tigre era um animal presente há muito na cultura humana, simbolizando “[...] força, poder, beleza, coragem, independência e liberdade. Um tigre é rápido como uma flecha. [...] devido à sua agressividade pode significar a escuridão. Aquilo que a pessoa esconde a sete chaves, consciente ou inconscientemente.” (BARBOSA, 2015, p.115). Também atrelou à cultura oriental como animal de poder e equilíbrio, assim como o dragão.

Como sempre, Paula busca uma contradição, contornada por Ramiro: “No Feng Shui o dragão simboliza prosperidade e o tigre é perigoso, temido e venerado.” (ibidem) Nossa protagonista ainda se prende à forma ao invés da essência (como veremos adiante em Campbell) e prossegue adicionando a mitologia hindu onde Shiva monta um tigre, enquanto o médico se refere às atribuições dos nascidos sob o signo do Tigre no horóscopo chinês (vale

uma nota aqui que, para Jung e para Campbell, signo e símbolo não são sinônimos (CAMPBELL, 2015)).

O conteúdo foi direcionado à subjetividade dos tigres para Paula, que como de costume, se esquiva para a racionalidade e responde a Ramiro que comprou-os por achar que eram belas peças, ao que o médico faz o papel de terapeuta e pressiona as impressões dela sobre os animais (BARBOSA, 2015, p.116).

- Paula, você é mais mística do que imagina. Por que tais peças e não outras? Por que os de Bengala?

- Não faço a menor ideia. Lembro que quando comprei um deles minha cunhada tropeçou e caiu. Joaquim, que segurava o tigre, largou-o para apoiar a irmã. Fiquei furiosa e ele também, pois disse que eu estava valorizando mais o tigre do que a irmã dele.

-Veja que interessante, sua relação com o tigre de bengala é ancestral. Sua preocupação com ele faz com que eu veja que, inconscientemente, você o tem como sagrado, portanto salvá-lo de qualquer varia era de fundamental importância.

- Não viaje, Ramiro. O tigre foi caro e não queria que fosse danificado, naquela ocasião fui egoísta.

- Discordo. Você é altruísta por natureza. Você pensa veloz como uma flecha que sai do arco de um guerreiro hábil. Você é como um tigre e agiu como tal. Naquele momento deve ter pensado: o que era uma raladilha no joelho, coisa que acontece cotidianamente com as crianças, perto do esfacelamento de um objeto sagrado, como um tigre?

- Nossa! Que imaginação. Estou lisonjeada e absolvida do sentimento de culpa. Perdoe-me mas tenho que rir.

O riso de Paula não é compartilhado com Ramiro, vividamente impressionado com ela a partir da crença espírita: “Você faz parte de um grupo de espíritos que se desloca do corpo e sai em missão especial por aí.” (ibidem). Ele vai além: atribui que Paula já trabalhe espiritualmente em missões mais elevadas sem estar consciente disso e isso tanto é verdade que provavelmente ela reconheceria os personagens presentes no leilão e os encontraria na vida física.

O incômodo foi tal a esta afirmação que Paula decidiu contar que já havia encontrado alguns deles, ele inclusive, mas após a sobremesa. Após o relato, Ramiro se impressiona ainda mais com a EQM dela, tomando por prova de que o *desdobramento do perispírito*, como é dito no espiritismo, era um fato.

O dia seguinte trouxe o avaliador do paleógrafo que curiosamente, era o mesmo do sonho de Paula, porém, os ânimos estavam invertidos: era ela a afoita enquanto ele se reservava. O valor da avaliação também correspondeu ao do sonho, assim como o retorno de Ramon mas, para buscar uma caneta esquecida. Uma ligação com detalhes sobre a movimentação da negociação da obra na internet a deixou ainda mais interessada e se

perguntando por que não houvera a coragem de atender quando ele retornou à porta, para quem sabe, consumir o ato sexual.

O capítulo catorze nos assalta. Ao fim do desfile, a data da segunda partida de xadrez se estabelece e com ela um comentário de Paula: “Vou utilizar um jogo de xadrez peruano e, certamente, será a última vez, pois estou pensando em promover um leilão beneficente de algumas peças e o jogo de xadrez será uma delas.” (BARBOSA, 2015, p.124). Devemos confessar um certo susto e uma certa inércia repentina ao ler isso. Ierecê nos surpreende quando pensamos já ter mergulhado na espinha dorsal da obra.

Neste momento a *projeciologia* já é parte dos interesses de Paula, já está embutida em suas leituras e lá vamos nós a outra aventura de Paula (seu *duplo etérico*) para Burundi, na África, com Ramiro. Uma parte nossa fica ansiosa em saber se ambos lembrarão deste fato de forma consciente e falarão disso, enquanto outra se constrange com a quebra do padrão de linguagem que a obra vinha utilizando até aqui.

O desaparego da protagonista não está apenas nas peças, em um interesse de materializar o leilão, mas também na linha de base de seu comportamento, ainda com um ou outro arranque ao modo anterior, a Paula atual está mais “solta”, menos formal e mais disposta às novas aventuras possíveis a partir do conhecimento que adquiria e as reflexões e conclusões que fazia a partir disso, e por quê não dizer “mais feminina”?

A partir do momento em que Paula permite o movimento do inconsciente ao consciente, e temos em Campbell (2015) que o movimento da energia da vida que integra ao Universo é feminina (*kundalini-shakti*) (para Jung, é a complementaridade entre feminino e masculino no ser), o que nos parece é que esta libertação do *lingam* que se manifesta aflorando este outro lado... de Paula ou de Ierecê? Bem, em termos de psicologia analítica, nós temos a natureza masculina ainda presente (decisões empresariais, por exemplo) enquanto a feminina aflora, em um “ritual de acasalamento” do par divino do ser e este processo é de uma liberação de energia psíquica de tal magnitude que permite ao ser “saltos quânticos” de compreensão da vida, do Universo, onde se torna natural desprender, desapegar, aceitar a mudança, porque se aproxima da integração ao todo, ao inconsciente coletivo.

É impossível não entrevermos neste estudo as luzes que saltam do que o ocidente cunhou de metafísica, do que o círculo de Eranos via e desejou assimilar. Lemos o pentateuco kardecista e compreendermos sua exegese dentro do âmbito em que ela se

manifesta é um nível de consciência. Lermos a mecânica quântica dentro do campo do materialismo científico é um tipo de consciência. Percebermos singularidades entre um, outro e outros conteúdos dispostos nos estudos que já fizemos no decorrer da vida... exige um estado de abstração. Torna-se totalmente compreensível e aceitável admitir que conceituar limita a vocábulos (portanto uma forma) o que não dispomos de vocabulário para utilizar.

Não à toa, linguagens bases que já cultuavam esta compreensão, como os *Vedas*, não podem ser traduzidos literalmente e não possuem o mesmo sentido se for pronunciado sem a impressão de “canto” próprio a algumas línguas orientais; algo que também é visto na leitura do *Qur'ân* (alcorão), que na verdade é uma recitação e para as línguas ocidentais só pode ser *transliterado* e não traduzido. Adicione-se a isso que os *Vedas* derivam do proto-indo-europeu, tido até então como a raiz linguística dos idiomas mais antigos, cuja evidência se acha em palavras comuns ou derivadas destes troncos linguísticos (LOPES, 2013). O que nos leva à pergunta que não cabe a este escopo: Em que momento, como e por que houve esse afastamento visto nas religiões, nas línguas, nas filosofias, na mitologia?

Aqui, apelamos para os estudos antropológicos de Fisher (2006) para ressaltarmos alguns aspectos interessantes que com a ajuda da tecnologia deste século, reafirmam esta união do pensamento no homem “primitivo”, das primeiras sociedades caçadoras-coletoras na África ancestral, onde a mulher tinha igualdade social, sexual e econômica, por serem as mantenedoras de 60 a 80% do provimento alimentar das famílias de então, o que implica uma tradição onde a mulher pertencia naturalmente ao mercado de trabalho. É perfeitamente mais fácil compreender o simbolismo feminino nestes povos como nos relatos de Campbell, se pensarmos a organização social construída com a mulher tendo papel tão relevante!

Segundo Fisher (2006), foi a invenção do arado que retirou esta tradição onde a mulher era participativa e elevou o papel do homem, sendo retomado através da imperiosa necessidade do retorno da mulher ao mercado de trabalho a partir da Revolução Industrial e das Grandes Guerras. Essa reentrada feminina trouxe consigo os demais aspectos inerentes à independência desta mulher através do seu trabalho: ela pode voltar a fazer escolhas de trabalho, de parceiro, etc., mas depois de entre 100.000 a 1.000.000 de anos, está sendo difícil para o pensamento social se readaptar a este fato, tanto no Ocidente quanto no Oriente.

Por sua vez, o mercado de trabalho também teve seu ganho por beneficiar-se das qualidades intrínsecas da biologia feminina, que não podem ser ignoradas ou igualadas com a biologia masculina dada a distinção entre ambas; como a maior capacidade de comunicação

(que é acentuada durante a elevação de estrogênio durante a ovulação); o pensamento “em rede” (que contextualiza e conecta informações fragmentadas) e o olhar âncora (estabelecido durante as comunicações, com capacidade de “criar laços” mais duradouros); cujo reflexo é o elevado número de mulheres em profissões que implicam comunicação (não necessariamente apenas verbal), sendo por exemplo o mercado de escritores estadunidenses composto por mulheres em 54% (FISHER, 2006).

Para esta antropóloga, a sociedade que dará certo no futuro, não apenas a nível de mercado de trabalho, é a sociedade colaborativa que reconhece a importância de valorizarmos os talentos tanto masculinos quanto femininos, onde os casamentos serão “simétricos”, como próprio do antigo espírito humano, afirma Fisher (2006), o que inclusive aponta para relações mais duradouras, pois contribui com a expectativa de vida humana.

O empecilho neste caminho, seria o atual uso genérico prolongado de antidepressivos inibidores seletivos de recaptção de serotonina (ISRS) pois como sabemos, no cérebro tudo se conecta, inclusive e principalmente as relações humanas (delas derivando os demais processos sociais); os ISRS, elevando a quantidade de serotonina, operam em *feedback* negativo do sistema dopaminérgico, inibindo o impulso sexual o que leva à aniquilação do orgasmo, que por sua vez, desencadeia a produção de outros hormônios como oxitocina e vasopressina, contribuintes da geração e manutenção de relações duradouras, diz Fisher (2006), então sem eles... estaremos fadados a esta situação crítica de relações curtas e de atrito.

Neste quesito, voltamos à importância do processo de individuação pela resolução dos complexos, pois indivíduos equilibrados dispensam o uso de fármacos alopáticos alteradores das funções neurológicas que influenciam diretamente no convívio dos seres humanos e no convívio de si consigo, um efeito dominó de impacto se considerarmos as proporções sociais existentes dos conflitos entre os polos masculino e feminino, que em casos máximos explicam situações degradantes e de violências de natureza diversa (como misoginia, misandria, tráfico e exploração sexuais, amputação total ou parcial da genitália, em termos amplos: o ódio ou desprezo pelo desconhecido ou incompreendido, na projeção do complexo sombra coletivo).

Como visto em Fisher (2006), não se trata apenas de uma tradição do “antigo espírito humano que habitava a África ancestral”, trata-se de melhorar a sociedade, convertendo-a para o sistema colaborativo que era próprio aos nossos antepassados, o que coloca a mulher em um reconhecimento de suas próprias habilidades e por elas valorizada, devolvendo-lhe a

posição que tinha no imaginário primitivo para o desenvolvimento do homem e da sociedade, incorporando alinhamento de sentido entre arquétipo e complexo: Mais que uma química cerebral elaborada para manutenção da vida humana no planeta, um reflete no outro o sistema de equilíbrio perdido entre masculino e feminino, *yin-yang*, que também pode ser visto nas entrelinhas de “O Leilão” no processo de individuação da protagonista Paula e também em suas relações de trabalho, além das sociais (autonomia e independência nas expressões social, sexual e econômica).

Retornemos a Paula que também vivenciava experiências e questionamentos fortes, mas na experiência de *desdobramento do duplo etérico* (ou projeção astral, ou sair do corpo e ir a outros lugares em perispírito... Nosso pensamento voa: e se o leilão durante a EQM tivesse sido uma visão remota de um futuro que estava se manifestando no presente? Este é um pensamento possível se exponenciarmos a aplicação da teoria da relatividade de Einstein, pois nela, tempo e espaço são apenas referenciais do observador, não existem se vistos de um plano maior).

Aspectos semelhantes e aspectos diferentes do corpo encarnado nesta projeção eram questionados silenciosamente pela nossa protagonista, fisiologias, sensações táteis, diálogo entre este *plano espiritual* com o plano material... Nossa afeição a Paula se reforça, ela é nosso reflexo, o reflexo de todos que aceitam o risco de pensar além da caixa, dentro da caixa do pensamento ocidental somos o gato de Schrödinger: nem morto, nem vivo. Fora da caixa temos uma chance de saber como estamos.

Paula encontra um primo cego no *desdobramento*, ali Gilmar não era cego como o era no plano material. Acorda com o apelo fisiológico do corpo físico, sem entender se era um sonho, um desdobramento, os dois em um e se havia sido vista por um enfermeiro do *plano astral* ou “vivinho da silva”.

O Maneki Neko (1), o calendário asteca (2), o reboleiro (3), a Matrioska (4), a máscara veneziana (5), a cataplana (6): um jantar. Os tigres de bengala (7), outro jantar. Ambos com Ramiro, o médico espírita, presente no leilão como o “papai charmoso”, que ali era pai do menino Diego, que Paula conheceu no voo ao velório do irmão. Fábio Linhares, gerente do *Mall* do desfile de moda, estava no leilão e mantinha o interesse no jogo de xadrez, com o qual ela vai ter outra partida utilizando o próprio jogo de xadrez (8) leiloado na EQM. Encontrar o senhor que a recepcionou no leilão, como amigo da família do irmão caçula, Cauan. As badaladas do relógio cuco (9) em uma tarde em casa, que levaram a lembrar do

relógio da avó. Dispor à venda do paleógrafo (10) com um jovem que antes de conhecer, viu em sonho e até se relacionou sexualmente, Ramon, mas que não estava no leilão.

Após meditar sobre seis objetos do leilão, oitavo e nono surgem, trazendo outras pessoas, juntamente com a experiência física da passagem do plano material para o espiritual (morte do irmão) e digressões projetam outras situações do plano imaterial. Um sétimo objeto é mais demorado e menos discutido, mas um décimo já é vendido e a consideração de um leilão com fins de benemerência e caridade, exercício de desapego e espaço para manifestação do feminino. A narrativa aponta para o que foi proposto no pensamento junguiano. Resta cinco capítulos a ver como Irecê nos surpreenderá.

E lá ela nos surpreende mesmo no capítulo quinze, reunindo em um jantar todos estes personagens e a presença de Ramon é explicada: um de seus sobrinhos é o menino Diego, do voo a Belém; seu irmão é o outro garoto também do leilão, irmãos lá e aqui, encontrando o “papai charmoso” que sem conhecê-los neste plano, logo lhes dá um sorriso enternecido. Paula logo imagina se será de outra vida, uma passada. E ela é a única mulher presente, nota que ela mesma se dá.

O diálogo sobre o estabelecimento do leilão – no *plano físico* – logo se estabelece, com papéis definidos para cada um, ou seja: os objetos e as pessoas do leilão da EQM, construindo o equivalente leilão no *plano material*. Com direito aos lucros serem pensados para o centro espírita de Alberto (onde Paula foi buscar conhecimento que explicasse a experiência vivida durante o coma) e para Burundi, ao que Cauan já participara de uma caravana para atender a região no ano anterior, adivinhem! Como enfermeiro! O enfermeiro do sonho/desdobramento de nossa protagonista (teria o sonho sido uma experiência de visão remota do passado, agora?).

Capítulo dezesseis: O leilão acontece mas neste, diferente do anterior, Paula havia consentido. Todos estavam satisfeitos com seus papéis e os resultados obtidos. Novas surpresas: Finalizado o leilão, dia seguinte, Paula foi ao Centro Espírita procurar Alberto para agradecer, mas... Alberto era um enfermeiro instrumentista que morrera há quinze anos e agora era mentor espiritual do Centro, presente em *reuniões mediúnicas* (onde alguém, chamado *médium*, serve de canal de comunicação entre o *desencarnado* e os presentes.

Cauan, na verdade era Santoro, falecido há cinco anos, como descobriu pelo contato com suas irmãs por telefone ao não encontra-lo no telefone dado. Fabiano, havia sido o

construtor do *shopping* e o dia do desconto para o desfile, era seu aniversário. Seu filho, também Fabiano, estava muito bêbado no dia para receber os clientes e explicou que o pai houvera tratado de ambas as negociações: do desfile e do leilão. Que quando Paula estivera lá, falou *sozinha* segundo a secretária ao que Fabiano, o filho, atribuiu ser a materialização de seu pai falecido há três anos. Mas que ele assumiria os acordos de igual forma.

Com Ramiro não foi diferente. Ao chegar onde era seu consultório, Paula se depara com uma parede de homenagens póstumas, cujo último quadro era Ramiro, cirurgião, nascido no ano de 1932 e falecido em 2003. Paula tomou um táxi, estava muito abalada para dirigir. Sem noção sobre o que era de fato a realidade. Chegando em casa, interrogou a empregada sobre o jantar: só participaram Ramon e os sobrinhos.

Neste momento, Ierecê argui novamente em termos da dinamicidade da ciência, do caráter transitório dos seus postulados que são substituídos por quebras de paradigmas que ocorrem a partir do próprio fluxo do desenvolvimento do conhecimento, para nos fazer meditar sobre as possibilidades ainda desconhecidas e que assim, não poderemos simplesmente ignorar o que (ainda) não foi comprovado ou descoberto: “Constatee que eu padecia diante das coisas que eu não conseguia compreender, entretanto eu sabia que a vida estava longe de ser linear e que o incompreensível fazia parte dela.” Diz Paula (BARBOSA, 2015, p.144).

Ramon chega à casa de Paula para agradecer e é um alívio, mas uma dúvida: seria ele realmente “vivo”? Um diálogo de desabafo e dúvida ocorre após um beliscão para atestar se ele era tão vivo quanto ela, ali. O conforto foi para ambos, pois se para Paula acalmava-lhe o coração saber que alguém além dela vira os demais (os sobrinhos também viram), para Ramon foi revigorante saber que suas impressões sobre a vida, mesmo não sendo da crença espírita, eram reais e que a vida era muito mais do que o estabelecido pelo paradigma materialista vigente (BARBOSA, 2015, p.146).

- Eles estiveram aqui, conversaram, comeram, brincaram, eu joguei xadrez com Fabiano, deixei que ele ganhasse, como posso aceitar tudo isso?
- Simples, é só não analisar pela lógica convencional. Eles se materializaram. Tinham uma missão a cumprir. São espíritos missionários. A ciência reconhece hoje que as múltiplas possibilidades estão aí, falta explorá-las, ir além dos limites que nos foram impostos tanto cognitivamente quanto espiritualmente. Temos agora, eu e você, novas informações e, portanto, novos desafios. Talvez não sejamos aqueles que revelarão ao mundo que as experiências de EQM são fatos, que existem espíritos entre nós, que podemos viver experiências em outros planos espirituais e que as explicações para o novo não são obtidas isoladamente. O dia em que ciência, fé e filosofia jogarem no mesmo time a humanidade terá várias respostas às perguntas que têm atravessado os séculos e que continuam no mesmo status. É

preciso fazer a roda da vida girar e para isso precisamos avançar cada vez mais em nosso processo evolutivo.

A fala de Ramon faz Paula revisitar a memória: corpos não tem a idade dos espíritos que os *vestem*. Ela já tinha visto crianças com consciência sobre o outro que lhe revelava uma elevação de valores, agora via um jovem que “falava como velho”; e reconhece que ao observar eventos desta natureza anteriormente, se deixava limitar às bases científicas que tinha, aliás, a Irecê com formação em psicologia se revela na Paula ex professora e atual designer, eis o trecho que reforça nossa inferência sobre a protagonista ter aspectos projetivos da autora: “As minhas cercas psicológicas, à época, estavam bem fincadas e embotaram minha percepção, impedindo que eu direcionasse o olhar para outras possibilidades.” (BARBOSA, 2015, p.147).

Bem, se houve limitação na Irecê-Paula pelas concepções abraçadas da psicologia... a nós, como comentamos anteriormente, nos causa impressões que o que foi debatido no Círculo de Eranos não chegou em sua totalidade ao que foi dado a conhecer no mundo científico onde seus participantes publicaram. Mas este é um aspecto para um outro percurso. Aqui, abordamos a questão religiosa por sugestão da nossa banca de qualificação e reconhecemos que ela permeia a obra e vai se espargindo mais e mais no decorrer dos capítulos.

O que, na consideração dos processos formativos de professores, nos remete à Otto e sua concepção sobre a religião como *religare*, como mencionamos em outra parte. Assim sendo, a relevância de qualquer religião/religião filosófica para o processo do ser, cabe desde que contributivo e não como cerceador. Acreditamos que tal qual a ciência deva se manter ciente ao fluxo dinâmico que deve lhe ser próprio, assim o pensamento humano deve considerar o que mais lhe agrega a fim do que cada pensador ou corrente de pensamento compreende/compreendeu como o modo de plenificação.

É senso comum que há uma inclinação do ser a se sentir saciado, feliz, realizado. Alguns buscam soluções momentâneas, outros buscam alternativas para a vida (as chamadas “filosofias de vida”) isso, nem ciência nem religião podem negar. Porém vieses são optados para explicar esta inerência por uma, por outra, por outras.

Na nossa experiência humana, a busca por respostas já nos fez percorrer uma ampla gama de caminhos filosóficos, religiosos, sempre mantendo a paixão pela ciência que nos

impregnava de um olhar de esquadrinhamento de cada evento a que espontaneamente nos submetíamos para encontrar as respostas, porém, reconhecemos que da posição que estamos, não estamos na condição de propor à academia este patamar de investigação, ao menos não no campo em que semeamos agora. No entanto, a leitura que o indivíduo (não o academicista) fizer em nosso trabalho, é um *bouquet* de pensamentos que ele pode optar por considerar ou não, inclusive em seus trabalhos acadêmicos.

Falaram dos detalhes da aplicação dos valores arrecadados no leilão e ao Paula dizer que queria concluir os trâmites “para virar a página” e voltar à sua rotina habitual, Ramon expos sua consideração de que tudo aquilo não era uma medida pontual mas algo a fazer parte da vida dela (afinal o *plano espiritual* não ia gastar tanto empenho apenas por uma doação, não é?).

O próximo capítulo conta da ida à África ver pessoalmente as aplicações do dinheiro arrecadado no leilão e o encantamento de Paula com a região que virou o tema de sua próxima coleção. Ao reencontrar Ramon, a aflição do que não sabia até então: ele estava em fase terminal de câncer (a mesma doença que conduziu Ierecê ao *plano espiritual*). Se antes ela nos falava pelos aprendizados de Paula, agora em Ramon, o segundo par romântico da protagonista no livro, ela nos dá reflexões profundas sobre desapego, transitoriedade e responsabilidade com o que fazemos com nossas vidas no mundo. Não se trata só de cuidar de si, mas de prover ao outro o que lhe falta e que podemos ofertar.

A inauguração da parte ampliada do Centro Espírita ainda pode ser feita por Ramon, já em cadeira de rodas, mas atencioso ao ponto de por em uma composição na parede, as peças do leilão: “Confesso que foi uma experiência única. Olhei aquele quadro e percebi que as partes estavam no todo e o todo era posto pelas partes. Sim, agora tudo ficava mais nítido em minha mente.” Diz Paula ao ver aquele cuidado (BARBOSA, 2015, p.156)

Mentalmente, a composição era mais ampla: continha toda a jornada descrita no livro. Mas prossigamos com este trecho (BARBOSA, 2015, p.157):

A morte de Ramon, enquanto eu estava participando da festa da moda em Milão, mexeu demais comigo, passei a sonhar com ele com aquele jantar em que ele me dizia:
Volte às origens, lembre daquilo que você gostava de fazer quando era criança e volte a fazê-lo. Você tem tudo à sua volta, é só pôr as mãos à obra. Seu desfile em Milão será um sucesso, mas uma coisa não exclui a outra, pelo contrário, uma fomentará a outra.

Assim o processo de individuação na obra já reuniu masculino e feminino, manifestando esta energia de maneiras fantásticas (a consciência sobre o outro, as obras de caridade, a ampliação dos negócios), deixando a mensagem de que nada está completo porque nada é, o aqui é *maya*, o que é, é maior que tudo em *maya* e por isso é o real. Os pares românticos de Paula surgem promovendo a união através da liberdade, o *lingam* permanece na base enquanto a *kundalini* faz seu percurso de transmutação. Ramiro e Ramon (nomes parecidos foram intencionais?) revelaram aspectos do masculino que aceita sua parte feminina. Cauan, Fabiano pai, Diego, mostram as possibilidades de que estar ainda no processo não exclui já ter progressos. Não à toa ela era a única mulher no jantar.

O complexo *animus* cedera ao equilíbrio com a própria feminilidade da personagem. Já não precisa impô-lo para poder gerir sua empresa, por exemplo. Já não está nos extremos da linguagem. Temos ao fim da capítulo dezessete uma Paula que já passou do terceiro *chakra*, mas está se elevando, manifestando *shakti*, com uma linguagem que não é a essência da racionalidade e do materialismo no início, nem a Paula com a feminilidade em alta de meados do livro. Caminhamos para ver uma Paula com a consciência aberta para integralizar tudo que não cabe na forma do racional, na moldura própria dos conceitos.

O capítulo dezoito ocorre dez anos depois. Paula já tem espaço no mundo da moda de fato, cosmopolita, com palestras em diversas partes do mundo sobre... *Projeciologia!* Em vários pontos da narrativa de Ierecê encontramos o que Jung denominou *sincronicidade*. Ao construir esta pesquisa, como dito em outro momento, não houve uma linearidade mas vários percursos de complementaridade, de forma que o instante em que abordamos os conceitos de símbolo e mito na visão de outros participantes de Eranos, ocorreram antes deste momento.

No entanto, aqui está Paula D'Aquinson, como a estilista espiritualista, famosa por suas palestras sobre *projeção astral* (saída do corpo físico por meio da elevação da consciência para fora do mundo material) e... neste instante falando em Pequim, na China. Mas estávamos no momento anterior justo com Eranos a trazer os elementos orientais para o ocidente! O quê ainda nos reservam as últimas páginas de “O Leilão”? Se bem recordam, este destino era parte dos sonhos de Paula no início do livro.

Ali, à frente do auditório, a sessão de perguntas oferece um susto: na primeira fileira está Ramiro que pergunta se ela alcançou todas as possibilidades advindas da EQM (que era sabido por todos que seguiam suas entrevistas e palestras). Paula responde (BARBOSA, 2015, p.162-163:

As múltiplas possibilidades são evidentes: primeiro, o leilão espiritual na EQM, em que me deparei com um mundo até então desconhecido; segunda, os primeiros conceitos sobre vida após a morte e as experiências de projeção da consciência; terceira, o leilão convencional, cuja renda foi fundamental para a construção do centro espírita e a ajuda humanitária ao povo africano; quarta, a criação do quadro O Leilão, que ganhou o primeiro lugar em um concurso internacional de arte por computação gráfica; e a quinta possibilidade, se é que pode ser considerada, seria o efeito recursivo, ou seja, a minha transformação após toda essa vivência, pois convivi com pessoas desencarnadas que se materializaram, mensageiros espirituais, que me ajudaram a levar minha missão até o fim.

[...]

Acho que o leilão pode ter ainda outra possibilidade que, se concretizada, possibilitaria outras mais. Gostaria de escrever um livro sobre tudo isso. Se conseguisse, ele poderia virar uma minissérie, um filme, uma peça de teatro, material paradidático para espiritualista, um artigo, uma resenha e por aí vai... Dependendo do espírito do tempo outras possibilidades poderão surgir.

O momento era como que uma avaliação diagnóstica dos professores que formaram a materialista Paula (do ponto de vista da espiritualidade) na palestrante de projeziologia Paula D'Aquinson. A próxima pergunta foi de Fabiano Linhares, o pai, que perguntava sobre o motivo da empreendedora não ter convertido toda esta experiência em um registro físico. Paula responde que esta era uma herança que passaria à sua neta, uma escritora nata.

Quebrando o momento de “avaliação da tutoria” uma pergunta mais ao modo da primeira Paula surge (BARBOSA, 2015, p.163): “Sua experiência com a EQM a fez milionária. Dizem que a senhora sofreu muito para chegar aonde chegou. A senhora vive **no e do** passado?” A oportunidade se fez para Paula falar sobre *livre arbítrio*, esta possibilidade de escolher o que fazer com as experiências pelas quais passa. O profissionalismo sempre esteve presente e certamente depois uma coisa somou à outra e ficaram se exponenciando, porém o que conta não é isso, mas o aprendizado que tomou para si, as escolhas daí advindas, onde o sofrimento foi parte das circunstâncias porém, não é eterno e o passado não volta. “Sou presente, sou hoje, sou agora.” (BARBOSA, 2015, p.164), uma frase que sintetiza a filosofia oriental de não ser, mas estar onde a única permanência é a transitoriedade.

A última lição dada? A “avaliação da tutoria” e os presentes na primeira fileira (desencarnados presentes no leilão, a mãe e o irmão também já desencarnados) deram à Paula uma última impressão: a dor que atormentava o peito era o prenúncio do fim da estadia no plano físico.

O capítulo dezenove é o despertar *do outro lado*. Recepcionada pelos “tutores” do leilão, Paula é convocada por Ramiro para visitar *A Casa do Escritor*³ pois o registro físico de toda sua experiência advinda na EQM ficou como débito, que agora deveria ser cumprido por via mediúnica, caso a pessoa veículo para este trabalho ser manifesto no plano físico igualmente aceitasse.

A pergunta de Fabiano na palestra não havia sido feita à toa, o conselho de Ramon antes de morrer, também não fora à toa. Recordem que a menina Paula, teve um extenso conflito com a escrita, sendo mais afeita à leitura, porém as letras eram sua paixão. Era como se realizava.

A plenificação do ser é necessária para se integrar ao Todo. Isso não é abordado desta forma como da psicologia analítica, pelos espíritas (discípulos dos ensinamentos de Denizard rivail, conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec), mas aqui também é passado que o objetivo é *ascender*, o que exige dedicação, estudo, conhecimento, trabalho, pois a vida não é só uma e cumprir-se na totalidade da missão recebida para encarnar é a condição de não *acumular débitos*, que seriam pendências a serem resolvidas em uma próxima oportunidade. Uma concepção parecida existe no oriente hindu: o *Dharma*.

Os comentários que fazemos sobre o Espiritismo advém de nossa própria experiência dentro desta religião, o que ocorreu por alguns anos e com uma vasta leitura. O material já não está conosco (foi queimado por terceiros de outra religião) mas mantivemos o conhecimento adquirido de forma que iremos por o *pentateuco espírita* como Obras Consultadas neste trabalho. Nunca imaginaríamos antes a possibilidade de trazer à academia um conteúdo desta estirpe. Prossigamos.

Cinco anos depois, Paula está pronta e a neta Isabela, já com quinze anos, já mantém o contato com a avó. A notícia desta aproximação cai terrífica para o filho André que ainda guardava o jornal com a notícia da morte fulminante de Paula após aquela palestra em Pequim. Ele fica no corredor ouvindo o diálogo de neta e avó, do qual retiramos um excerto que em nossa opinião, coaduna com o escopo deste trabalho (BARBOSA, 2015, p.169):

- A senhora mudou de profissão várias vezes, isso implica em ter de utilizar outras ferramentas de trabalho e deixar aquelas já conhecidas, mas não tão eficazes, para trás. Isso foi difícil?

³ CARVALHO, Vera Lúcia Marinzeck. **A Casa do escritor**. Catanduva: Petit, 2014. É um romance espírita que já lemos, onde os espíritos desencarnados com missões relacionadas a produção de livros estagiam para exercitar a escrita como missão, em obras mediúnicas ou quando voltarem a encarnar.

- Sim, foi. Mas tudo é transitório. Grandes culturas desapareceram da face da terra, de algumas temos registros, outras apenas ouvimos falar, se perderam na oralidade. Aqui e ali os arqueólogos encontram alguns resquícios de suas existências na terra, frutos da criatividade e esforço físico e cognitivo para transformar o mundo e facilitar a vida terrena. Precisamos ficar atentos aos processos de mudança ao nosso redor. Algumas ferramentas, estratégias e conhecimentos que pertencem à realidade de hoje podem não corresponder às de amanhã.

Alguns parágrafos adiante e reitera sua história (BARBOSA, 2015, p.170-171):

- É que eu não tinha entendido, mas vamos continuar: a senhora brincou muito quando criança?

- Não. Eu tive alguns problemas na minha infância. Gostava de ler e com muita dificuldade aprendi a escrever. Depois que aprendi me apaixonei pela escrita. Considerava mágico tirar as coisas de dentro da gente e colocar ali, no papel. Depois a vida me levou para outros rumos. Quando adentrei o mundo da moda não me lembro de ter escrito alguma coisa relevante, perdi o gosto.

- A senhora viveu em consonância com o seu tempo? Refiro-me aos padrões impostos pela sociedade.

- Sim e não. Tive de me adaptar. Acho que por isso sobrevivi a muitos altos e baixos. Mas quebrei alguns tabus, penso que fui além do espírito do tempo da minha existência.

- Como a senhora conseguia se adaptar?

- Muitas vezes era uma falsa adaptação. Eu aprendi a engolir sapos, a fazer de conta, a agir socialmente, a viver mais o parecer do que o ser. Depois de certo amadurecimento fiquei mais autêntica, passei a ser eu mesma independente de qualquer coisa. Por isso que se diz que algumas pessoas mais velhas se tornam irreverentes. Elas já eram, entretanto ainda não tinham assumido essa condição.

- A senhora teve muitos amigos?

- Sim, tive amigos e amigas maravilhosos, algumas amigadas vieram de outras existências, mas quase sempre eu estava rodeada por meus amigos homens, eles sempre estiveram mais próximos. Talvez porque eu não fosse o protótipo de mulher da minha época. Sempre tive uma queda pela criação e inovação e esses territórios foram demarcados como masculinos pela cultura. Lembro que sempre almoçava com meus amigos. Às vezes, eu era a única mulher num grupo de seis, por exemplo. Já no final da minha passagem pela terra as amigas fizeram toda a diferença.

[...]

- A vida é uma benção ou um jogo abençoado com a finalidade de evoluirmos espiritualmente. Nesse processo, ora ganhamos, ora perdemos, mas nenhuma derrota é em vão ou definitiva. Temos sempre o livre arbítrio à nossa disposição. Somos frutos de nossas escolhas e temos de arcar com as consequências delas. Às vezes, não precisamos ganhar para alcançar a felicidade, mas o outro precisa. Aí vale a pena fazer o outro feliz, pois isso repercute em nós. É o denominado efeito recursivo.

- O que mais apaixonou a senhora na sua passagem pela terra?

- O conhecimento, revelado em múltiplas formas pela engenhosidade humana e sua dinamicidade. Estamos sempre nos renovando porque somos seres criadores de cultura. O que percebemos como realidade é um processo que exige a participação da nossa consciência. Não podemos esquecer que nossos mundos – interior e exterior – estão conectados, abrindo espaços para múltiplas possibilidades, daí a relevância do observador consciente.

Estamos a cinco páginas de encerrar o livro, fomos checar a quantidade de páginas. A quantidade de “como assim?” esbarrou em uma nota ao fim do livro: “Trata-se de uma obra de ficção. Entretanto, os dados históricos e as informações referentes às peças leiloadas têm fundamentação teórica.” (BARBOSA, 2015, p.177) Quando escrevemos nosso primeiro

romance, foi entre o ano de 2010 e 2011, era um processo interior para sarar feridas e resolver questões íntimas que não haviam com quem conversar, dada a famosa (auto)censura.

Relembramos uma entrevista que assistimos em algum lugar ou trecho de alguma entrevista escrita onde o autor dizia que nenhuma produção literária é isenta da própria biografia do autor. Na nossa, personagens foram inspirados em pessoas de verdade e pesquisas realizadas para dar consistência à obra, aquele tom que aproxima da veracidade a quem lê. Também foi um romance que sem ter a intenção inicial de ser espírita, terminou por ser um desfecho que ressignificava todo o processo do divórcio.

Quando escrevemos os contos que pretendem compor um segundo livro, em torno de cinco anos depois, nos inspiramos em pessoas conhecidas igualmente, com o distanciamento artístico para evitar qualquer relação e problemas de direitos, etc. O autor que me referi na entrevista, creio, era Paulo Coelho, do qual já lemos quase a obra completa, ou algo em torno de um terço dela, para mais ou para menos. Já havia lido sua biografia autorizada e portanto, compreendi a posição daquele que se põe na obra mas sem ser literal. Estas divagações são para nossa análise ulterior sobre o quanto de Irecê está neste romance. Afinal, nos propomos a abordar o simbolismo do leilão através de suas peças e atribuir à questão religiosa apenas o que pode ser lido pela psicologia analítica igualmente, à altura do que atualmente dela compreendemos.

Paula passa a dar algumas informações à neta que nos servem de esclarecimento sobre os personagens da sua experiência EQM: Ramon havia sido seu marido em uma vida em que ela fora antropóloga; Alberto fora seu pai naquela mesma vida. Ramiro fora seu professor em outra encarnação pelo qual nutriu um amor juvenil e agora pretendia encarnar próximo a ele.

Isabela elaborara uma tabela a respeito dos significados que lhe ocorreram a partir das peças do leilão (talvez todos nós façamos este mesmo exercício, não?), registremos sem repetir os termos que aparecem em mais de um objeto:

CULTURA – SORTE – COMÉRCIO – CRENÇA – DINHEIRO – TEMPO –
PLANTAÇÃO – COLHEITA – EVOLUÇÃO – TRABALHO – FERRAMENTA –
TRANSITORIEDADE – ALEGRIA – CRIANÇA – SOBREVIVÊNCIA – GÊNERO –
FAMÍLIA – PODER – DISFARCE DA INDIVIDUALIDADE – BAIXA AUTOESTIMA –
CRIAÇÃO – INOVAÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – ESCRAVIDÃO – ORGANIZAÇÃO –

DECISÃO – LIMITES – DIVERSÃO – CONHECIMENTO – CÓDIGOS – SÍMBOLOS – HISTÓRIA – ESTÉTICA – MISTICISMO – SEGURANÇA – AMULETO.

Talvez a atividade de associação dos objetos do leilão aos significados seja um exercício interessante para o colóquio, nos ocorre agora. Outro trecho nos parece interessante transcrever (BARBOSA, 2015, p.174): “Eu vivenciei a experiência, mas ao registrá-la você projeta suas intencionalidades e evidencia outras possibilidades. Seus futuros leitores também interpretarão em conformidade com suas consciências e visões de mundo.”

André que escutava tudo, foi surpreendido por Isabela que saindo do quarto e notando o pai atento, cantarola uma canção que o alivia. Dia seguinte a obra estava impressa e concluída com uma cópia para o filho de Paula e notas de uma nova vida são deixadas pela personagem: ela voltaria como filha de seu neto Bernardo. Isabela percebeu ao se aproximar de Fernanda, a esposa, grávida, por uma emoção, como que uma onda vibratória que envolveu ambas. Paula encerra a narrativa. Ierecê conclui o livro que havia demorado mais tempo para concluir, nos deixando com um último fisco sobre a proposta da mecânica quântica incorporada à nossa vida cotidiana. Mas isso é discussão para um futuro trabalho!

Cabe registrarmos mais alguns comentários para fecharmos a compreensão do conteúdo (análise) para seguirmos à aplicação da prática a partir desta. Esperamos que o leitor possa fazer sua própria inferência destas concepções dentro da história narrada.

Inevitável notar que a história de Paula D’Aquinson cumpre a jornada do herói, porém como não é esta nossa abordagem, mencionamos a título de enumerar as possibilidades que advém do uso de paradidáticos com o teor de Ierecê Barbosa na formação continuada de profissionais, adultos, com visões de mundo já amadurecidas pelo próprio experimentar.

Del Picchia e Balieiro (2012, p.81)) descrevem que diferente da jornada do herói masculino que vai solitário, a heroína leva “[...] amores, filhos, amigos, cachorros, papagaios...Elas mantêm e/ou criam mais vínculos, trocas e cooperação e integração com seu ambiente.” e não apresentam linearidade mas reintegração das proporções multiplicadas e diluídas no processo, como A Peregrina de John Bunyan (2013) frente ao seu marido O Peregrino (BUNYAN, 2014), mesmo que ambos façam a mesma jornada mas em tempos e condições diferentes, Cristão vai sozinho, abandonado pela esposa Cristiana que decide ficar; mas depois Cristiana vai em busca do marido (Cristão) e leva consigo os filhos, pela mesma estrada.

Del Picchia e Balieiro (2012) também abordam masculino e feminino a partir da compreensão destes como energias, como *yin-yang*, sendo a predominância de um ou outro, a fonte de desequilíbrios. Reafirmam Campbell no sentido de que não existe uma única jornada do herói, mas o ideal é que haja uma sucessão delas, ampliando seus horizontes (como a pirâmide de Maslow: o alcance de um degrau leva a escalar para o outro):

Paula traz diversos relacionamentos de diversas matizes que vão agregando sentido em algo que primeiro parece se espalhar (sem controle) para depois se revelar em um quadro completo (ressignificado) e completada uma etapa (vida como Paula), segue a outra (Paula espírito escritora por psicografia) e depois outra (reencarna/volta a nascer).

Emma Jung (2006) aponta para a capacidade da psique de criar espontaneamente cópias de realidades físicas para expressar realidades psíquicas não conscientes, para que possam ser compreendidas pelo ser, em uma auto-representação da psique (processo autônomo do inconsciente). Ainda alerta que o *animus* se manifesta na mulher em uma quantidade de homens que podem ter/desempenhar papéis diversos, do estranho ao profissional de qualquer área: “[...] o animus pode surgir como representante ou mestre de qualquer tipo de poder ou saber. É característico da figura da anima que todas as suas formas sejam ao mesmo tempo formas de relacionamento.” (JUNG, 2006, p.41) como um médico, um gerente, um líder no centro espírita... em contraponto à mãe, à avó, à neta, a uma amiga.

Ou como expressão, palavra, *logos*, voz (JUNG, 2006, p.33): “[...] dois lados importantes da função do logos: por um lado, a discriminação, o julgamento e o reconhecimento; por outro lado, a abstração e o estabelecimento de leis gerais. [...]” com o primeiro manifesto como figura individual (o pai, o marido, um namorado de cada vez, depois volta como Ramom e sua frase para que cumpra o que lhe dava satisfação na infância) enquanto o segundo se manifesta em forma de “conselho” (os homens do leilão).

Sobre a emersão do animus, Emma Jung (2006, p.30-31) ainda diz algo interessante para considerar os episódios da EQM:

Especialmente num estado relativamente inconsciente, onde as realidades externa e interna não estão nitidamente separadas, transbordando uma na outra, é muito possível que uma realidade espiritual, isto é, algo imaginado ou um pensamento, seja considerado de maneira direta como real e concreto.

Animus ainda se manifesta pelo lado criativo ou criativo-espiritual na mulher; porém, em mulheres que desenvolveram ostensivamente o lado criativo dentro das relações humanas, sendo perigoso por ser confundido com sentimento o que é intelecto; que ainda que seja

coerente, provoca desgaste nas relações por não ser o que cabe em alguns momentos (pragmatismo em lugar de intuição, por crer que o masculino deva ser privilegiado em lugar do feminino) (JUNG, 2006, p.35): “Isso diz respeito especialmente às mulheres que já alcançaram uma determinada conscientização e valoração daquilo que é lógico-racional.” Aspecto explícito em Paula, concordam?

Emma Jung (2006) tecendo comentários sobre o que se tem a vencer em nossa sociedade quanto ao homem aceitar sua *anima* e a mulher, seu *animus*, é o fato de que o homem precisa descer do pedestal em que a cultura o colocou para aceitar e obedecer (no que tange) seu lado feminino (vencer o orgulho), enquanto que para a mulher, o esforço é outro: acostumada a acatar o masculino sem discutir, ela precisa superar a falta de autoconfiança, o que implica grande força de vontade, é ir contra convicções que reivindicam o caráter de validades universais; em contraponto, a mulher de feminino exacerbado receia perder seu encanto sobre os homens, se assimilar sua energia masculina. Paula teve que aceitar ver as coisas por um aspecto onde o materialismo incontestável estava sendo contestado e vencido; e uma vez deste lado, o feminino sobressaía e as conquistas empresariais se davam pelo encanto e não pela negociação empresária ferrenha.

Como diz Emma Jung (2006, p.26): “O que se pretende propriamente é a *espiritualidade feminina*, o logos da mulher ordenado no ser e na vida da mulher, de tal forma que se estabeleça uma ação conjunta harmônica e que uma das partes não seja relegada a uma vida nas sombras.” e prossegue que o percurso é a retirada da projeção (início da diferenciação, renúncia ao estado anterior), seguida de autoconhecimento desta parte negada (ou relegada), para vir a uma próxima diferenciação (equilíbrio); se este percurso não é feito, “[...] tornamo-nos iguais ao animus ou somos possuídas por ele, um estado que produz os efeitos mais funestos. [pois caminha para estados de] depressões, insatisfação geral, perda da sensação de vida [...]”(JUNG, 2006, p.27) já que uma parte da personalidade é usurpada, roubada, afetando as relações em geral pois esse *animus* se (im)põe no modo de lidar com a vida (p.27-28):

O que acontece quando se está num estado de identidade com o animus é que nós pensamos, dizemos ou fazemos algo, convencidos de que somos nós, quando na realidade é o animus que fala através de nós sem que tenhamos consciência dele. Muitas vezes, é muito difícil até mesmo perceber que um pensamento ou opinião é ditado pelo animus e não algo de que estejamos convictos, pois ele dispõe de uma espécie de autoridade e poder de sugestão diretos, violentos. A autoridade ele retira de sua filiação ao espírito em geral; o poder de sugestão, no entanto, é retirado da própria passividade de pensamento da mulher e da falta de crítica correspondente. [...] concepções ou verdades de validade geral, que na verdade são corretas em si

mesmas, mas que não correspondem ao caso dado, já que o individual e o especial de uma situação não são aí levados em conta. [...] pois nesta ou o objeto do discurso ou seu tratamento é corrompido, ou ainda a própria pessoa emite um julgamento estabelecido sem levar em consideração seus próprios sentimentos.

[...]

Uma das expressões mais importantes do animus é, portanto, o *juízo*.

No início Paula revela conflitos, medos, realiza enfrentamentos... sempre certa, como nos diálogos com Ramiro, tomando como ofensa o que é sugestão, reagindo de imediato como tudo fosse provocação.

Von Franz (2010) traz alguns aspectos quanto a anima e animus nos contos, que trazidos a “O Leilão”, temos alguns paralelos:

- A incompletude: a história começa com Paula solitária, não há registro de um relacionamento ali, ao contrário, informa que é divorciada.
- A projeção do pai no arquétipo masculino e daí o perfil dos relacionamentos: Paula se rebela do padrão do pai, repetido no marido, ao decidir divorciar-se. O pai também representa a atitude coletiva: o pensamento de uma geração quanto ao papel da mulher e contra o qual Paula se impõe. Como todo sistema obsoleto pede uma renovação, o papel do masculino para ela tem que ser transmutado, ressignificado a partir de experiências onde ela se encontra, desenvolve (os namorados após o divórcio e os homens do leilão, há uma evolução em suas atitudes que provocam mudanças de atitude nela também). Este masculino (do pai) é incompleto, pois ele não dá uma posição de igualdade com a mãe: a atitude coletiva preconceituosa. Durante a turbulência, Paula tenta acalmar o homem a seu lado, depois pensa que o problema cardíaco pode ter ocorrido a partir dali, a tomar parte do abalo do homem a seu lado: complexos presentes mas não manifestos e que só vêm à tona quando se atrelam a um elemento que “aprisiona”: aquele homem estranho no avião revela que o masculino também tem seu lado frágil, o modo de captura ocorre: “Se essas pessoas perderem a chance de deixar o complexo na hora certa, ocorre a catástrofe, uma doença e assim por diante.” (VON FRANZ, 2010, p.20) e Paula manifesta o problema cardíaco que leva ao coma e deste à EQM.
- A libertação pela aceitação do masculino: Paula aceita ir ver Ramiro, aquele que a conduz no processo de ressignificação. Ele tem cabelos lisos, levemente grisalhos e que se alongam até entrarem pela bata de médico. Os cabelos possuem a representação do numinoso, representam pensamentos criativos e

ideias: poder espiritual. Mas os cabelos de Ramiro não são tão mais longos: ele não a acompanha por todo o processo, depois de uma caminhada nos ressignificados, ela já desdenha e passa a encontrar os demais elementos que faltam sozinha, até que está pronta para contar a ele que concluiu os dez objetos. A mulher possuída pelo animus tem certezas absolutas, mas quando consegue alguma independência deste animus, ela passa a fazer perguntas, questiona as verdades, as realidades, isso lhe dá autonomia na jornada, vai se tornando senhora de si e o animus para de ter o poder de antes. A mulher que tenta provar que não depende dos homens que teve na vida precisa pedir ajuda a um homem, é a perda do próprio numinoso que refigura em uma retomada que a levará a outro nível de consciência. Ela sofre pela possessão do animus mas sai do sofrimento quando se mantém a dialogar com sua representação, que lhe mostra os elos para a saída do sofrimento, o masculino condutor porque é buscado e enfrentado. O animus negativo é convertido a positivo.

- A mãe é insegura e submissa ao pai: a fragilidade do feminino em Paula, manifesta uma menina e uma adulta determinadas, racionais, contestadoras. Se o feminino não está no lugar que lhe cabe, a filha precisa reestabelecê-lo; o que fica ainda mais evidente se tratar de um conto de animus, pois a história se centra na personagem feminina que precisa descobrir o caminho, do qual a imagem da mãe a retirou (saída do coma e da EQM). Em um casal que representasse equilíbrio, a dureza do pai exerceria a ética simples de ser transparente com a criança, sem véus, enquanto a mãe complementa o discurso, como na infância de Melo (2012), que gerou fora do ventre o homem que ama as mulheres e a si mesmo também, não se negando pelo amor de uma mulher, porque a completude chamava.
- A personificação do Maneki Neko (o único objeto que tem nome): o gato como animal independente, que anda na noite mas sempre encontra o caminho de volta para casa, que escolhe seu espaço na casa, que se integra à família com um limite de interação, pode se relacionar com a incursão de idas e vindas entre os conteúdos consciente e inconsciente, mas sempre voltando, mesmo quando pode parecer perdido. A deusa egípcia Bastet tem a forma de uma gata, sendo a protetora das formas do feminino, a parte feminina do deus sol, fabricante de unguentos perfumados, sendo que os egípcios eram mumificados

com unguentos, além de carregar a cruz da vida egípcia, ou seja: Bastet ajuda na passagem da vida para a morte, que é outra vida na verdade (complemento, protetora do ciclo da vida, morte e renascimento em outra condição de consciência) (VON FRANZ, 2000). Na casa de Paula, ela e a neta tem no gato oriental sua afeição, a neta que depois cumpre o que a avó não cumpriu, o ciclo do feminino. O maneki neko acena, como diz Paula: para chamar a atenção. Era um objeto de desejo que via pelas ruas de Manaus, mas que ganhou após o nascimento do filho caçula, vindo de um lugar distante, porém próximo aonde morreu, ela ainda diz que o gato veio até ela. Podemos atribuir que o gato da sorte é o próprio feminino saliente. Paula afirma que ele participa de sua condição humana, ele tem humores, ele não aceita ser apenas um objeto. Mas a representação do feminino para Paula, tem um nome masculino: Kiko, evidência da posse realizada pelo animus; porém “Quando algo é personificado como ser humano, pode ser integrado.” (VON FRANZ, 2010, p.24-25)

- Processo de individuação: o caminho feito por estágios, representado pelos objetos arquetípicos (uns em presença de outros, condição deles no inconsciente coletivo, retorna a condição da ação da atitude coletiva sobre a psique de Paula). Descobrir o significado dos objetos na EQM é a escalada para que Paula se aproprie de si mesma. Como diz Melo (2014, p.11): “A travessia é mistério que não nos pede inerrância. Suas exigências são outras. Determinação, honestidade na busca, retidão nas intenções.” Como veremos à frente em Von Franz e Edinger.
- Estar no leilão e não ser vista ou ouvida: contos clássicos também apresentam o aspecto do estar no local mas sem acesso ao mundo exterior, como caixões ou torres de vidro, gelo ou encobertas de névoa mágica, o que aponta para o isolamento do emocional com o intelectual, tendo noção de ambos, estando em ambos, mas sem poder de locomoção entre ambos, sem diálogo entre eles: os relacionamentos se dão sem a entrada para os sentimentos, se processam a nível racional, revelado nos relacionamentos rompidos com os homens que passaram pela vida da protagonista, sem permanecerem com ela. Até o contato com o filho após a morte, se dá pela neta, ainda que o filho a escute atrás da porta, ou seja: mesmo ambos sabendo um de outro, permanece o isolamento;

mesmo quando o filho tenta se aproximar da neta para ter notícias da mãe, é afastado: “Todo sistema de comando tende a resistir e petrificar o fluxo da nova vida.” (VON FRANZ, 2010, p.19). O diálogo é unilateral, como é próprio a situações exercidas por autocracia, aqui a possessão do animus.

- O apego aos objetos racionalizado ignora outros valores que carecem ser cultivados, isso não quer dizer que Paula seja uma pessoa ruim e materialista, mas é uma representação do esquecimento de outros valores, aqueles que dão acesso aos sentimentos. O nível a que Paula é lançada profissionalmente após a efetivação do leilão e o tratamento dado aos valores arrecadados, é incomparável ao momento anterior: a consciência ampliada detém os valores anteriores e outros novos, enriquecendo-a. O apego é uma forma do animus em estado negativo, sugar a vida emocional, feminina.
- Os relacionamentos: Não é por falta de pretendentes, não é por falta de atração, mas é pela condução dada às energias masculina e feminina que estes relacionamentos não permanecem, a forma de lidar com o emocional (feminino) dá a essa mulher uma mente masculina, objetiva, com a natureza feminina sufocada por estar fundida ao animus, então a mulher busca incansavelmente, alcança mas desfaz em uma armadilha que ela mesma desenvolve.
- O leilão material: decidido por Paula, ela abre mão de uma participação mais direta, delegando ao homens do “conselho” que executem tudo. Ao se retirar da batalha, a individuação acontece, outros níveis de consciência são alcançados: ela descobre que o conselho não era “real/material”, que cumpriram o papel e após cumprir, partiram, deixando-a com tudo “arrumado”: os elos foram vencidos (objetos vendidos) e o valor agregado para ser compartilhado por ambas energias, representadas pelo centro espírita (liderado por um homem) e pelo projeto na África (onde ela viu mulheres necessitando de ajuda).

Von Franz (2008) conecta o aspecto simbólico com a religião visto em “O Leilão” quando diz que o símbolo enquanto elemento alquímico (de transmutação), se aproxima da experiência religiosa individual: pelo símbolo o ser chega à experiência numinosa (os objetos para Paula, os símbolos adotados por praticantes de religiões diversas). Esta jornada alquímica do processo de individuação pode ser a própria meta ou a jornada que dá início a

novas jornadas em uma ascendência *ad infinitum*, representada em vários contos no oriente e no velho mundo por um pássaro multicolor ou totalmente negro (algo parecido se vê na mitologia ameríndia).

Pois bem, não temos na história de Paula, um pássaro, mas temos o multicolorido advindo da visita à África que passa a ser o elemento central das suas criações de moda. Então temos o processo de individuação como algo que foi assumido à jornada, ainda que ela já não é a professora, nem a estilista, é a palestrante de projeiologia.

A religião para Von Franz (2008) está atrelada ao processo de individuação, posto que os símbolos são assumidos pelo fenômeno religioso que muda um estado de consciência, sendo um recurso utilizado pelas diversas culturas no decorrer da História; porém, ainda que possa ser assumido pela religião, o processo em si é individual, ainda que carregue elementos essenciais nos processos de individuação de várias pessoas, equivalendo a fases assimiladas pela consciência religiosa majoritária ao contexto do conto (no caso de Irecê, o espiritismo). Em alguns destes contos antigos, o pássaro alquímico caminha em direção ao espelho e desaparece conforme se aproxima da imagem refletida, que seria o alcance da compreensão da divindade (Self integrado, na psicologia analítica), porém o que se vê ao caminhar em direção ao espelho é o próprio reflexo ao qual se integra (desaparece na aproximação). Assim, o processo de individuação como jornada de autoconhecimento e de assumir este caminhar leva a esta plenificação onde não há mais um (ego) mas o Todo (self).

Por isso mesmo, o pássaro alquímico é sempre representado por um pássaro de etapas cíclicas (como a águia, a fênix, etc.), onde se desfaz das velhas penas (cores) para que outras surjam e prossiga a jornada, diz Von Franz (2008), como as diversas coleções de moda sucessivas de Paula D'Aquinson que permanecem com o tema multicolor étnico da (mãe) África, mesmo que em diferentes tons e desenhos das peças, incluindo ampliar para acessórios além de roupas: o processo de individuação é assumido e se torna perene. O assumir do tema étnico multicolor ainda pode ser visto como a tomada de consciência, onde a mãe África expressa o ápice do feminino assumido pela protagonista; e essa renovação é necessária para não cair no esquecimento, pois a primeira vez foi apenas vislumbre (a visita à África no plano espiritual).

Ainda sobre o pássaro alquímico, ele mesmo é algo miraculoso e capaz de curar e sendo cíclico, carrega a expressão do renascimento, renovação, transformação, além de em alguns contos e na alquimia, assumir nomes equivalentes ao Leste, o nascer do Sol, que têm o

mesmo sentido de vida nova (VON FRANZ, 2008), tal qual na história de Paula, a África ser o berço do mundo e ainda assim precisar renascer, além de ficar a Leste, tal qual Pequim, onde morreu, mas o morrer de Paula era passagem para uma nova vida, que ao adentrar, pode olhar a si mesma tal qual era essencialmente (como o espelho-destino do pássaro) onde cessa o processo de dor, de ira, de sofrimento: a transcendência espiritual de quem passou pela via dolorosa expressa na religião.

Edinger (2008) traz alguns aspectos interessantes sobre a *coniunctio* (ou *conjunctio* nas obras de Jung): quando ela se processa de forma inconsciente, apenas o ego se desenvolve, o indivíduo passa a ter sucessos e realizações seguidamente mas sem mudar o nível de consciência (notem que é uma profusão de energia racional e criativa, como um empresário com MBA e *feeling* para, digamos, lidar com a bolsa de valores, porém pobre em seus relacionamentos afetivos, porque o ego recebe esta propulsão pela união dos complementares, dela se beneficiando mas sem tomadas de consciência, ou seja: sem processo de individuação): Paula era uma estilista de sucesso, após ser uma professora frustrada. Porém quando esta união é a nível consciente, há mudança no estado da consciência e o indivíduo não cresce simplesmente, mas exponencia (está em processo de individuação): Paula se torna muito mais famosa, criativa e atuante em diversas frentes (humanitária, palestrante, espírita). Com geralmente a primeira *coniunctio* ocorrendo na primeira metade da vida enquanto a consciente, na segunda metade.

Esses aparentes contrários são a chamada da integração para Melo (2011), quando se apresenta, já é manifestação do conflito interior, porém é o processo que gera respostas e apoia ações que se assumem a partir de atendermos o chamado. Não atendido, torna-se insistentes refutações, o desejo crescente de ter sempre razão, o que não tem sentido pela temporalidade das coisas, pois é no desapego que se revela o que de excesso há em nós, que nos impede de ver quem realmente somos (estamos).

Em sonhos, diz Edinger (2008), a *coniunctio* se manifesta como relação sexual do ego (o próprio indivíduo) com o animus ou a anima a depender se o ego em questão assume caráter masculino ou feminino, sendo que este tipo de sonho geralmente ocorre após um acesso no dia anterior da anima ou do animus sobre o ego, tido como uma relação ilícita pelo fato de que não é um processo consciente esta interação entre ego e o animus ou a anima, apenas porque o ego estabelece que é ele que continua no controle, não permitindo a emersão do conteúdo inconsciente e esta interação dá decaimentos ao processo do indivíduo porque

esta anima ou animus não é assumido, porém esta primeira relação ilícita pode evoluir para uma tomada de consciência, se tornando lícita. Notem que na história de Paula, o sonho erótico com Ramon, se passa após o embate pelo desconto com o gerente do *Mall*, Fabiano Linhares. O ego quer se beneficiar do que o masculino pode oferecer e para isso tenta utilizar recursos do feminino para alcançar seu objetivo.

Outro ponto interessante em Edinger (2008) é a referência ao fato de que toda vez que o indivíduo estabelece uma relação com o o Self em alguma proporção, ocorre o *multiplicatio*: todos ao redor deste indivíduo que esteja disposto, também receberão esse benefício e se aproximarão também de seu self. Notamos em “O Leilão” que quando Paula ressignifica o leilão da EQM, transformando-o em algo concreto, seu desapego move os outros a participarem, como o conselho e depois os lucros aplicados, com Ramon participando parte de seu próprio lucro para a mesma finalidade e... estabelecendo a si mesmo uma condição de paz em relação à sua morte próxima (que ainda pode ser vista como a aceitação do processo de imersão ao conteúdo inconsciente). Outrossim, Ramon, encarnado, participa da interação com o conselho espiritual do leilão, ele interage com eles tanto quanto Paula.

Mais à frente na história, é revelado que Ramon e Paula foram um casal em outra vida passada, porém é com Ramiro que ela deseja agora fazer par. Ilustrando o processo cíclico de fazer *conunctio* entre anima e animus, como visto em Von Franz (2010).

Outra contribuição de Von Franz (2000) é sobre símbolos arquetípicos externamente muito fixos, fortes, fechados, enquanto no seu interior alimentos maravilhosos são guardados, representando ensinamento: a cataplana raras vezes usada é a item principal para que o alimento ali preparado componha o prato mais esperado do jantar com os homens do leilão e Ramon. Já havíamos comentado que a cataplana era um objeto que remetia ao feminino, por guardar, gestar, preparar algo que ainda não estava pronto, que alimentava, ou seja: dava vida. É no jantar servido pela cataplana (feminino) que o masculino é convidado a participar, *conunctio*, que dispara todo o processo de união dos complementos: o leilão material.

Von Franz (2000) ainda traz outra contribuição: a de que se pode experimentar conviver com o inconsciente mas resistir assimilá-lo, o que não dará certo, pois o inconsciente não é uma ama que deva cumprir ordens do ego. Essa resistência diz que houve um contato e depois uma acomodação que nos contos, só revela o aspecto numinoso da experiência psíquica quando algo incomoda o suficiente para buscar uma transformação.

Na história de Paula, ao ser questionada pelo registro da sua experiência da EQM durante a palestra em Pequim, ela revela que vai adiar esta questão (lembramos que a palavra é *logos*, que tem sua referência no animus, o masculino), apesar do crescimento experienciado, há a resistência de prosseguir o processo, o processo criativo da moda já não tem seu foco como antes (o processo criativo é reconhecido no masculino), ela está apegada às palestras (a fala se liga ao feminino, à expressão das emoções), então eles a retiram, encerram seu processo naquela vida e ela sabe disso, ela aceita. Somente “do outro lado” ela assume cumprir o que faltava, chamada por Ramiro (masculino), e é porque Ramiro vai reencarnar que ela quer encerrar o que falta para vir em busca de unir-se a ele, ao que deixa claro: será uma tentativa.

Ainda na infância, o paleógrafo e a escrita disléxica como imposições da atitude coletiva de professoras racionais que não se importavam com as emoções da menina ante as reprimendas, é a experiência com o *logos* que precisa ser assimilada, o que é explícito quando lhe explicam que ela deve escrever o livro (que une o paleógrafo, um livro, com o processo da escrita) para completar a jornada. Para isso ela é retirada do lado material (a mãe Terra, feminino) para onde reencontra Ramiro e deve segui-lo para assumir seu *logos* (masculino). Então pode renascer, como a neta de si mesma, com a chance de se unir a ele.

Mas não se trata só de reunir-se, é mais: é renascer em outra geração, com os paradigmas anteriores vencidos, superados. Renascer definitivamente importaria que o passado ficara para trás e não poderia mais atrair e segurar, pois ao reencarne, como pregado por Allan Kardec, em sua maioria há um esquecimento do passado, pois a lembrança atrapalharia a evolução necessária, ofertada na vida nova. Assim, o renascer é também uma morte, da antiga Paula que desencarnou mas continuava Paula, para renascer com um nome que não foi anunciado, é desconhecido, como o é o realmente novo. Se não sabemos como chamar, não alinhavamos expectativas, é uma ideia ampla, informe, portanto pode assumir a forma que lhe convir, superou a moldura velha.

2.3 Corroborando a análise: outros olhares do círculo de Eranos

O diálogo com outros autores a nível de pesquisa é essencial tanto para esclarecer, corroborar, tanto para desafirmar, discordar, enfim, situar uma discussão à guisa de validar os argumentos apresentados. Em nosso caso, evocamos o Círculo de Eranos por trazer relação com a epistemologia utilizada em nosso trabalho.

Pois bem, a título de situar esta perspectiva, trazemos as considerações de Araújo e Bergmeier (2013) sobre o famoso círculo do qual Jung, Eliade, Campbell, Wilhelm, Hillman, Von Franz e outros fizeram parte com o intuito de interdisciplinarizar seus estudos, através de sessões ou conferências em um jardim, com temas propostos e à parte delas em si, Jung particularmente mantinha o hábito de apresentar considerações de cunho psicológico sobre o que se havia tratado, ao fim de cada uma; dentro do espírito de espontaneidade e liberdade entre seus participantes e ouvintes.

No espírito do movimento *Lebensreformbewegungen* (“reforma da vida”), os estudiosos integrantes da cultura acadêmica alemã da época, na tentativa de ampliar o olhar ocidental com elementos da cultura oriental que viam como contributivos às questões que careciam expandir do conhecimento que se desenvolvia ali - o que não quer dizer que todos concordassem, mas mantinha-se abertura para discutir aqueles conteúdos, sem refutá-los de imediato -, passaram a promover conferências a título de uma necessária reforma sobre a ciência ocidental, o que levou ao surgimento de algumas *escolas*, como a *Schule der Weisheit* que entre 1920 a 1930 se dedicou a conferências da tradução do *Yi Ching*, pelo sinólogo Richard Wilhelm, trabalho que trazia um conteúdo que Jung via como uma ruptura com o modo de pensar ocidental (ARAÚJO; BERGMEIER, 2013).

Assim, relatam Araújo e Bergmeier (2013) que em 1928 Olga Fröbe-Kapteyn fundou a sala de conferências que só teve sua primeira sessão em 1933, na casa Gabriela, em Ascona, às margens do Lago Maggiore, na Suíça; para a qual convidou Jung que primeiramente recusou, só vindo a aceitar depois de saber da presença de outros intelectuais (o que implicava não ser uma abordagem meramente teosófica a do tema da palestra) e foi Jung na condição de *spiritus rector* que afastou Eranos completamente da visão esotérica para um aspecto de discussão contributiva dos conteúdos orientais ao pensamento ocidental em termos da reforma intelectual e científica.

A partir de então “Esta aventura espiritual organizou-se sob a forma de uma sessão temática, onde cada conferencista, conforme ao espírito de Eranos, contribuía, na segunda quinzena de Agosto, com uma conferência de acordo com a sua especialidade.” (ARAÚJO; BERGMEIER, 2013, p.97-98) fugindo ao padrão unilateral de pensamento do mundo acadêmico da época (e da atualidade, convenhamos), uma obra contra-corrente da qual a mecenas era Olga.

Aqueles conteúdos sobre mitologia, mistérios, estudos de símbolos e imagens corresponderam aos estudos de seus integrantes, como Campbell e Eliade com mitologia e religião comparada ou no caso de Jung, sobre a questão arquetípica e o inconsciente coletivo: “Assim, algumas das influências das correntes esotéricas e reformistas são simplesmente aniquiladas, outras absorvidas e transformadas. Eranos torna-se um ‘laboratório’ de ideias, tendo Jung como mentor e artesão.” (ARAÚJO; BERGMEIER, 2013, p.97). Esta busca da compreensão do humano a partir destes estudos é um dos portais de entrada e validação do movimento epistêmico interdisciplinar que ainda hoje é um desafio no mundo da pesquisa, porém cada vez mais presente e necessário, partido da intenção de ruptura com o positivismo (FERREIRA; SILVEIRA, 2015).

Por sua vez, contam-nos Araújo e Bergmeier (2013), que a inspiração de Olga para Eranos (do grego: banquete frugal, espaço onde todos podiam alimentar-se a partir do que cada um trouxesse), foi a partir de Rudolf Otto – por quem Jung também mantinha interesse em seus estudos, naturalmente correlacionando com suas pesquisas – para que aqueles que ali frequentassem compartilhassem seus estudos e reflexões a fim de que todos fossem “alimentados” intelectualmente em um “banquete de ideias”, tanto que era realizado em volta de uma mesa redonda, a partir do tema elegido para cada um daqueles encontros: “Por outras palavras, cada participante coloca as suas visões interiores, sob uma forma filosófica ou científica, à disposição de todos os participantes com a condição de que o seu contributo seja simultaneamente imaginativo, criador e rigoroso.” (ARAÚJO; BERGMEIER, 2013, p.97).

Se Otto não foi figura participativa – em razão de sua morte – em Eranos, sua influência o foi, o que não quer dizer apenas uma aceitação do que ele propunha, mas manifestações a partir da sua obra, como no caso de Jung, onde o *numinoso* é lido como uma manifestação arquetípica a partir de experiências religiosas, como experiências reais para o indivíduo, o que leva a que as religiões para Jung, surjam a partir e em função das experiências humanas, como fator irracional delas proveniente, pertencente a um substrato próprio do coletivo psíquico humano, como marcou em Eliade (FERREIRA; SILVEIRA, 2015), evidenciando a essência arquetípica presente em todos os povos, em toda expressão humana, através das mitologias e simbolismos, lidas e interpretadas por cada especialista através de sua própria lente, porém com uma raiz em comum.

O Círculo de Eranos, compreendido que tinha essência no estudo do simbólico, sua ação sobre o imaginário para compreensão do humano a partir de perspectivas que fogem à

unilateralidade da razão positivista em um ecumenismo cultural, teve uma primeira fase que se demorou sobre a Mitologia Comparada, outra sobre a Antropologia Cultural e outra de Hermenêutica Simbólica (ou Antropologia Hermenêutica), isso entre 1933 a 1988; depois vindo a ter fases menos expressivas dado o momento de envelhecimento e morte dos seus expoentes (FERREIRA; SILVEIRA, 2015).

A expressão disruptiva do Círculo de Eranos é tal que, participando pesquisadores inclusive de áreas de exatas, como Schrödinger, leva-nos a pensar no rompimento de paradigma mais aceito na história da ciência moderna: o declínio da Física Clássica e a aurora da Física Quântica. Como registram Ferreira e Silveira (2015), foi o espaço da interdisciplinaridade cuja espinha dorsal, dessem-se conta ou não, foi a psicologia analítica, de forma presencial ou pelos anais do Círculo, permitiu que especialistas do mundo inteiro percebessem que seus trabalhos não eram isolados, mas dialogavam com outras áreas das ciências, o que inclusive influenciou mudanças de postura sobre seus trabalhos, como relata Olga.

Não querendo cansar nosso leitor, trazemos esta apresentação do Círculo de Eranos por sua natureza e história de formação irem de encontro ao que trabalhamos aqui: mulheres que mudam o mundo através de suas capacidades de gestar e gerir espaço para o desenvolvimento de todos, em um processo de (re)nascimento, próprio ao arquétipo feminino (como da mãe Terra, de vida e morte para novos ciclos), em movimentos de renovação que buscam equilibrar o aparente dissonante, em uma nova compreensão que precisa ser ouvida e analisada antes de ser simples e totalmente refutada; como se dão olhares sobre nossa proposta, como disruptivo foi o padrão de aprendizado e de ensino na vida de Ierecê (FRÖBRE-KAPTEYNM, 1934, p.5-6 apud ARAÚJO; BERGMEIER, 2013, p.98).

Os encontros de Eranos devem assegurar a mediação entre o Oriente e o Ocidente. A função desta mediação e a necessidade de criar um lugar encarregado de promover a compreensão entre as duas espiritualidades foram se clarificando com o tempo... O problema de uma confrontação frutífera entre o Este e o Oeste é antes de mais psicológica. As questões que se colocam aos Ocidentais no plano religioso e psicológico podem, sem a menor dúvida, imbuírem-se de elementos enriquecedores da sabedoria oriental. Não se trata de imitar os métodos e os ensinamentos do Oriente, nem de negligenciar ou de recalcar o conhecimento adquirido nas esferas do espírito, mas de utilizar a sabedoria, a simbólica e a metodologia orientais para redescobrir os nossos próprios valores espirituais

Assim, esta seção traz algumas considerações a partir de autores que dialogaram deste processo de debruçar estudos sobre símbolos, religiões, culturas como o fez a psicologia analítica, como adendos da ampliação geral da compreensão da obra; desta forma abrimos com o sentido ao qual atribuímos *significar* em nosso texto.

Uma vez que falamos em arquétipos, a quem os mitos são inerentes, compreendemos e utilizamos a compreensão de Claude Lévi-Strauss (1978, p.17): “[...] a possibilidade de qualquer tipo de informação ser traduzida numa linguagem diferente [...] palavras num nível diferente.” que, dentro do estruturalismo deste autor, trata-se de uma transposição que atende a regras para compreensão de determinado fenômeno.

Assim, *lemos* o significado da narrativa de Irecê Barbosa a partir da ordem fenomenológica investigada pela psicologia analítica, dado que Lévi-Strauss se preocupa com os dados do sentido, em função de “O que poderemos tentar fazer é aumentar, lentamente, o número e a qualidade das respostas que estamos capacitados para dar, e isto, segundo penso, apenas o conseguiremos através da ciência.” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p.19); já que o símbolo não morre jamais, ainda que se tente extirpá-lo do mundo tangível, pois que ele é próprio ao espírito, que ainda não foi assimilado pelo “cientismo” como concorda com Lévi-Strauss, Mircea Eliade (1979).

Assim, o sentido de nos debruçarmos sobre este conteúdo a partir desta abordagem, trata de assumir que estes símbolos (neste trabalho sendo a narrativa romântica da professora Irecê Barbosa) e seus significados são uma resposta às necessidades da psique, com a função de “[...] pôr (sic) a nu as mais secretas modalidades do ser. Por conseguinte o seu estudo permite-nos conhecer melhor o homem, ‘o homem sem mais’[...]” (ELIADE, 1979, p.13).

Ainda neste sentido, Eliade (1979) afirma que estas projeções da psique transpostas ao nível de um outro tipo de linguagem (ao modo de Lévi-Strauss) “[...] são outras tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado num mundo espiritual infinitamente mais rico do que o mundo fechado do seu ‘momento histórico’” (ELIADE, 1979, p.14) onde a escrita é lida como uma libertação psicologicamente saudável, já que os símbolos habitam o inconsciente e o “abandono à escrita” permite esse fluir que reorganiza e reequilibra as energias psíquicas (nos termos de Jung), completando a iniciação descrita por Estés (2014) e Campbell (DEL PICCHIA; BALIEIRO, 2012).

Estas projeções da psique que tomam forma como símbolo, imagem e mito (onde em alguns momentos fica difícil fazer uso do bisturi conceitual, nos sendo permitido apenas o pensamento à Lévi-Strauss quanto à função que desempenham) são – adequadamente, a nosso ver – chamadas de pensamento simbólico por Eliade (1979, p.13) como predecessor da linguagem e da razão discursiva; eles apenas se manifestam, revelando “[...] certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento.”;

assim, torna-se compreensível que por exemplo, “[...] é a Imagem da Mãe que é verdadeira e não esta ou aquela mãe *hic et nunc*, [...] É a imagem da Mãe que revela – e só ela pode revelar – a sua realidade e as suas funções simultaneamente cosmológicas, antropológicas e psicológicas.” (ELIADE, 1979, p.15).

Neste sentido, temos uma retomada à compreensão junguiana sobre o significado do símbolo/imagem (pensamento simbólico), nesta análise se referindo à narrativa romântica de Irecê Barbosa, emergindo concepções do Feminino que Estés se debruça em identificar como já descrevemos: a grande mãe, a sábia, a mulher jovem, etc. sobre as quais podemos ponderar mas não traduzir (o que valoriza a compreensão trazida por Lévi-Strauss), pois: “‘Traduzir’ as Imagens em termos concretos, é uma operação destituída de sentido: as Imagens englobam, sem dúvida, todas as alusões ao ‘concreto’ [...], mas o real que elas procuram significar não se deixa esgotar por tais referências ao ‘concreto’.” (ELIADE, 1979, p.15)

Em outras palavras, para Eliade (1979) o significado exprime o anseio da integração espírito-matéria, sendo esta a finalidade primeira e última do ser, o retorno à unidade primordial (par sизígio de Jung), que Campbell (1990) registra como o “nascimento virginal” expresso nos mitos e Jung denomina como Individuação. As polaridades devem alinhar-se em complemento e não em antagonismo (ELIADE, 1979, p.16):

Se o espírito utiliza as Imagens para aprender a realidade última das coisas, é justamente porque esta realidade se manifesta de uma maneira contraditória e por conseguinte não poderia ser expressa por conceitos. (Sabe-se dos esforços desesperados das diversas teologias e metafísicas, tanto orientais como ocidentais, para exprimir conceitualmente a *coincidentia oppositorum*, modo de ser facilmente e, aliás, abundantemente, expresso por Imagens e símbolos). É pois a Imagem como tal, na qualidade de feixe de significações, que é verdadeira, e não uma só das suas significações ou um só dos seus numerosos pontos de referência. Traduzir uma Imagem numa terminologia concreta, reduzindo-a a um só dos seus planos de referência, é pior elo que mutilá-la: é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento.

O que belamente é trabalhado por Estés em suas obras, quando se aprofunda nos aspectos do Feminino, explicitando suas nuances (a mulher selvagem, a sábia, a bruxa, a jovem, a anciã, a grande mãe, etc.); e explica porque Jung contempla por toda a sua obra os componentes de seus estudos, não encerrando em conceitos rígidos mas nos convidando a uma compreensão.

Eliade (1979) alerta que a fixação de uma Imagem em uma só referência no plano ‘concreto’ corresponde à manifestação de um desequilíbrio psíquico, o que vai concordar com Jung na descrição dos complexos; mas não é o caso da personagem Paula, como temos visto.

Assim, olhar para o Feminino é debruçar-se a compreender (e possivelmente) realinhar a energia psíquica do nascimento, geração, desenvolvimento, abrigo, encorajamento acima da materialidade das expressões/ações externas, como algumas das manifestações do Feminino.

Neste caminho, analisar esta reflexão da protagonista de *o Leilão*, permite-nos olhar para nós mesmos em nossa trajetória, identificando processos da psique que nos despedaçam ou nos reconstroem dependendo de como lidamos com eles e os compreendemos. A riqueza se dá pela estrutura do romance, que intencionalmente ou não (não podemos inferir) revela este percurso em um processo temporal, com marcadores internos e externos à personagem que identificam a manifestação da maturação da psique de Paula quanto ao reequilíbrio das contrapartes sizíguas formadas no inconsciente, na infância, a partir destas representações arquetípicas situadas sobre o pai (projetada depois na figura do marido) e na avó, onde Paula se sublima ao ser ela a avó posteriormente, no ciclo da ciranda das mulheres sábias de Estés (2007).

Retomemos aqui, a título de reforço à memória, a exposição de Jung⁴ que media toda a nossa discussão, onde Anima (Feminino) e Animus (Masculino) são contrapartes de energias psíquicas que nos integram a partir das relações obtidas com os sujeitos que despertaram em nós, em nossa infância, estes arquétipos, que como energias primordiais, podem levar-nos a manifestar estas concepções de maneira positiva ou negativa, sendo o equilíbrio o que devemos buscar como parte do processo de plenificação do ser (Individuação), portanto, devemos buscar compreender como a contraparte existente em nós (Anima nos homens e Animus nas mulheres) se manifesta, para que assim, trabalhemos o equilíbrio e desenvolvimento desta energia psíquica potencial (Função Transcendente).

A aceitação da contraparte de forma equilibrada (ainda que necessite de ajustes e/ou reajustes), que parte da identificação dela em nós, permite desenvolver o plenificar, assim abrindo portas para sermos aquilo que fomos criados para ser, no mito do sizígio, a nossa outra parte está em nós mesmos e uma vez equilibrados, convivemos pacificamente com o outro que representa a contraparte sexual (homem < > mulher) e equilibrados, administramos as sombras que projetamos ou que se projetam a nós da nossa própria natureza (uma saudável relação mulher – mulher, sem disputas, sem enfrentamentos desnecessários, de aceitação do Feminino em cada uma de nós mulheres). A analogia pode ser dita a homens e mais

⁴ Dado que o pensamento de Jung se expressa em toda sua obra (31 livros), quando não assinalamos uma referência específica é por tratar-se de um apanhado de compreensão embasado neste conjunto; às vezes consideradas as posições dos discípulos de Jung que iniciaram uma escola chamada pós-junguiana.

densamente comentada, porém, não é o nosso foco neste trabalho comentar o Masculino além do que se relacione com o Feminino.

O simbolismo como essência mitológica, tem sua primeira imagem na *participation mystique* mãe e filho, presente nas diversas deusas no decorrer da história e da cultura humana, que como primeiro contato da experiência física, é a imagem primordial com a qual o ser passa o decorrer da vida ajustando-se em equilíbrio, o que para Campbell é a própria função do mito esta *re*-união: “Quando consegue experimentar, em relação ao universo, uma união tão completa e natural quanto a da criança com a sua mãe, o indivíduo está em completa harmonia e sintonia com esse mesmo universo.” (CAMPBELL, 2015, p.7).

Sobre a questão do masculino e do feminino, se imprime na obra de Campbell (2015, p.11) uma expressão da prevalência biológica que desencadeia os papéis sociais desde o homem primitivo (ainda visível nos primatas, como seus “parentes” filogenéticos à luz de Darwin) e que refletem os conflitos em sociedade ainda hoje sobre esses papéis e as relações daí derivadas, que são expostas nos mitos e nas reproduções dos mitos até os dias de hoje: “Desse modo, todos os mitos têm de lidar com este fato, e o corpo do macho, assim como o da fêmea, adquire seu valor simbólico no sistema mítico.”

Neste ponto cabe uma observação – já que em Eranos se buscava as contribuições do oriente sobre o ocidente - que nos contos infantis japoneses (SAKADE, 2011; 2011), os papéis masculino e feminino se desempenham harmonizados com estas considerações de Campbell, e como sabemos, o conto infantil é a herança mítica da atualidade - tendo se tornado recurso para a psicologia analítica em Von Franz e Estés por exemplo -, pois como Jung (1980) diz, lidar com o inconsciente é um processo de sofrimento ou de trabalho (*função transcendente*) que lança uma ponte sobre a brecha existente entre o consciente e o inconsciente a partir de dados reais ou imaginários, racionais ou irracionais: uma manifestação de energia produzida pela tensão entre contrários, de grande desgaste (VON FRANZ, 2008), sobre o qual o conto fazendo o papel de ponte, oferece a nutrição anímica necessária, cujo escutar “propõe alternativas simbólicas para o confronto e superação de desafios” (PHILIPPINI, 2005, p.75).

Melo (2014) retrata o processo do gerar, como algo doloroso, mas belo, onde devemos entrar descalços para sermos aceitos, despidos do medo que nos limita, carregando nossa verdade em aprender e ratifica que o encontro com o divino se dá pela realização do ser; porém nossas relações parentais na infância ditam a velocidade da coragem que apresentamos

para nos encontrarmos com o divino (Self, em Jung), relegando à racionalidade onde faltou afeto; sendo a tarefa de se tornar livre, um *continuum* (integralização do Self).

Estés (1996; 1998) ressalta o valor das histórias para que a partir da experiência passada pelos que vieram antes, aprenda-se a real importância do que é suficiente, significativo e duradouro para a alma: um resgate *transcendente* através da narrativa da geração anterior que no papel dos contos, com suas características de perda, sobrevivência e renascimento, podem se tornar pontos de partida para que o indivíduo reintegre as partes rachadas da psique, encontrando sua verdadeira identidade e assim exercendo a vida com completude.

Ainda sobre os contos Machado (2010) diz que os contos (ditos) de fada são um tipo singular de narrativa, com características que se impõem ou não à primeira vista, mas que carregam a universalidade e a vizinhança com a infância, sua carga afetiva, lembranças domésticas, familiares, agradáveis, a filiação ao maravilhoso, ao que tudo é possível acontecer, além da cultura oral que serve de elo entre as gerações.

Estés encontra Campbell aqui quando ambos atribuem ao conto/mito, o resgate dos significados que oferecem a manutenção da nossa estrutura com o universal, que como alimento para a alma, permite manter-se vivo (inteiro) ou reviver (integralizar): “O que é que não pode morrer nunca? É aquela força de fé que já nasce dentro de nós, que é maior do que todos nós, que chama as novas sementes para os lugares áridos, maltratados, abertos, para que possamos nos ressemejar.” (ESTÉS, 1996, p.76), espelhada nos contos.

O pensamento mitológico, para Campbell (2015), se manifesta no *Homo sapiens* e o desenvolvimento do cérebro alcançado até ali (um percurso desde o australopiteco em torno de 5,5 milhões de anos a.C.), com o sepultamento com acessórios fúnebres (acompanhamento entre os que ficaram e o que partiu), realizado pondo o morto na forma curva do feto (retorno ao útero, morte como passagem e possibilidade de renascimento) e a preservação de elementos de adoração em troca de proteção ou demonstrando algum poder sobre algo maior (geralmente crânios de animais fortes como o urso e adereços como anéis de pedra, ou ossos de ursos na boca ou atravessando as órbitas oculares).

Neste período ao neandertal, há uma visão de equivalência da vida que Campbell constata na cultura dos povos caçadores, cujo sacrifício do animal é um consentimento de um ser equivalente à vida humana (não há inferência à inferioridade em uma forma de vida

diferente) que retorna à grande Mãe, ao útero da Terra, da vida, então o aceite de ser alimento é uma gratidão por este retorno. Este fluxo de vida e morte é visto por Campbell (2015) como a imagem primordial do ciclo de transformação pelo renascimento, mudança, uma conexão com a energia da vida *espiritual*.

Um pouco depois deste período aparecem as *vênus* nas moradias, com quadris, seios e região lombar salientes, expressando o poder da reprodução da vida, geração de alimento; evento ocorrido em locais diferentes apontando para uma evolução paralela, diz Campbell (2015, p.17); a *vênus* “Simboliza aquilo que todas as mulheres encarnam.” Em paralelo, as cavernas-templo são locais onde os meninos dão prova da aquisição da coragem, em rituais de passagem à idade adulta; (mas a imagem da caverna mais à frente na filosofia grega, vai adquirir a impressão de fuga, negação da realidade, como no mito da caverna) depois a divindade passa a incorporar elementos que unem homem e animais em suas figuras: o divino é o desconhecido que se manifesta no homem e no animal (a equivalência da vida independente da forma), mas cíclico (animais com ciclos anuais: representação das estações, a vida é ciclo).

A caverna-templo tem uma entrada difícil, apertada, pequena para se revelar mágica em seu interior amplo: o menino se torna homem no espaço da nutrição feminina (simbolismo da processo de fecundação ao útero que desenvolve), que é sagrado pois permite que cada um manifeste as energias que lhe são próprias e todos fazem parte da energia da natureza, comungam juntos. Esta representação Campbell vê na caverna de *Les Trois Frères* e na mandala na entrada da catedral Notre-dame de Chartres, inclusive o xamã retratado homem-animais e o papa Inocência III.

A mulher ainda tem a função iniciática, pelo casamento, é a representação da natureza à qual o homem adentra e se torna sábio, algo maior, como na mitologia grega dos casamentos entre uma criatura feminina mítica e o homem mortal, humano, gerando filhos meio-deuses somente após ser conquistada, como no mito de Tétis e Peleu (CAMPBELL, 2015, p.25-26)

Ela tem o poder simbolizado pela serpente e pelo leão.

[...]

A serpente se desfaz da pele para voltar a nascer, assim como a lua espalha sua sombra para também renascer. Por conseguinte, a serpente, tal como a lua, é um símbolo da percepção lunar. Vale dizer, vida e consciência, energia de vida e consciência, reunidas num corpo temporal – consciência e vida comprometidas no âmbito do tempo, do nascimento e da morte. O leão está associado ao sol. É o animal solar. O sol não traz consigo uma sombra; está permanentemente desligado do âmbito do tempo, do nascimento e da morte, sendo, pois, vida absoluta. São

ambos uma mesma energia, uma desligada, a outra comprometida. E a deusa é a personificação materna das duas energias.

Do homem primitivo que adora a deusa e se reconhece nela como percurso de amadurecimento para o deus de valores humanos que por receio de ser destronado, relega a deusa ao casamento com o mortal... o que houve com a humanidade? Notemos que as referências da cultura ocidental partem do berço helênico! Porém a visão da complementaridade permanece na cultura chinesa do *Yin-Yang*, o místico acima da dualidade onde algo deve ser ruim para outro ser bom. Vejamos o que diz Campbell (2015, p.27):

Um dos problemas de nossa religião deriva do fato de ela acentuar, desde o início, o problema do bem e do mal. Cristo vem expiar nossos pecados; é a expiação do mal. [...]temos assim o vocabulário da dívida e do pagamento em nossa interpretação dos temas míticos, ao passo que no Oriente a interpretação é feita em termos de ignorância e esclarecimento, e não de dívida e pagamento.

Então o que temos em Campbell quanto ao masculino e feminino é que o mistério precisa ser aceito para que haja a iniciação. É necessário conceber o mistério da complementaridade para atravessarmos as fases, seguirmos o ciclo da vida, de integração ao todo, ao *universo*. Mas há uma advertência aqui em Campbell: se *materializarmos* o símbolo, dando-lhe personalidade, ele deixa de ter seu caráter de energia, limitando-se a um conceito que não consegue dinamizar (o que nos remete à propriedade dual da luz de partícula e onda, na primeira, estático, definido e onde as transformações precisam de um desgaste físico muito mais extenuante que a manipulação da onda, dinâmica e no campo das probabilidades, impermanência no sentido de fluxo, transformação), e sem a experiência iniciática, não se pode adentrar ao mistério (CAMPBELL, 2015, 138-139).

As pessoas que desconhecem a referência espiritual dos símbolos costumam expressá-los em termos materiais e se envolvem em atividades bastante vulgares. Vale dizer, se você der ao símbolo espiritual uma interpretação concreta, deixar-se-á envolver pela ação concreta associada a esse corpo concreto e terá perdido a mensagem espiritual. [...] A luz do nosso corpo, a consciência do nosso corpo, é a consciência eterna, imortal, que existe em cada indivíduo. Primeiro a consciência, depois o indivíduo.

Assim, a racionalização da sociedade e a formulação de papéis pode ser vista como uma quebra do fluxo natural (instituição de *maya*: a delimitação espaço-tempo; assimilar o estado *vulgar* de se sentir acima da experiência dos demais, *mais espiritualizado*, detendo o (auto)conhecimento), estabelecimento de uma barreira entre o consciente e o inconsciente, enquanto *transcender* é aceitar o estado fluido de estar em contínuo aprendizado.

Campbell (2015) visita uma das libertações oferecidas pelo oriente: a *yoga* dissolvendo a realidade material, transcendemos e retornamos ao estado de comunhão com o

todo, desenvoltura da serpente fêmea *kundalini*, para a energia feminina em ação, *shakti*, que é desenrolada do *lingam*, fonte da energia masculina simbólica.

Ou seja: na leitura da *yoga sutra*, as energias ficam estacionadas sem percorrer os centros de energia (*chakra*) enquanto a energia feminina está submetida à envolver o centro de energia masculino, logo, a pessoa não desenvolve sua existência em plenitude, sendo libertar a energia *kundalini* o processo de plenificação onde cada energia (masculina e feminina) cumprem seus papéis no ser (independente de homem ou mulher), o que nos leva a outro momento de Campbell (2015).

A serpente assim como a lua, símbolos naturais do feminino, trazem em si a dinâmica da transformação, morte e vida, passando do que se conhece ao desconhecido e por isso a esta energia feminina (presente em todos) é atribuído o caráter iniciático de ser o caminho que conduz ao autoconhecimento e daí ao estado de *Buda* (aquele que despertou, aquele cujos olhos se abriam) (CAMPBELL, 2015), daí talvez que o problema do ocidente foi racionalizar Deus, atribuindo-lhe personalidade, dotando-o de materialidade, deixando de *sentir*: a união com o divino é o *experenciar* o autoburilamento.

Mas antes de adentrarmos este movimento iniciático, dividimos com Campbell (2015, p.132, 135, 141) a impressão dele somada à de Jung e a de Zimmer:

Trata-se de um conceito filosófico muito recôndito e amadurecido, como diz Jung quando analisa o *Livro Tibetano dos Mortos*: ‘Essas pessoas se acham tão à nossa frente que nós chegamos apenas ao terceiro *chakra*’ O próprio Jung, diria eu, tinha atingido o quarto. ‘Mas’, diz ele, ‘precisamos avançar lentamente, sem ter a impressão de que compreendemos todas essas coisas, porque ainda não temos a experiência sistematizada que as interpreta.

[...]

A única maneira de superar as regras da sociedade é ir para o norte, é romper com as regras. Você encontra algo que a sociedade ignora e o traz de volta, e isso funciona como uma força redentora, amplificadora.

[...]

O transcendente é transcendente. Transcende todo o pensamento. Não se pode pensar [racionalizar] sobre ele. Com Heinrich Zimmer costumava dizer: ‘as melhores coisas não podem ser ditas’. Exatamente por esse motivo. ‘As que vêm logo a seguir são mal interpretadas’. Porque essas coisas que vêm em segundo lugar utilizam os objetos do tempo e do espaço para se referirem à transcendência. E assim elas são mal compreendidas por serem interpretadas em termos de tempo e espaço.

Voltando à questão anterior de Campbell (1990), o equilíbrio entre o masculino e o feminino se dá pelo nascimento do homem espiritual a partir do homem animal, ou seja: quando se sai do estágio da agressão para o de compaixão. Este nascimento virginal a um deus é o movimento de transcendência que na religião ficou registrado pelo Cristo como “vós

sois deuses” (Evangelho segundo S.João 10:34 in: BÍBLIA PASTORAL, 2014) quando retoma o que texto judaico que diz o mesmo (Salmos 82:6 in: BÍBLIA PASTORAL, 2014).

Quando o homem passa por este processo interior de dar à luz ao Si Mesmo (integração do Self), pela integração (equilíbrio) entre o feminino e o masculino, no quarto centro dos estágios do desenvolvimento espiritual (centros psicológicos) que representam planos de interesse, consciência e ação; partindo da base mais agressiva da sobrevivência, representado pela serpente compulsão que nega a vida (pois a consome incessantemente), interrompendo o fluxo de energia, o não reconhecimento; seguido da procriação (dois primeiros centros que remetem às premissas da teoria de Darwin (2003) sobre o impulso da continuação da espécie), o primeiro encontro masculino e feminino.

Mas o terceiro centro ainda é *negativo* (masculino) (compreender que negativo e positivo se referem a pólos da energia psíquica e não como conceitos de mau e bom) ligado a poder, domínio, realização, conquista (lembram de Apolo?). O quarto centro, à altura do coração é o da transição do animal para o humano e espiritual, simbolizado pelos masculino e feminino em dourado, remetendo ao (re)nascimento do ser em outro plano de consciência.

O nascimento virginal, pelo espírito (iluminação) é presente também – prossegue Campbell (1990) – em Buda, o que aponta para que este nascimento virginal é o despertar da compaixão e não da vontade de domínio, sexualidade e autopreservação. Se ascende dos primeiros centros a este pela transcendência, diz Campbell (1990), que continua a discorrer a partir da mitologia, o simbolismo do masculino resgatado da morte pelo feminino, para renascer mais majestoso, cerrando um passado obscuro (agressivo), descortinando o futuro iluminado (o que remete ao primeiro objeto de *O Leilão*, talvez subconsciente significado no filho que a Madona acolhe, o ensolarado, a esperança de mudança).

Este processo de resgate da potencialidade, do Si mesmo pode ser visto na abordagem junguiana de Marie-Louise von Franz do conto Asno de Ouro (do século II a.C.), onde o herói foi convertido em asno por seus desregramentos até que atravessada as provações, alcance a redenção pela deusa (Feminino); Campbell (1990) aponta este conto para afirmar “[...] a Deusa é um dos elementos capazes de desencadear o processo.” (p.195); assim como as catedrais e a Igreja guardam o nome da Madona como abrigo do homem que por ela, renasce homem espiritual. Porém, alerta Campbell (1990) que esta passagem também pode dar-se pelo masculino, o que nos devolve a Jung sobre o equilíbrio do Animus (masculino) na mulher e da Anima (feminino) no homem.

Ainda Campbell (1990) diz que nos tempos antigos, o sacerdote era o professor sendo sua função fornecer as chaves para esta ascensão do agressivo ao espiritual, o que nos leva a retomar considerações de Jung no sentido da educação da personalidade: uma educação transcendente do homem comum ao homem pleno, desta forma englobando o mesmo sentido de elevação espiritual, através da consciência de unidade, a Individuação com a integração do Self.

Desta forma, podemos dizer que a importância de compreendermos este conteúdo é para melhor administrarmos nossas relações pessoais e profissionais, uma vez que acreditamos com Jung, na educação pelo exemplo, já que para Jung, a educação “[...] ocorre espontaneamente e de forma inconsciente [...] se fundamento em uma das partes primitivas da psique [...] [e a educação pelo exemplo é a] forma mais antiga e talvez a mais eficaz de toda e qualquer educação” (JUNG, 2006, p.155); o que implica que um mau exemplo (uma relação de desequilíbrio das energias psíquicas das contrapartes, por exemplo) seria extremamente danoso para o processo formativo e este mesmo estaria fadado a ineficácia caso haja atrito neste sentido.

Diz: “[...] o bom exemplo é o melhor método de ensino. Por mais perfeito que seja um bom método, de nada adiantará, se a pessoa que o executa não se encontrar acima dele em virtude do valor de sua personalidade” (JUNG, 2006, p.60) e “O pedagogo precisa, por isso, dar atenção especial ao seu próprio estado psíquico, a fim de estar apto a perceber seu erro, quando houver fracasso [...]. Ele mesmo pode muitas vezes ser a causa inconsciente do mal.” (JUNG, 2006, p.125).

Aqui, nos atrevemos a estender que a ação educadora não se circunscreve ao pedagogo e que haja a compreensão de que Jung se referisse a todo aquele que se propõe à docência; ainda que haja diferença entre o consciente e o inconsciente na criança e no adulto. Por extensão acreditamos que não podemos admitir que aquele que saiu da infância e se encontra na condição de aluno é um ser integrado de forma equilibrada que possa digerir satisfatoriamente toda e qualquer ação do docente em detrimento da possibilidade da não plenificação daquele que leciona, a partir dos postulados sobre amadurecimento psicológico discorridos por Jung em seus mais de trinta livros, mais o trabalho de seus colaboradores. Portanto, se faz mister nos educarmos para lecionar aos outros.

Nesse sentido, trazendo esta lente para a obra e para sua relevância para discutirmos a formação de professores, vemos em *O Leilão* o que Saiani (2000) reforça sobre o conteúdo de

Jung ao mencionar o cordão umbilical simbólico que necessita romper-se para haver uma produção de cultura, onde essa referência pode não se tratar de uma pessoa em si, mas de um princípio feminino (ligação a instinto, nutrição, proteção, simbiose, fusão ao todo maior, anulação do ego) ou masculino (ligado à disciplina, hábitos, etc.), elevando assim este aprendizado não somente a pedagogos, mas a docentes de forma geral, pela extensão do efeito das energias psíquicas de contraparte sexual como descrito na e pela protagonista Paula, professora aposentada e pela autora, que igualmente lecionou em todos os graus formativos como visto na análise de seu currículo Lattes; aspecto em que concorda conosco Laufer (2017).

Ainda sobre os apontamentos de Jung (2006) sobre a ação dos educadores, diz que o professor não deve se contentar em ser mero transmissor de conhecimento, mas que através de si mesmo (exemplo) ele contribui para a cultura do alunado, de forma que deve manter-se em constante aprendizado sobre si mesmo, ou passará a corrigir em seus alunos o que não corrigiu em si mesmo. Portanto, ainda que o método não seja o mais eficaz, o êxito pode ocorrer porque “[...] o bom exemplo é o melhor método de ensino. Por mais perfeito que seja o método, de nada adianta se a pessoa que o executa não estiver acima dele em virtude do valor de sua personalidade.” (JUNG, 2006, p.60) e prossegue afirmando que a ausência deste cuidado na educação de adultos é (JUNG, 2006, p.61, 126, 138).

[...] a culpa de tantos casamentos desajustados e infelizes, assim como inúmeras decepções na vida profissional; todos estes adultos vivem muitas vezes na mais completa ignorância das coisas principais da vida. [...] [pois] exatamente o que a pessoa é, na realidade, tal será o aspecto da verdade que acabará apresentando e tal será, igualmente, o efeito dominante que produz [...] [portanto] o próprio educador deve ter sido educado antes e ter experimentado em si mesmo se são eficientes ou não as verdades psicológicas que aprendeu em sua escola.

Para Jung (2006) a educação que transcende da condição de homem coletivizado para o ser integral é aquela que visa o desenvolvimento da totalidade do ser humano, através do descobrir-se, do reconhecer e utilizar suas potencialidades até a plenificação, o que foge à reprodução de comportamentos/conhecimentos para a compreensão da construção destes o que se obtém por educadores que também se educam, assim saindo da incompetência manifesta pelo comportamento psicológico infantil ou semi-infantil.

Falha é a formação do professor onde não se levou em conta esta lacuna da aprendizagem para o desenvolvimento da personalidade que “[...] é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais

perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria.” (JUNG, 2006, p.177).

Lembremos que o processo da Individuação ocorre na maior parte das vezes por força de acontecimentos externos ou internos que motivam ou empurram a manifestação da função transcendente, que não disposto na narrativa de *O Leilão*, apontam para o ápice da frustração profissional pela docência e o divórcio; ou em consequência dos caminhos próprios que Paula afirma ter escolhido à revelia da opinião e querer de seus pais, onde ela não cita a temporalidade destes eventos, mas que a narrativa nos leva a inferir que venham em conjunto.

Assim, quando Paula aceita seguir a sua voz interior, que a leva a caminhar no desconhecido para adquirir a segurança advinda da desproteção (da bolha), ela se liberta do cativeiro psicoemocional, a zona de conforto, passa a reequilibrar o animus (masculino) que a mantinha dentro dos padrões sociais lógicos de sua formação familiar para abraçar o seu feminino que segue a intuição, bússola na jornada da descoberta de si mesma.

Esta jornada não está descrita em sua totalidade, mas pincela aqui e ali suas inferências na narrativa, apontando motivadores, deslocamentos, pontos de estanque e pontos de alcance que nos levam a ver o véu da jornada do herói que Joseph Campbell desenrola a partir dos seus estudos mitológicos em Jung (DEL PICCHIA; BALIEIRO, 2012). É aceitar ser o rio que flui, o que adquire significado, caminha para a integração do Self, é “[...] o herói, o líder, o salvador, é certamente aquele que descobre um caminho novo para chegar ao que é mais alto e mais seguro [...] [este caminho] algo psiquicamente vivo que a filosofia clássica chinesa denomina Tao.” (JUNG, 2006, p.192).

Como vimos, o símbolo carrega mais que a expressão enquanto linguagem gráfica, é a linguagem da percepção, do sentir, que transcende as elucubrações da letra, é o que fala além da linguagem oral, além dos limites de idioma e essa expressão enquanto pura carga psíquica, energética, pulsa com a nossa fonte psíquica mais primitiva, alinhada, aquela que nos retifica.

Sobre o símbolo, o mito e suas expressões, se quisermos apenas aproveitar o aprendizado ao invés de nos mantermos na insistência do terceiro *chakra* (da energia agressiva que se satisfaz na autofagia da conquista, consumo centrada no ego) devemos nos render ao fluir e não ao por em uma forma concepções que não podem ser conceituadas, mas *experenciadas*, pois este é apenas o terceiro de sete centros de energia, que como disse Jung, a sociedade ocidental está centrada.

Trouxemos o Círculo de Eranos aqui para expandir a compreensão e não para definir uma linearidade onde ela não existe: Jung e seus pares interdisciplinares não mantiveram um único pensamento sobre o aprendizado oriental aplicado ao ocidente, e é isso que nos deixou um legado rico de ser experienciado; porém é inegável que eles se encontram aqui e ali, revelando sentido neste mergulho da história humana para explicar o próprio homem. Se eles mesmos citavam um ao outro onde havia contribuição, por que nós os excluíamos?

Dessa forma, o que temos em “O Leilão” - através dos objetos leiloados, suas significações enquanto símbolos-arquétipos, reflexionados seus conteúdos emocionais pela protagonista e então compreendidos, ressignificados ante o eu -; é este trajeto de volta à fonte primeva, o reajuste, reencontro, retorno ao equilíbrio-plenificação, o alcance da maturidade psicológica, o reconhecer-processar-desenvolver dos meandros emocionais que nos jogam às vezes de uma a outra margem no curso da vida (extremos), revelando aspectos nossos que com o passar do tempo, pouco (ou nenhum) orgulho temos, para enfim atingir o equilíbrio que nos devolve à posse de nós mesmos, o que contribui para o coletivo por nos apresentar em nossa forma melhorada.

A contribuição pedagógica *summum bonum* manifesta neste percurso da protagonista Paula D’Aquinson é a de que a vida e suas manifestações (como o trabalho, as escolhas de vida) é a oportunidade de aprendermos constantemente, refletirmos do íntimo ao externo e daí de volta para nos aprimorarmos como ser, o que nos eleva a sermos professores que educam pelo exemplo e não apenas pelos conteúdos disciplinares e desta forma, transformamos a nós, alcançando aos nossos alunos; legitimando Ierecê Barbosa como a professora pesquisadora de si mesma e do mundo a que pertencia e que construía, em um constante processo devir que se manifesta em toda sua trajetória acadêmico-profissional como reflexo dela própria, o autoconhecer-se para devolver este aprimoramento em ações ao coletivo, como revela seu currículo e as palavras dos que com ela desenvolveram tantos trabalhos que vemos em entrevistas e na página memória da rede social Facebook. “O Leilão” é a coroação de um caminhar, é o laço com que ela brilhantemente encerrou seu percurso neste mundo; que maior contribuição formativo-pedagógica que esta?

3. COLÓQUIO “IERECÊ BARBOSA: AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS EM “O LEILÃO”

Este capítulo foi escrito para atender ao terceiro objetivo específico desta pesquisa (*Discorrer a respeito da socialização dos resultados do estudo analítico feito, tomando como referencial norteador um Colóquio como estratégia de formação profissional para professores*), de forma que está dividido em subseções que pormenorizam as etapas desta construção.

Esclarecemos que estas subseções não caracterizam o percurso como linear, haja visto o *continuum* próprio da pesquisa fenomenológica, porém por uma questão de organização para o registro, seguimos para as etapas constitutivas do Produto Educacional Colóquio.

3.1 Construindo o Produto Educacional “Reinvenção do Colóquio como Estratégia Formativa de Professores”

O processo de apresentar, construir e aplicar um Colóquio como instrumento pedagógico na interface Ensino de Ciências – Educação em Ciências ocorreu no segundo semestre do ano de 2019, em dois ambientes de mestrado: profissional e acadêmico, a fim de que a aplicação prática analisada, validasse a proposta de reinventar um evento acadêmico como estratégia formativa de professores.

3.1.1 Reinvenção do Colóquio como Estratégia Formativa de Professores: descrições gerais.

O referencial teórico para embasar a construção de um colóquio não é algo simples de se achar, de forma que as fontes consultadas não são longas, mas esta base permitiu desenvolver um produto educacional que contribua com o processo formativo de professores enquanto possibilidade de instrumento pedagógico em sua prática docente.

Desta forma, partimos do Manual do Cerimonial do Ministério Público Federal (BRASIL, 2008, p.85), que tem, entre os eventos que elenca, a mais curta descrição para o Colóquio: “Esse encontro consiste em reunião fechada, com pauta aprovada e temário definido, que tem por objetivo esclarecer pendências e tomar decisões, sob uma coordenação.”.

O Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (2017) preconiza que Colóquio é “Apresentação de um tema informativo, técnico ou científico por autoridade de renome com notório saber no assunto”, entendido como um dos tipos de veículo de comunicação dirigida (evento) “[...] um acontecimento organizado com objetivos institucionais, comunitários ou profissionais [...] com a finalidade de criar conceito e estabelecer a imagem das organizações, produtos, serviços, ideias e pessoas [...] uma vitrine, um momento de destaque e de sedimentação [...]” (BRASIL, 2017, p.11), que pode ser um instante em uma série de atividades sobre o tema que for disposto ou a finalização de um percurso a respeito.

Enquanto parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, assumimos para nós, a apresentação daquele Guia (BRASIL, 2017), de que os eventos aproximam as instituições da Rede, impulsionam (BRASIL, 2017, p.09)

[...] as atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação, ampliando a captação de recursos e possibilitando que as demandas sociais sejam mais facilmente atingidas [...] [que] contribuam para a disseminação e consolidação das marcas envolvidas e que, em última análise, os eventos sejam cada vez mais instrumentos para a melhoria da vida da sociedade.

Diz o Michaelis *online* (2019) em sua 4ª definição do termo “Colóquio” que se trata de “Encontro de especialistas de determinado assunto com o objetivo de debater ideias ou discutir pontos de vista sobre um determinado tema”, o que nos remete que faz-se necessário mais de 1 pessoa a abordar/tratar/discutir/mediar um tema de forma a informar/esclarecer/demonstrar determinado(s) ponto(s) de vista acerca de um assunto específico.

Even3 (200-), uma página da internet especializada em eventos diz que “Um colóquio é um encontro científico, que busca promover um espaço para conversa entre os participantes e os palestrantes.” mas que também pode ser uma reunião para tomada de decisões entre pesquisadores ou mesmo para apresentar trabalhos acadêmicos que trazem novidades a respeito do tema estipulado; porém em todos os casos há um tema definido previamente e guiado por quem traz a palavra, podendo ser por apresentação ou por debate mas sempre com abertura à participação dos presentes, que por sua vez, são um público-alvo delimitado pelo interesse ao tema, ofertando assim que o debate traga considerações qualificadas ao conteúdo abordado.

A diferenciar de outros tipos de eventos acadêmicos, o colóquio pode ser cumprido por grupos menores e mais restritos, desde que seus participantes estejam vinculados ao tema (não cabe a “[...] interessados ao assunto proposto.” (EVEN3, 200-), com duração máxima de 1 dia, dividido o tempo em debate e considerações finais, ou seja: o colóquio caminha para mediar informações e opiniões de forma a levar o grupo participante a um consenso ou uma compreensão nivelada sobre o tema.

Ainda de acordo com esta página Even3 (200-), um roteiro apropriado a um colóquio deve conter: abertura/boas vindas; apresentação dos membros da mesa e moderador com seus minicurrículos (qualificação dos mesmos a respeito do tema); introdução do assunto; debate (com a participação da plateia) com fechamento considerativo sobre o tema ou reunião dos grupos com debate das ideias e votação final. Porém por não haver um formato fechado sobre Colóquio, este roteiro pode ser modificado.

Castelo Branco (2014) em sua tese, acredita que a difusão do conhecimento se dá também por eventos científicos, tendo utilizado Colóquio a fim de desenvolver seus trabalhos, oportunizado ao grupo amostral com quem trabalhara, compartilhar e difundir as informações e conhecimentos construídos no processo. O Colóquio ali, trazia em seu bojo a comunicação sobre os processos e produtos desenvolvidos, sendo também uma forma de validação do que havia sido trabalhado.

Na experiência de Castelo Branco (2014), o colóquio foi composto por palestras, oficinas e lançamento de livros em dois locais diferentes, incluindo profissionais, estudantes e público externo, tendo se utilizado das redes sociais abertas para divulgação e alcance de público. Em seu relato, o evento foi absorvido pelos desenvolvedores do projeto como de formação, relevante no processo da pesquisa pedagógica, dando visibilidade aos resultados das pesquisas realizadas para a sociedade como um todo.

A autora destaca que a construção de uma marca identificadora é essencial para despertar o interesse na grande mídia, enquanto que outros processos mais simples porém de alcance (como divulgação *boca a boca* e redes sociais) são relevantes a partir do empenho do grupo em ampliar o alcance da notícia, ainda que os números apresentados por estes meios não reflitam esse alcance (CASTELO BRANCO, 2014).

Um aspecto não alcançado naquele trabalho e que integra um colóquio foi a sensação de participação-comunicação que deve existir neste tipo de evento, porém não foi registrado

entre os participantes daquele projeto; mas foi visto como instrumento diversificado para levar conhecimento (CASTELO BRANCO, 2014), no entanto registramos que não encontramos naquele trabalho um referencial de embasamento teórico para a confecção do evento, onde inferimos que isto pode ter sido a causa, ou ainda o foco daquela pesquisa ser centrado na divulgação científica, onde o colóquio era ferramenta para alcançar aquele objetivo, porém este aspecto muda na segunda realização, vejamos:

O segundo evento Colóquio na pesquisa de Castelo Branco (2014) teve duração de 2 dias e atestou que a presença de um *comitê científico* deu mais credibilidade às divulgações, aumento a confiabilidade para concretização da atividade e o uso das redes sociais alcançou grupos indiretos, pelo desdobramento midiático do projeto. Uma pesquisa de satisfação ao final reforçou o resultado do evento anterior quanto à contribuição formativo através do colóquio. Nesta segunda oportunidade, o registro das falas aponta que a comunicação – fator intrínseco e pelo qual prima o evento Colóquio – foi alcançada e desenvolvida, quanto a apresentar, compartilhar, debater; o que revela que a experiência do I Colóquio daquele trabalho foi essencial para aprimorar o II Colóquio.

Assinalamos esta observação a fim de caracterizar o evento Colóquio da maneira mais uniforme possível entre as fontes assinaladas, visando a construção de nosso produto educacional e seu manual.

A nosso ver, um colóquio traz de forma concisa, informações sobre um tema de interesse de um grupo, atualizando-o e mantendo a comunicação entre todos a respeito do assunto abordado, revelando-se uma excelente proposta como evento acadêmico de baixo custo e menor programação porém de alto rendimento participativo, o que vemos como potencial instrumento pedagógico para ser utilizado inclusive entre um professor e suas classes de aula, dinamizando a participação e por esta, o desenvolvimento da compreensão pela abordagem feita.

O Manual de Eventos e Normas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao elencar os eventos acadêmicos e científicos mais recorrentes em seus *campi*, não registra Colóquio, porém define aspectos que devem ser observados quando da organização de eventos desta natureza (UNICAMP, 200-):

- a) Estratégia e Metodologia: Esta parte da organização de um evento acadêmico deve se ater ao estabelecimento de um objeto núcleo com texto explicativo que justifique sua

ocorrência e estabeleça os objetivos da realização do evento; definir o formato do evento a partir dos objetivos, do tempo, local e infraestrutura, custos e público alvo; contar com um coordenador geral que gerencie o processo como um todo e designe setorialmente tarefas e seus responsáveis; o que inclui o levantamento dos custos, mediante projeto, para concretizar o evento desde o início, o percurso até a finalização para bem estar de todos e bom termo dos objetivos, para então buscar financiamento e patrocínio que o possa custear, com antecedência. Vale destacar que esse patrocínio é tido como investimento a um retorno institucional ou de marketing, enquanto que o apoio faz permuta de bens e serviços. Deve ser averiguado se ao evento cabe incentivos fiscais de acordo com a legislação aplicável e em voga.

- b) Cronograma de Preparação e Execução: A definição de datas com prazos adequados à cada etapa da preparação do projeto também deve conter os nomes levantados como convidados adequados e desejáveis à temática do evento, que por sua vez devem ser contatados previamente para acordos de agenda e informações necessárias à presença destes; aqui também cabe a fase de reserva do local e caso se aplique, acordos com órgãos ou empresas para traslado, hospedagem, alimentação, com valores, disponibilidade, endereços, etc.; isto feito, a agenda definida e confirmada deve ser enviada aos convidados para ser efetuada a confirmação da participação ao evento e condições para tal (se houver), indicando prazo para a resposta que, se positiva, deve acompanhar o texto com o qual o convidado deseja ser apresentado na ocasião mais os recursos materiais/midiáticos que necessitará para apresentar-se. A chamada para os trabalhos contendo os períodos de cada fase (submissão, avaliação, etc.) juntamente com os formulários de inscrição, o programa, e demais informações e modelos também pertence a essa etapa, assim como a divulgação junto à imprensa própria acompanhada de material informativo.
- c) Operacionalização: Trata da efetivação do que foi posto no papel por equipe própria ou assessoria contratada para montar o evento, incluindo os materiais de divulgação com inclusão dos patrocínios/apoios (com logomarcas) e programação, que deve ser difundida pelos meios midiáticos disponíveis para alcance do público alvo. Aqui pertence a confecção dos materiais de boas-vindas e identificação ao evento, assim como certificados de presença/participação que respondam aos procedimentos cabíveis de acordo com a natureza do evento e a autoridade a quem responde dentro da instituição. Equipamentos e programações alternativas adjuntas ao local do evento

pertencem a esta etapa, assim como a confecção e disponibilização dos anais e agradecimentos posteriores à realização do evento.

De forma geral, deve ser considerado em função do evento: seu público e a experiência que se quer ofertar a ele de forma a atrair o interesse dele em participar do seu evento; local (infraestrutura); acesso ao evento e ao local do evento (inscrições e translados); o evento em si (local, estrutura geral para realiza-lo, possibilidade de vendas, financiamento, divulgação, conteúdo (e a forma de aceite destes conteúdos); tempo para preparar e contemplar tudo o que foi posto no planejamento; equipe para levar a cabo em bom termo além de tecnologias contributivas ao processo antes, durante e após o evento. Por se tratar de evento acadêmico-científico, o aval de um comitê científico é de praxe para atestar a confiabilidade do evento, escolha dos palestrantes e dos trabalhos guiasa serem apresentados (EVEN3, 200-).

O Guia de eventos, cerimonial e protocolo para a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica (BRASIL, 2017), diz que mesmo os pequenos eventos possuem as etapas:

- a) *Pré-evento*: Planejamento (Concepção, Definição de Nome, Objetivos, Público-Alvo, Equipe de Organização, Cronograma, Programação, Local de Realização, Acessibilidade, Previsão Orçamentária); Preparativos (Registro no calendário institucional de eventos; Agendamentos; Material de Divulgação, Convites, Materiais aos Participantes, Materiais para Imprensa, Cerimonial e Protocolo, Comunicação com autoridades externas, Avaliação do Evento, Serviços Logísticos, de Infraestrutura, Contratação de recursos humanos, emissão de licenças/documentação, entre outros).
- b) *Trans-evento* (evento em si): Inclui conferências, recebimentos, verificações, identificações e aplicações pertinentes.
- c) *Pós-evento*: Retiradas, desmontagens, elaboração de relatórios, avaliações finais, prestação de contas, documentos de registro, conferências gerais.

Com um responsável pelo evento e um organizador de eventos, um cerimonialista, um mestre de cerimônias, anfitrião, apoiador, produtor, realizador e patrocinador, cada um com competências e atribuições próprias para o bom desenvolvimento da atividade, sobre as quais recomendamos consultar diretamente o manual.

Vale lembrar que existem páginas na internet e plataformas digitais que auxiliam esse processo com planilhas, checklists, orientações, modelos, etc. No caso do colóquio, por definição, trata-se de evento menor em que talvez nem todos estes itens estejam presentes, a depender da temática e do planejamento.

Outro item que precisa ser lembrado é a ordem de precedência quando da apresentação do evento/abertura: O Manual de Eventos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) (2006) direciona para que as instituições que não possuem seu próprio cerimonial aprovado por Conselho Universitário, deve seguir o Decreto n. 70.724 de março de 1972 quanto à esta ordem hierárquica dos convidados ao ato público protocolar, cabendo ao convidado o lugar de honra à direita do Reitor (autoridade primeira no âmbito universitário, sendo somente posterior sua chamada para compor a mesa diretiva, à presença de presidente e vice-presidente da República).

Quando da ausência do Magnífico Reitor, o evento é presidido pelo anfitrião como autoridade hierárquica: “A pessoa mais importante para a instituição é a primeira a ser chamada, pois é o anfitrião do evento, mas é a última a utilizar a palavra.” (UEA, 2006. p.14). Esta condução é atividade do mestre de cerimônias de acordo com o Roteiro de Cerimonial.

Brasil (2017) ainda destaca que a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica segue o Decreto n.70.274 de 09 de março de 1972 para a precedência, cuja chamada para composição da mesa de honra é da hierarquia maior para a menor, e inversa para os pronunciamentos (que por sua vez, possuem tempo determinado para fala dos participantes que devem ser avisados deste; podem ocorrer à mesa ou na tribuna, à escolha de quem fala e; dispensa que a fala seja realizada por todos os componentes da mesa); cabendo à cada Instituição definir a precedência interna. Também deve ser dada atenção aos Representantes das Autoridades que não compareceram, à citação de demais autoridades não componentes da mesa mas presentes.

Reconhecemos que há orientações para eventos muito maiores do que um colóquio que um professor realize, por exemplo, entre suas turmas de aula, porém guardamos o registro para a eventualidade de sermos lidos por quem deseje fazer algo maior, uma vez que nossa pesquisa se direciona à confecção de um produto educacional cujo manual deve orientar, instruir, capacitar e possibilitar fontes a quem o leia. Desta forma, cabe a quem o for utilizar, a seleção das etapas que lhe conferem e a observação das normas pertinentes a elas.

A utilização da Psicologia Analítica para a análise da obra “O Leilão” sugeriu por sua essência, que a aplicação da prática da pesquisa (testagem do produto educacional) seguisse uma orientação provinda da pesquisa em psicologia; para tanto, recorreremos às orientações de Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012) naturalmente no que fosse aplicável ao nosso trabalho, de forma que o conteúdo abaixo, exceto quando explicitado, se refere a estes autores, como segue:

Estes autores tecem algumas recomendações quanto a aspectos éticos relacionados ao tratamento dado à aplicação da pesquisa desta natureza, como o uso do *Debriefing* que consiste em informar o necessário para que os participantes se sintam beneficiados com a pesquisa, o que ainda se torna mais contributivo quando a aplicação é feita com estudantes universitários, por estimulá-los através do espelhamento quanto à produção científica cabendo para esta reflexão a apresentação do “[...] propósito do estudo, as técnicas usadas e a significância da pesquisa para a compreensão do comportamento.” (p.91), resultando este tipo de aplicação em acadêmicos mais estimulados à sua própria experiência de pesquisa em relação aos que não tiveram contato conforme as pesquisas de Richardson, Pegalis e Britton (1992 apud SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012).

Voltando, “O *debriefing* permite que os pesquisadores aprendam como os participantes enxergam os procedimentos, permite *insights* sobre a natureza dos resultados da pesquisa, e proporciona ideias pra pesquisas futuras.” (p.90-91), o que inclusive permite ao pesquisador perceber se a atividade foi compreendida pelos partícipes da forma como planejada pelo que investiga, porém estas informações devem se limitar a um conteúdo que não afete os participantes pela aflição de comprometerem a pesquisa por ter seus comportamentos influenciados pela demasia de dados, portanto em pesquisas deste viés, Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012) orientam que o *debriefing* seja informal e indireto com uso de questões gerais e de formato aberto.

Também recomendam que ao fim da pesquisa, um relatório possa ser enviado por correio eletrônico aos participantes para uma compreensão melhor dos objetivos da prática aplicada e os resultados obtidos (naturalmente, para os partícipes que aceitaram informar este dado).

Outro ponto é a percepção do pesquisador sobre o quanto uma aplicação é pública ou privada, sobre o qual recomendam considerar: 1) a sensibilidade das informações; 2) o cenário; 3) o método de divulgação das informações obtidas; tendo em mente que “A

privacidade se refere aos direitos de indivíduos decidirem como informações sobre eles devem ser comunicadas a outras pessoas.” (p.84), assim cabe ao pesquisador ponderar se: 1) o tipo de informações oriundas da atividade é de natureza íntima e/ou constrangedora; 2) o local da atividade é restrito (no sentido do item anterior) ou a atividade poderia incluir outros participantes (ex: um show, onde as pessoas de antemão estão dispostas a certo grau de diminuição da privacidade), ainda que sua ocorrência seja uma situação pública (ex: um piquenique em um parque público e aberto); 3) a divulgação das informações ocorre de forma referenciada aos participantes ou como média/proporção de grupo.

Sobre o Consentimento Informado, é recomendado por estes autores que: haja clareza quanto à atividade, informada a possibilidade do consentimento de ser revogada a qualquer tempo, considerar a necessidade de seu uso em situações/ambientes públicos, auferir sobre a disponibilidade dos participantes quanto à divulgação das informações originadas da atividade (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012, p.81-82):

O **consentimento informado** é a disposição da pessoa, expressar explicitamente, para participar de um projeto de pesquisa, baseada em uma compreensão clara na natureza da pesquisa, das consequências de não participar e de todos os fatores que podemos esperar que influenciem a disposição daquela pessoa para participar.

[...]

O consentimento informado escrito é absolutamente essencial quando os participantes são expostos a mais do que o risco mínimo.

Quanto à compreensão do que seja risco mínimo: “Diz-se que um estudo envolve ‘risco mínimo’ quando os procedimentos ou atividades do estudo são semelhantes aos que os participantes encontram em suas vidas cotidianas.” (p.79) e ainda assim o pesquisador deve adotar medidas de proteção sobre os participantes, ou seja: manter o anonimato destes ou a confidencialidade das informações.

Os autores comentam que ainda que os participantes possam romper o acordo de participação através de atos que prejudiquem a situação de pesquisa (ex: não seguir as orientações dadas ou não prestar atenção nas instruções), o que em si é uma quebra da responsabilidade ética assentida implicitamente quando possuem ciência de sua condição de participantes e a aceitam, “[...] *a responsabilidade final por fazer pesquisas éticas sempre é do pesquisador.*” (p.83).

Se utilizado, o consentimento informado deve ser claro, sem jargões, evitar linguagem sugestiva, com descrição geral da experiência e sua natureza, juntamente com os benefícios, indicar literatura para quem deseje saber mais, como serão tratadas as informações (a nível de divulgação), o nível de confidencialidade, de risco (inclusive o mínimo), um contato para

eventuais dúvidas e deve haver um espaço evidenciando a participação voluntária e o direito de revogação do consentimento (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012).

Isto observado, considerada nossa atividade como Pública e cujo teor das perguntas não desabona a integridade dos participantes, que por sua vez foram esclarecidos das informações gerais da atividade (natureza e destino), estando livres para aderir ou não à participação, ainda que tenham assistido ao conteúdo trazido pelo Colóquio como atividade dentro de um evento acadêmico ao qual optaram assistir, cientificados da possibilidade de desistência até o envio do Formulário Digital de Feedback⁵ com opção de Anonimato, tendo opção de contato⁶ posterior sido disponibilizada igualmente no *site*⁷ construído para esta situação de pesquisa; foi apresentado o endereço digital para acesso em tempo destinado específico para este momento da atividade, com opção de QR Code⁸, do qual retornaram 13 formulários, dos 15 presentes, constituindo a amostra do dia 27 de setembro de 2019, nominada “Amostra ST” e 45 formulários dos presentes no dia amostral 09 de outubro de 2019, nominada “Amostra SC” (onde não contamos os presentes ou passamos lista de presença haja visto que éramos visitantes em outra casa acadêmica e o credenciamento era deles), sendo esta a origem da construção dos dados desta fase da pesquisa, que contribuíram para o processo de validação do Colóquio como Estratégia Formativa nos Processos Formativos de Professores, destacando que ambas as aplicações práticas da situação de pesquisa em estudo foram realizadas como parte de eventos acadêmicos anuais, desenvolvidos por programas de pós-graduação *strictu sensu* de instituições públicas (ST, federal e SC, estadual), voltados para a formação continuada em Ensino Tecnológico e Ensino de Ciências na Amazônia, respectivamente; no espaço próprio destas instituições com inscrição voluntária para a atividade.

Desta forma, reconhecemos como amostras representativas situacionais pois se aproximam da perspectiva descrita por estes autores, para os quais aplicamos (na Análise do Colóquio) Observação Direta Naturalística (ODN) e da Observação Indireta (OI) (Não Obstrutiva / Não Reativa) Arquivística (OIA) e de Traços Físicos (OITF), às percepções obtidas na situação de pesquisa Aplicação da Prática “Reinvenção do Colóquio como Estratégia Formativa de Professores” e a partir dos Formulários de *Feedback* e de filmagens

⁵ <https://carmenelimacg.wixsite.com/carmengoncalves/avaliacao-de-evento>

⁶ <http://carmenelimacg.wixsite.com/carmengoncalves/entre-em-contato>

⁷ <https://carmenelimacg.wixsite.com/carmengoncalves>

⁸ Ver “Apêndice”

não editadas (tendência à diminuição do nosso viés enquanto também observadora) das práticas do dia 27 de setembro de 2019 (das 8 às 12h, no evento aberto e público da instituição federal de ensino tecnológico) e do dia 09 de agosto de 2019 (das 15 às 17h, no evento aberto e público de ensino de ciências da instituição estadual); a fim da validação da pesquisa, dentro das variáveis mencionadas.

Ambos os eventos são abertos ao público acadêmico em geral, construídos o primeiro pela pós graduação de mestrado profissional de ensino tecnológico e o segundo, pela pós graduação de mestrado acadêmico em ensino de ciências na Amazônia. O primeiro evento está em sua quinta edição, enquanto o segundo, na nona edição, já conhecidos nos ambientes onde estão seus públicos, de livre adesão (o primeiro, gratuito nesta edição e o segundo, com taxa de inscrição), cuja atividade é facultativa ao desejo dos participantes de nela se fazerem presentes e livres para estarem presentes sem o vínculo da obrigatoriedade do *Feedback*; sem que as imagens venham a público (serviram apenas para a análise nossa e de forma anônima, o que também justifica não adicionarmos fotos aqui), onde foi aplicado o *debriefing* conforme visto acima; portanto considerada *Situação Natural e Pública*); cuja leitura das imagens foi pela Análise Corporal (Comportamento e Linguagem Não Verbal) e a leitura dos formulários pela metodologia aplicada à análise do livro estudado.

A vantagem da Observação Indireta aqui é sua condição não reativa aos participantes, portanto as ações e comportamentos estão *in natura*, enquanto que a Observação Direta Naturalística permite a pesquisa no “mundo real” (SHAGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012, p.111), como aferimos. Com a OITF, buscamos “[...] as fontes possíveis de viés e procurando evidências convergentes [...] [que apontassem] atitudes, preferências e comportamentos.” (p.120) enquanto que com a OIA, o formulário de *Feedback* foi considerado como documento de descrição em fato específico (episódico), que juntamente com a ODN, que por sua vez permite explorar a ocorrência ou não de impacto da situação da pesquisa, mesmo com a possibilidade de ocorrência da seletividade de sobrevivência – no nosso caso a desistência do envio do formulário de *Feedback* – e/ou de depósito (autofiltro dos participantes na descrição da experiência no formulário de *Feedback*); por isso mesmo estas Observações são complementares na Pesquisa Multimétodo além de próprias em Tratamento Natural (“[...] fatos de ocorrência natural, que impactam a sociedade ou indivíduos significativamente.” (p.123), o que eleva ainda a validade externa da pesquisa, pela triangulação sistemática de perspectivas, como posto por Flick (2009b), materializada quando estas observações são analisadas conforme descrito a seguir:

- para os formulários retornados dos participantes (meio físico ou digital) foi utilizada a via da mesma análise utilizada para o livro investigado a fim de notar os tópicos que emergem da apreensão dos participantes sobre o conteúdo apresentado;
- para os vídeos gravados (diagonal e frontal para captar a reação da maioria do público, haja visto que o equipamento e a disponibilidade técnica não foi de estúdio, influenciado pela disposição do espaço físico e iluminação, etc.) o uso das técnicas de expressão corporal e linguagem facial.

Os leitores poderão perceber que nossa análise de campo é registrada no decorrer do texto, ao modo das narrativas que nos subsidiam: Irecê Barbosa (enquanto pretexto para a estratégia formativa), Carl G. Jung (pela epistemologia base da análise de “O Leilão”), Paul Ekman (e colaboradores, para linguagem e comportamento não verbais).

Como pode ser visto, o processo de *in*-formação nossa também foi levado em conta nesta etapa da pesquisa, buscando a melhoria de conteúdo a ser ofertado e apresentação deste conteúdo em um *continuum* processo de aprimoramento da nossa condição docente.

3.1.2 Seleção e Tratamento ao *Corpus* do Colóquio

Para o V Simpósio de Ensino Tecnológico no Amazonas (SETA), preparamos um artigo para ser submetido que nos deu à luz os componentes que poderiam ser levados a compor o colóquio, pela questão de síntese necessária para compor em menos de dez páginas, uma pesquisa que ainda nem estava encerrada à época e já se estendia a mais de oitenta páginas. Àquela altura, já tínhamos nos dado conta sobre o que também foi levantado pela banca de qualificação: de tudo que fora pesquisado, como selecionar o que iria caber em uma situação de poucas horas.

Já destacamos que a obra psicanalítica por si só já é extensa para caber em uma pesquisa de dois anos e que só foi possível intentá-la graças ao nosso convívio com esta epistemologia já ter mais de uma década ao início do mestrado; logo, esperar que a explanação seja profunda em um colóquio, seria de uma pretensão descabida. Porém, era possível abrir a porta do interesse para que aqueles que assistiram ao colóquio verem a potencialidade que vimos para utilizá-la.

Durante a construção do artigo, percebemos que os elementos a serem apresentados para sintetizar nossa pesquisa seriam os abaixo elencados, os quais compuseram um “Guia do Colóquio” que utilizamos como roteiro do que não poderíamos esquecer:

- a autora da obra (justificando em sua trajetória pessoal-profissional o vínculo com a temática de formação de professores);
- uma síntese do livro “O Leilão” (para os que nunca tiveram contato com este romance compreenderem o percurso do mesmo ou aos que tiveram, relembra-lo);
- uma síntese das concepções psicanalíticas que se vinculam com a obra durante sua análise para dali expor como a educação pelo exemplo é construída neste paradigma (conforme apresentada no capítulo anterior, o que inclui abordar o aspecto da religião, além do simbolismo e demais conceitos em uma discussão junguiana);
- uma aproximação deste conteúdo por uma linguagem mais acessível, através dos quatro pilares de uma vida com sentido (Pertencimento, Propósito, Transcendência e Narrativa autobiográfica) de Smith (2017) e do poder da autorresponsabilidade de Vieira (2017) para salientar os benefícios a curto, médio e longo prazo de ver e viver a vida por uma óptica reflexiva na perspectiva da autoformação continuada.

Possibilitando que os participantes do colóquio pudessem fluir em uma discussão das contribuições pedagógicas de Irecê Barbosa para eles, o que naturalmente influencia outros professores, já que a dedicação de PPG's voltados à Educação e ao Ensino (como esta do IFAM e a da UEA), é *formar bons professores de professores*, como diz Bueno; Sousa; Catani e Souza (1993), assim cumprindo o papel de devolução à sociedade do que é investido em pesquisa nas instituições públicas por agências governamentais (CAPES, 2013).

Um outro olhar que aqui se adiciona é levar em consideração que este trabalho permite pensar pesquisa em Ensino a partir de biografias por dois ângulos: daquele que escreve a partir de si mesmo e a partir daquele que lê, onde a revisitação de memórias permite notar as influências da história de vida sobre as escolhas, decisões, ações: “[a] [...] narração do passado é provocada e se elabora em torno de referências e de pontos em comum com a memória de outros.” (BUENO et al., 1993, p.304).

Emergindo o autoaprendizado e o aprendizado que a experiência de outrem nos proporciona quando sobre nós recai na condição de espelhamento (NÓVOA, 1993 apud CATANI; BUENO; SOUSA, 2000), que pode aflorar uma clareza sobre si, na medida das relações dialógicas do *eu*-professor enquanto *eu*-aluno e na minha relação com os meus pares, a organização onde atuo, com o conhecimento que trabalho; ou seja: a geração de uma força motriz para mudança durante o processo de *in*-formação ou autoformação continuada pela reflexão sobre aquilo que estando no outro, vejo em mim e o que faço a partir desta

percepção, onde posso escolher mudar ou não, pois “[...] a síntese entre os conteúdos conscientes e inconscientes e a tomada de consciência dos efeitos dos arquétipos sobre os conteúdos conscientes representam o ponto máximo do esforço espiritual e da concentração das forças psíquicas.” (JUNG, 1984, p.215-216)

Escolhendo a inércia, esta energia psíquica em fluxo persistirá em achar um caminho onde se manifeste, para a individuação se escolho adotar na minha conduta o que percebo que posso melhorar ou para formação de complexos caso rejeite a mudança, pois essa energia vem a partir do fluxo do conteúdo inconsciente ou subconsciente para o consciente e uma vez que emergiu, precisa fluir, ser utilizada, agregar, ao modo de um processo iniciático: “[...] podemos pensar que é sobretudo nossa consciência que designa as diferenças das coisas, as avalia e produz, inclusive onde é impossível apreender quaisquer diferenças.” (JUNG, 1986, p.57).

Neste processo de individuação, os pilares apontados por Smith (2017) conduzem ao reconhecimento do valor de si por quem somos (e não apenas pelo que sabemos, defendemos ou compartilhamos; o que eleva o valor do ser que é perene, em lugar do ter que é fugaz), que ela chama de Pertencimento, que gera gentilezas empáticas e não por convenção social; busca um Propósito (que nos faz utilizar nossos pontos fortes para ajudar os outros, dando-nos autogratificação pela sensação de utilidade e reconhecimento); readéqua nossa visão de mundo a partir de um referencial maior que nos arrebatou (Transcendência) e nos faz reavaliar de forma refletida o (re)Contar a nossa (própria) história⁹ e seus acontecimentos (mesmo os “ruins”) que fizeram de nós quem somos, na qualidade de “História Redentora”¹⁰, onde nos tornamos nosso mito pessoal, desenhando nossa visão sobre nossa própria jornada do herói.

Naturalmente, o desenvolvimento e manutenção dos quatro pilares de Smith como ponto de partida ou de manutenção do processo de individuação, pede que tenhamos responsabilidade com o caminho que escolhemos traçar na busca de nossa autoformação continuada, para o qual a metodologia das seis leis para a conquista da autorresponsabilidade de Vieira (2017) contribui: evitar a crítica sobre o outro; sugerir ao invés de reclamar; buscar soluções ao invés de culpados; fazer-se vencedor ao invés de vitimizar-se; aprender com os erros ao invés de justificá-los e julgar atitudes ao invés de julgar pessoas.

⁹ *Storytelling* como a história que você conta a você mesmo, sobre você mesmo (SMITH, 2017)

¹⁰ *Narrative Identity* de Dan P. McAdams e Kate C. McLean, 2006 apud SMITH, 2017

Como pode ser visto, estes dois conteúdos suplementares servem como que um tapete de entrada para quem decide se tornar alguém coletivo melhor através da plenificação interior, passando ideias mais simples de como se trilhar esta jornada da alma. Os conteúdos acima na forma como foram utilizados (*slides*) podem ser consultados no apêndice deste trabalho.

Para auxiliar-nos na análise da linguagem e comportamento não verbal, recorreremos a Paul Ekman e o trabalho de seus colaboradores e derivados, cuja perspectiva já acompanhávamos desde o ano de 2009 e teve início com uma série norteamericana¹¹ inspirada em sua vida, história e trabalho.

Há mais de 40 anos o psicólogo Paul Ekman (2012) tem estudado como expressamos as emoções (alegria, tristeza, angústia, raiva, surpresa, medo, desgosto, nojo e desprezo) e a fisiologia envolvida neste processo, tendo descoberto que a expressão emocional é universal, pois é autônoma em qualquer indivíduo e pode ocorrer tão rapidamente (micro expressões) que não pode ser disfarçada (comportamento não verbal); portanto, o mais viável é conhecê-las e os fatores em nós que a desencadeiam para nos educarmos em seu processamento. Ou seja: mudamos a forma como recebemos os estímulos externos para mudar a nossa resposta emocional a esses agentes, em uma maneira construtiva.

Uma (macro) expressão concorde ao conteúdo dito se manifesta entre 0,5 a 4s, tendo início, ápice e regressão muscular, enquanto que a micro expressão é um disparo inconsciente e geralmente discorde ou dissimulado de uma emoção, levando até 0,5s em sua ocorrência, que pode ocupar desde apenas uma região da face até um conjunto de músculos que além da face podem envolver outras partes do corpo e afetar outros sistemas, como a voz; porém há ferramentas e treinamento para distingui-las, uma vez que independem de cultura, linguagem ou o arcabouço do indivíduo (PAUL EKMAN GROUP, 2019).

Como nosso objetivo é ter uma fonte complementar para a construção dos dados, além da observação e dos formulários, e não um laudo técnico pericial dos participantes, comentaremos de forma sucinta o que Ekman (2012) descreve sobre a detecção destas emoções (fisiológicas) para assim analisarmos a receptividade dos participantes frente ao conteúdo apresentado, pois como diz Ekman, compreender a emoção dos outros nos torna mais sensíveis a decidir nosso próprio comportamento ante o outro, o que vai ao encontro à Educação pelo Exemplo de Jung.

¹¹ *Lie to Me*, distribuída pelo canal pago Fox.

Algo primordial para considerar o valor da análise das emoções é o fato de além de serem universais, elas ocorrem antes da racionalização o que confere autenticidade à sua leitura, mesmo em pessoas de diferentes culturas ou entre pessoas sãs ou com patologias mentais; nos tornarmos consciente das emoções nos dá a possibilidade de nos construirmos emocionalmente melhores, portanto ter atitudes proativas ante os eventos que nos ocorram, pois sua identificação segue padrões de expressão e fisiológicos específicos, mais prontamente evidentes na face e na voz¹² (EKMAN, 2012).

Para Ekman (2012), as emoções de clara expressão inata e universal são: tristeza, angústia, raiva, surpresa, medo, nojo, desprezo e alegria, pois não são mediadas por valores culturais como vergonha, culpa, embaraço ou inveja. Darwin (2009) já chamava estas expressões de verdadeiras, de origem natural e independente, enquanto às expressões convencionais (socioculturalmente construídas) chamava de artificiais. Estudá-las, para Ekman, é essencial porque biologicamente evoluímos para maximizar as emoções positivas e minimizar as experiências emocionais negativas, atrelando-as ao nosso processo decisório inclusive influenciando fatores fisiológicos como alimentação, reprodução, modo de vida e sobrevivência, prazer e até são motivadoras de suicídio.

Aqui nos damos à liberdade de um hiato que apoia a necessidade do processo de individuação para o bem coletivo, pois é interessante notar que o estudo de Charles Darwin sobre as expressões terem um início remoto na humanidade, subsidia a teoria da evolução das espécies a partir de um ancestral comum, o que nos leva a argumentar contra qualquer preconceito que divida a humanidade a partir das ideias de superioridade e inferioridade entre seres humanos, uma vez que a estrutura da universalidade das expressões indica que descendemos todos do mesmo tronco parental homínido: “Parece bem mais provável que os muitos pontos de grande semelhança entre as várias raças devam-se à herança de uma única forma parental, que já havia adquirido um caráter humano.” (DARWIN, 2009, p.306)

Emoções, diz Ekman (2012), triunfam sobre nossas necessidades básicas de manutenção da vida, queremos nos privar de senti-las exceto na segurança de algo extrínseco a nós, como em uma ficção, porém melhor que viver sem elas é viver melhor com elas. Nos dias atuais, quando se discute a incidência dos adoecimentos emocionais na sociedade, enquanto professores, parece-nos que é de grande contributo para eventuais necessidades de

¹² John Dashiell na década de 30, já havia verificado que o comportamento vocal humano, já desde a primeira infância, possui emissões universais, assim como as expressões faciais, assinala Ekman (2012).

ação com aqueles com os quais convivemos diariamente como nossos alunos ou nossos pares, nos debruçarmos sobre o estudo do comportamento e da linguagem não verbais, pois contribui com nossa formação pessoal e docente para além de apenas subsidiar aporte quanto a análise de nossa prática da pesquisa, retirando preconceitos, ofertando oportunidade de *tocar uma alma humana sendo apenas outra alma humana*, como pede Jung, estabelecendo o benefício coletivo, afinal como diz Darwin (2009, p.310-311)

Os movimentos expressivos do rosto e do corpo, qualquer que seja sua origem, são por si mesmos muito importantes para o nosso bem-estar. [...] Nós facilmente percebemos simpatia nos outros por sua expressão; nossos sofrimentos são assim mitigados e os prazeres, aumentados, o que reforça um sentimento mútuo positivo. Os movimentos expressivos conferem vivacidade e energia às nossas palavras. Eles revelam os pensamentos e as intenções alheios melhor do que as palavras, que podem ser falsas.

[...]

Vimos que o estudo da teoria das expressões confirma até certo ponto a conclusão de que o homem descende de alguma forma animal inferior, e reforça a crença na unidade específica ou subespecífica das inúmeras raças. Mas até onde eu sei, essa confirmação não era necessária. Vimos também que as expressões por si mesmas, ou a linguagem das emoções, como por vezes são chamadas, certamente têm importância para o bem-estar da humanidade. Entender, na medida do possível, a fonte ou origem das várias expressões que a todo momento podem ser vistas nos rostos dos homens à nossa volta, [...] deveria ter um enorme interesse para nós.

Aqui trazemos Darwin porque antes de Ekman, ele (2009) já havia escrito sobre em *A Expressão das emoções no homem e nos animais*, em 1872, com observações realizadas desde 1838, mas sem evidências categóricas pela ciência de sua época que não podia contar por exemplo, com o apoio das neurociências, o que não foi levado a efeito quanto ao comportamento/comunicação não verbal, universal e inato, não derivado culturalmente, sendo herança do processo evolutivo antes do desenvolvimento da fala e da linguagem verbal (essas sim, culturais), despontando os estudos no campo da biologia comportamental, ao que Darwin (2009, p.77) concluiu: “[...] ainda muitos pontos na teoria das expressões permanecem inexplicáveis.”, apesar que Ekman e colaboradores já confirmaram muitas das observações de Darwin, esmiuçando as lacunas com os recursos da ciência moderna, o que ressalta a importância da colaboração daquele com estes estudos mais de cem anos antes e confirmam sua expectativa: “A despeito do quanto ainda permanece incompreensível sobre esse assunto [...] podemos esperar ver todos eles futuramente explicados mediante estes mesmos princípios ou outros bastante análogos.” (DARWIN, 2009, p.297).

Os estudos de Darwin passaram a ser corroborados a partir dos estudos de Silvan Tomkins, Carrol Izard, Paul Ekman trabalhando suas investigações de forma independente, que os achados foram se complementarizando para compor o campo da linguagem corporal e

análise das expressões faciais (comportamento não-verbal) que diferem do comportamento socialmente aceito pelo tempo da manifestação fisiológica da expressão (expressões mascaradas apresentam tempo de exposição superior às emoções genuínas) e só pode ser definitivamente atestado ao aplicar a investigação em povos isolados, sem influência do cinema, por exemplo, para definir emoções sem parâmetro do gerenciamento social sobre o que é aceitável a cada situação, como os nativos de Papua Nova Guiné (EKMAN, 2012), aspecto já defendido por Darwin (2009, p.23):

A observação de nativos que tiveram pouco contato com os europeus seria, é claro, a mais preciosa, embora a observação de qualquer nativo seja de grande interesse para mim. Informações genéricas sobre as expressões são comparativamente de pouca valia; [...]. Uma descrição do semblante relacionado a uma dada emoção ou estado de espírito, determinando as circunstâncias em que este apareceu, seria de grande valia.

Recebi 36 respostas de diferentes observadores às minhas perguntas, [...]. Em muitos casos, foram registradas as circunstâncias em que se observaram cada uma das expressões, e as próprias expressões descritas. Nesses casos, as respostas são muito confiáveis. [...] Conclui-se, a partir das informações assim adquiridas, que um mesmo estado de espírito exprime-se ao redor do mundo com impressionante uniformidade; e este fato é ele mesmo interessante como evidência da grande similaridade da estrutura corporal e da conformação mental de todas as raças humanas.

Estes cientistas passaram a colaborar entre si, unindo seus conhecimentos de estudo da face (a partir dos músculos envolvidos na expressão manifesta) e movimentos corporais (que consideram reflexos involuntários do corpo a partir das descargas hormonais envolvidas, implicando na comunicação não verbal correspondente), sendo Silvan capaz de identificar com clareza e prontidão o perfil daqueles povos isolados de Papua Nova Guiné (*Stone Age cultures*) a partir de capturas de imagem dos vídeos (imagens estáticas obtidas a partir dos mais de trinta mil metros de fita de filmagens do neurologista Daniel Carleton Gajdusek em mais de uma década¹³), analisando as emoções reveladas na leitura facial, sem o contexto social envolvido (a prevalência das emoções e não o contexto que as motivou): um dos povos - os Fore - sendo bastante amigável e o outro de uma raiva explosiva considerável, altamente desconfiados de caráter paranoico¹⁴, os Anga (EKMAN, 2012).

Citamos este detalhamento dos Anga (a segunda tribo) por Silvan para destacar o nível de profundidade possível a partir deste tipo de análise, sobre caracteres que advém à

¹³ Nos anos 50 e 60, uma doença desconhecida ali estava dizimando estes povos isolados de Papua Nova Guiné, para onde o médico virologista, imunologista e antropologista Carleton Gajdusek foi estudar a ação desse vírus lento (lentivírus ou príon), que era contraído pela prática cultural da antropofagia dos familiares mortos por doenças, o que lhe rendeu posteriormente o Prêmio Nobel de Medicina em 1976: era a doença de Creutzfeldt-Jakob, chamada de *kuru* entre aqueles aborígenes.

¹⁴ Esta segunda tribo trata-se do povo Anga, que conhecidamente perseguiram os oficiais australianos e também tinham a ferocidade conhecida pelos povos vizinhos, realidade atestada pelo etologista Irenäus Eibl-Eibesfeldt que sobreviveu a um ataque deles. A etologia pode ser resumida como o estudo da biologia do comportamento.

culturalização social dogmática e à expressão social que o indivíduo deseje manifestar (complexo *persona*); sobre quanto a expressão não verbal facial e corporal podem dizer sobre os indivíduos, talvez mais do que eles mesmos reconheçam de si ou tenham consciência dos efeitos das expressões no decorrer do tempo sobre o corpo: Por exemplo, acostumamos a andar de cenho franzido, pela contínua produção da emoção raiva e no decorrer dos anos, onde os músculos desta emoção são ativados no rosto, a tez se acentua com as chamadas “marcas de expressão” ou mesmo rugas, criando a chamada “linha de base”, que seria a expressão facial da pessoa em momento neutro (sem emoções) e prevalente, que deve ser observada em análises mais acuradas como a nível de diagnósticos periciais, o que não é nossa intenção aqui.

Não vamos nos adentrar a descrever o processo histológico do dobramento do tecido tegumentar em função dos processos mitóticos de reprodução celular condicionados também à função dos hormônios a que ficam expostos através da circulação sanguínea... mas como negar a observação comum das pessoas sorridentes que, ainda na sequência de exemplos, são povoadas de “pés de galinha” nos “cantos dos olhos” ainda na faixa dos trinta anos? Ou a compleição da *persona* marcada do ator José Mayer com personagens de tendência sisuda? Os achados de Silvan e Ekman realmente nos surpreendem pelo nível de profundidade em descrever as pessoas através de fatores que foram por tanto tempo desconsiderados entre as ciências.

O que Ekman (2012) e colaboradores encontraram no semestre anterior à semana de análise de Silvan das imagens estáticas, dedicado à análise das gravações de Gajdusek, trouxe duas provas convincentes neste campo: 1) nenhuma expressão manifesta pelos aborígenes tinha modelagem facio-corporal desconhecida e 2) SE as expressões faciais espontâneas fossem herança cultural (aprendidas socialmente), povos sem contato teriam provavelmente manifestações diferentes e portanto os pesquisadores não poderiam identifica-las corretamente, porém analisando o contexto das ocorrências, identificaram a mesma leitura das emoções que lhes era familiar em seu contexto sociocultural; o que embasou a identificação de Silvan pois, sem ver o contexto (filmagens integrais) em que ocorriam, identificou pelos músculos da face as mesmas emoções que Ekman e Wally Friesen já haviam identificado nas gravações completas.

Ou seja: mutuamente seus estudos se corroboraram, sendo o pontapé para que Ekman se dedicasse também à leitura facialmente expressa das emoções (linguagem não verbal) além

da comportamento não verbal (linguagem corporal), trabalho que veio a constituir a sistemática de medida dos movimentos faciais em termos anatômicos para identificar emoções e a partir delas, condutas dissimulativas, utilizado nas perícias mundo afora¹⁵ após as investigações de campo com o povo Fore de Papua Nova Guiné que não tiveram qualquer dificuldade em reconhecer as expressões registradas nas fotos dos caucasianos que Ekman levou para que identificassem, nem sequer houve estranhamento dos Fore quanto à nacionalidade das pessoas das fotos, o que foi considerado naquele estudo já que eles eram um povo isolado, sem contato com a cultura norte-americana e suas mídias, corroborando que expressões (de base) autênticas, são universais (EKMAN, 2012).

Destacamos que para Ekman (PAUL EKMAN GROUP, 2019) não há sinal definitivo para indicar Mentira/Engano, mas um grupo de sinais (canais: expressão facial, linguagem corporal, voz, estilo verbal, conteúdo verbal) que diferem da chamada Linha de Base da pessoa analisada (*hot spots*¹⁶ identificados em vários desses canais, como desvio da linha de base e/ou conflito entre o verbalizado e o comportamento/expressão, expressão assimétrica), que dão pistas que podem ser interpretadas como dados fisiológico-emocionais que sugerem/indicam comportamento dissimulativo potencial; analisados e interpretados a partir de um contexto, chamado de *Deception detection*: práticas investigativas utilizadas (SCAns) para determinar o nível de credibilidade e veracidade do conteúdo explícito por um indivíduo observado, que pode ser auxiliado por aparelhos (como o polígrafo, que por si só indica alteração emocional com reflexo fisiológico e não uma Mentira).

A nível de adendo, importa dizer sobre o *Facial Action Coding System (FACS)* que é um sistema taxonômico facial construído juntamente com Friesen em 1978, utilizando fotografias, descrições, filmes e medidas, para identificar as *Action Units (AU)*, que são contrações involuntárias musculares sequenciais disparadas para cada emoção por vez (não considerando sua motivação) e *Six Channel Analysis (SCAns)* que considera ao menos de três a quatro canais de comunicação não verbal dentro do protocolo de validação da análise de uma expressão facial-linguagem corporal para indicar uma conduta dissimulativa.

¹⁵ Autores que contribuem sobre a comunicação não verbal é Lansley (2017) que também utilizou o conhecimento de Navarro e Karlins (2008), como veremos à frente.

¹⁶ *Hot Spots* – termo cunhado por Ekman – são sinais que algo está errado no que está sendo dito, como a história não estar sendo contada integralmente ou que partes dela foram falseadas, indicados por estressores emocionais ou cognitivos (vazamentos), sem indicar o motivo, por isso a necessidade da análise do contexto ou apenas formular hipótese para tal alteração. Mesmo não sendo prova definitiva, são os mais efetivos indicadores de desonestidade no conteúdo expresso.

Sobre o sistema FACS, Ekman e Rosenberg (2005) afirmam que ele é capaz de mensurar 44 unidades de ação (AU), anatomicamente separadas e visualmente distinguíveis, cuja medida envolve decompor o movimento facial nas unidades particulares de ação que produzem a expressão, identificando individual ou combinadas, o que é traduzido em nível de intensidade da emoção (1-5). Os movimentos da cabeça, pescoço e tronco já não oferecem este nível de precisão, geralmente menos intensos e ativando músculos específicos também, o que pode ser lido mais eficazmente com filmagem vista quadro a quadro (micro mensura de 50 quadros/s e maior especificidade em unidades de 20ms e macro mensura de 100ms ou blocos de 5 quadros/s, para o início de cada AU), considerando ainda o início da expressão (*onset*) até o máximo da contração muscular (*start of apex*) e depois o início do declínio (*start of offset*) até seu fim (*end of offset*). A confiabilidade do sistema FACS se apoia em três aspectos da mensura facial: que consideram a identificação da unidade muscular elementar para produzir o movimento, localização do momento de início e término do movimento e avaliação da intensidade das AU compreendidas no movimento¹⁷.

Já sobre o sistema SCAnR, Lansley (2017) que também foi treinado por Ekman, descreve os aspectos analisados em cada um dos seis canais: estilo interacional (fluxo, evasão, gerenciamento das expressões); voz (volume, timbre e tom vocais característicos da linha de base), conteúdo verbal (tensão, distanciamento, análise de declaração, deslizos verbais/atos falhos), expressões faciais (anomalias no FACS, duração da expressão, simetria na face, sincronia dos músculos, perfil da expressão), linguagem corporal (deslizos gestuais, ilustradores, manipuladores, tensão, não visualização) e psicofisiologia¹⁸.

Lansley (2017) destaca que todos temos opções nas trocas comunicativas: ou ficamos com o escrito ou o dito em sua primeira impressão ou podemos mergulhar no que está além disto, para sabermos o que realmente o interlocutor pensa e sente além do escrito e do dito: Sempre é mais do que apenas a sentença expressa. Em uma comparação com um *iceberg*, as palavras – afirma Lansley – são apenas o topo, estando as dimensões significado, pensamento, sensações, valores e crenças além do que está exposto, denunciados pelo tom da voz, expressão facial e corporal além de outros fatores que dirigem o que averigua para além do escrito ou falado, se estiver atento e interessado em construir e desenvolver relacionamentos das mais diversas naturezas, pois a habilidade de ler e compreender o que há de fato no

¹⁷ Atualmente há programas de computador especificamente desenhados para realizar estas medidas, ainda que a análise e leitura seja feita por perito treinado e certificado pelo Paul Ekman Group LLC, cabendo ao *software* apenas o processo de mensura; naturalmente o que não nos cabe aqui.

¹⁸ O sítio www.gettingtothetruth.com de Cliff Lansley disponibiliza aprofundar este conhecimento.

interlocutor nos permite optar por enriquecer e melhorar significativamente as relações; o que endossa nossa escolha de levar a análise para além dos formulários de *feedback*.

Ainda no sentido entre o escrito e o expressado facialmente, Ekman e Friesen (2003) destacam o quanto aquilo que se diz pode ser manipulável intencionalmente, haja visto o processo cognitivo empregado para este tipo de comunicação (escrita ou falada), onde se pode treinar, pensar, articular o conteúdo para que alcance os objetivos que se quer no interlocutor, enquanto que isso não é possível na linguagem não verbal, ainda que se treine e tente, pois não é possível o gerenciamento da expressão facial até porque não pode fazer uma autoavaliação da dissimulação, a fim da disrupção e a avaliação/aprovação vai depender do que nota no interlocutor a quem dirige a intencionalidade por pistas ou intuitivamente; inclusive essa intencionalidade de manipular uma expressão dá oportunidade para que outras expressões se manifestem, o que leva a *clusteres* onde alguma expressão se destaca.

Na conduta dissimulativa por exemplo, a percepção do mentiroso sobre alcançar seu objetivo a quem quer impressionar, gera um *duping delight*, um prazer profundo e secreto de fundo narcisístico pelo sucesso obtido, geralmente que o mentiroso tende a tentar ocultar/controlar pela contração dos lábios, por exemplo, ou baixando a cabeça para não ser notada sua satisfação alcançada no engodo, mas que pode ser observado pela elevação da bochecha pelo *zygomaticus major*, associado a esses movimentos comportamentais e envolver também a emoção desprezo, gerando o que poderia ser visto como um sorriso unilateral (OLIVEIRA, 2012).

Voltando a Lansley (2017), ele destaca que Ekman define como mentira uma afirmação que sem uma combinação prévia mas deliberadamente tem a intenção de enganar; enquanto que a verdade é a tentativa sincera de fornecer informações precisas, o que então descarta de considerar mentira situações de jogos com blefe, truques de mágica, brincadeiras compreendidas como tal, etc., por isso a preferência pelo uso do termo “conduta dissimulativa”, já que nem sempre há uma intencionalidade deturpada de fornecer uma informação, mas falas evasivas, como por exemplo, quando não se quer dar detalhes entre o que aconteceu entre um deslocamento, um período do dia, uma situação, etc.

Consideremos por exemplo na educação de crianças: ocorrem situações em que a criança já sabe ou imagina que determinado comportamento já ocorrido vai ser condenado por quem a tutela (pais, responsáveis, professores, etc.). A depender da fase em que ela esteja (período de afirmação a partir dos pais, período de contravenção ao sistema social onde está

inserida, etc.) a conduta dissimulativa pode ser de fato mentirosa intencional ou pode ser para se poupar de danos. Como saber? A avaliação dos sinais emocionais expressos que partem do medo ou raiva, podem se imiscuir com felicidade (intenção de mentir e achar que está de fato alcançando o objetivo de enganar) ou alívio ao declarar a realidade dos fatos ou tristeza por desapontar alguém, etc. Afinal, como registra Lansley (2017), há um sequestro de energia cognitiva pelo sistema emocional para sustentar uma mentira, pois o tempo de elaboração do pensamento é muito mais demorado que o reflexo emocional autônomo.

Especialmente por estas condições, há situações quando o indivíduo fica mais propenso a incorrer em condutas dissimulativas: forte conteúdo emocional (pessoal) envolvido; requer maior esforço cognitivo que em enunciações verdadeiras; é estimulante para o mentiroso e empenho em controlar o próprio comportamento¹⁹, o que pode ser notado fisiologicamente pela alteração da pulsação, da respiração, da pressão sanguínea, da temperatura, da velocidade da fala e alteração do tom da fala (*pitch* vocal), do sistema digestório, das expressões faciais, do movimento dos olhos (incluindo fechamento, piscadas, dilatação da pupila), da transpiração, rubor, tensão muscular corporal, congelar os movimentos²⁰, o que no caso da conduta dissimulativa segue o fluxo reação a partir do estímulo, reflexo e impulsos emocionais (pré conscientes, entre 0ms a partir do gatilho até 500ms), gerenciamento das emoções e resposta (consciente, até 1s) (LANSLEY, 2017).

Geralmente em torno de 400ms a partir do gatilho emocional, ou seja, antes de estar consciente da conduta que deseja adotar, é quando as alterações relatadas acima ocorrem, os chamados vazamentos emocionais, podendo serem vistos/ouvidos, mesmo sem auxílio tecnológico, com recursos que em boa parte são inatos (que até podemos chamar de “intuição”) mesmo sem treinamento técnico, ainda que estes vazamentos devem ser averiguados pelos Pontos de Atenção (*Points of Interest – PINs*): um PIN sozinho não indica uma mentira, enquanto três ou mais Pins (*Clusters of Pins*) entre os canais de comunicação (SCAnR) dentro de sete segundos de estímulo ou pergunta, é forte indicador, verificado ainda ansiedade, hábitos (linha de base) e desconforto; pois o confronto entre emoção e cognição requer um gasto de energia maior, gerando os vazamentos entre os canais além da consistência ABC geradora dos PINs (*account; baseline; context*: relato, linha de base e

¹⁹ Um exemplo muito utilizado para ilustrar é o caso Bill Clinton sobre Monica Lewinski, inclusive o que cunhou uma identificação de análise chamada *Clinton's box*.

²⁰ Estes sinais são próprios do sistema nervoso autônomo (hipotálamo e amígdala) como resposta a situações que oferecem sensação de dano, portanto, a checagem de ABC é necessária, já que para o mentiroso, ser pego na mentira é uma sensação de dano.

contexto), aspectos bem detalhados por Lansley (2017) mas que são dispensáveis dentro de nosso escopo, porém mencioná-los endossa esta ciência.

Porém o treinamento oferta ampliação da consciência de si, reconhecimento e compreensão dos gatilhos e autogerenciamento das emoções; assim como consciência dos macro e micro fatores do contexto e compreender o impacto destes no comportamento dos indivíduos, influenciando na resolução dos conflitos interpessoais; observando o relato a partir da percepção de linhas de base de conduta e de consistência entre os canais SCAnR, o que aprofunda a compreensão da mensagem pretendida e seu conteúdo semântico, intencionalidade, sensações e valores para gerenciamento das relações e suas interações; o que Lansley (2017) chama de matriz da inteligência emocional, desterrando-se do que Ekman cunhou como *O Erro de Otelo*²¹, personagem shakespeariano.

Precisamos salientar como este conteúdo se imbrica com a Educação pelo Exemplo e o processo de individuação? A opção de não ser alguém reativo, mas alguém com habilidade de articular uma interação saudável entre os indivíduos que estão sob sua tutela formativa e como diz Ekman e Cuddy, o caminho entre emoções e suas expressões é via de mão dupla quanto ao seu poder de influência, logo, se nos desafiamos a desenvolver estas ferramentas, caminhamos na direção de nos tornarmos melhores para nós mesmos e conseqüentemente para o coletivo.

Como os estudos de Lansley se apoiam em Navarro e Karlins (2008), registramos destes autores os reflexos autônomos do corpo que podem ser lidos pelo estudo do comportamento não verbal: pés, pernas, torso, quadril, tórax, ombros, braços, mãos, dedos; que entram nos estudos da cinésica (movimento), proxêmica (proximidade), háptica (toque tátil), postura, vestimenta e adornos, que já são comprovados na atualidade pelo escaneamento em exames de imagem do comportamento fisiológico neural (sistema límbico).

Navarro e Karlins (2008) afirmam que 60-65% de toda a comunicação interpessoal ocorrida, é a nível de comportamento não verbal (o que pode chegar a 100% durante uma relação sexual romântica). Alguns sinais a serem considerados, de acordo com Navarro e Karlins (2008) são:

- a) Não-visualização: piscar, tapar os olhos, desviar o olhar e outros movimentos que o indivíduo proceda a fim de evitar ver o gatilho da emoção.

²¹ Ekman se refere ao medo de Desdêmona quanto a ser desacreditada de sua defesa, por Otelo seu marido, sobre a acusação de adultério com seu primo Cássio, o que Otelo leu como ela tivesse medo de ser pega mentindo.

- b) Linguagem comportamental contraditória à verbal: uma afirmação verbalizada com um movimento negativo de cabeça, por exemplo, é uma situação a ser analisada (lembramos que o cérebro sempre vai tender a passar a informação com a qual gasta menos energia).
- c) Movimentos de superioridade: gesticulação de cima para baixo indicam a intenção de superioridade daquele que fala, uma imposição de situação de poder.

Para Navarro e Karlins (2008), ignorar os movimentos periféricos (pés, pernas, dedos, mãos, braços) e os movimentos do torso, é um terrível erro em se tratando de leitura de comportamento não verbal, pois o cognitivo se concentra em mascarar a expressão facial, incorrendo no que chamam de *tell clusters*, sinais que o sistema límbico prepondera sobre o córtex pré-frontal (da razão) nestas partes do corpo.

A ocupação de maior espaço físico em uma posição confortável, fora do ambiente doméstico pelo dono da casa, por exemplo, é indicação de territorialidade, ocupando mais espaço, o indivíduo força o outro a manter uma proxêmica mais afastada e afastamos aquilo que não desejamos (qualquer que seja o motivo) ou ainda, associada à expressão de nojo, temos uma evidência maior apontando para superioridade que indica à fonte do gatilho emocional que não se quer aproximação com aquilo; como ocorreu com uma das participantes no evento ST; que somado à proteção do torso pelos braços cruzados e expressão de raiva e medo, indica que esta participante não estava confortável com o conteúdo, havia movimentos inconscientes cujo reflexo era motor, de que o conteúdo não lhe agradava.

Ou seja: se durante a análise dos *feedbacks* dos participantes da amostra ST, não houver indicação desta insatisfação, teremos um comportamento dissimulativo, que por sua vez indicará que esta pessoa não se identifica ou se interessa pelo seu autoprocesso formativo ou ainda, não acredita que ele seja necessário ou que a perspectiva que apresentamos seja o caminho que ela adotaria. Qualquer que seja a motivação – e nunca saberemos, pois o processo primou pela liberdade que apenas o anonimato concederia – o processo de individuação conforme Jung, não se opera, pois essa rejeição, qualquer que seja, aponta para um complexo Sombra. Pois quando estou consciente do meu processo de individuação e a ele aspiro, por ele trabalho, me empenho, o outro não me afeta, pois o ressignifico, entendendo que é apenas o outro, enquanto que, se o outro me incomoda... há uma confluência de energia psíquica obstruindo o que o sistema límbico interpreta e reflete como algo do qual o indivíduo precisa se proteger, pois está vulnerável.

Levando a um cenário de sala de aula, onde se tratasse de algum discente para o qual tivéssemos que ministrar alguma disciplina, a compreensão da epistemologia que aqui adotamos nos levaria a dois reconhecimentos: 1) não é pessoal, portanto não devemos nos ofender e ainda que fosse pessoal, se compreendemos os gatilhos em nós, não cairíamos em situações de desgaste com um discente que assim se apresentasse, ou seja: não é pessoal para nós e nem deve se tornar; 2) à luz de Ekman, poderíamos buscar identificar os gatilhos deste aluno ou aluna e assim decidir como alterá-lo, contornando ou modificando pelo autogerenciamento das nossas ações enquanto professora, na busca de melhor conduzir o fluxo em sala de aula a favor do melhor aproveitamento dos conteúdos ministrados, assim nos conduzindo pela Educação pelo Exemplo de Jung.

Recordamos que durante o evento SC, uma das participantes registrou durante o diálogo reflexivo que fora orientanda de mestrado de Ierecê Barbosa e que nas primeiras reuniões fora indagada sobre sua vida pela perspectiva da pirâmide de Maslow (sincronicidade que nos surpreendeu, haja visto que mencionamos Maslow em capítulo anterior deste trabalho), sem que pudesse fluir exitosamente em sua pesquisa se estivesse insegura quanto aos dois primeiros degraus da pirâmide, devendo se reconciliar com eles para seguir galgando os próximos degraus apontados na pirâmide.

Voltando ao tema, Darwin já havia concluído em 1872 que o processo de expressar emoções através da musculatura estava associado a processos de recompensa localizados no sistema nervoso e de efeito social (dentro do aspecto evolutivo dos primeiros homens), pelo qual foi assimilado em comportamento hereditário, assim como a dissimulação de emoções não desejadas em determinado contexto, sendo ambas dinâmicas musculares acionadas conscientemente ou não, davam evidências, corroborando o trabalho de Ekman quanto às microexpressões que evidenciam as emoções de menor intensidade (ou grau de expressão) assim como as condutas dissimulativas, ou ainda a associação de gestos apaziguadores ou da não-visualização, ou do afastamento verbal e/ou corporal, ou ainda das contrações musculares involuntárias a partir de estímulos nervosos com ação sobre o sistema vasomotor diante de tal excitação fisiológica-emocional ou emocional-fisiológica (a depender do ponto de estímulo inicial), que podem ter variação de intensidade nos indivíduos: “Os mais complexos movimentos podem ser executados sem o menor esforço e consciência” (DARWIN, 2009, p.33), que hoje já sabemos são efeito das descargas hormonais desencadeados com reflexo involuntário e inconsciente, permitindo notarmos as expressões verdadeiras das dissimuladas, inclusive em processos que podem ser meramente imaginativos, com tal manifestação quanto

em eventos reais; notemos essa percepção em um dos exemplos de Darwin (2009, p.66): “O sistema vasomotor, que regula o diâmetro das pequenas artérias, é diretamente modulado pelo sensorio, como percebemos quando um homem enrubesce de vergonha.”.

Talvez seja interessante contarmos que dos 3% da população local dos nativos, colaboraram além dos Fore outros que souberam da presença da equipe, sendo que dos participantes, mais de 99% nunca haviam tido contato (verbal, presencial, social ou cultural) com qualquer cultura estrangeira pessoalmente ou através de quaisquer mídias. Dos 23 participantes que haviam visto filmes, falado inglês, tido atendimento na escola missionária por mais de um ano, os resultados com os demais não teve divergências, nem entre homens e mulheres (já que os papéis sociais nestes nativos, são bem diversos e bastante definidos para homens e mulheres) para raiva, felicidade, nojo e tristeza, havendo alternância de identificação para medo e surpresa (EKMAN, 2012).

Apesar de na cultura ocidental letrada haver um termo e significado específico para medo e para surpresa, o fato notado entre os nativos de Papua Nova Guiné e uma amostra construída entre estudantes norteamericanos revelou o mesmo resultado, o que indicou que essas duas emoções podem ocorrer de forma intercambiável ou em uma sequência tão próxima (pessoas sentem surpresa antes de sentir medo ou sentem medo depois se surpreendendo, pensem por exemplo alguém que sofre um susto com um animal peçonheto e depois percebe que não era um animal de verdade mas um objeto inanimado) a ponto de causar estes resultados, ou ainda: os mesmos músculos em totalidade ou maioria são ativados para as emoções medo e surpresa particularmente. Os resultados foram publicados em 1969 e a investigação reaplicada pelo antropologista Karl G. Heider com o povo Dani (Ndani), outro *Stone-Age culture*, de outra área na Nova Guiné, com os mesmos resultados, inclusive para medo e surpresa²², ainda que essa tribo não tenha vocábulo em sua língua materna para identificar emoções, as expressões faciais que decodificamos como emocionais, estão presentes nos Ndani (EKMAN, 2012).

²² Não confundir o vocábulo, que é construção sociocultural ou a conduta social tida como aceitável para cada situação (ou seja: representações), com a expressão, que é universal e inata; expressões autênticas inclusive possuem processo fisiológico temporal diferente de uma emoção forjada pela *persona* e podem ser detectadas pela análise das microexpressões faciais, além de outros canais (ver protocolo SCAns). Ekman (2012) alerta que o processo da emoção é uma avaliação baseada na nossa história evolucionária e pessoal quanto ao gerenciamento do nosso bem estar, manifestas por alterações fisiológicas disparadas a partir do sistema límbico, direcionando assim o nosso comportamento emocional de acordo com a situação: palavras podem descrever emoções, mas emoções não podem ser reduzidas a palavras.

A título de *sincronicidade*, os estudos de Ekman foram ainda concordantes com a perspectiva do budismo sobre as emoções, o que nos remete à importância que Jung e o Círculo de Eranos deram para a investigação de elementos da cultura oriental que eram desprezados pelo materialismo científico. O próprio Ekman (2012) registra que só soube desta convergência após ter escrito mais da metade do seu livro que utilizamos mais detidamente (*Emotions revealed: understanding faces and feelings*) durante um encontro com Sua Santidade, o Dalai Lama, que lhe ressaltou o benefício do percurso experiencial-intelectual, onde Ekman percebeu que os budistas praticantes são a prova que podemos alterar nossa reação aos gatilhos emocionais.

Podíamos nos delongar em registrar os estudos de Ekman e colaboradores nestas mais de quatro décadas que continuam a corroborar a afirmação da condição universal e inata das expressões faciais de emoção a partir de recursos tecnológicos, conhecimentos biológicos do corpo e da mente, com a finalidade de descobrir os demais processos envolvidos e/ou dirigidos a partir das emoções (o que é muito interessante!), mas não sendo nosso escopo principal, escolhemos partir deste ponto em diante, a nos reportamos quanto as características de identificação destas emoções a partir da obra *Emotions revealed: understanding faces and feelings* de Paul Ekman (2012), para apresentar uma síntese das características e assim embasar a nossa análise dos vídeos do Colóquio nas duas ocasiões (Amostras ST e SC), de forma a verificar a receptividade emocional dos participantes ao conteúdo, para depois por ante os elementos que emergem dos formulários e averiguarmos a congruência entre o sentido e o descrito.

Considerem que o conteúdo não foi ministrado de forma direcionada a participante qualquer, mantendo o cuidado na fala ao citar exemplos e analogias públicos ou pessoais e não dos participantes, os quais só verbalizaram alguma subjetividade em suas falas no momento do diálogo no Colóquio, além de não se tratar de uma perícia mas apenas uma análise breve a fim de averiguar a correspondência com os elementos emergidos no formulário escrito pelos participantes na estratégia formativa.

A contribuição desta óptica reside no fato de que os participantes do colóquio não sabiam exatamente o que esperar dele/nele; como um deles disse durante o diálogo reflexivo: “-Eu já havia lido o livro, mas nunca me ocorreu essa perspectiva que você trouxe!” Ou seja: enquanto que o registro escrito pode ter passado pelo crivo da autocensura ou da necessidade de afirmação ante uma possível avaliação, ainda que tenha sido anônimo, a emoção registrada

vai além, pois não há um processo do neocórtex racionalizando o que sentir diante de algo, pois esse algo desconhecido não apresenta *a priori* a expectativa que pode trazer alguma mudança da sua localização subjetiva, seu ego, ou a possibilidade de discutir algum movimento da possível zona de conforto em que o indivíduo esteja; dessa forma, a leitura das expressões emocionais durante o colóquio pelas filmagens pode apontar a receptividade do conteúdo formativo levado e haja convergência ou divergência entre a análise do comportamento/linguagem não-verbal com o registro escrito, nos direciona a probabilidade da posição e momento de cada indivíduo ante o estímulo ao processo de individuação a partir da obra de Ierecê Barbosa, sendo confortavelmente lido pela psicologia analítica.

Como está sendo dito desde Darwin até Ekman e colaboradores, as emoções são um processo ante o que pode alterar a nossa percepção de bem estar (ou seja: não ininterrupto, não somos emocionais em tempo integral), sendo inatas e universais suas expressões musculares, haja visto o processo fisiológico desencadeado ante ao evento que dá início à reação, iniciado nos mecanismos hormonais e manifesto nos musculares envolvidos para nos aproximarmos do evento (felicidade, surpresa) ou nos afastarmos dele (medo, raiva, nojo, tristeza, surpresa), por isso mesmo podendo ser identificados pela condição cardiorrespiratória e postura corporal que manifestarão movimentos musculares involuntários (da aceleração do bombeamento cardíaco e consequente volume no fluxo sanguíneo nos membros e outras partes do corpo como ombros, pescoço), face (como a não visualização, além da musculatura facial), alteração vocal (também afetada pelos fatores hormonal e sequente muscular), sudorese – canais analisados do protocolo SCAnS, derivados do sistema nervoso autônomo, que é diretamente afetado pelas emoções, sem que tenhamos controle sobre (EKMAN, 2012).

As percepções sobre o processo sistêmico ativado ante as emoções já eram apontadas por Darwin (2009, p.68, 76), incluindo o fluxo de canais (protocolo SCAnS) por onde será expressa a emoção:

Consequentemente, os músculos faciais e respiratórios, que são os mais utilizados, estarão entre os primeiros a ser acionados; em seguida os das extremidades superiores, depois os das inferiores, e finalmente o corpo todo.

[...] quando movimentos são desencadeados, sua natureza é largamente determinada por aqueles movimentos que foram voluntária e frequentemente executados, com algum objetivo definido, sob as mesmas emoções. [...] Como os músculos do tórax e dos órgãos vocais são habitualmente usados, há sempre uma tendência para que sejam acionados [...]

No geral, podemos concluir que o princípio da ação direta do sensorio sobre o corpo, devido à constituição do sistema nervoso, e desde o início independente da vontade, influenciou muito a determinação de muitas expressões. Bons exemplos são o

tremor dos músculos, o suor da pele, a modificação na secreção do canal e das glândulas alimentares, em diferentes emoções e sensações. [...] Mesmo quando essas e outras sensações e emoções foram apenas levemente despertadas, persistirá uma tendência a ações similares, graças à força de um hábito longamente associado [...]

Esse fluxo emocional, tal qual o inconsciente coletivo, herança ancestral remoto ao aparecimento da humanidade no planeta, anterior ao estabelecimento do comportamento social, foi neste último imerso: já não nos aproximamos e nos afastamos só do que salva e mantém nossas vidas ou sustenta a continuação dos nossos genes pela prole, mas se imiscuiu de tantas outras situações que atualmente podem ser terríficas como por exemplo uma situação estressante no trabalho ou uma “fechada” no trânsito, que não estão atreladas somente à sua manifestação de realidade física, mas podem ser tão concretas do ponto de vista psíquico quanto o que podem corresponder a um arquétipo, com o medo do escuro ou do que pode parecer ameaçador, ainda que depois se verifique ser, por exemplo, um animal artificial mas de aparência muito realista, a esse diferencial. Neste ponto, Darwin (2009, p.48) reforça a ação psíquica sobre a condição fisiológica:

[...] sempre que qualquer sensação de desejo, aversão, etc. tenha ocasionado algum movimento voluntário durante uma longa série de gerações, uma tendência à execução de movimento similar será quase certamente desencadeada toda vez que a mesma – ou semelhante e associada – sensação etc., ainda que fraca, for experimentada; não importando que o movimento seja nesse caso absolutamente inútil. Tais movimentos habituais são frequentemente, ou no geral, herdados; e eles assim pouco diferem das ações reflexas. [...] quando movimentos, associados pelo hábito a certos estados de espírito, são parcialmente reprimidos pela vontade, os músculos exclusivamente involuntários, como também aqueles menos submetidos ao controle da vontade, tendem a continuar agindo. E sua ação é frequentemente muito expressiva. Ao contrário, quando a vontade está temporária ou permanentemente enfraquecida, os músculos voluntários cedem antes dos involuntários.

Ekman (2012) a este processo chama de gatilhos emocionais universais (impessoais) e gatilhos emocionais individuais, estes últimos desenvolvidos a partir do meio sociocultural e nossas experiências nele, calibrando o sistema autoavaliador (automático de avaliação) do cérebro quanto aos mecanismos desencadeadores das emoções (gatilhos emocionais) em parâmetros não necessariamente baseados na emoção do evento original, mas à carga emocional que fomos adicionando a ele no decorrer de nossa história de vida, assim diferenciando os temas principais relacionados entre aqueles primários (impessoais e que disparam gatilhos universais, não modificáveis) e suas variações (leitura de evento individual, experienciado) sendo automáticos (que salvam nossas vidas por nos por em reação automática contra o perigo) ou reflexivos (onde levamos tempo para avaliar o que é determinada situação

para nós emocionalmente, nos quais podemos alterar nossa leitura emocional através da releitura consciente que imprimimos ao gatilho, modificando-o ou apagando-o).

Pois como diz Jung, a realidade psíquica é, a partir de como ela se apresenta e representa ao indivíduo, ainda não seja para outrem, ainda que outros indivíduos daquela realidade não sejam partícipes; ou seja: as emoções não precisam do consentimento racional do indivíduo, nem mesmo que ele seja consciente do que está manifestando²³, o que igualmente explica porque indivíduos diferentes podem ter gatilhos diferentes para a mesma reação emocional, porém aos gatilhos universais, a proposição de Ekman (2012) (*species-constant learning or evolution*) se aproxima do que Jung denominou Inconsciente Coletivo e também da defesa de Darwin quanto à seleção natural, já que os gatilhos universais asseguram resposta a eventos que abalam o bem estar individual e da espécie, tendo se tornado herança genética, mas não são um acontecimento encerrado, este mecanismo continua sendo alimentado e mantido pelas experiências individuais além das experiências ancestrais, retroalimentando e atualizando este “banco de dados” de alertas de origem emocional para nos preservar em função da manutenção da sobrevivência pessoal e da espécie.

Ainda sobre a realidade da energia psíquica, Ekman (2012) encontra Jung e a McAdams quando seus estudos indicam que reviver mentalmente (lembrar) uma situação de profunda emoção traz à tona novamente o que foi experienciado, na mesma intensidade ou não, a depender do tratamento consciente e reflexivo que dermos a esta lembrança: reler a própria história, recontá-la a nós mesmos de modo acurado pela compreensão advinda do processo de amadurecimento psicológico, ressignifica a emoção, modifica o efeito do gatilho, então somos capazes de perceber um sentido construtivo (função transcendente) em uma situação emocional outrora desgastante.

Inclusive Ekman acredita que podemos modificar os gatilhos a partir do próprio ensaio mental sobre situações ante as quais desejamos modificar nossa resposta emocional, inclusive aponta a perspectiva de que a reprodução intencional de uma emoção com ou sem um som referente a ela, podem fazer o percurso inverso, causando o efeito fisiológico da emoção reproduzida, o que também é pesquisado com evidências laboratoriais na Universidade de Harvard, por Amy Cuddy (2012), nos seus estudos sobre a alteração química do corpo a partir

²³ Sentimentos são a conscientização/racionalização do processo emocional ocorrido, daí nominado, por isso mesmo os vocábulos não são as emoções, ainda que sejam usados para descrevê-las, ato que pode ser dissimulado, mas não se dissimula a emoção, pois esta é processo anterior ao córtex pré-frontal, com origem no sistema límbico, de onde já desencadeia o processo hormonal que afetará o restante do sistema biológico, pois está na mesma região cerebral das glândulas centrais do sistema endócrino.

da mudança corporal (o poder da postura): o comportamento corporal modificado por 2min alterou os níveis hormonais significativamente nos participantes de sua pesquisa.

Naturalmente não buscamos uma leitura individual quanto ao binômio posição e momento do processo de individuação dos participantes, mas notar o nível de contribuição que nosso trabalho pode somar aos seus processos (auto)formativos a partir deste “confronto” projetivo a partir da narrativa de Irecê, na condição de ela e eles, professores, frente à proposta da Educação pelo Exemplo, onde incide a importância da integralização do Self como maturação psicológica que leva a perceber e desenvolver potencialidades que conduzem à sensação de autorrealização, plenificação, logo colaborando a *formar bons professores de professores*, como dizem Bueno, Sousa, Catani e Souza (1993) e bons professores motivam alunos a igualmente serem bons para si mesmos, o que beneficia o coletivo, pois aquele que aceitou o processo de individuação já não atende ao ego, mas busca o Self, já está no aceite de fazer para os outros o que gostaria que os outros fizessem a ele, esta nossa perspectiva de *summum bonum* coadunada com Henry Drummond (1991).

O processo dos nove passos de Ekman (2012) para alterarmos os gatilhos para nossas reações emocionais são interessantíssimos e muito úteis para o processo (auto)formativo pessoal e profissional, porém não sendo nosso escopo aqui, passamos a descrever as características de comportamento e linguagem não verbais inatos e universais que podemos encontrar na análise dos vídeos de nossa prática em ambos os eventos para então confrontarmos com os elementos que emergem dos formulários escritos dos participantes da prática e vermos até onde convergem ou divergem e traçarmos um panorama a partir do processo de individuação de Jung, tocado pelo romance de Irecê Barbosa.

Sobre a Tristeza e Agonia, diz Ekman (2012) que há vários gatilhos majoritários, mas todos remetem a uma sensação: Perda. De objetos a pessoas, passando por situações com elementos concretos ou abstratos, tendo vários sinônimos: triste, perturbado, desapontado, deprimido, desanimado, desesperado, entristecido, desamparado, miserável... pode ser a perda de uma oportunidade de trabalho, a perda da autoestima, a perda de um ente querido, a perda de um objeto valioso para seu dono, a perda da saúde... se a agonia gera protesto em busca de recuperar e costuma aparecer quando as tentativas de recuperação parecem perdidas; a tristeza gera desesperança e pede resignação, é mais passiva, sendo uma das emoções cuja expressão é de maior duração (podendo ir de segundos a minutos, a depender da intensidade); em um

período intercalado entre agonia (protesto) e tristeza, que vai cedendo até ser encerrado, em cujas pausas podem surgir outras emoções ou não.

Uma pessoa enlutada pode ter momentos de raiva ou culpa, por exemplo, principalmente se há sensações reais ou não de ameaça a si mesmo com a perda, ou seja: medo por si, que pode surgir somente pela evidência da perda antes da perda concreta e neste ínterim, ser predominante, assim como ter emoções felizes quando recorda o tempo onde a ameaça e/ou a perda não existiam, sorrindo; ou ainda não expressar sua tristeza e agonia até que esteja entre outros que podem compreender sua perda se ela ocorreu em um cenário que lhe parecia irreal que ocorresse. Em outras palavras, emoções podem ser adiadas, suprimidas por outras reações e emergirem quando o indivíduo se sinta seguro em manifestá-las ou ele sinta que não é relevante expressar-se de imediato. A expressão facial também tem a compreensão reforçada pelo movimento corporal, pela fala, pois a empatia nos faria solidarizar com a emoção do outro.

Outro aspecto curioso aqui é que – ainda sem explicação provada – podem surgir quando há qualquer outra emoção em profunda intensidade, como quando vemos pessoas receberem notícias maravilhosas e até chorarem com sinceros sinais de tristeza e agonia; por sua vez, estas podem ser compelidas pela raiva, como uma defesa para não serem experienciadas. Uma raiva interiorizada leva ao prolongamento da tristeza e da agonia e é “curada” quando exteriorizamos para a fonte da perda (não se trata de “devolver” a emoção, mas de exteriorizá-la de forma saudável, como uma tomada de consciência da realidade da perda que vai curando pela própria vivência daquela experiência, para não se tornar um complexo Sombra, destacando que a tentativa de suprimir uma emoção não significa que não haja manifestação fisiológica de sua expressão, podendo ainda ser lida pela face, voz ou corpo).

Evolutivamente, expressar tristeza e agonia evocam o apoio do nosso grupo social e este conforto ofertado é curativo, além de fortalecer o sentido de valor daquilo que nos agrega em termos de senso de comunidade, assim como a oportunidade de nos reconstruirmos e aos nossos recursos para conservar energia, em termos de reações não patológicas à perda, diz Ekman (2012), assim, a função de expressar a perda é pedir ajuda pela empatia à dor e somos biologicamente preparados para isso: liberamos ocitocina quando somos solidários e ela nos dá sensação de bem estar. Se até um egoísta se desse conta deste princípio fisiológico, ele

seria – podemos dizer – solidário pelo egoísmo de querer sempre se sentir bem de forma mais duradoura.

Se pensarmos nos primeiros homens, a perda de um membro do grupo era extremamente significativa pois sobrecarregava todo o grupo em vista de sua participação (ou seu potencial de participação, caso criança) no trabalho, na defesa do grupo, além de não ser facilmente repostada pelo gasto energético ao grupo uma nova gestação. Podemos dizer que a evolução nos condicionou a sermos gregários e por isso valorizarmos a vida em um momento em que o cuidado parental ainda não era um regulador tão subjetivo, mas necessário; o que pode ser estendido para outras sensações de perda, como a alimentação, o local de habitação, a saúde, etc. já que a tristeza e a agonia pela perda nos dão sentido de valor de manutenção daquilo que já não é nosso ou de quem não está conosco e as implicações desta nova realidade. Como diz Ekman (2012), uma intensa e profunda experiência emocional pode reestabelecer os limites de experimentar qualquer emoção, mas devemos atentar sobre os períodos de duração e em como essas emoções afetam ou não nossa convivência e rotina para distinguir um quadro emocional de distúrbio/desordem emocional, onde o indivíduo perde a habilidade de regular seus estados emotivos em função das suas necessidades e atividades.

De forma geral e em função da intensidade, as características faciais²⁴ da tristeza são a tensão dos músculos que manifestam: boca “caída” com os cantos dos lábios para baixo e lábio inferior se elevando pelo centro, enquanto as bochechas se levantam comprimindo os olhos, pálpebras superiores caídas e olhar para baixo, sobrancelhas não totalmente comprimidas em direção ao centro, as pálpebras podem ser sentidas pesando e a parte de trás da garganta tende à dor, pode haver sensação de lágrimas chegando. Ekman (2012) destaca que estas observações já haviam sido registradas por Darwin (2009).

Prosseguindo em Ekman (2012), a raiva é uma emoção despertada quando somos impedidos de realizar algo que pretendíamos (frustração) por um fator interferente independente de nossa vontade, cuja intensidade se aprofunda a partir do quanto concebemos ser a intencionalidade do interferente, podendo vir acompanhada de medo e atuar em nós para controle, punição ou vingança, retroalimentada pela resposta externa de raiva, desapontamento, hipocrisia, ofensa, se tornando escalar e perigosa, podendo vir acompanhada da expressão de nojo e precedida de medo. Suas demais formas são: indignação, exasperação,

²⁴ No sítio da internet www.emotionsrevealed.com, de Paul Ekman, há exercícios para praticar a leitura das expressões faciais.

mau humor, retaliação, rancor, ressentimento (os “tipos de raiva” dependem da causa, tempo e direção, nem sempre sendo raiva em si, mas atitudes ou apegos emocionais que acessam de forma contínua – ainda que não necessariamente de forma ininterrupta – a emoção raiva). Como toda emoção precisa ser processada conscientemente para não reemergir a cada lembrança sobre o fato desencadeador.

A mensagem da raiva remete a repensarmos os primeiros homens e aquela realidade, pois é ameaçar para tirar do caminho o interferente, o que inclui desejo de atacar se for necessário ou se a intensidade da raiva for elevada (impulso), podendo ser seguida de culpa ou vergonha. O ataque é compreendido como a forma de eliminar o interferente que é visto como ameaça, solucionando o problema. Sendo a emoção mais perigosa, Ekman (2012) insiste para que exercitemos a reflexão e a decisão sobre agir ou não agir (reavaliar a situação) sob o impulso da raiva para evitar danos emocionais e físicos que podem ser permanentes, já que a violência é o distúrbio patológico da emoção raiva, assim como a depressão é o da tristeza.

A expressão da emoção raiva inclui: sobrancelhas baixas e pálpebras superiores levantadas (raiva suprimida), tensão muscular, aumento da pressão arterial, calor, aumento do fluxo cardiorrespiratório, face avermelhada, pressão nas mandíbulas (dentes superiores contra inferiores) e queixo para a frente; sobrancelhas juntas para baixo, com cantos internos descendo ao nariz, olhos bem abertos, pálpebras superiores contraídas pelas sobrancelhas abaixadas, lábios pressionados firmemente tensionados sem enrugam²⁵. Reconhecer a face da raiva é preventivo para oportunizar a reação adequada de mudar a situação ou para defesa. Como todas as emoções, é importante as identificarmos em nós e nos outros para o melhor gerenciamento das situações, recomenda Ekman (2012), com quem seguimos.

Surpresa, a mais curta emoção expressada, sendo seguida de medo, diversão, alívio, raiva, nojo, ou de nenhuma emoção, cujo gatilho pode ser qualquer evento inesperado, em tempo tão curto que não temos tempo para tentar gerenciá-la; sendo geralmente seguida de medo que pode também ser extremamente breve ou não (este *não* se trata de recorrência à lembrança de um evento que dispara o gatilho para a emoção medo) e não deve ser confundida com o susto (que não é uma emoção mas um reflexo), cujas expressões são opostas (enquanto na surpresa os olhos arregalam, no susto eles fecham abruptamente; na

²⁵ Ekman (2012) indica que lembremos de situações intensas de cada emoção e as observemos em frente ao espelho em nós mesmos para percebermos as nuances faciais.

surpresa as sobrancelhas se elevam, no susto, baixam; na surpresa a mandíbula cai enquanto no susto os lábios se esticam de forma tensa; o tempo da expressão susto é mais restrito que o da surpresa; o som do evento que desencadeia o susto quando reduz, também reduz o efeito do susto no indivíduo mas sem eliminá-lo; não há surpresa se há expectativa do evento ocorrer enquanto que não há como evitar o susto).

Já o medo é diretamente disparado a partir de ameaça ou prejuízo, físico ou psicológico, aprendido ou inato, somos biologicamente predispostos a reagir nos escondendo, congelando, fugindo ou em última instância, reagindo: o tempo de resposta realiza uma avaliação²⁶ do risco (intensidade do prejuízo/ameaça, se imediato ou iminente, possibilidades de reduzir ou eliminar a ameaça) e decidimos, ainda que o corpo já esteja com maior fluxo sanguíneo nos membros inferiores, ante ameaça iminente (tensionados, mais vigilantes) ou imediata (analgesia, redução da sensação de dor), prendendo nosso foco até ser sanada. Pela natureza da emoção, podemos inferir que a evolução nos conduziu para que a expressão do medo indique o grau de alarme da situação para que possamos ser socorridos pelos nossos pares ou para avisá-los do perigo.

A dor expressa os movimentos faciais de: levantamento das pálpebras superiores, leve tensão nas pálpebras inferiores, mandíbulas caem, lábios esticados horizontalmente em direção às orelhas, olhos fixos para a frente, sobrancelhas comprimidas para o centro, além da sensação no estômago, mãos e pernas, respiração, rubor na face, além da sensação de frio ou calor nas mãos, suor, tremor, sensação de aperto nos músculos dos braços e pernas, possível movimento de recuo. Entre surpresa e medo, a distinção é o olhar e seu tempo de duração no movimento (surpresa é mais rápida), além das pálpebras inferiores, então outros fatores como a acentuação na voz devem ser considerados para distinguir.

Sempre deve ser considerado o contexto e ainda assim as expressões emocionais apenas dizem o que a pessoa está sentindo e não a causa, então cautela deve sempre estar presente para não cair no que Ekman (2012) chama de *Erro de Otelo*, se reportando ao mouro shakespeariano que assumia a esposa como o traidor apenas por recortes de situações ao invés de averiguar a fundo, o que causou a tragédia contada na peça teatral homônima. Interpretar as emoções em alguém não corresponde a saber o que a causou e o que pensamos

²⁶ Pelos *Autoappraisers: automatic appraising mechanisms* (não consciente) ou reflexivo, a depender da situação.

ser a causa pode não ser. Ler as expressões reduz as possibilidades do que está ocorrendo, ou seja: são indicadoras, não definidoras.

Por isso em nosso trabalho, trata-se apenas de checar a receptividade dos participantes do colóquio a uma leitura do quanto as pessoas demonstraram ter o conteúdo lhes tocado de alguma maneira, ou seja, o que aqui chamamos de “receptivas”, pode ser compreendido como o quanto houve catarse ou ab-reação (identificação e projeção) com o conteúdo, o quanto se contextualizaram a partir do que foi levado pelo Colóquio, o que interpretamos como havendo interação a nível pessoal-formativo, portanto ocorrência do processo de ensino, foi contributivo pedagogicamente; porém a nível psicológico, de acordo com Jung (1983) este processo de ab-reação pode passar inadvertido de tão sutil ou se manifestar de forma mais proeminente e a depender da relação que o indivíduo carrega com o conteúdo do complexo expressado no diálogo interno com o conteúdo que lhe chega (ressaltemos a diferença entre o que é dito e o que é compreendido como tendo sido dito), pois se trata de uma das possibilidades de incorporação de um complexo inconsciente à consciência pela experiência de reviver eventos, uma recapitulação emocional (o que pode ter ocorrido se o indivíduo “se viu” na narração da obra de Ierêcê), não sendo fundamental ou exclusivo para a individuação, nem é nossa meta por revelar uma elevada necessidade de identificação do indivíduo (precária relação com a realidade) e acolhimento (*rapport*) que só é aconselhada ocorrer com um psicólogo disposto a relacionar-se com essas projeções do – então – paciente (e das próprias, reconhecendo seus complexos de inferioridade e com eles lidando), sobre as quais deverá fazer uma análise redutiva, o que claramente não se trata do nosso caso que, como Jung (2000), preferimos a interpretação construtiva dos símbolos, transcendendo os conteúdos inconscientes ao consciente de forma integrativa, sem perdas, pelo processo catártico de liberar a energia estagnada no complexo pelo lembrar, reviver, elaborar (ressignificação do aceitar e trabalhar o que precisa ser desenvolvido).

O processo construtivo de Jung (2000) (função transcendente) é importante quando consideramos que quem menos tem consciência do seu conteúdo inconsciente é por ele mais afetado. Todos recebemos influência dos nossos conteúdos inconscientes, porém a opção e a dedicação em integrá-los à consciência permite que tomemos as rédeas das nossas ações, redirecionemos de forma adequada nossa energia psíquica e portanto menos explosões emocionais desconcertantes tenhamos, porque reconhecemos – por esta via de aprendizado – o que nos afeta, decidindo a intensidade de domínio que o conteúdo tenha sobre nossas reações, ao invés de simplesmente reprimir-nos e com isso entrarmos em um processo

autodestrutivo por rejeitarmos a contra-reação reguladora do inconsciente sobre o regulação direcionada e unilateral do consciente (o necessário equilíbrio).

Em outras palavras, a expressão de raiva ou de felicidade genuínos, por exemplo, podem ser igualmente contributivos, uma vez que encontraram eco no que ouviu a mensagem, porém a ausência de expressão emotiva igualmente pode ser reveladora, pois também indica se está ocorrendo este diálogo interno entre conteúdo do colóquio e participante – e muito provavelmente está – ainda que seja a nível de negação, o que pode ser indicado em expressões de desprezo, por exemplo. Lembrando que o desprezo é uma expressão emocional associada à formação sociocultural do indivíduo, valores, crenças, paradigmas de vida.

Recordamos que durante o Colóquio na amostra SC, um participante aparentava distanciamento ao conteúdo e às vezes víamos o que parecia amargura. Se considerássemos apenas a leitura da emoção tristeza, poderia ser por exemplo uma insatisfação em estar participando, ou recordação com algum conteúdo pessoal. Não havia como traçar o contexto, apenas que havia interação emocional dele com o conteúdo levado. Porém no momento do diálogo reflexivo, este participante hesitou por algum tempo até parecer instado a emitir o que lhe ocorria internamente: recordava a situação dos adolescentes da escola em que trabalham, em como lhe procuram com as mais diversas necessidades que refletem ausências domésticas das mais diversas naturezas (de financeiras a emocionais), dúvidas, conflitos, aos quais ele se reconhecia muitas vezes incapaz de atender e dirigia alguns alunos para a pedagogia da escola; e que a partir do conteúdo levado, ele identificou elementos a desenvolver nele, para saber como lidar sem afetar-se e de forma útil, e nestes adolescentes para que desenvolvam as chaves emocionais para lidarem com o processo que é crescer, amadurecimento.

Logo, podemos inferir que o aparente distanciamento poderia ser um conflito entre o falado e o vivido, seguido da tristeza por reconhecer lacunas (transcendência), porém só a fala²⁷ pode expressar a busca para desenvolver-se (indivíduoar-se) e levar a possibilidade de amadurecimento enquanto desdobramento do que aprendera ali.

²⁷ A fala é muito importante na psicologia analítica pois é compreendida como o primeiro passo terapêutico, onde é confesso o reconhecimento consciente acerca do complexo (catarse). No terapêutica de Nise da Silveira, este processo era através da arte dos pacientes neuróticos, onde esboçavam pela pintura (na maioria das vezes) os conteúdos inconscientes tensionados de energia psíquica desencadeando os adoecimentos psicológicos em vasto grau, derivados de conflitos reais cujo afetamento fora direcionado para o inconsciente, como defesa unilateral do consciente. Estes casos ilustram bem a importância da integração (transcendência) destes conteúdos para a saúde psíquica do indivíduo.

Voltando a Ekman (2012), agora falando sobre Nojo e Desprezo, o Nojo é uma sensação de aversão, o indivíduo quer afastar de si algo que parece desagradável, cuja fonte nos primeiros homens estava associada a odores ou sabores impalatáveis, situações repulsivas que no homem atual podem ser situações ofensivas das quais desejamos nos distanciar, como um som, um evento, um toque, uma ideia, um pensamento, um sinal, assim como ações e aparências que recebemos como desagradáveis, que inclusive podem causar revolta, algo visto como danoso ou com risco de contaminação, estranho, causa de adoecimento, infelicidade ou moralmente repreensível. Possui gatilhos universais relacionados a excreções fisiológicas, mas também tem influência sociocultural. O nojo é tão relevante para ser considerado por ser inclusive capaz de “predizer” fim de relacionamentos baseado na expressão dos envolvidos em resolução de conflitos, pois tem raízes no processo de cuidado parental da infância quando o indivíduo precisa do amor dos pais para superar o nojo de seus excrementos, se estendendo aos demais relacionamentos da vida adulta pela relação entre o quanto de intimidade estamos dispostos a dar e receber de outras pessoas.

Inclusive a emoção nojo pode ser suspensa ou modificada se a pessoa fonte do nojo tiver relação emocional (amor) conosco como fraldas de bebês que são nossos filhos ou sentirmos prazer com e na intimidade compartilhada com nosso par sexual; o que nos remete a um caso de Chico Xavier, registrado por Baccelli (2000), quando o médium brasileiro responde a um jovem que lhe indaga sobre proibições, que sem amor nada vale a pena, seja o sexo ou o casamento.

Nos é nítida a relação entre os achados de Ekman quanto ao processo de expressão das emoções com os postulados junguianos a partir de raízes do inconsciente coletivo e do inconsciente pessoal, assim como essas expressões serem manifestações inclusive dos complexos a partir das relações que traçamos com Anima e Animus, além da relação da expansão desses complexos a partir da extensão de nosso contexto do lar para a escola, fortalecendo as questões pertinentes à Educação pelo Exemplo e os desdobramentos das relações ocorridas e dos complexos alimentados pelo indivíduo no decorrer da vida, formulando nossos parâmetros de censurável enquanto medida de proteção àquilo que nos inflige nojo social (pessoas ou ações), tanto quanto expressamos o nojo natural (alimentos/excrementos/odores) daquilo que percebemos como impróprios para nosso consumo ou nosso bem estar.

Naturalmente há variantes neste processo, decorrentes das nossas histórias de vida e de nossas leituras de mundo a partir daquilo que experienciamos, inclusive cabendo entre as coisas que censuramos em público mas às quais recorremos em privado, posto que já está na alçada da necessária função transcendente sobre os conteúdos conscientes, subconscientes e inconscientes que afluem em tensões de energia psíquica que explicam nossas idiossincrasias e particularidades.

Inclusive, registra Ekman (2012) que este nojo social pode se tornar um nojo psicológico que leva à desumanização em relação a outros seres humanos sobre os quais expressamos nojo a partir destes valores socioculturais estabelecidos na formação do indivíduo (complexo Sombra), em outras palavras: a ofensa pública moral tem relação com aquilo que objetamos a partir deste nojo psicológico. Porém outros aspectos nos indivíduos a quem objetamos pode retirar este afastamento, desde que algo na situação nos comova (alguém com nojo de ferimentos graves pela exposição dos órgãos ou fluxo sanguíneo pode por exemplo, superar o nojo a partir dos gritos da vítima, onde a emoção tristeza de um e outro acabam dialogando), ou seja: desenvolver um diálogo empático pode contornar a emoção nojo.

Recordamos na ocasião do evento amostral ST, onde um dos participantes alimentava sucessivas expressões de desprezo quando o conteúdo do colóquio trazia elementos característicos do feminino, porém quando estes elementos revelavam processos de sofrimento psíquico à protagonista do romance, como limitações de suas ações profissionais e pessoais, este participante revelava expressões de surpresa seguida de tristeza, o que lemos como um processo de empatia e compaixão ante às próprias lutas que já ouvíamos daquele participante em outras ocasiões quanto à sua história de vida (social e profissionalmente) e durante o diálogo no Colóquio, ele expressou que nunca tinha parado para examinar mais à fundo e considerar as questões abordadas no conteúdo (ressaltamos que este participante era um dos dois únicos homens no grupo ST, destaque que fará sentido quando mais à frente apresentarmos a emoção desprezo).

Temos que admitir que Ekman tem razão ao dizer que mais importante que evitarmos as emoções é sabermos lidar com elas, pois são acesso ao processo empático implícito a quem deseja exercer a Educação pelo Exemplo de Jung e além da docência, este diálogo pelas emoções constrói nosso senso de comunidade, como diz Ekman (2012) que ainda esclarece que empatia e compaixão não são emoções mas nossas reações à emoções de outrem,

podendo ser empatia cognitiva (reconhecer o que outrem está sentindo) e/ou empatia emocional (agimos para ajudar o outro na tentativa de retirá-lo daquele processo expresso por suas emoções).

Já o desprezo se dá exclusivamente sobre pessoas ou suas ações: sentimos nojo em relação ao sabor, cheiro ou textura de algo, mas eventualmente podemos desprezar quem não demonstra nojo sobre o mesmo objeto, porém eventualmente também agimos de forma condescendente a respeito, ou desdenhamos as pessoas ou suas ações, por nos sentirmos superiores moralmente a elas ou a seus atos, sem nos sentirmos impelidos a fugir da situação como fazemos quando sentimos nojo.

A emoção desprezo, relata Ekman (2012), geralmente tende a situações antagônicas de alguma natureza, onde aquele que despreza se sente diminuído pelo outro e tem sofrido afetações seguidas por esta condição, até por uma sensação de que foram desprezadas primeiro por sua própria condição de antagonismo quanto a poder ou *status*, ou seja: tem como fundo uma condição antagônica social, onde o indivíduo que expressa desprezo se sente inseguro de/quanto a sua posição no contexto (lembramos do participante do sexo masculino no evento ST, rodeado de mulheres frente a um conteúdo carregado de elementos do Feminino); o que não é produzido em emoções de nojo ou raiva, ainda que possa vir acompanhado destas, como um aborrecimento, uma sensação de que é enojada pelo seu “antagonista” que a estremece emocionalmente, reagindo com desprezo, raiva e também “devolvendo” o nojo, o que nos remete à questão da formação dos complexos durante o desenvolvimento da personalidade, sendo similar aos efeitos de transtornos obsessivos-compulsivos (TOC). Se o nojo pode conduzir a TOC pelo pensamento recorrente de contaminação e necessidade de limpeza, as fobias sociais tem raízes no medo da pessoa ser humilhada de forma recorrente por uma condição de auto repulsa (eventualmente negada).

As características expressas pelo nojo envolvem sensações na garganta, início de leves engasgos, lábio superior e narina dilatados e elevados (como se aumentasse a sensibilidade nestas regiões), lábio inferior também elevado e ligeiramente saliente, rugas profundas que se estendem de acima das narinas ao canto dos lábios, dando-lhes forma de U invertido, as asas das narinas se elevam enquanto rugas aparecem nas laterais e centro do nariz, bochechas levantam enquanto as sobrancelhas levantam como uma ruga que lembra a pata de um corvo, não há envolvimento dos músculos dos olhos. Quanto ao desprezo, o queixo se eleva como se o indivíduo olhasse para alguém abaixo de você pela direção do nariz, há contração em

apenas um dos cantos dos lábios, com elevação leve do lábio superior (esta expressão é assimétrica, diferente das demais que ocorrem em ambos lados da face) (EKMAN, 2012).

Então, sobre as emoções agradáveis, diz Ekman (2012), são as que denotam prazer, satisfação, alegria, felicidade, excitação, diversão, descontração, alívio, admiração, fascínio, auto transcendência, orgulho pessoal (pela superação de um desafio, por exemplo, uma realização, um triunfo), exaltação, regozijo, com seu próprio conjunto de expressões distintas que a revelam, sendo pouco explorado seu estudo, o que é demonstrado pela grande preocupação e estudos voltados a desordens mentais que à saúde mental.

No caso do alívio, geralmente está presente uma profunda inalação e exalação de ar, sendo precedida de medo ou angústia, períodos de tensão e excitação. A combinação de fascínio e medo pode despertar um formigamento nos ombros e na parte detrás do pescoço, com alteração na respiração (se torna mais profunda), balanço da cabeça em sinal de incredulidade pode ocorrer igualmente. A exaltação pode ser manifesta por um calor, um sentimento inspirador por presenciar um ato humano altamente generoso ou de compaixão.

Existe a possibilidade de que nem todos experimentemos todas as manifestações de emoções prazerosas por bloqueios físicos (em receptores de prazer) ou psicológicos; assim como nem tudo que experienciamos é emoção, podendo ser pensamento, atitude, valores, alerta Ekman (2012), ou ainda, uma ação externa pode não despertar o mesmo em todas as pessoas: há quem ao receber uma atitude desinteressada, sintam-se grato, outros podem ficar constrangidos pela atenção recebida, ressentidos por se sentirem em débito a partir daquilo ou ainda com raiva por parecerem vulneráveis a outrem, há uma carga cultural estabelecida.

Outrossim é o fato de que nem todas as expressões de felicidade provém de um evento eticamente aceito, por assim dizer, pois há quem saboreie a felicidade de ver um desafeto sofrendo, mas em sua maior parte, as emoções prazerosas contribuem para nosso senso de comunidade, além de nos tornarem pessoas melhores para nós mesmos motivando nossas conquistas e buscas, sem falar na sobrevivência da nossa espécie, o que a torna a motivação primária das nossas vidas, com pessoas organizando suas vidas em função de maximizar experiências prazerosas, ainda que suas fontes variem no decorrer do tempo de vida e da personalidade (fontes de prazer em uma criança são diferentes de um jovem ou de um pai de família, por exemplo), comenta Ekman (2012).

Como as demais emoções, estas diversas manifestações do que Ekman (2012) agrupa como *Enjoyable Emotions*, possuem alguns gatilhos universais como relações sexuais com a pessoa amada, o nascimento de uma criança esperada/desejada, estar na presença do ente amado (gatilhos relacionados a amor parental ou amor romântico, ainda que o amor não seja uma emoção, em seu curso pode disparar estas emoções, assim como o convívio pode disparar emoções não agradáveis).

Prosseguindo com Ekman (2012), o reconhecimento das emoções prazerosas é o sorriso, que pode variar de intensidade, de duração, do tempo para aparecer e para desaparecer, mas a voz é o que mais distingue e não a face, uma alegria, sendo variações vocais distintas para cada *enjoyable emotions*. Mas o sorriso é presente em qualquer das manifestações de emoções prazerosas, ainda que sua ocorrência em si não designe qual dessas emoções está sendo expressada e para quem souber o que procurar, vai saber se ele é verdadeiro ou meramente social²⁸.

O músculo facial ativado no sorriso verdadeiro é o *zygomaticus major* que cruza as maçãs do rosto até o canto dos lábios, juntamente com os músculos que circulam os olhos, o *orbicularis oculi pars lateralis* (ou AU 6 no sistema *FACS*), que sendo um músculo involuntário²⁹, não pode ser ativado ao gosto do indivíduo, mas apenas ao expressar verdadeira emoção de felicidade, com o famoso “brilho nos olhos” que se produz justo pelo movimento deste músculo (entendendo felicidade aqui como sinônimo para as *enjoyable emotions*). As pálpebras se fecham e a pele ao redor dos olhos enruga e as bochechas levantam, com as sobrancelhas descendo levemente. Os estudos revelam que pessoas que sorriem mais (sorrisos verdadeiros³⁰) admitem sentir maior bem-estar físico e emocional, além de uma tendência a não apresentar pressão sanguínea elevada, além da ação destes músculos ativarem áreas do cérebro de alegria espontânea (lobo temporal esquerdo e regiões anteriores), o que não ocorre em sorrisos sociais, que geralmente têm o tom de concordância e/ou compreensão do que está sendo dito em uma conversa.

O mero sorriso, seja verdadeiro ou social, deve ser observado juntamente com outras emoções expressadas e/ou com outro comportamento não verbal (um sorriso verdadeiro mas com braços cruzados, por exemplo, podem indicar que apesar de alguma excitação,

²⁸ Bebês de 10 meses de idade já expressam sorriso verdadeiro para a mãe e sorriso social para estranhos.

²⁹ Apenas 10% das pessoas podem contrair o *orbicularis oculis* voluntariamente, segundo os estudos de Ekman (2012), como atores, o que é creditado mais a uma lembrança que a um movimento deliberado.

³⁰ Também conhecido como Sorriso de Duchenne (neurologista Duchenne de Boulogne que descobriu o envolvimento destes músculos no sorriso verdadeiro).

maravilhamento com um evento, o indivíduo está hesitante). Assim como alguém que sorri verdadeiramente mesmo em uma situação desconcertante, demonstra sua capacidade de lidar com a adversidade sem esmorecer.

Partimos destas considerações e algum tempo exercitando para executarmos essa leitura comportamental a partir dos vídeos gravados e confrontar com o conteúdo escrito, para averiguarmos as contribuições pedagógicas/de aprendizado emergidas para nós a partir do que surgiu para os participantes.

3.1.3 Análise a partir dos participantes com fins de validação da prática proposta

Considerando que apesar de serem amostras dentro de um perfil muito próximo, ocorrem em eventos distintos que não temos como averiguar se o público presente frequenta a ambas instituições de ensino superior e seus eventos, registramos aqui separadamente os momentos da análise da prática docente que propomos.

Os escritos – *feedbacks* – foram analisados na ordem em que foram recolhidos, o que foi feito por uma pessoa auxiliar de forma que mais se aproximasse de uma análise às cegas e não fosse influenciada pela análise de campo ou de imagem. Para registro das imagens (em uma câmera marca Canon, modelo DS126431 de propriedade da coordenação do nosso curso), também contamos com apoio de pessoa auxiliar a fim de não favorecermos determinado ângulo que a nós parecesse privilegiar algum aspecto que julgássemos preferencial por qualquer motivo, além de logisticamente ser mais fácil para administrar.

Estas pessoas auxiliares não receberam remuneração, sendo colegas de academia de linhas de pesquisa outras, assim não teriam como igualmente favorecer quaisquer aspectos ou ainda prestigiar qualquer participante ou desfavorecer outro por qualquer compreensão de alinhamento com a pesquisa, ou ainda influenciar com qualquer comentário embasado em nosso aporte teórico.

Os registros escritos, assim como as gravações estão disponibilizadas em acervo digital entregue em formato de *pen-drive* aos membros desta banca avaliadora, dado o caráter de sigilo e anonimato informado no *debriefing* aos participantes.

Amostra ST – Registros Escritos (*Feedback*)

Uma vez que já anotamos as características gerais, nos debruçamos à análise, primeiro dos registros escritos e depois do registro das imagens de vídeo.

Nos registros escritos emergiram alguns fenômenos que abrigam subfenômenos em sua dimensão, conforme abaixo:

Fenômeno 1: Individuação (subfenômeno: ressignificação, crescimento interior, desenvolvimento de potencialidades, inteligência emocional).

Fenômeno 2: Função Transcendente (subfenômenos: consciência de si, consciência do complexo sombra, autorresponsabilidade, propósito, pertencimento, empatia).

Fenômeno 3: Educação pelo Exemplo (subfenômenos: influências e relações entre o ser e o profissional, coletividade, contribuições pedagógicas).

Fenômeno 4: Referenciais Teóricos (subfenômenos: menção a “O Leilão”, a Ierecê Barbosa, a outros autores citados sem relação consigo).

Fenômeno 5: Desvios (subfenômenos: impertinência, incompreensão do conteúdo, conflito, confronto, alimentação do complexo sombra).

Os participantes utilizaram linguagem mais próxima à realidade de seus campos de estudo e de percepção de si e de vida, o que nos leva a destacar a importância de utilizar outros autores para transpor o conteúdo pedagógico para uma compreensão mais acessível dentro de suas experiências.

Dos 13 registros escritos desta amostra, houve apenas 1 *feedback* com apenas fenômeno que chamamos “Desvios”, sinalizando uma lauda contraditória sobre as relações entre o eu e o outro que em essência, caminham em direção ao conteúdo do Colóquio (não divergente), mas que foi combatido como contrário às crenças e valores pessoais, o que podemos ler como conflito e confronto ao processo de individuação latente. Este participante registrou ter chegado atrasado, o que pode ter contribuído para este desvio. O que nos remete a que um processo de estratégia formativa deste perfil talvez seja mais bem apreendido quando seja desenvolvido em continuidade, em um espaço de tempo que ofereça reflexão entre um encontro e o próximo. Porém dada a complexidade e profundidade do conteúdo, estávamos cientes da possibilidade deste tipo de reação.

O outro desvio (só foram 2 nesta estrutura) se situou na dimensão da incompreensão mesmo dos conteúdos já transpostos, o que lemos como uma possibilidade de haver um nivelamento prévio para participação neste tipo de estratégia formativa ou poderia ser sanado

com a continuidade já assinalada no parágrafo anterior. Pois esta participante também teve conteúdos assimilados da temática em seu *feedback*.

Apenas 1 registro destacou dois dos autores mencionados durante o colóquio - ainda que mais registros com os conteúdos levados através do Colóquio compuseram a maioria dos escritos - enquanto a maioria prevalente focou em sua relação consigo mesmo e depois com os demais, sendo que no âmbito interpessoal, foi prevalente as relações docente-discente, seguida das relações interpessoais gerais, com apenas 1 registro sobre a própria família, a nível de educação familiar, o que procede considerando que a Educação pelo Exemplo parte da relevância das relações primeiras (lar).

Os participantes que adentraram esta dimensão indicam a importância da afetividade enquanto amor-próprio e como este é o princípio para desenvolver relações saudáveis com os demais, o que desemboca na essência da Educação pelo Exemplo e do Processo de Individuação e esta relação subjetiva e intrínseca como decorrente da própria história de vida e da autoria e do conhecimento de si na construção pessoal, o que também pode ser registrado como Função Transcendente, porém as decisões conscientes para o que fazer com este processo a partir desta emergência para a consciência, participam como elementos para a individuação.

Assim, a Função Transcendente aparece enquanto percepção e enquanto essência, como tomada de consciência para mudança, com notas pessoais sobre aspectos vistos como necessários à mudança, e neste quesito, também ora como percepção e ora como resolução. Já a Educação pelo Exemplo como decorrente imbricada à individuação emerge como a mudança que deve partir de si para alcançar os próprios pares, ou seja: há um sentimento de se tornar multiplicador do conteúdo assimilado, apreendido, se encaminhando para a contribuição do subjetivo para o coletivo, com sentimentos de pertencimento e propósito (senso de comunidade).

Também houve sinais de transcendência quanto a perceber a dimensão de si e de outrem sobre si e nesta relação nem sempre verbalizada, mas profundamente influenciável e retroalimentável, em uma perspectiva de desenvolvimento do conhecimento de si enquanto inteligência emocional para lidar com amadurecimento psicológico sobre estes conteúdos de energia psíquica, o que se integra o processo de individuação igualmente.

Estes aspectos foram construídos a partir da própria emersão, conforme a metodologia da análise do livro, portanto a listagem acima indica igualmente a proporcionalidade dos fenômenos. A confluência entre função transcendente (F.T.) e processo de individuação (P. I.) para contribuições pedagógicas e daí para (auto)formação continuada para nós ficou evidenciada. As relações que no livro de Ierecê entre subfenômenos para um fenômeno central, através dos arquétipos para a F.T. e o P. I., nos registros escritos se manifesta a partir das transposições didáticas e suas assimilações para a autoformação, que por sua vez, ocorre via F.T e P.I., assimilando a Educação pelo Exemplo.

Não houve registro utilizando os próprios termos da psicologia analítica, mas o sentido em essência foi registrado nos *feedbacks*, como pode ser visto no arquivo digital dos mesmos, entregue à banca na ocasião da entrega deste trabalho. Não vamos retomar os conceitos já bastante explorados anteriormente, dado o volume que este trabalho já alcançou em laudas, de forma que recomendamos a retomada da leitura da seção de análise do livro (2.2) caso haja alguma dúvida quanto ao significado.

Notamos ainda que os participantes associaram em seus registros o crescimento pessoal em diversas dimensões a partir do processo de individuação, como sucesso, melhoria da atuação docente, melhor qualidade de vida emocional, inclusive o exemplo da narrativa de Ierecê Barbosa foi registrado por uma participante como referencial para superar os medos e receios que a arrastaram para a depressão. Inclusive, posteriormente no mesmo dia, outra participante entrou em contato conosco via aplicativo de mensagens por celular para registrar a importância do conteúdo para suas alunas que participaram do Colóquio, inclusive uma com quadro a longo tempo de depressão (a mesma?) que estava se sentindo renovada a partir do que ouviu e dialogou no Colóquio. A considerar o que temos ouvido sobre Ierecê desde essa prática, acreditamos que alcançamos o que ela registra (BARBOSA, 2015, p.163):

Acho que o leilão pode ter ainda outra possibilidade que, se concretizada, possibilitaria outras mais. Gostaria de escrever um livro sobre tudo isso. Se conseguisse, ele poderia virar uma minissérie, um filme, uma peça de teatro, material paradidático para espiritualista, um artigo, uma resenha e por aí vai... Dependendo do espírito do tempo outras possibilidades poderão surgir.

E ainda sua proposta quanto a suas obras literárias: “São romances paradidáticos, nos quais o leitor aprende com essa estratégia narrativa, dentro da trama, sem querer.” (D24AM, 2014), incluindo a percepção da pesquisa-(auto)formação, a partir de também a própria história de vida ou de outros como possibilidade de ressignificação da subjetividade e desta para a prática docente.

Neste evento, uma frase que dissemos durante o colóquio ressoou nas falas e nos escritos dos participantes: “Sou o que faço com aquilo que recebo.” Que deriva por sua vez de várias falas de Jung registradas em suas narrativas que se tornaram seus livros.

Amostra ST – Linguagem e Comportamento Não Verbais

Os participantes demonstraram inicialmente hesitação durante o *debriefing* (no trecho da apresentação do conteúdo), provável pelo desconhecimento da temática, o que indica a quem ministrar que notar estes aspectos, que promova um ambiente mais acolhedor, de maior identificação, pois esse é o momento do *rapport*.

Durante a dinâmica do Inconsciente Coletivo, houve inicialmente sinais de desconforto, autoproteção (bloqueio do torso pelos braços cruzados), nojo, excitação, medo, ansiedade – compreensível diante do desconhecido (no caso, o conteúdo ao qual não estavam familiarizados, não conheciam a psicologia analítica e seus termos).

Na sequência foram surgindo excitação, superioridade, manutenção da autoproteção com proteção do torso pelos braços cruzados (1 participante, o mesmo da superioridade, o mesmo que registrou confronto na análise do registro de *feedback*: de acordo com o registro de imagem, este participante não se atrasou para o Colóquio, estava desde o início, os sinais de bloqueio e superioridade reforçam a intencionalidade de conduta dissimulativa registrada em seu escrito, é o mesmo que já mencionamos quando construímos o referencial de linguagem e comportamento não verbal em subseção anterior (3.1.2), sendo o único homem entre as demais mulheres, no caso desta amostra ST, por essa singularidade vamos indicá-lo quando necessário como O participante, para diferir das demais do sexo feminino), bloqueio verbal (mão na boca e medo), felicidade genuína aumentando na quantidade de participantes, nojo + bloqueio verbal, não visualização (desvio do olhar para baixo, para o celular, para as laterais, com cabeça baixa), interesse (inclinação do tronco para os slides).

Este trecho nos fornece indicações de que havia receio avaliativo quanto à dinâmica, o que é compreensível dentro do sistema educativo que condiciona um *status* quantitativo nas avaliações em lugar do desenvolvimento pela capacidade de abstração; como vimos anteriormente, bloqueios por membros superiores ou inferiores em comportamento não verbal (mão na boca, braços cruzados) são reforçados pela linguagem não verbal das expressões faciais de nojo, superioridade e medo, o que podemos interpretar como *medo de errar* neste contexto. A não visualização veio de uma participante que identificamos como aluna em

formação inicial, já que estava como *apoio logístico* do evento na atividade, o que pode igualmente indicar fuga por se sentir insegura com o conteúdo frente aos demais participantes que socializaram já atuarem na docência.

Porém o aumento de comportamento de interesse indicados pelas expressões de felicidade genuína e inclinação do tronco, evidenciam que o *rapport* estava se estabelecendo e o desconforto diminuindo. Até porque na sequência, houve mais expressões de excitação (*enjoyable emotion*), inclinação do tronco para os slides e para a ministrante (interesse), mostra da jugular (pescoço inclinado para a ministrante: confiança), expansão de tórax e membros superiores e inferiores (territorialidade: confortável no ambiente), movimentos de concordância com a cabeça, gestos ilustradores durante a interação com revelação de palmas e pulsos (conforto e confiança), apesar de ainda haver expressões de nojo, hesitação, superioridade, gestos apaziguadores (reflexos do sistema límbico para transmitir calma ao próprio indivíduo, como esfregar as mãos, os braços, as pernas, etc.), durante as perguntas, novamente nos indicando a evitação em uma situação de insegurança (receio de responder “errado”, ainda que no início da dinâmica reforçamos que não havia *errado* naquele momento do colóquio, já que era uma atividade demonstrativa da psicologia do inconsciente coletivo).

O participante que indicava superioridade com bloqueio do torso passou a expressar sorriso social, interagindo com as participantes mais próximas dele e que conhecia do trabalho, depois demonstrando expansão de tórax e membros superiores, além de felicidade genuína, seguido de desvio de olhar e volta para posição anterior, o que pode ser lido como um desejo consciente de confronto com o conteúdo/ambiente/alguém da sala com quem não desejasse socializar, porém pelo registro escrito, podemos inferir que ainda que haja confronto com algum outro fator, não pode ser descartada a possibilidade de o ser com o conteúdo.

O momento de apresentação da biografia da professora pesquisadora Irecê Barbosa suscitou expressão geral de surpresa, porém quando situada essa influência à pesquisa, expressão prevalente de nojo, o que podemos compreender como uma recepção de inferioridade que julgaram estar presente na nossa fala (nojo pode estar associado ao orgulho, uma das presentes já participou de seleções para o MPET sem sucesso de ingresso, outra está em turma posterior à nossa, as demais em formação inicial ou continuada).

Porém a participante que também era *apoio logístico* em formação inicial substituiu a não visualização pela inclinação do tronco e pé direcionado para a ministrante, mostra da jugular (indicação de interesse e confiança no conteúdo falado). O participante substituiu o

bloqueio do torso para inclinação do tronco e abertura dos membros superiores em direção à ministrante + surpresa. Outra participante que mencionamos para ilustrar aspectos do referencial da análise da prática, seguia com expressões preponderantes de superioridade (dedo indicador levantado elevando o queixo: 2 expressões não verbais associadas, reforçando superioridade), alternadas por gestos apaziguadores (insegurança, desconforto), mas ao modo do participante, também expressava interesse alternado por inclinação do tronco para a participante, além de participação verbal, o que pode ser lido como um interesse no conteúdo mesclado com insegurança, que para afastar, expressava superioridade e gestos apaziguadores alternados, o que é equivalente a 1 participante com mão dobrada com palma para baixo apoiando o queixo + gestos apaziguadores (submissão e insegurança), ambas revelando dois sinais do sistema límbico para perigo: enfrentamento e rendição. Duas formas diferentes para lidar com o mesmo gatilho.

No grupo como um todo, neste momento houve diminuição dos gestos apaziguadores e gradações de expressão de prazer, alegria, felicidade (*enjoyable emotions*), expansão do tronco e membros (conforto territorial: a situação não é percebida como de risco pelo indivíduo, que se sente seguro e confiante).

O momento que narra um pouco mais sobre Irecê, há uma neutralidade inicial que vai convergindo para tomada de foco notado por olhos, tronco, membros voltados para a ministrante, com aumento da inclinação favorável do tronco e cabeça quando o tema educação é mais claramente enunciado, comportamento que é seguido por todos, inclusive os dois participantes com comportamento não verbal predominante de desinteresse/negação/empenho no autocontrole para simular desdém e desinteresse pela temática. Notamos que seguido a educação, a temática família da narrativa é a que profundamente envolve o interesse destes dois participantes.

Durante a sinopse de “O Leilão” há prevalência de comportamento não verbal de surpresa, emoções agradáveis e elevação do interesse pela maioria dos participantes. Percebemos que uma participante que chegou atrasada, após a dinâmica inicial e apresentação do trabalho, senta paralela à participante que prevalece desinteresse e próxima ao outro que tem comportamento de esforço de não envolvimento, passa a revelar comportamento de busca e a seguir de forma ainda insegura, passa a ter momentos de espelhamento da participante de baixo interesse.

De acordo com a etologia estudada para essa análise, a pessoa novata no grupo vai estar suscetível a uma insegurança preliminar, já que ela chegou depois e desconhece a atividade em curso, buscando referenciais que indiquem superioridade, já que a uma primeira leitura não consciente, pode sugerir segurança, o que fica inferido quando se estabelece o espelhamento: a novata, insegura no grupo, passa a “copiar” o comportamento de superioridade como forma de endossar um comportamento já estabelecido e assim parecer menos alheia à atividade; porém esse comportamento vai cedendo à segurança voltada para nós, notado pelo foco da atenção do olhar, direção da cabeça, exposição do pescoço (o pescoço como área de vulnerabilidade física por causa da jugular, tende a só ser exposto em situações de conforto e segurança, indicando receptividade e até convite para aproximação, intimidade, o que neste contexto pode ser lido como aquiescência desta participante que chegou atrasada para ser envolvida pela temática).

Ao trecho da sinopse quando passa a ser comentada a influência da avó sobre a protagonista, o arquétipo da grande mãe, da mulher sábia, da matricarca, que dirigia a família enquanto viva, a participante que demonstrava desinteresse estabeleceu um comportamento de profundo auto apaziguamento: ela entrelaça as duas mãos pelo cruzamento dos dedos e apoia o queixo, próximo aos lábios; uma leitura que indica que essa temática apresenta forte conteúdo emocional para esta participante pois ela tenta conter as emoções com gestos apaziguadores (auto resposta para o corpo de que “vai ficar tudo bem”) e a proximidade das mãos aos lábios, como uma auto determinação para silenciar o que estava passando em seu interior até então. O interesse é estabelecido com o tronco voltado para nós, além do olhar e da cabeça e dos pés.

Enquanto isso, o outro participante refratário, ainda com comportamento indicando querer distanciamento e se proteger no ambiente (braços cruzados e mãos que seguram os braços pelos cotovelos, assegurando que não vai “haver rendição”), passa a ter mais olhares de “canto de olho” em nossa direção mesclados à fuga do mesmo olhar (os olhos se movimentam entre nós e a porta, intercalados com não visualização por olhos fechados ou baixos juntamente com a cabeça). Pelo que já ouvimos de sua história em outras ocasiões, sabemos que a infância foi fortemente marcada pela avó em sua criação, o que pode ser o gatilho de interesse, apesar de algo na sua ideologia ser fortemente abraçado – inclusive materializado no auto abraço contínuo, que indica preservação e distanciamento do gatilho externo – a ponto de evitar fortemente se envolver com o tema ou a atividade, o que é ratificado em seu registro escrito, que apesar de não ter o nome, é o único a fazer auto

referência no masculino, sendo ele o único homem no recinto até então (e o único a permanecer até o final, portanto por exclusão, tudo indica ser dele esse registro). A narrativa sobre a fé, ainda que não ceda os braços, passa a expor a jugular, primeiro do lado oposto a nós e depois para nós, indicando que parte dele está cedendo à experiência.

Os demais seguem com surpresa e atenção. O frio da sala é o provável gatilho para comportamentos de estresse e desconforto, principalmente nos membros inferiores dos presentes, sentados onde o condicionador de ar da sala direciona sua ventilação, o que pode explicar membros superiores, tronco, cabeça voltados para nós preponderantemente, inclusive pés, ainda que os membros inferiores estejam agitados, possivelmente uma resposta biológica à sensação de frio. O que ressalta que a leitura do comportamento e das expressões não verbais não pode ser isolado para uma interpretação sem base no contexto em que ela ocorre, o que inclui possibilidades de inconsistência quando analisadas imagens estáticas (fotos, por exemplo) que podem: 1) demonstrar emoções mas não seus gatilhos; 2) terem sido capturadas em momento fora do ápice da emoção, diminuindo sua intensidade ou mesmo já se localizando após seu decaimento (como fotos em momentos felizes mas que quem fotografa demora a registrar, levando a sorrisos sociais do tipo “digam xiiiiss”).

O leitor talvez estranhe o nosso foco nos participantes inicial ou prevalentemente refratários, mas eis que ante à intencionalidade de nossa pesquisa, realmente nos interessa fatores emocionais que cunhem potenciais gatilhos para mudança interior em direção ao que desenvolve nossa (auto)formação para um estado interior mais inclinado ao conhecimento de si que leve a transformações subjetivas de plenificação com reflexo no coletivo, assim desembocando na Educação pelo Exemplo, pois se não podemos mudar o outro, mudamos nossa forma de lidar com o outro quando mudamos a nós mesmos e nossa forma de lidar com o externo, pela busca do equilíbrio interno. Se tivéssemos mais oportunidade de trabalhar com o participante desta amostra, levaríamos em conta que se o gatilho emocional avó toma sua atenção, o gatilho emocional pai o leva à demonstrações de tristeza, como notamos sua mudança de expressão ao contarmos do pai de Paula D’Aquinson.

Alguns dos objetos do leilão parecem menos impressionáveis que outros, como o caso dos tigres de bengala que suscita micro expressões de nojo, porém passam a raiva em algumas participantes e medo em outras, o fato de Paula estar perdendo seus objetos queridos sem chance aparente de reavê-los. A isto podemos inferir empatia: estas participantes estão a tal

nível envolvidas com a história-pretexo do colóquio que elas se colocam no lugar da protagonista e expressam as emoções que sentiriam fosse com elas o leilão.

A sinopse caminha para a percepção de Paula sobre a EQM e as expressões alternam surpresa e medo, enquanto nossa participante refratária tem os pés cruzados, tronco, cabeça e olhos para nossa direção, ainda com as mãos cruzadas agora sobre os lábios e cenho emitindo eventualmente leve intimidação (está confortável, interessada mas prefere não se envolver em demasiado pois há um forte conteúdo emocional ali que lhe toca); já o refratário exhibe contínuas e mais rápidos gestos apaziguadores, o que indica que está se tornando difícil manter a posição de congelamento, própria a quem busca ocultar o que realmente está sentindo/pensando, os gatilhos emocionais devem ter alcançado um nível de extremo estresse a essa altura para ele, confirmado com pequenos mas contínuos comportamentos de nojo e não visualização.

Comentar sobre o nível de envolvimento e comprometimento de Irecê Barbosa com a pesquisa projetados também em Paula D'Aquinson para elucidar o leilão durante a EQM gera tensão: as expressões variam de medo a tristeza, que podemos pensar fosse causada por saberem que Irecê morrera recente e de câncer tendo uma vida profissional tão produtiva ou por pensarem nas suas próprias condições enquanto professores-pesquisadores em formação inicial, continuada ou buscando a formação continuada como era o perfil dos participantes, pelo que os conhecemos ou ouvimos deles durante o acolhimento antes do início do colóquio, já que a tristeza remete à lembrança ou à realidade ou mesmo ao medo de uma perda material ou emocional (como pessoas que reencontram entes queridos após um profundo ou vasto afastamento, apresentam expressões genuínas de surpresa, tristeza, medo e felicidade, principalmente quando o reencontro não era esperado).

A EQM vasculhada a partir do espiritismo de Allan Kardec gerou um volume de gestos apaziguadores similares: participantes se puseram a passar a mão nos cabelos, próximo ao couro cabeludo, indicando que este assunto implicou tensão e uma exigência cognitiva maior para assimilação, já que este comportamento indica a tentativa de aliviar a tensão e o estresse provocados pela irrigação sanguínea maior nesta área, na tentativa de aliviar este desconforto. O aumento do volume sanguíneo está associado às descargas hormonais que influenciam a contração cardiovascular, aumentando a pressão com que o sangue passa a circular para áreas que estando em maior atividade, necessitam de mais oxigenação e mais rápido, portanto o coração trabalha mais para suprir este estado, com o sistema nervoso

autônomo trabalhando pra apaziguar através de *feedback* negativo: os apaziguadores estimulando produção de hormônios de alívio para não sobrecarregar o coração.

Outras entre surpresa e desaprovação, enquanto os refratários surpreendentemente estão rendidos: a participante em posição de conforto territorial e o participante com o corpo totalmente inclinado à nossa direção. Os ápices dos subfenômenos dentro do fenômeno maior são gatilhos de interesse para eles, enquanto que a sequência explicativa da narrativa os devolve para posições de menor interesse, como a participante assumindo o comportamento “efeito tartaruga” (onde a pessoa se encolhe, para se proteger dos efeitos do contexto) e o participante no retorno dos gestos apaziguadores contínuos.

Os momentos seguintes que trazem a (auto)investigação de Paula sobre a EQM a partir do espiritismo imprimem expressões gerais de atenção, parece haver uma expectativa sobre o desenrolar desta busca. Não há prevalência de expressões emocionais faciais, o que é justificável a esta altura, já que o movimento da trama de Irecê já pode ter sido acolhida quanto ao surgimento dos subfenômenos, aplacando as emoções de surpresa e medo que acompanhavam esses ápices, já estão familiarizados com o modo de condução da narrativa pela autora do livro. Confesso que eu também me senti assim após estes “banzeiros” da narrativa e temia que a obra caísse na mesmice pelo uso recorrente deste recurso. Prossigamos para ver como isso ocorre em nossos participantes desta amostra, que esperam alguns em sinal de mutismo (mão à boca).

A perspectiva da elevação das potencialidades manifestas na exponenciação de sua vida pessoal e principalmente profissional, postulado como inerente ao processo de individuação, revela expressões de medo, nojo, desdém e raiva; o que pode ser inferido como uma descrença na probabilidade de que lhes ocorra algo similar caso percorressem uma jornada como a de Paula, inferimos que o pensamento comum considere os fatos narrados sem atenção à janela temporal em que ocorrem o que talvez seja nossa culpa por não salientarmos o suficiente o tempo provável da trama em sua completude.

Mudanças são graduais e ocorrem em velocidades próprias a cada indivíduo, assim como é um movimento próprio a emersão das potencialidades e a exponenciação delas a partir do trabalho, empenho e disciplina que imprimimos ao surgimento de cada uma. No caso da protagonista do livro, a narrativa oferta uma perspectiva que remonta ao início da sua vida, contada concomitante aos fatos vivenciados no tempo da trama onde, do leilão tornado verídico à condição de palestrante mundial, há o intervalo de uma década de alguém que já

tinha alguma projeção fora do seu círculo social e profissional local, o que dá consistência à narrativa desde que seja levado em conta estas observações temporais, atitudinais, sociais.

Outro ponto de pico emocional para medo, surpresa, nojo, raiva, desprezo é o final do livro, onde de forma muito estampada, Ierecê se conduz como autora de um romance espírita (kardecista). Não temos como inferir se estas reações são decorrentes da temática deste trecho da obra ou por estar ocorrendo dentro da academia este tipo de narrativa. Este trecho inclusive retoma os gestos apaziguadores de passar a mão nos cabelos, na testa e também mutismos pela mão à boca (mesma compreensão já discorrida acima quando de iguais movimentos).

O comportamento ainda tenso é transferido para anotações quando afirmamos que o espiritismo está na obra e é por ele que a autora explica o leilão da EQM e a opção de vida que ela adota a partir da leitura de mundos (sim, no plural, por se tratar de dimensões corpóreas e extra corpóreas) que toma por meio dele, porém que dentro na pesquisa científica, nós adotamos a psicologia analítica para fazer esta leitura da experiência de Ierecê enquanto criadora de Paula D'Aquinson e adentramos às explicações desta abordagem sobre o livro, mas ainda são notados sinais de desconfiança e incerteza provavelmente do momento anterior (espiritismo). Esse comportamento nos parece apontar para o fato de que a escolarização ainda setorializa e demarca que temáticas podem ser tratadas dentro do ambiente científico e quais não, a nível de ser ou não creditada uma pesquisa a partir do que investiga.

Nesta situação, retomamos a dinâmica do início do colóquio onde exploramos na prática a que Jung se refere quando fala de arquétipos e sua presença no inconsciente coletivo para então trazer para a perspectiva da obra analisada (utilizamos elementos presentes no leilão) e situar nossos participantes com as evidências de que tratamos de conteúdos factuais e portanto possíveis de serem lidos dentro da academia sim, por uma perspectiva que nasceu no positivismo (medicina psiquiátrica) mas não se restringiu a ela, ampliando-se na elucubração que se assume fenomenológico-empirista a partir da própria declaração de Jung registrada no início deste trabalho, onde ressoam expressões de vergonha/culpa na maior parte dos participantes (talvez por ter julgado nossa posição e o que havíamos trazido?) e da participante que inferimos ter aproximação com o espiritismo pela reação de uma das suas colegas ao cutucar-lhe quando mencionamos o kardecismo na obra, expressão de desdém. Essa talvez seja uma posição com a qual ainda teremos que lidar no meio acadêmico quando optamos por caminhar passos não tão explorados, deslocados do comumente estabelecido e que por essa natureza ante a subjetividade alheia, ainda ser passível de inevitavelmente

compor suscetibilidades. Um desafio que se oferta ao exercício de nós que acreditamos na (auto)formação docente nossa e dos que nos propomos a mediar, a partir do referencial sobre o qual assentamos nosso discurso.

Notamos ainda pelas expressões de surpresa que ao relacionarmos o ambiente do Círculo de Eranos - um dos campos férteis de discussão para Jung - com outros cientistas que ali frequentavam, principalmente ao citar Schrödinger e o experimento mental conhecido como gato de Schrödinger, reconhecidamente participante do rompimento de paradigma da física clássica para a física quântica, a devolução da credulidade sobre nossa investigação a partir dos movimentos afirmativos com a cabeça e a volta dos olhares para nós (foco, atenção). Ou seja: ainda “precisamos” nos assentar sobre bases que remontem à “mãe das ciências” para que o holístico seja considerado na pauta dos estudos acadêmico-científicos voltados à interface Ensino-Educação.

Talvez a expressão mais contundente da “necessidade” desta ancoragem na ciência “tradicional” seja uma participante que já havia se levantado com seus pertences para sair do colóquio e ao ouvir o nome destes cientistas voltou a sentar e ouvir com atenção; porém ao voltarmos a “O Leilão” para situar a psicologia analítica nele, esta participante oscilou várias vezes entre ir e permanecer, com picos de foco (olhar e cabeça voltados para nós) e de conforto (posição relaxada com as pernas esticadas na cadeira) e outros de impulso para sair, com parciais levantamentos acompanhados de não visualização e sinais de ansiedade (compressão dos lábios, engolidas a seco) ao que podemos inferir fortes gatilhos emocionais ao conteúdo sobre a necessária ressignificação das experiências e vivências como parte do processo de formação docente. Esta participante foi a que chegou atrasada. Ela já havia rompido a condição de espelhamento com a outra participante quando aquela já cedera mais de sua posição de superioridade; enquanto isso, o participante refratário voltara à posição do “auto abraço” com o canto dos olhos mantidos em nossa direção ante o conteúdo “família” lido à luz junguiana.

No diálogo da obra com a psicologia analítica, o conteúdo de maior índice de não visualização e sinais de ansiedade foi a religião, mesmo quando esta é abordada como fenômeno com irradiações na e da psique, independente do rótulo (falamos da religião para Jung e não da religião espírita ou de qualquer outra em específico) ainda parece ser um tabu se posta para discussão dentro do ambiente da academia; em contraste à Educação pelo Exemplo, que obteve mais foco de atenção, com torsos, cabeças e olhares em nossa direção,

ainda que o nosso participante refratário visse a discussão sobre os professores “de antigamente” com desprezo e nojo a partir da narrativa de Irecê sobre as professoras da infância não terem culpa de não saberem/reconhecerem a dislexia nela, pois na realidade que estavam inseridas era um assunto inexistente, portanto, sem que signifique aprovação do comportamento daquelas professoras da menina Paula, a decisão de ressignificar aquela compreensão, de não carregar mágoas sobre o que as pessoas não tinham consciência para exercer e a decisão de ser uma professora mais atualizada em contínua formação adotada por Irecê, é uma decisão que cabe a todos nós professores de nós mesmos primeiramente.

Um segundo participante do sexo masculino – que chegara atrasado – revela expressões de raiva (frustração) e passa a ter gestos pacificadores consigo, depois fecha os braços em torno do próprio torso e se inclina para trás, posição de superioridade, alteração cardiorrespiratória com profundas inspiradas (defesa, auto proteção, afastamento corporal daquilo que lhe ofende/não lhe agrada, como quem diz “não ultrapasse este limite!/aqui quem manda sou eu!”), ansiedade, estresse, desconforto) quando discorremos sobre a relação entre o processo de individuação e a educação pelo exemplo, ao ilustrarmos com comportamentos comuns a muitas pessoas do dia a dia, seja o de quem desconta a frustração do convívio familiar na sala de aula. Isto seria um outro ponto digno de muita atenção em quem venha a trabalhar a mais longo prazo com este participante, a nosso ver, mediado pelos estudos aqui conduzidos, afinal o professor que está à frente da turma, ministrando, também lhe cabe um processo gestor de seus alunos quando a finalidade daquilo que ministra se direciona à formação de professores, é o nosso entendimento nesta questão.

Neste momento, está estabelecido na maioria dos participantes, comportamento de atenção (virados em nossa direção), exceção deste segundo homem e da participante refratária que está em posição de apatia, mas que depois volta a gestos altamente pacificadores com as mãos, ansiedade, raiva (dedos se cruzam fortemente intercalando com tilintarem sobre a mesa, lábios comprimem fortemente um contra o outro suprimindo sua aparência, o que também pode ser associado a uma forte decisão de mutismo quando na verdade se quer falar).

O diálogo reflexivo tem início e fluem gestos apaziguadores, sinais de ansiedade e não visualização, medo, que podem ser inferidos por uma tensão/receio por pensar no diálogo como de caráter avaliativo quantitativo, ainda que o foco ainda esteja em nós, através do comportamento corporal (torso e membros em nossa direção). As devolutivas nossas neste momento quando registradas por outras filosofias que não as reconhecidamente científicas,

provocam expressões faciais de nojo e mutismo intencional pelos participantes mais velhos, enquanto os mais novos exibem medo. Isso pode ser atribuído a comportamentos cristalizados *versus* os desafios de quem está começando na docência. Porém quando este conhecimento é transposto didaticamente para a leitura da psicologia analítica e traçado um paralelo ao trabalho de Joseph Campbell, as expressões são de surpresa, ainda que alguns expressem comportamentos de “resistência” (inferimos que se vincule a incredulidade) e ainda haja presença de gestos pacificadores.

Ao chegarmos na discussão sobre a efetividade e o impacto da Educação pelo Exemplo, preponderam movimentos afirmativos com a cabeça, endossando por suas próprias experiências o que foi registrado por Jung. Trazido esse conteúdo para a reflexão, mudando o lugar de fala deles enquanto alunos para eles como professores, retornamos às expressões de medo, não visualização, gestos apaziguadores, superioridade (pelo segundo participante homem), raiva, micro expressões de tristeza, caracterizando em nossa leitura que o objetivo do colóquio enquanto estratégia formativa estava se cumprindo, haja visto que ante aos pressupostos da psicologia analítica, todo processo de transformação descende de reflexão e tomada de consciência, para daí ir à ação de mudança.

À pergunta de quem teve algum(a) professor(a) em sua experiência escolar/de formação que considerem exemplo que não deva ser seguido, todos afirmaram já terem vivenciado algo do tipo; assim como foi prevalente expressão de surpresa quando perguntamos o que eles fizeram com essa experiência, já que todos presentes eram professores ou estavam em formação inicial para serem professores, levando à percepção de que haviam já ressignificado o vivido. Nesse momento, a fala de uma participante sobre não reproduzir condutas antiéticas que recebeu na graduação agora quando ela é professora, vem carregada da expressão de nojo, o que reflete a repulsa que ela tem sobre o que a fizeram passar e notamos a empatia de outras participantes que acompanhavam sua fala igualmente expressando nojo, o que pode ser associado com mera empatia com a experiência da que falava ou por terem tido experiências semelhantes à dela.

A transposição do conteúdo da psicologia analítica para uma linguagem mais próxima da realidade deles, ilustrada com fatos que poderiam ser vivências deles, como o que é trazido na sequência em Os 4 Pilares de uma vida com Sentido de Emily Esfahany Smith, retoma o comportamento de atenção, com gestos afirmativos com a cabeça, anotações inclusive pelo primeiro refratário, que a esse momento opera um comportamento de mudança para também

tomar notas e focalizar a atenção em nossa fala, a refratária a também ter atenção ao conteúdo, o segundo homem a desfazer o comportamento de defesa para apenas sinais de desconforto e ansiedade (mexer freneticamente a caneta na mão), além de algumas expressões de surpresa por algumas participantes; ao que inferimos posteriormente meditando nesta ação que um conteúdo mais denso possa ser melhor adentrado se o mediamos por um conteúdo mais atual e de linguagem mais acessível e próxima da realidade dos participantes para só aí irmos paulatinamente introduzindo o conteúdo base.

Este conteúdo de mediação teve tal efeito que o segundo homem já adotou a este tempo expressão de medo e linguagem corporal de interesse em permanecer (sinais de ansiedade sumiram, braços apoiados e leve inclinação para frente com curvatura dos ombros para o centro do torso, indicando submissão ante o contexto e conteúdo, neste caso, a leitura de submissão aqui está relacionada à entrega, sensação de confiança, ainda que com algum leve receio, o foco pela direção do corpo e cabeça direcionada a nós indicam isso), porém o primeiro homem do grupo – vamos chamá-lo assim pela ordem de chegada de ambos – apesar dos olhares fugidios entre nós e o *slide* e a não visualização, também expressa o toque no nariz (associado a nojo) e na orelha (afastamento do que está sendo dito) que está voltada para nós, o torso e membros voltados para frente e não para nós, o que nos afigura como sua posição no registro escrito de que o conteúdo que levamos é depreciativamente chamado de “auto-ajuda”.

Dos 4 Pilares (pertencimento, propósito, transcendência, recontar a própria história ressignificada), notamos que transcendência, mesmo que ilustrado a nível menos “metafísico” por assim dizer, apoiado em experimentos científicos realizados por universidades estrangeiras de renome que retiram a aura religiosa que pode vir associada ao termo transcendência, é o pilar que recebe expressões de rejeição (braços cruzados, afastamento corporal, não visualização, desprezo) não ocorrendo isso nos demais, ilustrados com realidades comuns a que quase todos nós já passamos ou já ouvimos próximas a nós. Já havíamos notado este rejeite quando pincelados traços de filosofias orientais que foram investigadas pelo Círculo de Eranos e também quando mencionado o espiritismo como religião trazido para estudo dentro do ambiente acadêmico; ao que podemos inferir que ainda é ausente uma visão holística do humano, sendo o que é de caráter material merecedor de muito mais crédito do que aquilo que só podemos nos referir a parte da experiência.

Nos imprime agora a sensação de que talvez o aprendizado, a depender da escola da qual partamos, possa parecer de conteúdo tão deveras profundo a um primeiro contato, principalmente se não for amplamente difundido, que os que o recebam tenham por ele como que uma experiência formalmente religiosa, mas não experiencial. Por ser catedrático, é aceito como verdade porém não consegue ser experienciado sem antes molharmos seus pés e cabeça como se faz à criança que teme entrar à água em um primeiro banho de rio ou mar, através de um conteúdo mais tangível de suas apreensões naquele momento, quiçá como diria Vygotsky sobre a zona proximal ou como Ausubel sobre conhecimentos subsunçores, que façam essa primeira ancoragem para depois ir adentrando o conteúdo chave em doses homeopáticas com espaços para se apropriarem ou se aproximarem mais dele. Talvez devêssemos em fase posterior se dada sequência à pesquisa, inverter este caminho para ter nota da receptividade dos participantes. Curiosamente, os registros escritos dos participantes se fixaram - a nível vocabular - a esse conteúdo de mediação, mesmo que o tempo trabalhado neles seja em torno de um quarto do total de todo o colóquio.

Ao tratarmos sobre a autorresponsabilidade como parte do processo (auto)formativo, há prevalência de atenção e foco em nossa direção, inclusive do primeiro refratário, que já virou a cadeira para ficar em posição frontal à nossa e não mais lateral, ainda que haja um afastamento da cabeça e expressão de desprezo, além dos braços cruzados. O que pode ser lido como conflito ante o seu emocional e o conteúdo que estava sendo levado, ou seja: ativava fortes gatilhos emocionais com os quais ele ainda lida com reserva, distanciamento, negação (no seu registro escrito) mas que já são impossíveis de serem simplesmente evitados, algo em sua subjetividade chama para lidar com aqueles conteúdos, o que corresponde ao inevitável chamado à individuação na segunda metade da vida como visto anteriormente em Jung: à psique é irresistível a resolução destes conflitos, ao que o ego responderá com fuga ou com o aceite de integralização do *Self*. Em menor proporção observamos isso nos outros dois refratários e em outra participante com prevalente expressão de raiva (que também pode neste contexto, expressar frustração, como visto anteriormente em Ekman).

Os pilares da autorresponsabilidade de Vieira produziram identificações (gestos afirmativos com a cabeça, expressões de surpresa e desdém) mas também comportamento de defesa (predominância de braços cruzados e expressões de medo), o que dentro do contexto nos parece que os exemplos levados por nós levavam à lembranças próximas, conhecidas em suas realidades sobre pessoas com as quais conviviam, porém o mecanismo de defesa deixa

dúbio se expressa uma negação sobre o quanto daquilo também se aplicava a eles próprios ou se era afastamento da lembrança destas pessoas que desprezavam por suas atitudes narcisistas.

Curiosamente, estes seis passos da autorresponsabilidade (evitar a crítica sobre o outro; sugerir ao invés de reclamar; buscar soluções ao invés de culpados; fazer-se vencedor ao invés de vitimizar-se; aprender com os erros ao invés de justificá-los e julgar atitudes ao invés de julgar pessoas) foi o *slide* mais fotografado pelos *smartphones* dos participantes, inclusive com a participante refratária do início levantando para fazer tantas fotos quanto melhor lhe parecesse o registro, dado o reflexo do sol no *slide* em função da posição da sala onde ocorreu o Colóquio. O que lemos como um forte gatilho de identificação e portanto, aproximação de suas realidades. Aqui ele corresponde a atitudes que alguém entregue ao processo de individuação consciente já se dispõe a exercitar. Talvez a refração que ela vinha apresentando fosse um caso que eu costumo chamar de “complexo do irmão mais velho do filho pródigo”, onde de acordo com a narrativa bíblica, o irmão mais velho caracterizado como disciplinado, presente e trabalhador se revolta com a atenção que o pai dá ao irmão mais novo (o filho pródigo) que desperdiçara sua herança com o pai ainda vivo em uma vida dissoluta e retorna à casa na mais completa falência moral e financeira. Ou seja: talvez ela se visse de forma inconsciente como o irmão mais velho, cercada de contextos de filhos pródigos. Mas esta é apenas uma especulação frente à mudança de comportamento desta participante.

Os momentos finais do diálogo reflexivo onde as considerações da psicologia, dos materiais de mediação e da biologia são entrelaçados em nossa fala, o comportamento está focado, sem resistência, com algumas raras expressões de nojo (refletindo desejo de afastamento do que está sendo dito), porém a concentração é geral, com comportamento de atenção voltado para nós. O convite para que agora façam o registro escrito a partir da proposta “O que aprendemos hoje?” é recebido com raras expressões de nojo e raiva, ao que atribuímos a questão já discorrida quanto à percepção de avaliação quantitativa do aprendizado, que são desfeitas após uma breve retomada do *debriefing* quanto ao anonimato e livre aceite para esse *feedback*.

As expressões durante o registro foram preponderantemente tranquilas, a exceção de uma participante que expressou raiva em vários momentos de seu registro, ao qual atribuímos a percepção de estar sendo avaliada quantitativamente, porque também há sinais de ansiedade, estresse e desconforto (movimentação exacerbada comparada à linha de base que apresentou

até então). A finalização foi tranquila com apenas o refratário indicar sinais de já querer ir embora (recorrente olhar para a porta), mas aos demais foco, atenção e ausência de expressões faciais indicativas das emoções base de Ekman.

O registro das imagens desta amostra encerraram neste momento, ao que após a câmera ser desligada ainda houveram depoimentos e comentários que reforçam a análise das expressões faciais e linguagem corporal (comportamento não verbal) mas cremos dispensáveis de registro para não nos delongarmos mais e partirmos à segunda edição do colóquio, na sequência. Ratificamos que os registros dessas filmagens foram entregues à banca para verificação em formato virtual por *pen drive* pelos motivos já descritos quanto à preservação da imagem dos participantes e pela inexatidão fornecida por imagens estáticas que isolam do contexto.

Amostra SC – Registros Escritos (*Feedback*)

Nesta amostra optamos pela análise inversa da anterior, ou seja: começamos com a análise das imagens gravadas para depois nos debruçarmos nos registros escritos. Algumas peculiaridades diferenciam esta amostra da anterior: o público nos é na maioria desconhecido e mais diversificado, o ambiente é outro externo à nossa instituição de formação ainda que seja o ambiente acadêmico voltado à formação inicial e continuada de professores, desconhecemos a maioria das histórias de vida ali presentes, por isso decidimos não nos influenciarmos na análise etológica pelos seus escritos, o que nos leva a uma autoavaliação de nossa análise: a possibilidade dos registros escritos corroborarem ou não nossa análise da linguagem e comportamento não verbais, o que implica mais rigor ainda haja visto que não temos o suporte de conhecer a linha de base destes participantes antes do evento, em sua maioria, no que difere dos participantes da amostra anterior.

Vimos a eclosão de alguns fenômenos através de subfenômenos nos registros escritos da amostra ST, aqui o que percebemos foi a ocorrência de novos subfenômenos que identificamos como parte dos prismas fenomenológicos já estabelecidos na análise da amostra ST e assimilação de conteúdos transpondo vocabularmente sua significação (releitura pessoal/compreensão do conteúdo possibilitando leitura que utiliza outras palavras mas permanece na essência, como sinônimos e por isso alocadas na escala de fenômenos abaixo conforme a essência e não pelo termo que pode coincidir com termos utilizados para outros fenômenos ou subfenômenos); assim como baixa/insuficiente compreensão do conteúdo.

A esta disparidade atribuímos o quantitativo do público que dificulta possamos interagir da mesma maneira e com atenção equitativa a todos, dispondo alguns com assimilações que caminham da condição relacional para a abstração, enquanto outros não apreenderam de forma suficiente o conteúdo para discorrer sobre o mesmo no registro escrito. Dispensamos considerar o nível escolar e nos concentramos na essência do dito no escrito, uma vez que mesmo com deficiências/limitações no registro escrito (erros ortográficos, gramaticais, ausência de todos os elementos da sentença) estava manifesto o cerne do conteúdo, portanto sua compreensão que era o elementar na intencionalidade formativa proposta.

Também houve alteração na manifestação de alguns subfenômenos, que nos levaram a adequar a nomenclatura da estrutura construída na amostra ST, porém notamos conexão entre elas, o que atribuímos ao aumento da extensão da dimensão pessoal presente ao colóquio ao ter um público maior com vivências e experiências diferentes, nesta amostra SC³¹. Citamos:

A “consciência do complexo sombra” (*Fenômeno Função Transcendente*) se aproxima de sua essência porém abre à possibilidade de interpretação quanto a outros complexos, o que nos levou a acrescentar o subfenômeno “consciência sobre os complexos e as atitudes dele decorrentes”, ao qual também atribuímos o entendimento sobre o (des)equilíbrio entre Anima e Animus, ainda dentro do *Fenômeno Função Transcendente* por se tratar da percepção de e não da atitude, que por sua vez se vincularia ao *Fenômeno Individuação*.

A *Educação pelo Exemplo* ocorre como Fenômeno, expressa pelos subfenômenos que a compõem na estrutura construída, porém também ocorre como subfenômeno do *Fenômeno Referenciais Teóricos* entendida como a menção a ela, o que nos levou - para evitar duplicidade de termos - a englobarmos neste segundo caso no novo subfenômeno “Jung e os pressupostos da Psicologia Analítica” e ainda *per si* abordando sua eficácia quando usada, o que compomos como o subfenômeno “efetividade e impacto” dentro do *Fenômeno Educação pelo Exemplo*.

³¹ Até onde sabemos, ST tinha no público professoras da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em formação inicial de faculdades privadas e alunos do IFAM em formação inicial e continuada, todos de Ensino-Educação; enquanto SC tinha professores em formação inicial e continuada da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Escola Normal Superior (ENS) e professores da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC-AM).

O novo subfenômeno “conteúdo de mediação de outros autores” no *Fenômeno Referenciais Teóricos* substituiu o anterior “outros autores” por na amostra ST haver menção direta a estes autores enquanto que aqui na amostra SC houve registro do conteúdo que eles trazem sem conexão direta e evidente ao nome deles, o que entendemos como assimilação do conteúdo sem conexão com a autoria, mas como integrante do material levado pelo Colóquio.

No *Fenômeno Desvios*, o subfenômeno “impertinência” foi alterado para “insuficiência/baixa compreensão do conteúdo” mesmo mantido o subfenômeno “incompreensão do conteúdo” ao qual foi acrescido “/impertinência”, ainda que o limite entre ambos seja tênue. Consideramos para “insuficiência/baixa compreensão do conteúdo” os conteúdos proximais como diferentes da total incompreensão do conteúdo, assim eles podem ter sido parcialmente compreendidos em diferentes graus; enquanto em “incompreensão/impertinência do conteúdo” há a indicação de uma negação total do conteúdo e o registro escrito é a manifestação do ego quanto à individuação, inclusive com o ego registrando conteúdo impertinente na condição de *protesto*, na amostra SC por assim dizer. Enquanto que em ST o subfenômeno “impertinência” evidenciava o registro de conteúdos realmente não pertencentes ao que havia sido levado no colóquio, a necessidade de expressão do indivíduo como manifestação de tipo psicológico, com o ego buscando afirmação e para tal, *enchendo linguiça* como diz a expressão popular, para ofertar conteúdo sem nexos, ainda talvez fitando a perspectiva da avaliação quantitativa do que registrava; e o subfenômeno “incompreensão” como leitura distorcida do conteúdo, talvez intencional, possível *protesto* do ego.

No *Fenômeno Função Transcendente*, do subfenômeno “consciência de si” emergia percepções de necessidade e da potencialidade do conhecimento de si para o desenvolvimento pessoal e profissional na amostra ST; porém aqui em SC ele se amplia para conter ainda a busca de conhecimentos externos a favor do conhecimento de si e daí esse conhecimento externo transponha a utilidade internalizada para o coletivo. Esta percepção nos leva a admitir que o conjunto de fenômenos emergidos que fornecem a estrutura da análise podem ser englobados no fenômeno título desta pesquisa quando propõe as contribuições pedagógicas passadas por Irecê através de “O Leilão”, e que esta *per si* manifesta a Educação pelo Exemplo da própria Irecê Barbosa.

Para estas alterações considerarmos o contexto do próprio registro em lugar de palavras ou termos exatos, assim como não mencionamos em termos quantitativos a

frequência dado que nem é nosso foco a estatística haja visto que compreendemos a psique como fenômeno, portanto, impossível de ser quantificada ao menos no campo da compreensão, à qual só podemos nos submeter à realidade da presença ou ausência, inclusive porque em reflexo fisiológico (variações hormonais) ou etológico³², mesmos gatilhos podem disparar emoções diferentes e em intensidades diferentes, assim como diferentes gatilhos podem convergir para iguais emoções, portanto as manifestações só podem ser vistas como condutas individuais formuladas a partir das experiências do indivíduo enquanto psique.

Percebemos ainda uma alteração na frequência dos Fenômenos e subfenômenos registrados, o que divergiu da amostra ST sem que isso possa significar perda de conteúdo, mas aponta para diferença nos momentos conscienciais dos participantes, portanto próprio ao processo de individuação.

Fenômeno 1: Função Transcendente (subfenômenos: consciência de si, consciência sobre os complexos e as atitudes dele decorrentes, consciência do complexo sombra, autorresponsabilidade, propósito, pertencimento, empatia, gratidão).

Fenômeno 2: Referenciais Teóricos (subfenômenos: menção a Jung e os pressupostos da Psicologia Analítica, ao Círculo de Eranos e sua influência na ciência atual, Percepção da fisiologia no conteúdo/relações biológicas às mudanças de atitude, a “O Leilão”, a Ierecê Barbosa, ao conteúdo de mediação de outros autores).

Fenômeno 3: Educação pelo Exemplo (subfenômenos: influências e relações entre o ser e o profissional, coletividade, efetividade e impacto da Educação pelo Exemplo, contribuições pedagógicas).

Fenômeno 4: Desvios (subfenômenos: insuficiência/baixa compreensão do conteúdo, incompreensão/impertinência do conteúdo, conflito, confronto, alimentação do complexo sombra).

Fenômeno 5: Individuação (subfenômeno: ressignificação, crescimento interior, desenvolvimento de potencialidades, inteligência emocional).

Outro evento interessante nesta amostra é a ocorrência de citações outras, registradas no *Feedback*, apontando para intersecção de conteúdos da dimensão pessoal com a temática,

³² Lembrando que o quadro hormonal formado ante um gatilho está diretamente imbricado à reação comportamental, sendo um conjunto emocional disparado pelo sistema límbico sobre o sistema nervoso, como já discorremos anteriormente de forma mais demorada.

ou composição de estruturas frasais com caráter de síntese relacional. Porém nem toda elaboração é passível de localizarmos a essência intencional do participante, como em “Cuidado, pois a pessoa que está ao seu lado pode não está (sic) lá mesmo.” ou “A vida é mais do que podemos ver.”³³, ao que atribuímos tenha uma relação direta a uma experiência deste participante e não uma sentença a nível de abstração, porém não temos como afirmar, talvez evoque ao espiritismo quando fala sobre a multidimensionalidade de manifestação da vida. Nos registros com esta característica, preferimos, nos trechos desta natureza, não localizá-los em nenhum fenômeno ou subfenômeno, haja visto que não temos como inferir o significante dos mesmos.

Destacamos a prevalência de registros de cunho conceitual, com registros focados em elencar elementos levados pelo Colóquio, com pouca discussão ou transposição, tendendo apenas a uma estruturação (multi)nível (ou não) desses elementos, sem material que possa ser analisada a compreensão/reflexão sobre o conteúdo: dito de outra forma, uma listagem dos elementos levados, com pouco ou nenhum comentário que permita analisar a receptividade do conteúdo; o que pode levar a uma primeira interpretação na análise de que o conteúdo se localize em determinado fenômeno porém o olhar holístico na análise leva à percepção de que não houve uma estruturação consistente ou não houve registro suficiente pelo participante para uma localização imediata. Vejamos este caso, reproduzimos o registro de um participante³⁴ destacando intencionalmente alguns trechos na tentativa de fidelidade ao seu *modus scripturae*:

- * Função transcendente.
- * A importância do legado.
- * Autoreflexão (sic)
- * Buscar dentro de si mesma a sua história passada. e recontar um nova história. (sic)
- * =====
- * A importância da educação e Ciência.
- * Religião como uma forma de se impor neste mundo.
- *

³³ Os registros escritos (*Feedbacks*) estão em arquivo digitalizado no *pen drive* enviado à banca, para não avolumar este trabalho.

³⁴ Optamos por não por a imagem para não comprometer de qualquer forma o participante, seguindo o firmado no *debrifieng*, porém ratificamos a nota anterior para a banca.

Um primeiro olhar nos leva a localizar o primeiro item como ele mesmo, o segundo como “autorresponsabilidade”, o terceiro como “consciência de si” (subfenômenos de *Função Transcendente*), o quarto como individuação (não é uma mera menção ao quarto pilar de uma vida com sentido, para que fosse localizado em *Referenciais Teóricos*-conteúdo de mediação de outros autores” mas o verbo Buscar desloca para *Individuação*-“crescimento interior”), o quinto foi rasurado, o sexto como *Desvio*-“insuficiência/baixa compreensão do conteúdo”, o último como *Desvio*-“alimentação do complexo sombra”.

É justamente no último que percebemos a necessidade de rever a análise do quarto item. A presença do verbo Impor aponta para uma alimentação do complexo Sombra, uma reação a ações externas de outros indivíduos, com tal impacto que racionalmente esse participante marcou um outro “*” como quem pretende elencar algo mais, porém há o mutismo emocional como comportamento, o que nos leva a inferir um gatilho emocional de desconforto ao menos, já que notamos um desnível da caligrafia e na peculiaridade de marcar os elementos (há uma intensidade no registro deste item com aumento da letra e no espaçamento entre elas; o último asterisco não tem remarcação sobreposta como os anteriores, o que só acontece no item três, cuja escrita é levemente contraída - o que nos leva a pensar em insegurança ao escrever este item - e no quinto item, rasurado, ou seja não há sobreposição de asterisco se há baixa ou nenhuma importância; com o outro trecho espaçado ser “dentro de si mesma – vai decaindo o espaçamento – a sua história”).

Então retornamos a análise e percebemos que os itens 2 e 3 são posteriores ao registro “Função transcendente” (cuja escrita é ascendente, os outros que ascendem com menos entusiasmo são os trechos “dentro de”, “recontar uma nova”, “da educação e - estabilizando - Ciência”) e assim como estruturamos, esse participante inclui subfenômenos relacionados a ele na sequência, para então alterar o modo da escrita ao item que reconferimos, como descrevemos acima. A ascendência na escrita nos leva a inferir alteração emocional (gatilhos) nesses conteúdos, portanto alteração fisiológica com descarga de hormônios que ao elevar a contração muscular, implicam na alteração da escrita - uma significação atrelada à experiência, já que a formação de gatilhos se forma na experiência - e eles reaparecem em outros trechos, que mantêm relação com o registro “Função transcendente” como *Fenômeno Função Transcendente*, tais como “dentro de si mesma”, “importância da educação e Ciência”.

A partir destas evidências inferimos que há um gatilho sobre a transformação interior estar atrelada ao processo educacional, mais ainda ao conteúdo dentro do processo educacional que subjetivamente o participante vincula à Ciência (presença da letra única letra maiúscula que não é iniciando frase) como parte de sua afirmação social, à qual se sente fragilizada ante a resposta social à sua religião e lê o conteúdo do colóquio como perspectiva para esta afirmação religiosa dentro de seu contexto social, tal qual a coragem da professora pesquisadora Ierecê “ousar” escrever sobre isso apesar do seu trabalho acadêmico-científico (“A importância – vai espaçando – do legado.”). Como vimos antes, a função transcendente é o momento de percepção da necessidade/possibilidade de mudança para um outro estágio consciencial, o que converge a pensar que o estágio anterior seja a alimentação do complexo sombra, portanto realocamos este item quarto deste registro para o fenômeno *Função Transcendente*-“consciência do complexo sombra”, entendendo que este é um caminho mais possível no fluxo da energia psíquica a partir do que estudamos em Jung, posto em capítulo anterior.

Esta descrição além de explicar os movimentos ocorridos na análise deste registro – o que nos leva a refletir sobre as observações que tomamos enquanto docentes a respeito dos nossos alunos, que não podem parar em “a primeira impressão é a que fica” – também descreve as peculiaridades e pormenores da análise realizada nesta investigação, além de ressaltar a validade do estudo etológico à luz da psicologia na formação docente, pois se na amostra ST o primeiro refratário demonstrou comportamento que nos levaria a acompanhá-lo mais atentamente dentro de um ambiente de ensino com maior duração (como o é a formação continuada), aqui em SC este participante alcança este mesmo nível de atenção, cada um na sua subjetividade e as retroalimentações ocorridas em suas formações dentro da formação inicial e continuada, a que fosse o caso.

Somos levados a considerar que em alguns casos houve formação a nível conceitual/estrutural, mas não podemos inferir o quanto foi assimilado/absorvido/significante a nível subjetivo; o que refletido ante ao momento do registro, podemos situar que houve os que tinham em mente o que iam registrar (escrita constante e devolução do *feedback* imediata ao término do registro) e os que elaboraram o que iam registrar (atitude pensativa e escrita intercalada, com devolução não imediata ao fim do registro); porém não podemos igualmente classificar quais *Feedbacks* estão em um ou outro grupo, sem mais detida análise do comportamento e linguagem não verbais.

Em outro processo docente – como em uma disciplina, por exemplo, ou um seminário – de mais longa aplicação e mais apurado processo de avaliação (quali-quantitativo), este seria um aspecto a ser revisto, dada a intencionalidade própria que estaria envolvida, porém este não é um aspecto peculiar a um colóquio, haja visto que ele tende a ser um evento aproximativo de temas que introduz a uma discussão e um posterior envolvimento com a temática conforme o interesse do participante; porém isto não o refuta como estratégia formativa por, conforme o *corpus* construído, revelar que houve formação.

Alguém que deseje utilizá-lo com esta intenção deve estabelecer em seu planejamento o que pretende a nível de formação e daí configurar as dimensões da aplicação para desenvolver ações para este alcance. Nesta pesquisa tratamos de averiguar a viabilidade de reinventar o colóquio como estratégia formativa, sem designar que tipo ou nível de formação ele deva atender, portanto a análise ainda o valida como tal, apenas demonstrando as dimensões que podem ser alcançadas, o que – novamente reforçamos – deve ser considerado em quem deseje replicar nosso produto educacional.

Amostra SC – Linguagem e Comportamento Não Verbais

Esta amostra como dito anteriormente, também ocorreu em um evento acadêmico voltado à formação inicial e continuada de professores, com ênfase em ensino de ciências na Amazônia. Também vale citar que a instituição que nos acolheu foi a “última casa” profissional de Irecê Barbosa, portanto, alguns dos presentes a conheciam e conviveram com ela inclusive sendo seus alunos, orientandos e também leitores de suas obras acadêmicas e literárias.

A apresentação inicial foi feita pela professora responsável pelo evento, cujo comportamento não verbal, mesmo estando de costas para a câmera, podemos dizer que está repleto de gestos convidativos para o momento (movimento de cima para baixo pela cabeça e mão, assentindo o movimento de entrada do público), há aproximação corporal com a plateia, gestos ilustradores, gestos expansivos (movimento de abertura dos braços do torso para fora, como quem vai abraçar), sempre de aspecto positivo (palmas das mãos para cima e à altura do torso passam serenidade e confiança para quem recebe, assim como o tom vocal em velocidade mediana sem alterações de nível - os participantes, no caso), o que é excelente para introduzir ao que virá na sequência, reforçado pelo movimento ilustrador e de confiança (inclinação do torso em nossa direção) ao mencionar “este Colóquio”. A diminuição da velocidade em “esse *pausa* Colóquio” sugere que quem fala está agregando tempo para

pensar no que falará em seguida, o que atribuímos à inusualidade deste tipo de evento e com o caráter formativo a que se propõe; talvez a professora que faz a apresentação tenha pensado na reação do público de compreender a proposta.

Ainda que haja um momento curioso: 1) ao mencionar o público, há movimento negativo da cabeça ao dizer “cidadãos, pesquisadores”³⁵ que não é visto quando menciona “professores do ensino superior, da educação básica [recorte acima], pessoas preocupadas com o ensino e educação em ciências”, que talvez seja uma preocupação se todo o público presente está inteirado da temática o suficiente para interagir sem críticas imediatas, inclusive porque esse movimento negativo da cabeça é mais acentuado em “cidadãos” e diminui durante “pesquisadores”, já que no meio acadêmico é esperado que pesquisadores tenham uma visão mais aberta quanto às diversas possibilidades no campo da pesquisa, enquanto que há no momento do cenário brasileiro uma preocupação quanto ao cerceamento do que é dito, visto e ensinado nas instituições públicas de nível superior principalmente, cujo “exercício de vigilância” é geralmente feito pelo “cidadão comum”, aquele que não é vinculado ou participa destas instituições, portanto destituído do conhecimento necessário para se posicionar quanto aos métodos de pesquisa em curso e as temáticas abordadas. Mas esta “causa” é apenas algo que estamos inferindo considerando o contexto e só poderia ser esclarecida com a própria pessoa quanto à negação (comportamento emocional) expressada ao se referir a esta gama do público presente.

Ao se dirigir especificamente à nossa pessoa e o trabalho que estava sendo construído a respeito de Irecê Barbosa, a professora se direciona e se posiciona a nosso lado, percurso feito com o movimento ilustrador de confiança (braço e mão esquerdos em nossa direção com palma para cima), endossando ao público que podem se sentir confiantes/seguros quanto ao conteúdo que seria levado por nós e as pausas regulares na fala a partir de então podem ser interpretadas como um reforço positivo do conteúdo que está sendo dito por ela: “ela nos pre_senteou com este colóquio [...] aprender um pouco mais sobre uma autora da_ terra, da_ casa” (as palavras são prolongadas sem pausa ou agregadores verbais, com assentimento positivo da cabeça em nossa direção), que pode ser interpretado como um reforço ao convite de que o público dê atenção ao que virá, que está sendo introduzido por ela.

Pela filmagem, estimamos em torno de quarenta pessoas no início do colóquio, um nível de dispersão alto inicial, esperado por ser a abertura do evento com credenciamento em

³⁵ Arquivo MVI_4514, no *pen drive*, pasta Colóquio_SECAM

curso, mas que rapidamente o foco do público é direcionado à nossa fala (direcionamento frontal do corpo, com cabeças e olhares desviando apenas para receber as folhas de ofício que foram distribuídas para posterior registro escrito).

A dinâmica do inconsciente coletivo – onde são apresentadas algumas variações de imagem de um mesmo símbolo: diferentes tipos de bonecas, calendários, relógios, livros, máscaras de diferentes culturas e épocas, situações e fenótipos de gatos; para ilustrar a formação e presença dos arquétipos no inconsciente da humanidade, mesmo aqueles com os quais não se teve/tem contato direto mas que remetem à mesma ideia e o que esta ideia desperta em termos de sensações e lembranças como experiências mediadas da psique por estes conteúdos universais – é expressa em alto envolvimento dos partícipes (direcionamento do torso, cabeça, olhar, inclinação em direção ao conteúdo e a nós)³⁶ ainda que haja raros comportamentos de defesa (braços cruzados, auto preservação ante ao desconhecido, receio) mas acompanhados de direcionamento e inclinação da cabeça e torso para o conteúdo (forte interesse, curiosidade); com o retorno das respostas próximos da essência do arquétipo ilustrado, tanto quanto o foi na amostra ST.

Expressões faciais de surpresa e alegria já podem ser notados em alguns, micro expressões de medo (possível intervalo de ambientação ao conteúdo e à temática, pode ser lido como receio). Apesar do movimento no auditório dos participantes vindos do credenciamento, a leitura geral do comportamento é a permanência do foco de atenção (desvios de cabeça e inclinação dos que estão passando e tomando assento para o que está sendo exposto), com gestos ilustradores e comunicação (dedo indicador, mão, objeto direcionado para o *slide* com comentários a quem está ao lado, comportamento de atenção ao que está sendo mostrado). Há expressões de raiva e nojo com a passagem dos que estão tomando lugares, “atrapalhando” a visão do conteúdo, que reforça o comportamento de atenção e foco. Alguns gestos auto pacificadores ao mencionar a psicologia analítica associados a comportamento de ansiedade (agitação dos membros inferiores com mãos apaziguando as próprias pernas, pescoço, braços) mas a maior parte dos participantes está confortável (pés/pernas cruzados: não há interesse em sair do lugar, comportamento de permanência que reforça o foco e a atenção).

³⁶ Os ambientes da primeira para a segunda edição do colóquio são bem diferentes quanto ao número de presentes, iluminação da sala para boa imagem dos *slides*, distância entre nós e os *slides*, retorno acústico, para citar alguns aspectos que influenciam na percepção geral dos próprios participantes.

Durante a apresentação de quem foi Ierecê Barbosa ainda podemos notar alguma agitação, mas é dos participantes que chegaram posteriormente ao início do colóquio, que não atribuímos desinteresse haja visto ainda ser um momento de acomodação para eles e este movimento foi visto nos participantes da amostra ST que chegaram após o início também e será notado em maior ou menor grau nos participantes desta amostra (SC) conforme eles passam pelo credenciamento e tomam assento. A agitação também vai ser notada nos participantes sentados próximos ao credenciamento e nas laterais, o que atribuímos ao fluxo de passagem, comportamento da herança evolutiva: temos que nos manter alertas para qualquer movimentação como preparo para qualquer reação de defesa, como era necessário aos nossos antepassados hominídeos. Movimentos de cabeça para cima não podem ser lidos aqui como de superioridade, dado o contexto do auditório com cadeiras niveladas igualmente, este movimento de cabeça para cima tem a mesma conotação que o movimento de cabeça para alguma lateral: melhorar a visão, portanto reforça foco e atenção.

O início da sinopse do livro decai nível de foco e atenção em alguns (expressões de raiva (frustração), desprezo (desdém), desvio do torso e cabeça para outras direções, olhar ao relógio juntamente com gestos auto pacificadores, não visualização, sinais de estresse/ansiedade/desconforto como morder as unhas ou dedos). Lembremos que alguns vocábulos exprimem níveis de uma expressão primária como visto em Ekman (subseção 3.1.2) e alguns comportamentos de alguns dos presentes devem ser analisados durante todo o processo para definir linha de base destes e podermos separar possíveis “maneirismos” como alerta Navarro e Karlins (2008), entendidos como comportamentos que integram a linha de base do indivíduo que podem ser estritamente subjetivos ou parte do comportamento de uma geração ou grupo social, como por exemplo o gesto *hang loose* típico de grupos como praticantes de *surf* ou o *mano cornuta* por fãs de *heavy metal*. Estes comportamentos tem significado cultural próprio (os roqueiros não precisam ser satanistas para fazerem o gesto, nem podem ser cunhados de satanistas apenas pelo gesto, assim como os italianos estão apenas fazendo o equivalente ao bater na madeira para espantar o mal); e sua duração (expressão) é superior ao tempo das expressões emocionais inconscientes (como quem por exemplo posiciona o dedo médio em riste, apoiado no rosto, enquanto houve algo que não lhe agrada e em seguida o retira), além de estarem presentes quase que integralmente na linha de base da pessoa, como por exemplo alguém que esteja sempre parecendo expressar raiva quando apenas sua personalidade é sisuda.

Como na amostra ST, notamos ápices de foco e atenção quanto dos subfenômenos da trama são mencionados, como a EQM ter tirado um participante de total envergadura do torso para outra participante para se voltar ereto à nossa fala ou as micro expressões de nojo que podem ser lidas como uma evitação ao que pode ocorrer à personagem (assim como quando assistimos filmes que em picos de emoção podem levar alguns a taparem os olhos e expressarem verbalmente algo como “não quero nem ver!”). Aqueles que demonstravam maiores sinais de ansiedade ou desinteresse já começam a se ausentar do auditório com alguns retornando com evidências de saciar alguma necessidade básica como trazer copo de água, o que nos remete à Maslow e Darwin sobre a primazia de atendermos primeira e instintivamente a necessidades fisiológicas para então focarmos nos demais desenvolvimentos. Também não podemos esquecer – ao ver os vídeos – que os presentes que integravam a organização do evento estarão mais constantemente em movimento, o que também é visto na amostra ST, porém com as devidas proporções dos momentos de cada evento, já que a amostra ST já era o segundo dia e os membros já estavam divididos por necessidade de serviço, enquanto que na SC estavam concentrados no auditório em função de ser o início do evento-mãe que nos hospedou e o credenciamento ser interno ao ambiente das atividades (e continuar até à noite), onde também difere do ST.

A essa altura, estimamos um público no momento da sinopse de “O Leilão” em torno de sessenta pessoas a partir das imagens gravadas, em uma tarde quente (a amostra ST foi pela manhã e a temperatura do ambiente mais baixa, o frio inibe a sede, apenas para indicar mais um fator que pode ser atrelado à movimentação mais intensa nessa amostra em relação à outra). Apesar destas influências, já vemos comportamentos de conforto e segurança (pernas/pés cruzados, braços apoiados na cadeira vizinha, jugular à mostra com inclinação da cabeça à nossa direção, diminuição acentuada de gestos auto pacificadores); com surpresa, medo e tristeza com a narrativa dos eventos da protagonista que foram inspirados na vida de Irecê, acentuadamente nos trechos que indicam função transcendente em operação, como quando ela decide romper com a tradição e divorciar-se do marido que tinha o mesmo perfil de figura masculina que o pai; seguidos das expressões raiva, desprezo e nojo, deslocamento do ombro (*shrug*) unilateralmente, contração da mão no corpo da cadeira, gestos auto pacificadores, não visualização, proteção da carótida, braços cruzados, presença de mãos à frente da genitália (desconforto, estresse, proteção, defesa) em alguns quando discorremos sobre a figura do namorado Joaquim, de Anima mais equilibrada, possivelmente porque suas leituras de “como um homem deva ser” e de “como uma mulher deva se comportar” divirja

do perfil dos personagens, já que há surpresa e desconforto (balanço do tronco), também não visualização e negação com a cabeça em alguns quando é apresentada a leitura de Anima e Animus de Jung para comentar como é lido isso na obra pela ação destes personagens, enquanto que outros entram em posições de conforto novamente e comportamento de concordância (movimento de cabeça de cima para baixo). Esse padrão é repetido menos acentuadamente quando mencionado que o Círculo de Eranos foi fundado por Olga Fröbe-Kapsteyn, uma mulher.

O processo de individuação também é visto com desconforto por alguns e busca de posições de proteção (deslocamento do ombro unilateralmente, *turtle effect* que é o encolhimento da cabeça entre os ombros³⁷, com posterior balanço dos membros inferiores³⁸) quando é falado sobre as ressignificações das experiências de Paula D'Aquinson e o que ela passa a potencializar de seus talentos e trabalho a partir desta releitura de seu mundo interior, onde há expressões de raiva e culpa (olhar abaixado, vergonha) por alguns e concordância de vários (movimento da cabeça de cima para baixo), micro expressões de nojo e medo também são notadas em outros, reforçados pelo comportamento de negação e evitação com mãos levadas à boca, nariz, olhos; outros com desvio do foco (virada de torso ou cabeça em direção oposta e diálogos com pares feitos com afastamento corporal de nossa posição, manuseio de objetos).

O ápice das mudanças de vida de Paula D'Aquinson gera o mesmo comportamento visto na amostra ST: mãos no cabelo, o que leva a inferirmos a mesma observação que tivemos em ST quando à não localização temporal dos eventos da narrativa que leva à incredulidade/necessidade de processar as informações/checagem, averiguação racional/cognitiva.

O desenrolar da sinopse devolve os comportamentos de desinteresse como já ocorrera antes (momentos lineares da trama) (não visualização, torso e cabeças em outras direções: indiferença, perda do foco) retornando a atenção com a evolução dos subfenômenos (volta do direcionamento do corpo e olhar para nossa direção) afetados por surpresa seguida de desconfiança (medo, nojo, raiva) quando a trama volta a enfatizar a religião com a volta dos comportamentos positivos concordantes quando passamos à leitura deste trecho da trama via

³⁷ Fortes indicadores de estresse pois são movimentos de contração involuntária dos músculos pela ação da descarga hormonal (cortisol, adrenalina, noradrenalina) na corrente sanguínea que ocorre em maior fluxo em avaliação límbica de risco, preparando o corpo para fuga, enfrentamento ou congelamento: atitudes de proteção e defesa, herança evolutiva.

³⁸ Reforça o anterior: o movimento para irrigar as áreas utilizadas para fuga.

psicologia junguiana que evoluem acentuadamente concordantes e positivos (movimentos de cabeça assentindo, participações orais, expressões de satisfação e alegria, inclinação do torso e cabeça em nossa direção, juntamente com olhar) ao falarmos do Círculo de Eranos e principalmente de Schrödinger, comportamento similar à confiabilidade notada na amostra ST, com emoções de surpresa e medo ao ser mencionado que as discussões aparentemente metafísicas do Círculo de Eranos a partir das filosofias orientais, no movimento da reforma da ciência que promoveram, nos trouxe à evolução digital como os aparelhos celulares (ondas, eletromagnetismo, etc.).

Ao falarmos na Educação pelo Exemplo, há o mesmo fluxo de expressões negativas até o comportamento positivo de concordância e expressões de felicidade genuína conforme comentamos sobre a educação tradicional, a personalizada e a pelo exemplo; porém predominância de não visualização quando reposicionamos os participantes da condição de aluno para a de professor, situando a responsabilidade inerente a esta posição que é ratificada pelo comportamento ante o alunado, à expressão de medo e comportamento de foco e alguns de concordância quando exemplificamos os efeitos desse impacto nos discentes.

Novamente vemos comportamentos mistos quando falamos no processo de individuação atrelado à educação pelo exemplo, pela mudança da ação advinda da ressignificação da leitura de si e de si no mundo. Retornam os movimentos de necessidade fisiológica (busca e retorno com copo de água) e a atenção vai sendo aos poucos retomada quando passamos ao conteúdo de mediação usado para transposição dos conceitos da psicologia analítica de forma mais clara. Notamos a essa altura que devíamos ter nos posicionado de forma mais central ou adotar um movimento que abrangesse ambos os lados do auditório, pois nos pareceu que ainda que estivéssemos em posição perpendicular ao público, a atenção estava maior no lado do auditório mais próximo a nós, porém a adoção de outros movimentos dificultaria a passagem dos *slides*, o que tomamos nota para que em futuras ocasiões nos atentemos a essa divisão da nossa atenção aos participantes também.

À menção dos quatro pilares de Emily E. Smith, o aumento da concentração e foco, conforto e segurança evoluíram, com algumas raras micro expressões de medo, tristeza e raiva, que atribuímos ao processo de autorreflexão a partir deste material de mediação, pois o foco permanecia. Um participante expressa desconforto recorrente (excessivos gestos apaziguadores, constante movimento do torso e membros), foi o mesmo que pôs a mão frente à genitália ao falarmos do equilíbrio Anima-Animus, em determinado instante ele levanta a

mão como quem vai pedir a palavra, mas se auto interrompe e volta ao comportamento apaziguador antiestresse de passar a mão pelos cabelos/cabeça.

Aqui também há algumas expressões de desprezo ante à resignificação da protagonista de “O Leilão” da sua subjetividade e de como esse processo se expressa em sua realidade, ratificado no conteúdo de Emily E. Smith. A sensação que tomamos ante este trecho da análise é o de que há um afastamento no ideário dessas pessoas quanto ao que está em uma obra ficcional e suas vidas, ainda que sejam dadas ilustrações que endossam essa possibilidade de mudança por casos reais, próximos e inclusive aferidos em pesquisas científicas.

Os elementos da autorresponsabilidade de Vieira aqui também ganham fotos, diferente dos *slides* anteriores, mas também há participantes com expressão de vergonha/culpa (raiva, tristeza, afastamento corporal, não visualização, nojo, superioridade, *turtle effect*³⁹, *shrug*⁴⁰ unilateral) quando exemplificamos as atitudes contrárias à autorresponsabilidade (portanto contrárias ao processo de individuação) porém também comportamentos de concordância, com expressão de tristeza. Arelarmos o poder de decisão sobre o comportamento utilizando o resultado das pesquisas de Amy Cuddy (mencionados anteriormente) disparou *cluster* de desconfiança/insegurança em alguns participantes (gestos auto pacificadores, desprezo, movimentação de torso e membros) mas a predominância do grupo foi de surpresa, nojo, com não visualização, ao que inferimos que mesmo pesquisas de cunho positivista-cartesiano quando voltadas ao conhecimento de si e à reforma subjetiva não são ainda bem acolhidas mesmo no meio acadêmico predominantemente qualitativo (já que o público é de predomínio na formação em Ensino-Educação).

Nossa fala introdutória ao diálogo reflexivo dispara comportamentos de superioridade, insegurança e auto preservação (levantamento da cabeça com expressão de nojo, desprezo, mãos ao nariz e boca ou com contrações entre os dedos e gestos apaziguadores, indicando desconforto, estresse, ansiedade ao conteúdo do momento, mais proteção da carótida, engolidas em seco e passar a língua nos lábios). Ao momento do pedido do registro escrito, similar à amostra ST, micro expressões de medo, nojo e ansiedade, tapando a boca com o papel do registro, levar a mão à direção do coração (gesto auto apaziguador que indica alteração cardíaca, que neste contexto reforça o medo, indicando ansiedade, estresse e

³⁹ Encolhimento do pescoço entre os ombros (fuga, defesa, auto preservação)

⁴⁰ Deslocamento do ombro (incerteza, evasiva, auto incoerência, falta de crença no que defende)

desconforto), que atribuímos à herança escolar da avaliação quantitativa, além de estar incluso um micro processo de reflexão (micro dado o tempo disponibilizado no evento) que intencionamos que evoque a mudança de mentalidade para haver uma mudança na efetividade. O tempo de registro nessa amostra foi superior ao da amostra ST.

Ao fim da recolha dos registros escritos há predominância de comportamento de conforto. O *slide* do ciclo de aprendizado (aprender a aprender; aprender a ensinar; ensinar a aprender; ensinar a ensinar) que segue este momento teve mais registros fotográficos que o da autorresponsabilidade, o que é interessante porque o diálogo reflexivo trouxe elementos que apontam para o caráter multiplicador que o aprendente assume na experiência; além de:

- interesse nos autores dos conteúdos usados como mediação; no relacional entre a vida de Irecê Barbosa e da protagonista Paula D'Aquinson;
- os desafios em nossa subjetividade em investigar uma personalidade como a de Irecê⁴¹;
- a integralidade científica à integralidade humana que Irecê tratava com seus alunos;
- o “casamento” da psicologia analítica para investigar e discutir “O Leilão”; a identificação do movimento da personagem com o ouvinte do colóquio;
- o conteúdo de “Os quatro pilares de uma vida com sentido” e como ele é atual para olhar os nossos alunos na adolescência;
- nosso papel de professor que exacerba o caráter da escolarização e o que aprendemos com Irecê neste sentido para desenvolver trabalhos com esta direção (lemos como tomada de decisão pela autorresponsabilidade, ainda em caráter de função transcendente⁴²);
- o cuidado de Irecê em abordar o humano em uma sutileza convidativa de pensar o eu e o outro para a formação do professor-humano que busca a autorrealização na formação continuada, aspecto ainda ausente na maior parte da Academia⁴³ e que está nas entrelinhas do romance “O Leilão”;
- ainda a dinâmica formativa vertical e horizontalmente vista na vida profissional de Irecê Barbosa;

⁴¹ Houve uma pergunta similar na essência na amostra ST, quando uma participante perguntou o que mais mudara em mim com a pesquisa, mas já ocorreu fora do tempo das gravações. Nossa resposta está entremeadada neste trabalho e no produto educacional.

⁴² Percepção prévia ao exercício do conteúdo.

⁴³ Arquivo MVI_4518, na pasta Colóquio SC.

- também como estamos naquilo do que nos cercamos e o valor afetivo que agregamos a objetos que são mais que objetos, são representações de passagens de nossas vidas;
- os tipos de Educação para Jung e a autorresponsabilidade de enxergar o aluno como humano e ratificar as suas possibilidades e potencialidades ao invés de hierarquizar socialmente ou vê-lo como mais um número;
- interesse no Círculo de Eranos e na obra “O Leilão”.

Talvez por ser um ambiente menos íntimo (maior, mais pessoas que na amostra ST), tenha havido uma intimidação para que os participantes dialogassem conosco neste momento. Porém mesmo sem expressivo número de falas, a expressividade dos que se manifestaram quanto à essência das contribuições pedagógicas de Irecê através de “O Leilão” tomaram comportamentos de foco e atenção pelos demais presentes. A última participante a fazer uso da palavra no diálogo reflexivo demonstrou forte inquietação e mesmo sofrimento com a desumanização do sistema educacional em que trabalha, notado pelas alterações cardiorrespiratórias, expressão de tristeza, comportamento concordante com nossa fala de resposta a ela, gesto pacificador se auto abraçando, que aponta para forte descarga de hormônios do estresse, pois foi posterior a um *shrug* bilateral.

Ratificamos o dito no *debriefing* sobre os canais de contato conosco a fim da pesquisa desenvolvida no encerramento e registramos abaixo o comentário ainda na noite do dia deste evento-hospedeiro da professora presidente de sua organização (COSTA, 2019):

Carmen, boa noite! Passando mais uma vez pra agradecer a tua presença, o Colóquio que você propôs. Nossa! Só parabenizações que eu recebi por você porque o mérito, ele é todo seu. Então eu quero te parabenizar e te agradecer por sua participação e eu espero que nós possamos estar estreitando nossos laços, nos aproximando em futuros estudos e que nós possamos estar construindo esta intimidade acadêmica. Tá bom, minha querida? A UEA sempre de portas abertas pra você, pro mestrado, pro SETA e vamos conversando e vamos afinando tudo isso. Tá bom? Um beijo.

Seu registro nos cerca da felicidade de termos levado a cabo a intencionalidade deste trabalho em sua devolutiva à sociedade e à comunidade acadêmica voltada à formação docente inicial e continuada na forma do produto educacional que construímos: o Colóquio como estratégia formativa.

Considerações entre Amostras

Como registramos acima, houve uma convergência do público participante nas duas edições do Colóquio, principalmente quanto a estranhamentos a conter conteúdo religioso em material levado ante à Academia em caráter de pesquisa, que só teve demonstrações de alívio

após a leitura pela óptica da Psicologia Analítica como epistemologia do processo de análise de “O Leilão”; também nos aspectos relacionados ao processo de individuação, com divisão do público em identificação e aversão, ainda que a análise etológica revele que mesmo no comportamento aversivo havia também comportamento de interesse no conteúdo, o que ratifica os postulados de Jung quanto à dinâmica da psique em direção à integralização do *Self*.

Em ambos os públicos houve interesse na leitura da literatura de Ierecê Barbosa e em conhecer mais de sua vida e obra acadêmico-profissional, assim como a abordagem de seu trabalho quanto à humanização do ser em sua lide docente da perspectiva enquanto aluno e enquanto professor, assim como a evidenciação das potencialidades de quem decide ser autor de si pela ressignificação de sua própria história, que aponta as possibilidades formativas da abordagem do processo de autoria, da investigação-formação através da narrativa (auto)biográfica, da formação que parte do conhecimento de si com reflexo no *eu*-professor.

Para além do profissional, os estudos e pesquisas aplicados à *in*-formação despertam benefícios sociais quando ao se voltarem para o ser, impactam positivamente o coletivo em processo multidimensional e exponencial, pois alguém que foi ressignificado em sua subjetividade não reage mais, mas age em seu meio sendo também um multiplicador de seu aprendizado a partir da reflexão sobre suas experiências. Como evidência neste percurso relembramos o depoimento de uma professora que participou da amostra ST, também levando algumas de suas alunas de pedagogia consigo, que relatou *a posteriori* o depoimento delas, que registramos na análise do registro escrito daquela amostra.

Dessa forma, consideramos como viável pensar o colóquio como estratégia formativa na formação inicial e continuada de professores, quando parte de uma análise epistemologicamente embasada e se constrói a partir de um paradidático como pretexto que apresente consistência e identificação com a teoria que estrutura sua apresentação, para trazer elementos e conteúdos contributivos à *in*-formação que enxergam no ser e no desenvolvimento do conhecimento de si e de sua história de vida, potencialidades de transformação do coletivo para o sistema de Ensino-Educação que idealizamos enquanto professores-mediadores de alunos conscientes e portanto ativos na sociedade como um todo, pelo uso das narrativas; haja visto que a análise dos registros escritos pela metodologia adotada para análise da obra e a análise dos vídeos pela metodologia psico-etológica da linguagem e comportamento não verbais com base nas respostas fisiológicas do ser humano

inerente ao processo límbico das emoções, sustentou a epistemologia junguiana a partir da qual problematizamos a formação do ser-docente que vimos na obra de Ierecê Barbosa onde ela projetou elementos de sua própria vida e formação como professora pesquisadora, o que nos permite atestar que “O Leilão” carrega em seu bojo contribuições pedagógicas inerentes e necessárias aos processos formativos de professores no ensino tecnológico que consideram a integralidade do ser e o movimento entre o pessoal e o profissional de inegável influência, conforme foi evidenciado no *corpus* da pesquisa.

Curiosamente, notamos que os principais teóricos que utilizamos nesta construção fazem uso deste processo narrativo e autobiográfico para investigar os tomos científicos a que se propõem, neste movimento do subjetivo para o coletivo, com o qual nos identificamos e onde propomos este trabalho.

4. COLÓQUIO COMO ESTRATÉGIA FORMATIVA: O PRODUTO EDUCACIONAL

Esta etapa da pesquisa foi significativamente árdua, mais que todo o percurso até este momento, haja visto que Produto Educacional (PE) na linha de formação de professores, no meio em que convivemos academicamente, recebe recorrentemente a conotação de que “ainda não é isso...”. A impressão é a de que não se sabe exatamente o que se é ou o que se quer ou que a construção de outrem não atende a perspectivas e expectativas habituadas a mensurar “produto” a partir de concepções muito mais ligadas ao pensamento cartesiano; porém quanto a isso, concordamos com Flick (2009b) quanto à complementaridade em lugar da rivalidade entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, cada qual atendendo a contextos e finalidades específicos, todos úteis ao desenvolvimento científico.

Os textos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nos parecem ser muito claros quanto à diversidade do que seja um produto oriundo de mestrado profissional, atendendo aos diversos métodos da pesquisa científica e seus vieses (CAPES, 2014, 2018) e neste sentido, acreditamos estar subsidiados teórico-metodologicamente para inferir que atendemos à premissa de desenvolver ou técnica ou processo ou temática direcionada ao mundo de trabalho (Ensino-Educação) e suas demandas, culminando em produto que intentamos responder a problemas reais da área temática na qual o desenvolvemos e que nossas ofertas de disponibilidade do mesmo alcancem aqueles a quem se dirige.

Em um período da história humana em que as tecnologias digitais têm sido imensamente valorizadas acima da contribuição e da produção humana delas desvinculadas, vemos que a intencionalidade antecede a usabilidade e que o senso comum sobre o que é útil precisa ser urgentemente revisto, como reflexão da liquidez social presente, como assinala Nicolescu (1999).

Somos daqueles que sem desprezar o mundo digital, nos preocupamos com o direcionamento que ele vem tendo e os prejuízos biológicos (com reflexos socioemocionais) daí advindos, como Boisvert (2019) adverte quanto à mudança necessária de produzirmos tecnologia que gere empatia, tomada de decisão e justiça em lugar de reescrever nosso sistema

neuronal (a nível estrutural) para ser social e emocionalmente incompetentes, desumanizando-nos.

Os estudos de Boisvert (2019) em seu laboratório biométrico (que nominou Laboratório Límbico por averiguar as reações inconscientes do cérebro e do corpo a nível cognitivo e emocional) que utiliza Inteligência Artificial, apontaram o poder das narrativas para reverter esta situação, a partir de estímulos-resposta a reações biológicas, onde enxerga viabilidade de que se produza conteúdo eficiente que desenvolva organicamente respostas a justiça social, cultural e educacional, que redirecione da apatia e da angústia para um comportamento altruísta.

Estes estudos convergem para o que temos visto em Jung e colaboradores, Ekman e colaboradores, Cuddy, McAdams, Smith, para citar alguns, sobre o poder das emoções sobre o corpo e vice-versa a partir das narrativas vivenciadas, ressignificadas, comprovando que se o coletivo pode ser melhor se trabalhamos o subjetivo.

Os dados biofísicos como ondas cerebrais, batimentos cardíacos, fluxo sanguíneo, temperatura corporal, contração muscular, rastreamento ocular, expressões faciais medidos no Laboratório Límbico atestam o que descrevemos antes quanto à linguagem e comportamento não verbais mas atestam ainda essas alterações frente a conteúdos narrativos intencionais e revelam seu poder de nos tornar mais humanos, por assim dizer.

Uma das queixas sociais não é a desumanização do sistema educacional que associam ao comportamento dos professores e a isso apontam deficiências na formação? Não dispomos do laboratório de Boisvert mas nossos ouvidos reconhecem essas queixas de desumanização dos que ofertam e dos que recebem “serviços educacionais” e nosso produto se empenha em valorizar narrativas que desempenhem estas funções de estimular o quê de humano temos em nós enquanto docentes para com todos em nossa atividade de forma que também seja saudável para nós, emocional e psicologicamente e por consequência, fisicamente.

Precisamos pensar a ética do que produzimos, priorizando o cuidado como premissa para a eficiência e não uma eficiência imediatista, vampirizadora a médio e longo prazo ou simplesmente vazia, ainda que usável. Acreditamos que neste ponto encontramos o que a CAPES denomina como Produto Social (2013, p.55): “o conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida” a

qual sejam: metodologias, técnicas e produtos reaplicáveis, desenvolvidas considerando a comunidade a nível interacional, propondo soluções efetivas de transformação social. A CAPES (2013, p.56) preconiza:

Oficinas, instrumentos e estratégias educativas, propostas de políticas públicas com ciência e com arte, com mobilização e ludicidade, ainda que em práticas e instrumentos em pequena escala, podem se configurar como produção tecnológica geral. E podem se configurar como tecnologias sociais se forem apropriadas por grupos sociais diversos ou se apresentarem como práticas consideradas como eficazes e replicáveis em outros contextos.(CAPES, 2013, p.56)

Produtos não tangíveis materialmente mas de valor social na dimensão de Inovação em Ciência & Tecnologia, que podem ser experimentados na prática, diversos e interdisciplinares, constituindo-se Tecnologias Sociais – TS em ensino e para o ensino (CAPES, 2013).

O que o leitor encontrará na construção do nosso Produto Educacional parte destas considerações a partir destes embasamentos teóricos, levando-nos a construir um Planejador chamado Colóquio como Estratégia Formativa. Assim, estruturalmente o dividimos em duas partes:

- a primeira, dedicada a caracterizar o que os manuais preconizam como colóquio enquanto evento acadêmico e os elementos pertinentes a sua construção deste ângulo;
- a segunda, localiza o perfil da pesquisa que leva a ressignificar um evento acadêmico em estratégia formativa para professores e os aspectos daí consequentes.

Ao fim de cada tópico, o planejador é posto em ação no formato de exercícios reflexivos e práticos daquele que pretenda replicar nosso PE, já que não basta estrutura para que haja formação, é necessária identificação primeiramente com nossa proposta, que coadune com a essência dela. Dada a extensão que já alcançou este nosso texto, solicitamos que o leitor confira diretamente no Produto Educacional os pormenores desta construção.

Acerca da confecção material, tivemos o cuidado de olhar holisticamente na materialização que ela não se compusesse apenas de mais papel e tinta, mas abarcasse a concepção que nos dirigiu na pesquisa. Assim, dois elementos visuais foram intencionalmente adicionados à capa, páginas e na numeração das páginas, sendo: a Fênix, arquétipo máximo do processo de individuação, conforme as obras de Jung e Von-Franz (cuja imagem foi

desenhada por mim) e o *Ensō*, conhecido como círculo da iluminação zen-budista, representando o silenciamento da mente para o afloramento das novas ideias (ciclo de criação através da morte do ego e renascimento do *Self*, portanto símbolo para a individuação igualmente) por aquele que busca continuamente o aprendizado, o que implica força interior (vontade), disciplina, amor pela iluminação sendo amor por si que espraia no universo (portanto nos outros) que compreende que o caminho para a perfeição é imperfeito, orgânico, onde o aprendizado se faz na errância e requer entrega ao processo (BODISATVA, 2018) como também aprendemos na Fenomenologia e buscamos empregar neste trabalho, concordando ainda com o pensamento de Jung e do Círculo de Eranos.

O fluxo holístico segue na escolha do papel do miolo, da confecção da capa, para trazer leveza eficiente aliada ao trabalho artesanal, lembrando o exercício do autoburilamento na sociedade líquida, 4.0. O destaque da arte na capa sugere movimento ante luz pela fênix, evocando a essência da proposta. A arte ainda é decomposta para ser recomposta a cada próximo ato, revelando a fênix novamente ao final, também emitindo que cada parte advém do todo e volta para ele, assim como a composição não foi *solo*, mas composta por inúmeros autores quiçá não conscientes de que suas falas, ações se imiscuíram nesta criação, os outros “eus” que à minha percepção se tornaram o “nós/nosso/-nos” tão prolífero neste trabalho.

Como parte do Colóquio é preparo e organização, a embalagem foi pensada para facilitar esse processo, por isso um organizador confeccionado sob medida em placa de fibras (de madeira) de média densidade (MDF), considerado como melhor escolha ecológica que uso de madeira, de boa durabilidade e que aceita tratamento artístico (logo da fênix); no qual alguns itens de escritório (lápiz, borracha, apontador, marcadores, etc.) acompanham o acondicionamento da dissertação e do produto educacional nas versões impressas. O que coaduna com nossa formação inicial em Ciências Biológicas e também estampa a concepção da mudança a partir de uma base estável, que suporte os elementos interiores, dando a cada um lugar específico sem que isto signifique que estejam separados inteiramente, mas que se colocam em posição sistêmica e funcional, como vemos a premissa do processo de individuação.

Pensando na disponibilização do produto, institucionalmente já é adotada a opção de descarregar dissertação e produto, em arquivo digital formato .pdf a partir do servidor que atende ao MPET. Porém desejamos mais que um público que saiba da existência deste Programa de Pós-Graduação e busque algo em seu sítio virtual e nesta direção, intencionamos

disponibilizar o produto (após a aprovação) também na plataforma da Amazon.com, reconhecidamente uma fonte de acesso a diversos produtos de leitura de vários gêneros literários.

Esta plataforma já é nossa conhecida tanto para aquisição de livros impressos e em formato *e-book*, quanto por hospedar um romance escrito por nós entre 2010-2011, sem ônus para a autora e de acesso gratuito para o leitor que se interesse, que pode *baixar* o livro em formato *e-book* para qualquer dispositivo digital (notebook, desktop, smartphone) onde instale o Kindle, aplicativo da loja que funciona como uma biblioteca digital, sem custo para os interessados; ou ainda ler na *nuvem* Kindle Cloud Reader da plataforma de serviços Amazon (www.ler.amazon.com.br) ou em quem tenha ou adquira o Leitor Digital Kindle, que é um dispositivo digital desenvolvido e vendido pela mesma companhia que presume facilitar a leitura de *e-books* por ter características que mais se aproximam do conforto da leitura impressa (leitura sem reflexo), além de ter bateria longíssima duração (pode passar semanas sem carregamento, diferente de aparelhos celulares ou notebooks) mesmo com horas de leitura e armazenar livros digitais obtidos via plataforma da Amazon como também aceita que a pessoa envie arquivos .pdf para sua memória, o que permite uma biblioteca em menos de 200g, ainda com opção de dicionário, marcadores, registro de notas e outras facilidades que melhorem a experiência da leitura em dispositivo digital.

Fazemos uso de todas essas opções disponibilizadas há quase uma década, o que nos permite inclusive considerar aquisições físicas ou não de livros, já que existe a opção de *baixar* amostra gratuita de inúmeras obras. Essa experiência, cujas impressões também são compartilhadas por amigos nossos, infere-nos que esta seja uma plataforma que atenda nossa projeção de disponibilidade do produto além das fronteiras da nossa instituição e dos limites brasileiros, inclusive porque alguns formatos de dispositivos de leitura da Amazon e agora o seu novo serviço de Inteligência Artificial (Alexa, lançado no ano de 2019) e disponível como aplicativo gratuito para smartphones, lê a obra escolhida pela pessoa a partir do que está em sua biblioteca Kindle.

Já realizamos esta experiência e nossa impressão é a melhor possível pois a velocidade e o tom vocal utilizado pela máquina é agradável, alcançando assim as pessoas sem tempo para lerem por si mesmas ou pessoas com redução de sentidos (visão, audição) que desejem ter acesso ao conteúdo, apontando para o caminho de nosso produto educacional também dispor de um nível de acessibilidade, até porque a Alexa atende a comando de voz. Estas

informações são de nossa experiência, porém podem ser conferidas diretamente no sítio do desenvolvedor www.amazon.com.br. Somos do grupo de pessoas que acreditam na tecnologia digital intencionalmente dirigida para contribuir com o humano ao invés de ser a protagonista do processo.

Sobre o processo de – enquanto autor – *subir* o conteúdo redigido para o formato *e-book* da Amazon, o desenvolvedor possui seu próprio programa de editoração, onde a pessoa adequa o tamanho impresso que deseja disponibilizar sua composição, configurar a página, ilustrar com imagens próprias ou do banco de imagens da plataforma (*copyright* livre), acrescentar apresentação e síntese para aparecerem na contracapa do livro e no sítio da internet, finalizar o processo e conferir sua obra disponível a inúmeros potenciais leitores, com a escolha de ser gratuito ou ter um valor para aquisição (optaremos pelo gratuito, pois almejamos a difusão e não a retenção do conteúdo), sendo gerado um código identificador alfanumérico único, equivalente ao *International Standard Book Number* (ISBN) ou *International Standard Serial Number* (ISSN), o *Amazon Standard Identification Number* (ASIN) mas que é próprio da catalogação da plataforma e do desenvolvedor Amazon (ou seja: produtos por ela distribuídos com ou sem custo ao consumidor). Obras que já possuam ISBN e sobem à plataforma, preservam seu código e o ASIN assimila 10 dígitos do ISBN já adquirido.

Realizadas as descrições do produto educacional “Colóquio como estratégia formativa”, resta reiterarmos o convite para que o leitor desfrute a experiência de conhecê-lo.

ANOTAÇÕES *ad finem* (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Um relato de Von Franz diz do comentário de Jung sobre o esforço em se interpretar um conto, que falava que após uma análise, o investigador necessitaria de no mínimo uma semana de retiro, pois a energia em se trabalhar sobre nenhum material concreto, apenas vendo o esqueleto da psique, é desgastante pela incursão do material consciente até o inconsciente, onde não há um padrão a ser seguido, que carece descobrir o padrão abstrato que vai se revelando, mas algo é sempre presente desde os povos primitivos: o comportamento ante o encontro com os arquétipos: surpresa, estupefação, terror, deslumbre.

Conosco não há diferente. O mergulho durante dois anos neste romance de Ierecê pediu de nós tanto desenvoltura e coragem, quanto remexeu vários compartimentos e materiais escondidos e relegados no subconsciente. Não há como negar o que muito ouvimos: a pesquisa nos transforma. Porém assim como é na jornada que se cumpre o destino heroico, é no processo do autoconhecimento adjacente à pesquisa que nasce a maestria que admitimos: revela-nos que outras jornadas ainda existem a percorrer e que bom que assim é! Pois sabemos que caminhamos para a autorrealização, da qual este trabalho pertence como passos que ocorreram em diversos “acidentes geográficos” da psique, ora belos, ora desafiadores, ora aterradores, ora magníficos.

Encerramos esta etapa ultrapassando nosso momento anterior: a identificação com o animus revelada e o resgate do poder que só o feminino possui, a busca do equilíbrio que retira julgamentos e aceita o que há em nós e no outro. Amadurecemos. No papel de *contra-regra* que acompanha os movimentos da trama no palco, nos identificamos com a personagem em diversos momentos que, longe de renegarmos a experiência da protagonista, defendido pela autora do romance pela perspectiva kardecista, realizamos a leitura na epistemologia que nos encaminha para nossa formação profissional e a que propomos viver: educar pelo exemplo. Só podemos indicar o “caminho das pedras” depois de o termos percorrido. Isso no tocante à primeira parte da pesquisa.

Quanto ao aprendido no segundo momento – o do colóquio – somos levados a perceber que o Colóquio enquanto estratégia formativa é uma proposta que vai além de pensar a prática docente e a formação voltada a ela a partir do uso de recursos e ferramentas ou mesmo de teorias que se dirigem aos alunos, mas como processo que tem sua efetividade na

permanência da compreensão da importância da dinâmica na prática pedagógica e didática, da que não receia experimentar a partir de abordagens inusuais onde a formação continuada não pode ser isolada da (auto)formação contínua; já que na visão que temos agora, os conteúdos que podem ser utilizados como pretexto para essa proposta de formação evidenciam transformações embasadas na reflexão e tomada de consciência para mudança da prática docente que encontra o coletivo, os discentes, os pares, a comunidade e o círculo social pessoal do que ministra e do que escolhe participar além da mera presença física, mas que assume o envolvimento de pensar o conteúdo e eleger o que consciencialmente lhe cabe naquele momento e que pode sempre ser ressignificado no decorrer do tempo e a partir das experiências.

Que pensar a formação de professores inclui silenciosamente uma cláusula de gestão sobre os professores-alunos e de (auto)gestão do que ministra a partir do embasamento na psicologia analítica e da etologia aliada à psicologia, pois oferta a percepção para gerenciamento de situações *in loco* e *ad momentum* a partir da leitura do comportamento corporal e expressões faciais (linguagem não verbal) a fim de reconduzir/retomar o direcionamento da turma, do conteúdo, da disciplina, de forma não abrupta mas consciente e verdadeira, pois o que aprendemos é que antes das técnicas serem catalogadas e treinadas, há um “dicionário” do outro no inconsciente coletivo humano que nos permite de forma intuitiva saber o efeito de uma situação, porém é a prática e o estudo que levam a que essa percepção ocorra em tempo hábil e com análise embasada para tomadas de decisão mais imperiosas. Ainda na formação continuada ou para o ingresso nela, imaginem quanto desgaste se poderia evitar se conseguíssemos “ler” o candidato ainda na fase avaliativa quanto à real condição e interesse deste sobre a proposta de formação?

Neste teor, o aprendizado da gestão emocional a partir da decisão consciente pelo processo de individuação para a educação pelo exemplo, vislumbra um futuro de professores conscientes, que sabem porque escolheram ser professores e o que os mantém professores para daí falarmos de rendimento pelo prisma da realização profissional, da plenificação do ser, sobre todas as outras demandas e esse conhecimento de si, vemos, é a oportunidade de sabermos porque fazemos o que fazemos e assim seremos tão seguros de nosso ofício e de seus pormenores que poderemos dizer com aporte científico, nossas visões e propostas para as mudanças que acreditamos e queremos para o Ensino e a Educação, já experienciados em nossas realidades como casos de real transformação social.

O conhecimento de si assegura a confiança de propor a transparência nas relações que retira o véu da expectativa, da ilusão para um patamar onde as decisões e suas consequências são conscientes e por isso mesmo de teor assumido; assim modifica o paradigma das relações sociais dando-lhes mais que significado, consistência, pois nos tornamos mais reais para nós mesmos e por isso não nos negaremos mais como pessoas e como profissionais, que na condição de docentes, fomentam essa mudança de realidade nos alunos, como mais uma dimensão exponenciada dessa transformação, do subjetivo para o coletivo.

No mais, alguns pontos nos parecem relevantes: Irecê traz através do seu romance “O Leilão” mais que apenas informação cultural e entretenimento: traz reflexões sobre como levamos a nossa vida, o que fazemos dela, o que levamos dela, o que realmente importa e ainda depois desta visão voltada para nosso interior, traz preocupações relevantes sobre as condições das mulheres e do povo africano, onde sem nos demorarmos ou necessitar referências, todo o senso comum (ou ao menos sua maioria) sabe das condições de miséria de diversas naturezas naquele continente (doenças, fome, guerrilhas, exploração, escravagismo, etc.). É essencial falarmos e cuidarmos não só de nós, mas dos nossos iguais, remetendo o conteúdo do romance a mais um modo de Educação pelo Exemplo de Jung. Mergulhemos em nós para nos melhorarmos e assim sermos capazes de olhar e fazer algo pelo outro: qualidade inerente a quem se submeteu ao processo de individuação, pensar e agir em prol do coletivo.

Reconhecemos que epistemologias mais densas e menos divulgadas podem não ter a um primeiro momento o efeito ao público como o que causam em nós e na nossa percepção sobre elas, que vimos nos dedicando há anos, e que conteúdos mais próximos do contexto atual da sociedade por apresentarem linguagem mais acessível e falarem de situações encaradas como de maior realidade por trazerem elementos conhecidos imprimam uma tangencialidade maior no imaginário dos participantes, motivo pelo qual sugerimos àqueles que desejam desenvolver/construir atividades no sentido do conhecimento de si que somem às suas estratégias de ensino, conteúdos que façam mediação entre o referencial teórico base e a realidade do público onde se aplique. Neste sentido, recomendamos as experiências de Emily Esfahani Smith, Dan McAdams, Kate McLean que partem de histórias cotidianas para exprimir a possibilidade e a potencialidade de se (re)contar a própria história ressignificada, os quais desenvolvem atividades principalmente com grupos sociais nem sempre tão olhados como aqueles que “merecem” o olhar da sociedade, com representatividade social.

Quanto à viabilidade técnica da aplicação da pesquisa (o produto educacional), temos que ser honestos em admitir que o trabalho *solo* é possível, mas é muito mais trabalhoso e requer muito mais energia para efetivá-lo, por isso a construção do Planejador como produto educacional oriundo nesta pesquisa foi pensado para permitir a reflexão quanto à construção do colóquio-estratégia formativa do ponto de vista de sua materialização e de sua essência, pois a escolha do conteúdo abordado pode mais facilmente ter ou não apoio para que ele seja levado a cabo, além de necessitar de um pretexto atrativo para trabalhar temas que por serem inusuais podem parecer nem tão atrativos à comunidade a quem se dirige.

O que é recomendado nos manuais quanto à quantidade de pessoas em um colóquio deve ser observada, pois na prática percebemos que um quantitativo superior de participantes estanca o diálogo – que é o diferencial do colóquio frente a outras explanações em termos de eventos acadêmicos – seja pela inibição, seja pela movimentação inevitável em públicos maiores que dificulta a atenção do público como um todo, diferente de públicos menores onde podemos dispor nossa atenção – em termos do nosso comportamento e linguagem não verbais – de forma mais equitativa, recolhendo a atenção dos que podem estar se dispersando; o que já é conhecido por professores que ministram disciplinas em turmas muito grandes *versus* turmas menores. Ainda está imbricado pensar o público que pode estar presente e suas realidades que podem até se aproximar no contexto da prática mas se individualizam a partir da dimensão pessoal das vivências e experiências deste mesmo público, o que é exponenciado conforme o aumento no número de participantes.

Igualmente recomendamos que ao modo da amostra ST, o credenciamento seja feito em separado do local do colóquio, evitando as dispersões daí oriundas, assim como haja um momento inicial de acolhimento ao público, que contribui para conhecê-lo e daí ficar atenta a possíveis movimentos no processo frente inclusive ao conteúdo que se pretende levar e útil para aguardar o credenciamento, de forma que um tempo seja considerado para essa fase.

Também ficou claro a partir do envolvimento dos participantes que a academia cai na rotina dos eventos acadêmicos sem ser investigada por todos adequadamente para efetivação e participação, assim como ainda enfrentamos tabus sobre o que podemos ou não discutir no âmbito da educação, pois fora da escola cartesiana, há intensa cautela no que cabe e no que seria pertinente ao Ensino dentro das instituições.

Nesta questão, o paradidático se revela um bom pretexto por já ter sido cunhado e criado na perspectiva da transversalidade entre temas e cotidiano, mas merece atenção em ser

visto como possibilidade além da educação básica, com viabilidade também na formação inicial e continuada, como conector de temáticas que devidamente embasadas se caracterizam sim como investigação e produção acadêmico-científica, com benefício e retorno à sociedade que neste setor investe através das institucionalizações do Estado sobre serviços, direitos e deveres.

Não temos tempo dentro dos regimes instituídos para formação para abarcar tudo que carece ser adensado e adentrado para que as produções sejam conscientes e validadas *per se* através da construção que a elas foi empregada por docentes e discentes e é nesta lacuna que propor formação através de eventos acadêmicos pontuais e de temas transversais também se localiza ao bem da comunidade acadêmica e no impacto das dimensões que ela abrange social e coletivamente, ainda que possam se caracterizar *a priori* apenas como introduções para outros despertares.

É neste pensamento-ideário que este trabalho convida que mais desdobramentos sejam feitos por essa abordagem para construir um novo paradigma sobre os processos formativos de professores como prenúncio do que se pode fazer a nível social, uma vez que a maior parte das profissões institucionalizadas e reconhecidas passam por uma formação com professores nem sempre licenciados, nem sempre pedagogos, nem sempre com conteúdo efetivo para mediar o aprendizado, mas que a depender de onde possam ser implementadas, podem formar também estes professores-não professores a partir do indivíduo e então poderemos ser apenas almas tocando outras almas.

REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS

13 TIPOS de eventos acadêmicos e científicos. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/diferentes-tipos-de-eventos-academicos/>. Acesso em: 06 fev. 2019.

4 PASSOS simples para organizar um colóquio. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/como-organizar-coloquio/>. Acesso em: 06 fev. 2019.

ABNT. NBR 10520 **Informação e documentação**: Citações em documentos - Apresentações. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ABNT. NBR 14724 **Informação e documentação**: Trabalhos acadêmicos - Apresentações. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ABNT. NBR 6023 **Informação e documentação**: Referências-Elaboração. ed.2. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ABNT. NBR 6024 **Informação e documentação**: Numeração progressiva das seções de um documento - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

ABNT. NBR 6027 **Informação e documentação**: Sumário - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

ABNT. NBR 6028 **Informação e documentação**: Resumo - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ÂNGELO, Fabrício. Ierecê Barbosa, professora da UEA. **SEPLAN-CTI**. Manaus, 01 jul. 2014, Ciência em Pauta. Disponível em: <http://www.seplancti.am.gov.br/ierece-barbosa-professora-da-uea/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ARAÚJO, Alberto Filipe; BERGMEIER, Horst. Jung e o tempo de Eranos. Do Sentido espiritual e pedagógico do círculo de Eranos. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 6, n.1, p.94-112, jan.-jun., 2013.

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Nota de Pesar – professora Ierecê dos Santos Barbosa. **ADUA**. Manaus, 21 mar. 2018. Disponível em: <http://www.adua.org.br/noticias.php?cod=3997>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BACCELLI, Carlos. **O Evangelho de Chico Xavier**. Votuporanga: Casa Editora Espírita “Pierre-Paul Didier”, 2000.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BARBOSA, Ierecê dos Santos. **O Leilão**. Curitiba: Appris, 2015.

BARBOSA, Ierecê dos Santos. **Um Espaço de criação**. [online], 200-. Blog Wordpress: ierecebarbosa. Disponível em: <https://ierecebarbosa.wordpress.com/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

BARBOSA, Ierecê dos Santos; NEVES, Aline Cristina Oliveira das. A Produção científica dos estudantes de pós graduação: a difícil arte de escrever com simplicidade. In: TERÁN, Augusto Fachín; SANTOS, Saulo Cesar Seiffert (Orgs.). **Temas sobre ensino de ciência em espaços não formais**: avanços e perspectivas. Manaus: UEA Edições, 2016, v. 1, p. 211-222.

BARBOSA, Ierecê; LIZARDI, Patrícia Sánchez; SALGADO, André Wilson Archer Pinto. **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2012.

BELL, Judith. **Como realizar um projecto de investigação**: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2010.

BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

BOISVERT, Heidi. **How I'm using biological data to tell better stories and spark social change**. New York: TED Ideas worth spreading, maio 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/heidi_boisvert_how_i_m_using_biological_data_to_tell_better_stories_and_spark_social_change. Acesso em: 12 dez. 2019.

BRASIL. Ierecê dos Santos Barbosa. **CNPQ**. Brasília, 2018, Plataforma Lattes/Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/7671831772363755>>. Acesso em 26 set. 2018.

BRANDÃO, Juanito de Souza. **Mitologia grega**. v.2, 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. Ierecê dos Santos Barbosa. **CNPQ**. Brasília, 2018, Plataforma Lattes/Indicadores da Produção. Disponível em: <
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/graficos.do?metodo=apresentar&codRH Cript=K4794104E7&nome=Ierec%C3%AA%20dos%20Santos%20Barbosa&chamadaExterna=true>>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. Ierecê dos Santos Barbosa. **CNPQ**. Brasília, 2018, Plataforma Lattes/Currículo Lattes. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/7671831772363755>>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Guia de eventos, cerimonial e protocolo para a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica**. 2. ed. Brasília: Ed. IFB, 2017.

BRASIL. Ministério Público Federal. **Manual de Cerimonial do MPF**. Brasília: Procuradoria Geral da República, 2008.

BRASIL. Senado Federal. Requerimento n.131 de 21 de março de 2018. Requer, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, VOTO DE PESAR por ocasião do falecimento da Professora Ierecê Barbosa, ocorrido em 21 de março de 2018. **Matéria Lida em Plenário**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/132658>. Acesso em 13 jan. 2019.

BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Maria Cecília C.C. de. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v.4, n. 1,2, p.299-318, 1993.

BUNYAN, John. **A Peregrina**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

BUNYAN, John. **O Peregrino**. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2014.

CÂMARA, Lucas. Nomes como Ierecê Barbosa e Edilene Mafra contam a história do rádio na capital do Amazonas. **Rede Amazônica de Rádio e Televisão**. Manaus, 03 nov. 2015, Portal Amazônia online, Cultura. Disponível em: <http://portalamazonia.com/cultura/amazonas-ontem-e-hoje-nas-ondas-do-radio>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CAMELO, Loyana. Professora Ierecê Barbosa lança romance paradidático em contextos amazônicos. **Rede Calderaro de Comunicação**. Manaus, 01 jul. 2014, A Crítica online,

- Entretenimento. Disponível em:
<https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/professora-ierece-barbosa-lanca-romance-paradidatico-em-contextos-amazonicos>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- CAMPBELL, Joseph. **As Transformações do mito através do tempo**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAPES. **Documento de área 2013**. Brasília: CAPES, 2013.
- CAPES. **Legislação específica**. Brasília: MEC/CAPES, 2014, 2018.
- CASTELO BRANCO, Anne Karynne Almeida. **O Projeto observatório da educação/capes/uea: fases da difusão do conhecimento**. 2014. Dissertação – Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, 2014.
- CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira A. O.; SOUSA, Cynthia P. de. “O Amor dos começos”: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.111, p.151-171, dez., 2000.
- CHECKLIST para eventos acadêmicos: saiba como planejar um evento. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/checklist-para-eventos-academicos/>. Acesso em: 06 fev. 2019.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.
- COLÓQUIO. **Michaelis**, online, Editora Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/col%C3%B3quio/>. Acesso em: 13 fev. 2019.
- COSTA, Carlos. **Crônicas comprometidas com a tua vida**. 2. ed. Belém: Nacional Editora e Negócios Ltda, 1990.
- COSTA, Mônica. [Áudio via WhatsApp]. Destinatário: Carmen Gonçalves. [em nuvem], 09 out. 2019. 1 áudio, 52”.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUDDY, Amy. **O Poder da presença**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CUDDY, Amy. **Your body language may shape who you are**. Edinburgh: TED Ideas worth spreading, jun. 2012. Disponível em: https://www.ted.com/talks/amy_cuddy_your_body_language_shapes_who_you_are?language=pt-br#t-167066. Acesso em: 22 out. 2019.
- D24AM. Irecê Barbosa e o misterioso homem que jantava sozinho. **Rede Diário de Comunicação**, Manaus, 16 dez. 2014, D24am online, Literatura. Disponível em: <http://d24am.com/plus/ierece-barbosa-e-o-misterioso-homem-que-jantava-sozinho/>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- DARWIN, Charles. **A Expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DARWIN, Charles. **A Origem das espécies**. Porto: Lello & Irmão Editores, 2003.
- DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **Mulheres na jornada do herói: pequeno guia de viagem**. São Paulo: Ágora, 2012.
- DRUMMOND, Henry. **O Dom supremo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

- EDINGER, Edward F. **O Mistério da conunctio**: imagem alquímica da individuação. São Paulo: Paulus, 2008.
- EKMAN, Paul. **Emotions revealed**: understanding faces and feelings. London: Weidenfeld & Nicolson, 2012.
- EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace. **Unmasking the face**. Los Altos: Malor Books, 2009.
- EKMAN, Paul; ROSENBERG, Erika L. **What the face reveals**: basic and applied studies of spontaneous expression using the facial action coding system (FACS) (series in affective science). 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.
- ELLIOT, J. **La Investigación-acción en educación**. Madrid: Morata, 1990.
- ENSINO DE CIÊNCIAS. **Divulgação científica & lentes do cotidiano**. Webnode, 2011. Disponível em: <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/products/divulgacao-cientifica-lentes-do-cotidiano/>. Acesso em 13 jan. 2019.
- ENSINO DE CIÊNCIAS. **Músicas e vídeos**. Webnode, 2011. Disponível em: <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/products/musicas/>. Acesso em 13 jan. 2019.
- ENSINO DE CIÊNCIAS. **Pesquisar no site**. Webnode, 2011. Disponível em: <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/search/?text=ierec%C3%AA+barbosa>. Acesso em 13 jan. 2019.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **A Ciranda das mulheres sábias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O Dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O Jardineiro que tinha fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FERREIRA, Alane; ROCHA, Israel J. Memórias: entrevista com Ierecê Barbosa. **Conexões: Revista de Relações Públicas e Comunicação Organizacional**, [S.l.], v. 1, n. 1, p.81-87, jan.-jun. 2018.
- FERREIRA, Amauri Carlos; SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos. Do Círculo de Eranos à construção do simbólico, em Carl Gustav Jung. **Psicologia USP**, São Paulo, v.26, n.2, p.259-268, 2015.
- FISHER, Helen. **Why we love, why we cheat**. Monterey: TED Ideas worth spreading, fev. 2006. Disponível em: https://www.ted.com/talks/helen_fisher_tells_us_why_we_love_cheat/transcript#t-1342245. Acesso em: 23 jul. 2019.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed Editora S.A., 2009.
- FORDHAM, Frieda. **Introdução à psicologia analítica**. São Paulo: Verbo, 1978.
- FRATTAROLL, Elio J. Eu e minha alma: através do vidro escuro da interface junguiana/freudiana. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.165-184.

- GOMEZ, G. R. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1999.
- GONZAGA, A. **Abordagens sobre a pesquisa científica**. Manaus: CEFET-AM/BK Editora, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **AION estudos sobre o simbolismo do si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica: primeira conferência**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. **La Psicología de la transferencia: esclarecida por medio de una serie de imágenes de la alquimia**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1983.
- JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da personalidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1988
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JUNG, Carl Gustav; WHILHELM, Richard. **O Segredo da flor de ouro**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JUNG, Emma. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- KARDEC, Allan. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2015.
- KARDEC, Allan. **O Céu e o inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o espiritismo**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Araras: Ide, 2001.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Araras: Ide, 2001.
- KEMMIS, S. Mejorando la educación mediante la investigación-acción. In: SALAZAR, M. C. **La investigación-acción participativa: inicios y desarrollos**. Madrid: Popular, 1992.
- KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. **Educação & Sociedade**, v.18, n.60, dez.97. p.15-35.
- LANSLEY, Cliff. **Getting to the truth: a practical, scientific approach to behavior analysis for professionals**. Manchester: Emotional Intelligence Academy Ltd, 2017.
- LAUFER, Albertina. Jung e a educação para a personalidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSONALIZAÇÃO DOCENTE, 6., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EDUCERE, 2017. p.13302-13315.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LOPES, Reinaldo José. Conquistadores do mundo. In: ABRIL. **Civilizações perdidas: o lado oculto da história**. São Paulo: Nov., 2013. p.22-29.
- MACHADO, Ana Maria (apres.). **Contos de fada: de Perrault, Grimm, Andersen & outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- MARTO, Silvia. **O Deus Apolo**. [online]: Mitologia Analítica Hélio Couto, 2018. Disponível em: <<https://www.mitologiaanalitica.com.br/single-post/2018/08/28/O-deus-Apolo>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- MELO, Fábio de. **É Sagrado viver**. São Paulo: Planeta, 2012.
- MELO, Fábio de. **Mulheres de aço e de flores**. São Paulo: Planeta, 2015.
- MELO, Fábio de. **O Discípulo da madrugada**. São Paulo: Planeta, 2014.
- MELO, Fábio de. **Quem me roubou de mim?** 2.ed. São Paulo: Planeta, 2013.
- MELO, Fábio de. **Tempo de esperas**. São Paulo: Planeta, 2011.
- MIGUEL, Jorge. **Curso de literatura II: do romantismo ao simbolismo**. São Paulo: Harbra, 1986.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura brasileira através dos textos**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: das origens ao romantismo**. São Paulo: Cultrix, 2001. v. 1.
- NAVARRO, Joe; KARLINS, Marvin. **What every body is saying: an ex-FBI agent's guide to speed-reading people**. New York: William Morrow & Company, 2008.
- NICOLESCU, Barsarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- O VERDADEIRO guia para organização de eventos científicos. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/organizacao-de-eventos-cientificos/>. Acesso em: 06 fev. 2019.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária brasileira**. São Paulo: Moderna, 2000.
- OLIVEIRA, Edinaldo. **O Prazer profundo: duping delight**. Brasília: Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal - IBRALC, 2012. Disponível em: <https://ibralc.com.br/o-prazer-profundo-duping-delight/>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- PAUL EKMAN GROUP LLC. **Paul Ekman group**. *Online*, 2019. Disponível em: <https://www.paulekman.com/>. Acesso em: 11 set. 2019.
- PESSOA, Fernando. **Poemas**. 15. ed. Lisboa: Ática, 1995. p.236
- PHILIPPINI, Angela. **Reencantamentos para libertar histórias**. Rio de Janeiro: Pomar, 2005.
- PONCHIROLLI, Osmar; PONCHIROLLI, Maderli. São Paulo: Atlas, 2012.
- RIBEIRO, Fábio. **[Correspondência]**. Destinatário: Amigos. [online], 23 abr. 2019. 1 mensagem.
- RIBEIRO, Raimundo Colares. ALB Amazonas: membros fundadores. **Blogger**. Online, ago. 2017. Disponível em: <http://raimundocolaresribeiro.blogspot.com/2017/08/alb-amazonas-membros-fundadores.html>. Acesso em: 26 set. 2018.
- RIBEIRO, Raimundo Colares. Parabéns, ALB Amazonas. **Blogger**, online, jul. 2017. Disponível em: <http://raimundocolaresribeiro.blogspot.com/2016/07/parabens-alb-amazonas-pela-passage-do.html>. Acesso em: 26 set. 2018.
- SAIANI, Cláudio. **Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno**. 3.ed. São Paulo: Ingraf, 2000.

- SAKADE, Florence. **As Histórias preferias das crianças japonesas**: livro 1. São Paulo: Editora JBC, 2011.
- SAKADE, Florence. **As Histórias preferias das crianças japonesas**: livro 2. São Paulo: Editora JBC, 2011.
- SALMAN, Sherry. A Psique criativa: as principais contribuições de Jung. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.69-84.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa. Retos y interrogantes**: técnicas y análisis de datos. Madrid: La Muralla, 1998.
- SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**, ed.9. Porto Alegre: AMGH, 2012.
- SILÊNCIO e movimento. **Revista Bodisatva**. Viamão: CEBB, ano 19, n.30, inverno 2018.
- SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. ed.7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SMITH, Emily Esfahani. **A Vida é mais do que ser feliz**. Vancouver: TED Ideas worth spreading, abr. 2017. Disponível em: https://www.ted.com/talks/emily_esfahani_smith_there_s_more_to_life_than_being_happy?language=pt-br#t-9066. Acesso em: 23 jul. 2019.
- SMITH, Emily Esfahani. **O Poder do sentido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- SOUSA, João Francisco de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: UFPE, 2009.
- STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- UEA. **Manual de eventos da Universidade do Estado do Amazonas**. Manaus: Assessoria de comunicação da UEA, 2006.
- UNICAMP. **Eventos acadêmicos e científicos**. Online, 200-. Disponível em: http://www.reitoria.unicamp.br/manualdeeventos/eventos/proto-eventos_cientificos.shtml. Acesso em: 06 fev. 2019.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Nota de pesar – Professora aposentada Ierecê dos Santos Barbosa. **UFAM**. Manaus, 21 mar. 2018, Comunicação, Notícias Bloco Esquerdo. Disponível em: <https://ufam.edu.br/noticias-bloco-esquerdo/7861-nota-de-falecimento-professora-aposentada-ierece-barbosa>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- VIEIRA, Paulo. **O Poder da autorresponsabilidade**. São Paulo: Editora Gente, 2017.
- VON FRANZ, Marie-Louise. **A Individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1984.
- VON FRANZ, Marie-Louise. **Animus e anima nos contos de fada**. Campinas: Verus, 2010.
- VON FRANZ, Marie-Louise. **O Gato**: um conto da redenção feminina. São Paulo: Paulus, 2000.

VON FRANZ, Marie-Louise; HILLMAN, James. **A Tipologia de Jung**: ensaios sobre psicologia analítica. ed. 2. São Paulo: Cultrix, 2016.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

YOUNG-EISENDRATH, Polly. Género e contra-sexualidade: a contribuição de Jung e além. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.213-226.


ANEXOS

ANEXO A – Site Criado

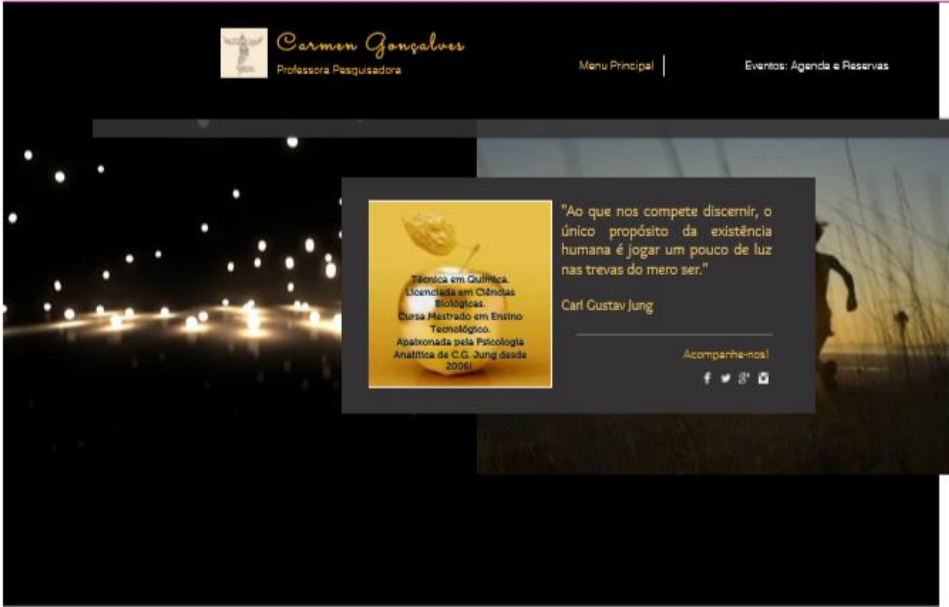
24/09/2019


Menu Principal | Carmen Gonçalves

Este site foi desenvolvido com o construtor de sites WIX.com. Crie seu site hoje. [Comece já](#)

 **Carmen Gonçalves**
Professora Pesquisadora

Menu Principal | Eventos: Agenda e Reservas




Têcnica em Química,
Licenciada em Ciências
Biológicas,
Curso Mestrado em Ensino
Tecnológico,
Apartronada pela Psicologia
Analítica de C.G. Jung desde
2006.

"Ao que nos compete discernir, o
único propósito da existência
humana é jogar um pouco de luz
nas trevas do mero ser."
Carl Gustav Jung

Acompanhe-nos!
f t i

© 2019 por Carmen Gonçalves | Menu - 401 - Brasil | Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6052718215188307> | Desenvolvido com [Wix.com](#) f t i


Vamos conversar por chat!

<https://carmenelmaog.wixsite.com/carmengoncalves> 1/1


24/09/2019

Linhas de Pesquisa | Carmen Gonçalves


Este site foi desenvolvido com o construtor de sites WIX.com. Crie seu site hoje. [Comece já](#)

 **Carmen Gonçalves**
Professora Pesquisadora

Menu Principal | Eventos: Agenda e Reservas



Linhas de Pesquisa



Tecnologias Digitais e Aprendizagem Colaborativa
Divulgação Científica
Terapiação Digital
Processos Formativos de Professores

© 2019 por Carmen Gonçalves | Menu - 401 - Brasil | Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6052718215188307> | Desenvolvido com [Wix.com](#) f t i

Vamos conversar por chat!

<https://carmenelmaog.wixsite.com/carmengoncalves/linhas-de-pesquisa> 1/1

Carmen Gonçalves
Professora Pesquisadora

Eventos: Agenda e Reservas

27 sext **Paradidático na Formação Co...** / Instituto Federal d... [RSVP](#)

09 out **Colóquio Irecê Barbosa: um ...** / Escola Normal S... [RSVP](#)

© 2019 por Carmen Gonçalves | Manaus - AM - Brasil | Gabriel Lemes | <http://wix.com> | info@wix.com | Desenvolvido com Wix.com

Vamos conversar por chat!

Carmen Gonçalves
Professora Pesquisadora

Eventos: Agenda e Reservas

27 sext **Paradidático na Formação Co...** / Instituto Federal d... [RSVP](#)

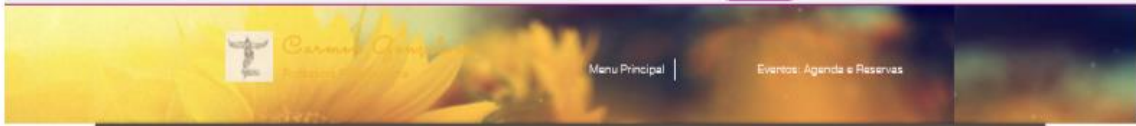
Colóquio Irecê Barbosa: um estudo em "O Leilão" [^](#) [RSVP](#)

09 de out 15:00 - 17:00
Escola Normal Superior - UEA, Av. Djalma Batista, 2470 - Chapada, Manaus - AM, 69050-010, Brasil

Apresenta o romance literário "O Leilão" da professora doutora Irecê Barbosa na perspectiva de formação docente a partir da psicologia analítica, com evidência da Narrativa, da Pesquisa (Auto)Biográfica e Processos de Autoria como possibilidades de formação pedagógica.

© 2019 por Carmen Gonçalves | Manaus - AM - Brasil | Gabriel Lemes | <http://wix.com> | info@wix.com | Desenvolvido com Wix.com

Vamos conversar por chat!



Sex, 27 de set | Instituto Federal do Amazonas - Campus M

Paradidático na Formação Continuada: um estudo em Irecê Barbosa

Apresenta o romance literário "O Leão" da professora doutora Irecê Barbosa na perspectiva de formação docente a partir da psicologia analítica, com evidência da Narrativa, da Pesquisa (Auto)Biográfica e Processos de Autoria como possibilidades de formação pedagógica.

RGVP

[Vamos conversar por chat!](#)

Acesso ao Conteúdo preenchendo o Formulário!

*Nome

Este campo é obrigatório.

*Email

Qual a Área de Formação que melhor lhe descreve?

- Ensino/Educação
- Outras
- Graduação
- Pós Graduação
- Licenciatura
- Pedagogia

*O que espera deste evento?

[Continuar](#)

Tempo restante: 13:29

**Paradidático na
Formação
Continuada: um
estudo em Irecê
Barbosa**

27 de set 08:00 - 12:00
Instituto Federal do Amazonas -
Campus M

Oferta 7 - V 527A / RAVL - R\$0
CMC
Ord. 1

Total R\$0

Paradidático na Formação Continuada: um estudo em Irecê Barbosa RSVP

27 de set 09:00 - 12:00
Instituto Federal do Amazonas - Campus M, Av. Sete de Setembro, 1975 - Centro, Manaus - AM, 69020-120, Brasil

Apresenta o romance literário "O Lailão" da professora doutora Irecê Barbosa na perspectiva de formação docente a partir da psicologia analítica, com evidência da Narrativa, da Pesquisa (Auto)Biográfica e Processos de Autoria como possibilidades de formação pedagógica.

09 out Colóquio Irecê Barbosa: um ... / Escola Normal S... RSVP

© 2019 por Carmen Gonçalves | Manaus - AM - Brasil | Curitiba, Paraná. <http://wixsite.com/carmengoncalves> | Desenvolvido com Wix.com

Vamos conversar por chat!

Para Vocês!

Envie este Formulário e breve responderemos!

Contate-nos Enviar

Nome

Email

Digite sua mensagem aqui...

© 2019 por Carmen Gonçalves | Manaus - AM - Brasil | Curitiba, Paraná. <http://wixsite.com/carmengoncalves> | Desenvolvido com Wix.com

Vamos conversar por chat!

Colóquio "Paradidático Universitário"		Nº DO INGRESSO 000-0000-00001
HORA E LOCAL Em Breve! Reserva de vaga Gratuita! Local a ser determinado		Nº DO PEDIDO 000-0000-01
TIPO E PREÇO DO INGRESSO Reserva para Colóquio - Grátis		STATUS DO PAGAMENTO Grátis
COMPRADO POR João Silveira	DATA DO PEDIDO 16 de Jul de 2019	

PREZADO CONVIDADO,


Esta é a reserva do seu evento. Os titulares do ingresso devem apresentar os ingressos na entrada. Você pode imprimir o ingresso ou apresentar a versão digital. Você pode encontrar todas as informações sobre esse evento no nosso site. Se tiver alguma dúvida ou problema, contate-nos pelo site. Se não puder participar do evento, por favor entre em contato. Nos vemos lá!



24/09/2019

avaliação de Evento | Carmen Gonçalves

Este site foi desenvolvido com o construtor de sites WIX.com. Clique seu site hoje. [Comece já](#)





Carmen Gonçalves
Professora Pesquisadora

Menu Principal |

Eventos: Agenda e Reservas

Avaliação do Colóquio: "Paradidático na Formação Continuada: um estudo em Irecê Barbosa"
27 Set. 2019 - V SETA / IFAM-CMC

Envie-nos seu Feedback

Nome Escreva seu feedback aqui

Email

Telefone



★ ★ ★ ★ ★

Avalie-nos
Aceito os termos e condições para contribuir com esta pesquisa, conforme anunciado durante o evento.

09/24/2019


Quero inscrever-me para receber atualizações desta pesquisa.

Enviar feedback

© 2019 por Carmen Gonçalves | Menu | Wix - Brasil | Curitiba Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9032718315188307> | Desenvolvido com [Wix.com](#)

[f](#) [t](#) [in](#)

 Vamos conversar por chat!

<https://carmenelmaog.wixsite.com/carmengoncalves/avaliacao-de-evento>

1/2

De: Carmen
Enviado: quarta-feira, 17 de julho de 2019 03:35
Para: carmenelima@gmail.com
Assunto: [carmengoncalves] Feedback - novo envio



Carmen acabou de enviar um novo formulário Feedback em [carmengoncalves](#)

Nome: Carmen
Email: carmen.ericah@hotmail.com
Telefone: 982439414
Avaliar o campo: ★★☆☆☆
Conte um pouco mais: Teste de Feedback e navegação

[Responder Agora](#)

Não perca potenciais clientes. Faça download do [aplicativo Wix Mobile](#).
Para editar as configurações do seu email, acesse seu inbox na versão desktop.

ANEXO B – Certificado de Aplicação do Colóquio (Prática do Produto Educacional)



Seta 2019
V Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas

CERTIFICADO

Certificamos, para devidos fins, que **Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves** apresentou a oficina "PARADIDÁTICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA: UM ESTUDO EM IERECÊ BARBOSA" no V Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas, realizado pelo Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, no dia 27 de setembro de 2019, com carga horária total de 04 horas.

Prof. Dra. Aldir Pereira Mendonça
Prof. Dra. Aldir Pereira Mendonça
Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico—MPET

Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano
Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano
Presidente do SETA 2019

Manaus / 2019



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS



SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA



Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia

Certificado

CARMEM ÉRICA LIMA DE CAMPOS GONÇALVES

Mediou o Colóquio Irecê Barbosa com o tema "Um estudo em O leilão" no IX SECAM-SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA, com carga horário de 30 horas do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, realizado nesta Instituição de Ensino Superior no período de 9 a 11 de outubro de 2019.

Manaus, 18 de outubro de 2019.

Mônica de Oliveira Costa
Professora Doutora Mônica de Oliveira Costa
Coordenadora Geral do IX SECAM

APÊNDICE

APÊNDICE A – Conteúdo do *Pen-drive* para a Banca Avaliadora (arquivos em formato .pdf e .mov)

Unidade:

📁 Dissertação e Produto Educacional

↳ Dissertação Carmen

↳ Produto Carmen

📁 Colóquio Irecê Barbosa

📁 Certificados das aplicações

↳ Colóquio Irecê_SC

↳ Ministrante da Oficina 7_ST

📁 Colóquio_Apresentação

↳ Colóquio Irecê Barbosa

📁 Colóquio_Divulgação

↳ Folder SECAM Oficial 08out19

↳ QR Codes e divulgação em mídia

📁 Colóquio_Organização

↳ Folder Colóquio

📁 Planejamento

↳ Guia do Colóquio para mim

↳ Oficina 7_Paradidáticos na Formação continuada_Minicurriculo

↳ Planejamento Oficina 7 SETA 27set2019

↳ Planejamento_Colóquio SECAM 09out2019

📁 Site Wix

↳ Ingresso_Ticket Demonstração

↳ Ingresso_TicketDemo

↳ Menu Secundário Página Principal_Eventos_ Agenda e Reservas

↳ Menu Secundário Página Principal_Eventos_ Agenda e Reservas_sc

↳ Menu Secundário Página Principal_Eventos_ Agenda e Reservas_st

↳ Menu Secundário Página Principal_Eventos_ Agenda e Reservas_SETA_Inscrição

↳ Menu Secundário Página Principal_Eventos_ Agenda e Reservas_st

↳ Página Principal do site

↳ Sub Página do Menu Principal 1_Linhas de Pesquisa

- ↳ Sub Página do Menu Principal 2_Entre em Contato
- ↳ Sub Página do Menu Secundário_Avaliação de Evento
- ↳ Teste de Envio de Formulário de Feedback

↳ Colóquio_Registros Escritos Escaneados

↳ Registros Escritos_amostra SC

↳ Registrs Escritos_amostra ST

↳ Colóquio_Vídeos

↳ Amostra SC

↳ MVI_4513_teste de funcionamento da câmera

↳ MVI_4514

↳ MVI_4515

↳ MVI_4516

↳ MVI_4517

↳ MVI_4518

↳ Amostra ST

↳ MVI_4504

↳ MVI_4505

↳ MVI_4506

↳ MVI_4507

↳ MVI_4508

↳ MVI_4509

↳ MVI_4510

APÊNDICE B – Divulgação do Colóquios

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profª Dra. Mônica de Oliveira Costa, Profª Dra. Carolina Brandão Gonçalves, Profª Dra. Maud Rejane Souza, Profº Dr. Washington Almeida, Ailton Cavalcante Machado, Ana Lúcia de Lima Mendes, Brenda Samanta de Lima Delgado, Carolina Alvarez Pachõn, Daniel Gomes da Silva, Debora Oliveira dos Santos, Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira, Erica Freitas de Almeida, Fabiane Carbajal de Souza, Francisco Sebastião Sumbane, Jackson da Silva Vale, Jade Cristina Correa Peixoto, Kleitson José Lima Tenório, Márcia Alessandra Beltrão Soares, Marlinéia da Silva Vieira, Rafaella Bruno Antunes de Souza, Ray Ely Nobre e Souza, Rayane Delmondes do Nascimento Souza, Silvia Pantoja de Souza, Taissa de Paula Brandão, Thiago Pessoa Barros, Valdison Luiz Cruz de Moraes, Viviane de Lima Benevides

REALIZAÇÃO: PPGEEC/UEA

APOIO

SECAM 2019

9, 10 e 11 de Outubro de 2019

Av. Djalma Batista, 2470 – Flores-Manaus - AM, 69050-010

TEMA: Políticas Públicas para a Democratização da Ciência em Debate.

APRESENTAÇÃO

O Programa da Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia PPGEEC da Universidade Estadual do Amazonas – UEA, realiza o 9º SECAM – 2019, *Simpósio de Educação em Ciências na Amazônia. O objetivo é discutir e debater a produção e divulgação do conhecimento científico na Amazônia. O evento ocorrerá nos dias 09, 10 e 11 de outubro e você é nosso convidado. Venha e participe conosco!*

PROGRAMAÇÃO

Dia 09/10/2019 (Quarta-feira - TARDE)

CREDENCIAMENTO 15:00 às 18:00

Colóquio Ierecê Barbosa: um estudo em “O Leilão” - Ministrante: Carmen Erica Lima de Campos Gonçalves Horário: 15:00 às 17:00 Local: Auditório anexo ENS/UEA

Dia 09/10/2019 (Quarta-feira - NOITE)

Apresentação Cultural: **Orquestra Cláudio Santoro** 18:00h

Abertura do evento - 19:00 h

Conferência de abertura: **Currículo em tempos de guerra Cultural.** Prof.º Dr.ª Alice Casimiro - 19:30h -20:30h Local: Auditório anexo ENS/UEA
Mediadora: Dra. Lucinete Gadelha da Costa

Discussão 20:30h - 21:00h
Coquetel e Show Musical: 21:00h

Dia 10/10/2019 (Quinta-feira - MANHÃ)
MINICURSOS E OFICINAS

Minicurso: Ateliê (Auto)biográfico Proponente: Dra. Mônica de Oliveira Costa e Ms. Caroline Barrocas de Oliveira. Local: ENS/UEA, Sala: Benito D'atona. Horário 09:00 às 11:00 h

Minicurso: Introdução ao Método de Análise Praxiológica da teoria Antropológica do Didático. Proponente: Ms. Saulo C. Seiffert Santos. Local: ENS/UEA, Sala: Nivaldo Santiago. Horário: 09:00 às 11:00 h

Minicurso: Ensino de Ciências em Espaços Não Formais: as possibilidades pedagógicas no museu Amazônico. Proponente: Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira e Ailton Cavalcante Machado. Local: Museu Amazônico, UFAM. Horário 08:30 às 10:00h.

Minicurso: Design Thinking na Educação: princípios e aplicação. Proponente: Esp. Alacy da Conceição da Silva Serzão. Local: ENS/UEA Sala: Laboratório de Informática Horário 08:30 às 10:30 h

Minicurso: Qual o lugar da diversidade familiar na escola? Proponente: Erica Vidal Rotondano. Local: ENS/UEA Sala: Sala 4 do anexo Horário 09:00 às 11:00 h

Minicurso: Jogos educacionais para o ensino da Física usando a linguagem de programação Scratch. Proponente: Thiago Pessoa Barros, Daniel Gomes da Silva e Alderico dos Santos Sousa Filho. Local: ENS/UEA Sala: Laboratório Martha Falcão Horário 09:00 às 11:00

Minicurso: Químicos dos sentidos nos alimentos Tucano: divulgação da Ciência e dos Saberes indígenas. Proponente: Laidy Carolina Alvarez Pachõn. Local: Museu Amazônico, UFAM. Horário: 08:30 às 10:00 h

Minicurso: Google for Education no Ensino de Ciências. Proponente: Kleitson José Lima Tenório. Local: ENS/UEA, Sala: Laboratório de informática (José Dantas). Horário: 10:00 às 12:00h.

Minicurso: Divulgação Científica com crianças: práticas pedagógicas e formação de professores VAGA: 20 Proponente Prof.ª Dra. Carolina Brandão Gonçalves e Alexandra Nascimento. Local: Museu Amazônico, UFAM, Horário 10:00 às 11:30 h.

Museu Amazônico - UFAM, Rua Ramos Ferreira, 1036, Centro (Os minicursos e oficina com o serão neste endereço)

Oficina: Inventário de Concepção de forças: avaliando e instruído o ensino de Física a partir do desempenho em um teste conceitual VAGA: 20 Proponente: Marci Bruno P. Braga. Local: ENS/UEA, Sala: Lúcio Cavalcante Horário 09:00 às 11:00 h

Oficina: Divulgação Científica: conhecendo e registrando o ambiente VAGA: 20. Proponente: Ana Lucia de Lima Mendes. Local: Museu Amazônico, UFAM, Horário 10:00 às 11:30 h

Oficina: Brinquedos cantados no ensino de ciências nas séries iniciais VAGA: 30. Proponente: Delvano Santiago Souza, Silvia Pantoja de Souza e Márcia Alessandra Beltrão Soares. Local: ENS/UEA, Sala: Auditório do Anexo Horário 09:00 às 11:00 h

MOSTRA: Fabulosa Amazônia (Hadna Abreu) - nos três dias do evento
Conversa com a artista: 11:00 às 12:00h

Dia 10/10/2019 (Quinta-feira - TARDE)

Banners e Mostra de Materiais Didáticos - 14:00h às 15:30h

CAFÉ COM CIÊNCIA: (Des) políticas públicas para a ciência?
Professores: Dr. Mauro Gomes da Costa (UEA), Dr. Roberto Sanches M. Sobrinho (UEA) Dra. Márcia Seixas de Castro (SEMED) e Thelma de Oliveira Prado (SEDOC)
Horário: 16:00h às 17:30h Local: Auditório do Anexo
Show Musical: 17:30h às 18:00h

Dia 11/10/2019 (Sexta-feira - MANHÃ)
RODAS DE CONVERSA: 8:00h às 12:00h.

Dia 11/10/2019 (Sexta-feira - TARDE)
Atração Cultural - Coral e Orquestra da UEA 13:30h
Conferência de Encerramento: Os desafios das Políticas Públicas para a Democratização da Ciência na Amazônia.
Prof.ª Dr.ª Maria Olívia de Albuquerque Simão
Mediadora: Prof.ª Dra. Maria Clara da S. Forsberg
Horário: 14: 15h – 15: 30h. Debate 15: 30h – 16: 00h
Coquetel de Encerramento e Show Musical – 16: 00h



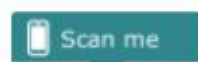
QR Code Avaliação do Colóquio



QR Code Endereço Saraiva



QR Code Grupo WhatsApp Divulgação



QR Code Endereço Normal Superior UEA

QR Code Inscrição Colóquio



QR Code Formulário de Avaliação



Scan me



QR Code Site Wix
19set19

QR Code para Site Wix



QR Code Inscrição no Colóquio 19set19



**COLÓQUIO
IERECÊ BARBOSA**

UM ESTUDO EM "O LEILÃO"

Colóquio por Carmen Gonçalves

CONTEÚDO

- Dinâmica "Significados"
- Irecê Barbosa
- O Leilão (Sinopse)
- Psicologia Analítica (alguns tópicos)
- "A vida é mais do que ser feliz"
- Diálogo: "O que aprendemos hoje?"
- Ciclos do Aprendizado: viver o ensinado

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Para quem quiser conhecer mais:

Irecê Barbosa:

- O Homem que jantava sozinho
- Os Anjos também surtam
 - O Leilão

Carl Gustav Jung:

- Obra Completa
- Cartas (box 3 vols.)
- Outras obras

Campbell / Von Franz / Emma Jung / Estés / Edinger / Silveira / Fordham e outros

A maioria dos Livros utilizados estão disponíveis para venda na Livraria Saraiva.

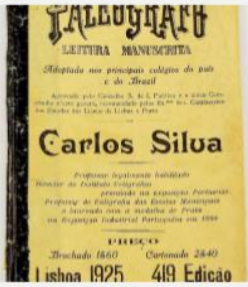
O QUE ISSO LEMBRA?

DINÂMICA DE SIGNIFICADOS
(INCONSCIENTE COLETIVO)



O QUE SÃO?

QUE SENSAÇÕES TRAZEM?



O QUE SÃO?



O que significam?



O QUE LEMBRAM?

A QUÊ REMETEM?



IERECÊ BARBOSA

- Pedagoga
- Relações Públicas
- Jornalismo
- Psicanalista
- Mulher-Esposa-Mãe-Avó
- Professora Pesquisadora
- Poetisa
- Escritora
- Entre outros...



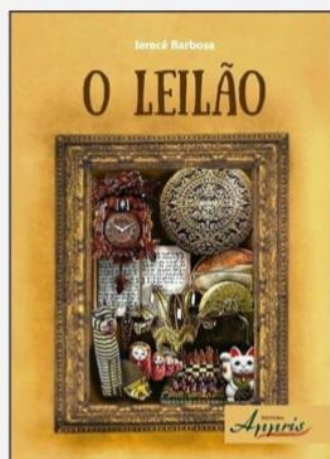
“O Leilão” como Contribuição Pedagógica



“São romances paradidáticos, nos quais o leitor aprende com essa estratégia narrativa, dentro da trama, sem querer.”
(D24AM, 2014)

Acho que o leilão pode ter ainda outra possibilidade que, se concretizada, possibilitaria outras mais. Gostaria de escrever um livro sobre tudo isso. Se conseguisse, ele poderia virar uma minissérie, um filme, uma peça de teatro, material paradidático para espiritualista, um artigo, uma resenha e por aí vai... Dependendo do espírito do tempo outras possibilidades poderão surgir.
(BARBOSA, 2015, p.163)

Momento 3



O Leilão (2015)

1. Maneki Neko
2. Calendário Asteca
3. Rebolo
4. Boneca Russa
5. Cataplana
6. Máscara Veneziana
7. Relógio Cuco
8. Jogo de Xadrez
Peruano
9. Paleógrafo
10. Tigres de Bengala



PSICOLOGIA ANALÍTICA

CÍRCULO DE ERANOS: MOVIMENTO DE REFORMA DA CIÊNCIA

- Eliade
- Campbell
- Newmann
- Hillman
- Schrödinger..



CARL GUSTAV JUNG E
ALGUNS ELEMENTOS DE
ESTUDO

- Arquétipos
- Função Transcendente
- Processo de Individuação
 - Religião
- Educação pelo Exemplo

A VIDA É MAIS DO QUE SER FELIZ



SMITH, EMILY ESFAHANI. A VIDA É MAIS DO QUE SER FELIZ. [ONLINE]: TED IDEAS WORTH SPREADING, 2017. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.TED.COM/TALKS/EMILY-ESFAHANI-SMITH-THERE-S-MORE-TO-LIFE-THAN-BEING-HAPPY?LANGUAGE=PT-BR](https://www.ted.com/talks/emily-esfahani-smith-theres-more-to-life-than-being-happy?language=pt-br). ACESSO EM 23 JUL. 2019.

Os 4 Pilares de uma vida com sentido:



PESSOAS COM UM SENTIDO PARA VIVER, SÃO MAIS FELIZES E MAIS PRODUTIVAS EM TUDO QUE FAZEM



AMADOS PELO QUE SOMOS - ÚTEIS PELO QUE PODEMOS FAZER AOS OUTROS - RECONHECER ALGO MAIOR QUE NÓS - "HISTÓRIA REDENTORA" (DAN MCADAMS): A PRÓPRIA HISTÓRIA RECONTADA, REFLETIDA.

O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE



Calar-se
em vez
de
criticar;

Dar
sugestã
o ao
invés de
reclamar
;

Buscar a
solução em
vez de
buscar
culpados;

Fazer-se de
vencedor
em vez de
vitimizar-se;

Aprender
com os
erros em
vez de
justifica-los;

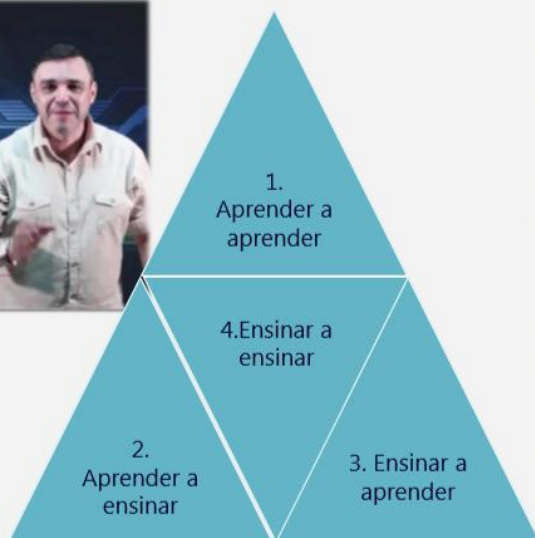
Julgar as
atitudes e
não as
pessoas.

O QUE APRENDEMOS HOJE?

DIÁLOGO REFLEXIVO



Fábio Ribeiro



CICLO DE APRENDIZADO: VIVER O ENSINADO.

1. Todos os dias, com todas as pessoas e em todas as situações;
2. Processar a informação e a experiência para cooperar com os outros;
3. Direcionar para a prática acontecer;
4. Gerar formadores resilientes e *mindset* de transformação.

RIBEIRO, Fábio. [Correspondência].
Destinatário: Amigos. [online], 23
abr. 2019. 1 mensagem.

COLÓQUIO IERECÊ BARBOSA



MOMENTO DO *FEEDBACK*
[HTTP://E-QR.ME/6C23C2](http://e-qr.me/6c23c2)

CONTATO:

[HTTPS://CARMENELIMACG.WIXSITE.COM/CARMENGONCALVES/ENTRE-EM-CONTATO](https://carmenelimagc.wixsite.com/carmengoncalves/entre-em-contato)



COLÓQUIO IERECÊ BARBOSA

UM ESTUDO EM “O LEILÃO”

Colóquio por Carmen Gonçalves

APÊNDICE D – Guia do Colóquio

GUIA DO COLÓQUIO para mim

- a autora da obra (justificando em sua trajetória pessoal-profissional o vínculo com a temática de formação de professores);
- uma síntese do livro “O Leilão” (para os que nunca tiveram contato com este romance compreenderem o percurso do mesmo ou aos que tiveram, lembrá-lo);
- uma síntese das concepções psicanalíticas que se vinculam com a obra durante sua análise para dali expor como a educação pelo exemplo é construída neste paradigmático (conforme apresentada no capítulo anterior, o que inclui abordar o aspecto da religião, além do simbolismo e demais conceitos em uma discussão junguiana);
- uma aproximação deste conteúdo por uma linguagem mais acessível, através dos quatro pilares de uma vida com sentido (Pertencimento, Propósito, Transcendência e Narrativa autobiográfica) de Smith (2017) e do poder da autorresponsabilidade de Vieira (2017) para salientar os benefícios a curto, médio e longo prazo de ver e viver a vida por uma óptica reflexiva na perspectiva da autoformação continuada.
- (Auto)formação como *formar bons professores de professores*, como diz Bueno; Sousa; Catani e Souza (1993), assim cumprindo o papel de devolução à sociedade do que é investido em pesquisa nas instituições públicas por agências governamentais (CAPES, 2013)
- Pensar pesquisa em Ensino a partir de biografias por dois ângulos: daquele que escreve a partir de si mesmo e a partir daquele que lê, onde a revisitação de memórias permite notar as influências da história de vida sobre as escolhas, decisões, ações: “[a] [...] narração do passado é provocada e se elabora em torno de referências e de pontos em comum com a memória de outros.” (BUENO et al., 1993, p.304).
- Emergir o autoaprendizado e o aprendizado que a experiência de outrem nos proporciona quando sobre nós recai na condição de espelhamento (NÓVOA, 1993 apud CATANI; BUENO; SOUSA, 2000), que pode aflorar uma clareza sobre si, na medida das relações dialógicas do *eu*-professor enquanto *eu*-aluno e na minha relação com os meus pares, a organização onde atuo, com o conhecimento que trabalho; ou seja: a geração de uma força motriz para mudança durante o processo de *in*-formação ou autoformação continuada pela reflexão sobre aquilo que estando no outro, vejo em

mim e o que faço a partir desta percepção, onde posso escolher mudar ou não, pois “[...] a síntese entre os conteúdos conscientes e inconscientes e a tomada de consciência dos efeitos dos arquétipos sobre os conteúdos conscientes representam o ponto máximo do esforço espiritual e da concentração das forças psíquicas.” (JUNG, 1984, p.215-216)

- Neste processo de individuação, os pilares apontados por Smith (2017) conduzem ao reconhecimento do valor de si por quem somos (e não apenas pelo que sabemos, defendemos ou compartilhamos; o que eleva o valor do ser que é perene, em lugar do ter que é fugaz), que ela chama de Pertencimento, que gera gentilezas empáticas e não por convenção social; busca um Propósito (que nos faz utilizar nossos pontos fortes para ajudar os outros, dando-nos autogratificação pela sensação de utilidade e reconhecimento); readéqua nossa visão de mundo a partir de um referencial maior que nos arrebatou (Transcendência) e nos faz reavaliar de forma refletida o (re)Contar a nossa (própria) história⁴⁴ e seus acontecimentos (mesmo os “ruins”) que fizeram de nós quem somos, na qualidade de “História Redentora”⁴⁵, onde nos tornamos nosso mito pessoal, desenhando nossa visão sobre nossa própria jornada do herói.
- Naturalmente, o desenvolvimento e manutenção dos quatro pilares de Smith como ponto de partida ou de manutenção do processo de individuação, pede que tenhamos responsabilidade com o caminho que escolhemos traçar na busca de nossa autoformação continuada, para o qual a metodologia das seis leis para a conquista da autorresponsabilidade de Vieira (2017) contribui: evitar a crítica sobre o outro; sugerir ao invés de reclamar; buscar soluções ao invés de culpados; fazer-se vencedor ao invés de vitimizar-se; aprender com os erros ao invés de justificá-los e julgar atitudes ao invés de julgar pessoas.

⁴⁴ *Storytelling* como a história que você conta a você mesmo, sobre você mesmo (SMITH, 2017)

⁴⁵ *Narrative Identity* de Dan P. McAdams e Kate C. McLean, 2006 apud SMITH, 2017

APÊNDICE E – Planejamento do Colóquio



Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Centro
Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico – MPET
V SIMPÓSIO EM ENSINO TECNOLÓGICO NO AMAZONAS – SETA

PLANEJAMENTO DA OFICINA 7 PARA O DIA 27 DE SETEMBRO DE 2019

TÍTULO: Colóquio Paradidático em Formação Continuada: um estudo em Irecê Barbosa

MINISTRANTE: Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves (<http://lattes.cnpq.br/6652718215168307>)

CARGA HORÁRIA: 4 horas (08 às 12:00)

DESCRIÇÃO: O presente Colóquio se baseia em uma análise das contribuições pedagógicas da Professora Doutora Irecê dos Santos Barbosa, a partir do seu romance literário “O Leilão” (2015).

PÚBLICO ALVO: Estudantes de graduação e pós graduação das áreas de Ensino/Educação e correlatos, que tenham como objetivo considerar perspectivas quanto à (auto)formação continuada a partir da pesquisa biográfica e narrativas.

RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS DESTE ESCOPO: O estudo enfoca a perspectiva da Fenomenologia, como abordagem de pesquisa qualitativa, voltada à análise de biografias e narrativas a partir da Psicologia Analítica, como possibilidade na (auto)formação continuada na docência.

HABILITAÇÃO DO ALUNO APÓS O COLÓQUIO:

O participante deverá ser capaz de:

- Perceber a possibilidade de pesquisa na interface Ensino e Educação a partir da biografia e das narrativas como objeto de estudo;
- Compreender a (auto)formação continuada como um processo dentro da Educação pelo Exemplo da psicologia analítica;
- Notar o processo de autoria como estratégia de formação docente.

OBJETIVO GERAL: Apresentar o romance literário “O Leilão” da professora doutora Irecê Barbosa na perspectiva de formação docente a partir da psicologia analítica.

ESPECÍFICOS:

- Evidenciar elementos da narrativa da autora que contribuem para a formação continuada de professores;
- Propor a reflexão sobre a pesquisa (auto)biográfica, narrativas e processo de autoria enquanto possibilidades de formação pedagógica;
- Homenagear a memória desta professora que compunha o corpo acadêmico da UEA, através do

trabalho de sua obra.

CONTEÚDO:

1. Vida Acadêmica e Profissional da Professora Irecê Barbosa
2. Estrutura do Romance “O Leilão” (BARBOSA, 2015)
3. Elementos da Psicologia Analítica (Arquétipos, Processo de Individuação, Educação pelo Exemplo, Círculo de Eranos como Reforma da Produção Científica (anti-materialismo científico))
4. Vozes de Apoio (Pesquisas de outros campos do saber, contributivas ao conteúdo)

DESENVOLVIMENTO:

1. Aula expositiva (power point);
2. Diálogo Reflexivo;
3. Momento do *Feedback*.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro branco, apagador e pincel (eventual necessidade durante o diálogo reflexivo);
- Data – show (entrada HDMI ou adaptador);
- Impressos (formulários de *feedback* – levados pela ministrante – com espaço de termo de ciência e consentimento);
- Acesso à internet, dispositivo digital (smartphone/notebook) (opcionais para acesso ao site do colóquio)

ESPAÇO: Sala de Aula Padrão ou Mini-Auditório (capacidade entre 30-50 pessoas)

MINI-CURRÍCULO: Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves. Técnica em Química; Licenciada em Ciências Biológicas, Mestranda em Ensino Tecnológico (IFAM). Participa do Grupo de Pesquisa Educação, Politécnica e Sociedades Amazônicas e do Núcleo de Autoria do GEPROFET. Avaliadora no Programa Ciência na Escola 2019 (MEC) e na Revista Dynamis (FURB). Coautora no livro Ensino, Pesquisa e Extensão nos Institutos Federais da Amazônia Legal (Paco Editorial, 2019) e no livro Formação de Professores em Diferentes Perspectivas (Editora Appris, *no prelo*). Atua nas linhas de pesquisa: Ensino de Biologia e TIC's via Aprendizagem Colaborativa; Divulgação Científica e Transposição Didática; Processos Formativos de Professores; Produto Educacional.

AValiação: O colóquio participa da pesquisa de formação inicial e continuada de professores e buscará através do livre aceite, considerações dos participantes quanto às contribuições pedagógicas apreendidas no conteúdo apresentado, via formulário de *feedback* impresso e/ou digital, anônimo.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

13 TIPOS de eventos acadêmicos e científicos. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/diferentes-tipos-de-eventos-academicos/>. Acesso em: 06 fev. 2019.

4 PASSOS simples para organizar um colóquio. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/como-organizar-coloquio/>. Acesso em: 06 fev. 2019.

ÂNGELO, Fabrício. Irecê Barbosa, professora da UEA. **SEPLAN-CTI**. Manaus, 01 jul. 2014, Ciência em Pauta.

Disponível em: <http://www.seplancti.am.gov.br/ierece-barbosa-professora-da-uea/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ARAÚJO, Alberto Filipe; BERGMEIER, Horst. Jung e o tempo de Eranos. Do Sentido espiritual e pedagógico do círculo de Eranos. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 6, n.1, p.94-112, jan.-jun., 2013.

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Nota de Pesar – professora Irecê dos Santos Barbosa. **ADUA**. Manaus, 21 mar. 2018. Disponível em: <http://www.adua.org.br/noticias.php?cod=3997>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BARBOSA, Irecê dos Santos. **O Leilão**. Curitiba: Appris, 2015.

BARBOSA, Irecê dos Santos. **Um Espaço de criação**. [online], 200-. Blog Wordpress: ierecebarbosa. Disponível em: <https://ierecebarbosa.wordpress.com/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

BARBOSA, Irecê; LIZARDI, Patrícia Sánchez; SALGADO, André Wilson Archer Pinto. **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2012.

BRASIL. Irecê dos Santos Barbosa. **CNPQ**. Brasília, 2018, Plataforma Lattes/Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/7671831772363755>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. Irecê dos Santos Barbosa. **CNPQ**. Brasília, 2018, Plataforma Lattes/Indicadores da Produção. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/graficos.do?metodo=apresentar&codRHCript=K4794104E7&nome=lrec%C3%AA%20dos%20Santos%20Barbosa&chamadaExterna=true>>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. Irecê dos Santos Barbosa. **CNPQ**. Brasília, 2018, Plataforma Lattes/Currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7671831772363755>>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Guia de eventos, cerimonial e protocolo para a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica**. 2. ed. Brasília: Ed. IFB, 2017.

BRASIL. Ministério Público Federal. **Manual de Cerimonial do MPF**. Brasília: Procuradoria Geral da República, 2008.

BRASIL. Senado Federal. Requerimento n.131 de 21 de março de 2018. Requer, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, VOTO DE PESAR por ocasião do falecimento da Professora Irecê Barbosa, ocorrido em 21 de março de 2018. **Matéria Lida em Plenário**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/132658>. Acesso em 13 jan. 2019.

BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Maria Cecília C.C. de. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v.4, n. 1,2, p.299-318, 1993.

BUNYAN, John. **A Peregrina**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

BUNYAN, John. **O Peregrino**. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2014.

CÂMARA, Lucas. Nomes como Irecê Barbosa e Edilene Mafra contam a história do rádio na capital do Amazonas. **Rede Amazônica de Rádio e Televisão**. Manaus, 03 nov. 2015, Portal Amazônia online, Cultura. Disponível em: <http://portalamazonia.com/cultura/amazonas-ontem-e-hoje-nas-ondas-do-radio>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CAMELO, Loyana. Professora Irecê Barbosa lança romance paradidático em contextos amazônicos. **Rede Calderaro de Comunicação**. Manaus, 01 jul. 2014, A Crítica online, Entretenimento. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/professora-ierece-barbosa-lanca-romance-paradidatico-em-contextos-amazonicos>. Acesso em: 13 jan. 2019.

- CAMPBELL, Joseph. **As Transformações do mito através do tempo**. ed.2. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira A. O.; SOUSA, Cynthia P. de. "O Amor dos começos": por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.111, p.151-171, dez., 2000.
- CHECKLIST para eventos acadêmicos: saiba como planejar um evento. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/checklist-para-eventos-academicos/>. Acesso em: 06 fev. 2019.
- COLÓQUIO. **Michaelis**, online, Editora Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/col%C3%B3quio/>. Acesso em: 13 fev. 2019.
- COSTA, Carlos. **Crônicas comprometidas com a tua vida**. 2. ed. Belém: Nacional Editora e Negócios Ltda, 1990.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- D24AM. Irecê Barbosa e o misterioso homem que jantava sozinho. **Rede Diário de Comunicação**, Manaus, 16 dez. 2014, D24am online, Literatura. Disponível em: <http://d24am.com/plus/ierece-barbosa-e-o-misterioso-homem-que-jantava-sozinho/>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **Mulheres na jornada do herói: pequeno guia de viagem**. São Paulo: Ágora, 2012.
- EDINGER, Edward F. **O Mistério da conjunctio: imagem alquímica da individuação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.
- ELLIOT, J. **La Investigación-acción en educación**. Madrid: Morata, 1990.
- ENSINO DE CIÊNCIAS. **Divulgação científica & lentes do cotidiano**. Webnode, 2011. Disponível em: <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/products/divulgacao-cientifica-lentes-do-cotidiano/>. Acesso em 13 jan. 2019.
- ENSINO DE CIÊNCIAS. **Músicas e vídeos**. Webnode, 2011. Disponível em: <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/products/musicas/>. Acesso em 13 jan. 2019.
- ENSINO DE CIÊNCIAS. **Pesquisar no site**. Webnode, 2011. Disponível em: <https://ensinodeciencia.webnode.com.br/search/?text=ierec%C3%AA+barbosa>. Acesso em 13 jan. 2019.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **A Ciranda das mulheres sábias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O Dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O Jardineiro que tinha fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FERREIRA, Alane; ROCHA, Israel J. Memórias: entrevista com Irecê Barbosa. **Conexões: Revista de Relações Públicas e Comunicação Organizacional**, [S.l.], v. 1, n. 1, p.81-87, jan.-jun. 2018.
- FERREIRA, Amauri Carlos; SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos. Do Círculo de Eranos à construção do simbólico, em Carl Gustav Jung. **Psicologia USP**, São Paulo, v.26, n.2, p.259-268, 2015.
- FISHER, Helen. **Why we love, why we cheat**. Monterey: TED Ideas worth spreading, fev. 2006. Disponível em: https://www.ted.com/talks/helen_fisher_tells_us_why_we_love_cheat/transcript#t-1342245. Acesso em: 23 jul.

2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRATTAROLL, Elio J. Eu e minha alma: através do vidro escuro da interface junguiana/freudiana. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.165-184.

GONZAGA, A. **Abordagens sobre a pesquisa científica**. Manaus: CEFET-AM/BK Editora, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **AION estudos sobre o simbolismo do si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica**: primeira conferência. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da personalidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1988

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JUNG, Carl Gustav; WHILHELM, Richard. **O Segredo da flor de ouro**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, Emma. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2015.

KARDEC, Allan. **O Céu e o inferno**. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o espiritismo**. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Araras: Ide, 2001.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Araras: Ide, 2001.

KEMMIS, S. Mejorando la educación mediante la investigación-acción. In: SALAZAR, M. C. **La investigación-acción participativa**: inicios y desarrollos. Madrid: Popular, 1992.

KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. **Educação & Sociedade**, v.18, n.60, dez.97. p.15-35.

LAUFER, Albertina. Jung e a educação para a personalidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE, 6., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EDUCERE, 2017. p.13302-13315.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

LOPES, Reinaldo José. Conquistadores do mundo. In: ABRIL. **Civilizações perdidas: o lado oculto da história**. São Paulo: Nov., 2013. p.22-29.

MACHADO, Ana Maria (apres.). **Contos de fada: de Perrault, Grimm, Andersen & outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARTO, Sílvia. **O Deus Apolo**. [online]: Mitologia Analítica Hélio Couto, 2018. Disponível em: <<https://www.mitologiaanalitica.com.br/single-post/2018/08/28/O-deus-Apolo>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MELO, Fábio de. **É Sagrado viver**. São Paulo: Planeta, 2012.

- MELO, Fábio de. **Mulheres de aço e de flores**. São Paulo: Planeta, 2015.
- MELO, Fábio de. **O Discípulo da madrugada**. São Paulo: Planeta, 2014.
- MELO, Fábio de. **Quem me roubou de mim?** 2.ed. São Paulo: Planeta, 2013.
- MELO, Fábio de. **Tempo de esperas**. São Paulo: Planeta, 2011.
- MIGUEL, Jorge. **Curso de literatura II: do romantismo ao simbolismo**. São Paulo: Harbra, 1986.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura brasileira através dos textos**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: das origens ao romantismo**. São Paulo: Cultrix, 2001. v. 1.
- NICOLESCU, Barsarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- O VERDADEIRO guia para organização de eventos científicos. **Even3**, online, 200-. Disponível em: <https://blog.even3.com.br/organizacao-de-eventos-cientificos/>. Acesso em: 06 fev. 2019.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária brasileira**. São Paulo: Moderna, 2000.
- PHILIPPINI, Angela. **Reencantamentos para libertar histórias**. Rio de Janeiro: Pomar, 2005.
- PONCHIROLLI, Osmar; PONCHIROLLI, Maderli. São Paulo: Atlas, 2012.
- RIBEIRO, Raimundo Colares. ALB Amazonas: membros fundadores. **Blogger**. Online, ago. 2017. Disponível em: <http://raimundocolaresribeiro.blogspot.com/2017/08/alb-amazonas-membros-fundadores.html>. Acesso em: 26 set. 2018.
- RIBEIRO, Raimundo Colares. Parabéns, ALB Amazonas. **Blogger**, online, jul. 2017. Disponível em: <http://raimundocolaresribeiro.blogspot.com/2016/07/parabens-alb-amazonas-pela-passagem-do.html>. Acesso em: 26 set. 2018.
- SAIANI, Cláudio. **Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno**. 3.ed. São Paulo: Ingraf, 2000.
- SAKADE, Florence. **As Histórias preferidas das crianças japonesas: livro 1**. São Paulo: Editora JBC, 2011.
- SAKADE, Florence. **As Histórias preferidas das crianças japonesas: livro 2**. São Paulo: Editora JBC, 2011.
- SALMAN, Sherry. A Psique criativa: as principais contribuições de Jung. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.69-84.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. ed.7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SMITH, Emily Esfahani. **A Vida é mais do que ser feliz**. Vancouver: TED Ideas worth spreading, abr. 2017. Disponível em: https://www.ted.com/talks/emily_esfahani_smith_there_s_more_to_life_than_being_happy?language=pt-br#t-9066. Acesso em: 23 jul. 2019.
- SOUSA, João Francisco de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: UFPE, 2009.
- STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UEA. **Manual de eventos da Universidade do Estado do Amazonas**. Manaus: Assessoria de comunicação da UEA, 2006.

UNICAMP. **Eventos acadêmicos e científicos**. Online, 200-. Disponível em: http://www.reitoria.unicamp.br/manualdeeventos/eventos/proto-eventos_cientificos.shtml. Acesso em: 06 fev. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Nota de pesar – Professora aposentada Irecê dos Santos Barbosa. **UFAM**. Manaus, 21 mar. 2018, Comunicação, Notícias Bloco Esquerdo. Disponível em: <https://ufam.edu.br/noticias-bloco-esquerdo/7861-nota-de-falecimento-professora-aposentada-ierece-barbosa>. Acesso em: 13 jan. 2019.

VIEIRA, Paulo. **O Poder da autorresponsabilidade**. São Paulo: Editora Gente, 2017.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1984.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Animus e anima nos contos de fada**. Campinas: Verus, 2010.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O Gato: um conto da redenção feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

VON FRANZ, Marie-Louise; HILLMAN, James. **A Tipologia de Jung: ensaios sobre psicologia analítica**. ed. 2. São Paulo: Cultrix, 2016.

YOUNG-EISENDRATH, Polly. Gênero e contra-sexualidade: a contribuição de Jung e além. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.213-226.



Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Centro
Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico – MPET
Linha de Pesquisa: Processos Formativos para Professores no Ensino Tecnológico

PLANEJAMENTO DO COLÓQUIO PARA O DIA 09 DE OUTUBRO DE 2019

TÍTULO: Colóquio Irecê Barbosa: um estudo em “O Leilão”

MINISTRANTE: Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves (<http://lattes.cnpq.br/6652718215168307>)

CARGA HORÁRIA: 2 horas (15:00 às 17:00)

DESCRIÇÃO: O presente Colóquio se baseia em uma análise das contribuições pedagógicas da Professora Doutora Irecê dos Santos Barbosa, a partir do seu romance literário “O Leilão” (2015).

PÚBLICO ALVO: Estudantes de graduação e pós graduação das áreas de Ensino/Educação e correlatos, que tenham como objetivo considerar perspectivas quanto à (auto)formação continuada a partir da pesquisa biográfica e narrativas.

RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS DESTE ESCOPO: O estudo enfoca a perspectiva da Fenomenologia, como abordagem de pesquisa qualitativa, voltada à análise de biografias e narrativas a partir da Psicologia Analítica, como possibilidade na (auto)formação continuada na docência.

HABILITAÇÃO DO ALUNO APÓS O COLÓQUIO:

O participante deverá ser capaz de:

- Perceber a possibilidade de pesquisa na interface Ensino e Educação a partir da biografia e das narrativas como objeto de estudo;
 - Compreender a (auto)formação continuada como um processo dentro da Educação pelo Exemplo da psicologia analítica;
 - Notar o processo de autoria como estratégia de formação docente.
-

OBJETIVO GERAL: Apresentar o romance literário “O Leilão” da professora doutora Irecê Barbosa na perspectiva de formação docente a partir da psicologia analítica.

ESPECÍFICOS:

- Evidenciar elementos da narrativa da autora que contribuem para a formação continuada de professores;
 - Propor a reflexão sobre a pesquisa (auto)biográfica, narrativas e processo de autoria enquanto possibilidades de formação pedagógica;
 - Homenagear a memória desta professora que compunha o corpo acadêmico da UEA, através do trabalho de sua obra.
-

CONTEÚDO:

1. Vida Acadêmica e Profissional da Professora Irecê Barbosa
 2. Estrutura do Romance “O Leilão” (BARBOSA, 2015)
 3. Elementos da Psicologia Analítica (Arquétipos, Processo de Individuação, Educação pelo Exemplo, Círculo de Eranos como Reforma da Produção Científica (anti-materialismo científico))
 4. Vozes de Apoio (Pesquisas de outros campos do saber, contributivas ao conteúdo)
-

DESENVOLVIMENTO:

4. Aula expositiva (power point);
 5. Diálogo Reflexivo;
 6. Momento do *Feedback*.
-

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro branco, apagador e pincel (eventual necessidade durante o diálogo reflexivo);
 - Data – show (entrada HDMI ou adaptador);
 - Impressos (formulários de *feedback* – levados pela ministrante – com espaço de termo de ciência e consentimento);
 - Acesso à internet, dispositivo digital (smartphone/notebook) (opcionais para acesso ao site do colóquio)
-

ESPAÇO: Sala de Aula Padrão ou Mini-Auditório (capacidade entre 30-50 pessoas)

MINI-CURRÍCULO: Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves. Técnica em Química; Licenciada em Ciências Biológicas, Mestranda em Ensino Tecnológico (IFAM). Participa do Grupo de Pesquisa Educação, Politécnica e Sociedades Amazônicas e do Núcleo de Autoria do GEPROFET. Avaliadora no Programa Ciência na Escola 2019 (MEC) e na Revista Dynamis (FURB). Coautora no livro Ensino, Pesquisa e Extensão nos Institutos Federais da Amazônia Legal (Paco Editorial, 2019) e no livro Formação de Professores em Diferentes Perspectivas (Editora Appris, *no prelo*). Atua nas linhas de pesquisa: Ensino de Biologia e TIC's via Aprendizagem Colaborativa; Divulgação Científica e Transposição Didática; Processos Formativos de Professores; Produto Educacional.

AVALIAÇÃO: O colóquio participa da pesquisa de formação inicial e continuada de professores e buscará através do livre aceite, considerações dos participantes quanto às contribuições pedagógicas apreendidas no conteúdo apresentado, via formulário de *feedback* impresso e/ou digital, anônimo.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS (idem ao Planejamento SETA)